Peaceful Solitude

Setembro
2025

Relatório de
Projeto de Mestrado
em Design Gráfico
e Projetos Editoriais

Autoria

Mafalda Sofia
Neves Guimarães
Padrão Ribeiro

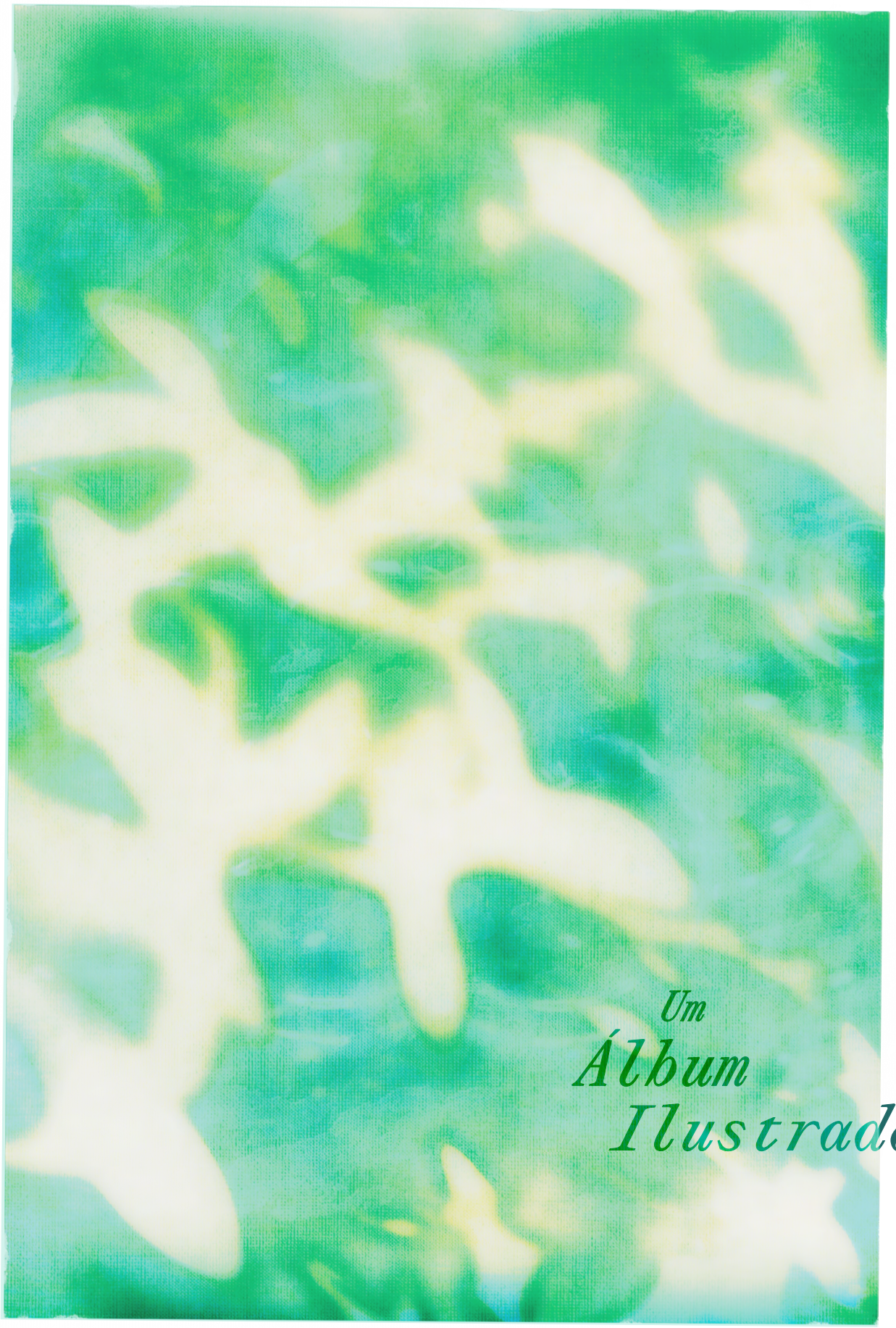
Illustrative Depictions of the Introverted Mind

Orientação

Professor
Júlio Dolbeth

U.PORTO

FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO



Um Álbum Ilustrado

Agradecimentos

Um agradecimento especial ao Professor
Júlio Dolbeth, orientador do projeto, por toda
a disponibilidade, dedicação e apoio prestados
durante o decorrer deste percurso.

À minha família. Especialmente aos meus pais,
pela presença segura, conforto e carinho.

Ao meu namorado, pela dedicação paciente,
motivação reconfortante e palavras compreensivas.

E aos amigos, pelos bons e memoráveis
momentos de leveza.

Resumo

Peaceful Solitude: Illustrative Depictions of the Introverted Mind é o projeto desenvolvido com o intuito de explorar a capacidade do Desenho e da Ilustração enquanto poderosos instrumentos de tradução visual, no contexto da Arte e do Design Gráfico. Através da simplicidade do meio bidimensional, estas duas técnicas são capazes de nivelar a complexidade inerente a conceitos abstratos e subjetivos, em formatos tangíveis e universalmente interpretáveis.

É nesta capacidade representativa da composição visual, em que está contida parte da curiosidade criativa de querer ver, expressar, exteriorizar e finalmente compreender, coisas que sabemos que existem, mas que não conseguimos ver a olho nu. Coisas intangíveis como emoções, pensamentos, ou mais especificamente, o vasto domínio subconsciente da mente humana, filtrado pela perspetiva da Introversão.

Nesse sentido, a partir de técnicas inspiradas no Surrealismo (como automatismo, colagem digital e imagética onírica/surreal), esta investigação recorre a uma Abordagem Ilustrativa, explorando-a como ponte entre a perceção interior e a representação visual. Compreende igualmente uma metodologia exploratória (que inclui casos de estudo, experimentação prática e documentação de processo) elaborada no sentido de determinar como os diversos elementos que constituem uma composição visual (e as suas possíveis variações em: tamanho; formato; cor; textura; posicionamento; entre outros), podem despertar reações variadas entre observadores.

Por fim, o projeto resultou num artefacto editorial, um Álbum Ilustrado. Através da combinação de diversos fragmentos ilustrados e escritos, serve o propósito de contar uma história e criar uma interpretação visualmente representativa da vaga sensação de paz derivada do subconsciente da mente introvertida. É um meio de atribuir uma aparência, partilhar e eternizar o conforto de algo subtil que tende a evadir a noção consciente. Bem como um contributo introvertido dentro do vasto universo do design editorial e da ilustração em contexto académico.

Palavras-Chave

**** Álbum Ilustrado***
**** Tradução Visual***
**** "Desenhar é Pensar"***
**** Psicanálise***
**** Subconsciente Introvertido***
**** "Sentimento Oceânico"***

Abstract

Peaceful Solitude: Illustrative Depictions of the Introverted Mind is a project developed with the intention of exploring the capacity of Drawing and Illustration as powerful instruments of visual translation within the context of Art and Graphic Design. Through the simplicity of the two-dimensional medium, these two techniques are capable of leveling the inherent complexity of abstract and subjective concepts into tangible formats, open to universal interpretation.

It is within this representative capacity of the visual composition, that lies part of the creative curiosity to wish to see, express, externalize, and ultimately understand things we know to exist, but simply cannot be perceived with the naked eye. Intangible things such as emotions, thoughts, or more specifically, the vast Subconscious Domain of the Human Mind, filtered through the perspective of Introversion.

In this sense, based on techniques inspired by Surrealism (such as Automatism, Digital Collage, and Dreamlike/Surreal Imagery), this investigation takes on an Illustrative Approach, exploring it as a bridge between Inner Perception and Visual Representation. It likewise encompasses an exploratory methodology (including Case Studies, Practical Experimentation, and Process Documentation), designed to determine how the various elements that constitute a visual composition (and their possible variations in size, format, color, texture, placement, among others) can elicit different reactions among viewers.

Ultimately, this project resulted in an editorial artifact, an Illustrated Album. Through the combination of diverse illustrative and written fragments, it serves the purpose of telling a story and creating a visually representative interpretation of the vague sense of peace derived from the Subconscious Introverted Mind. It serves as means of attributing an appearence, share, and eternalize the comfort of something subtle in nature, that often evades conscious awareness. At the same time, it contributes as an introverted voice within the broader field of Editorial Design and Illustration in an academic context.

Keywords

* *Illustrated Album*
* *Visual Translation*
* *"Drawing is Thinking"*
* *Psychoanalysis*
* *Introverted Subconscious*
* *"Oceanic Feeling"*

Índice

1. Introdução

1.1 **Contexto** ..... (9,10)

Uma Imagem Vale por Mil Palavras 9

O Ciclo do Processo Criativo 10

1.2 **Motivação** ..... (11,12)

Intrínseca 11

Extrínseca 12

1.3 **Objetivos** 13

1.4 **Estrutura** 14

Capítulo 1 | Revisão de Literatura:

2. O Subconsciente e a Introversão

2.1 **Os Primeiros Estudos da Psicanálise** ..... (16-24)

Os Sonhos e o Subconsciente 16,17

"O Sentimento Oceânico" 18

O Simbolismo e Arquétipos na Interpretação dos Sonhos 19,20

A Introversão e Extroversão 21,22

A Solitude e a Meditação como Meios de Perceção e Bem-Estar 23,24

2.2 **A Introversão e o Mundo** ..... (25-27)

A Introversão da Perspetiva do Mundo Ocidental 25,26

O Mundo da Perspetiva Introvertida 27

Capítulo 2 | Revisão de Literatura:

3. A Perceção e a Imagem

3.1 **A Ilustração como Meio Representativo do Subconsciente** ..... (28-32)

O Surrealismo na Arte 28

A Imagem como Instrumento de Tradução Visual 29,30

O Desenho e a Ilustração como Meios de Pensamento 31

A Semiótica da Imagem: a Composição Visual e as suas Significantes 32

3.2 **Neurociência: O Cérebro e a Perceção de Estímulos Visuais** ..... (33-36)
O Efeito da Composição Visual na Cognição 33
A Emoção no Processo de Perceção e Decisão 34,35
A Importância da Arte e do Design na Experiência 36

Capítulo 3 | Estado da Arte:

4. Casos de Estudo

4.1 **Hayao Miyazaki** 38-40
4.2 **Dave McKean** 41-43
4.3 **David Carson** 44-46

Capítulo 4:

5. Projeto Prático

5.1 **Metodologia** ..... (48,49)
5.2 **Processo Projetual** ..... (50-54)
Escrita da Narrativa 50
Ilustração e Paginação do Álbum Ilustrado 52
Impressão e Montagem 54
5.3 **Artefacto Editorial** ..... (55-108)
Fisicalidade 55-60
Narrativa 61-79
Significados na Narrativa 80-87
Ilustrações 88-89
Significados nas Ilustrações 90-106
Tipografia 107-108

6. Conclusão

6.1 **Um Futuro para o Projeto** 109
6.2 **Considerações Finais** 110-111

7. Referências ..... (112,116)

8. Apêndice ..... (117-202)

Nota ao Leitor

As legendas pertencentes às figuras que acompanham o corpo de texto encontram-se na mesma página da imagem correspondente.

A numeração das figuras corresponde à ordem em que aparecem na página, de acordo com a direção do sentido de leitura (cima-baixo, esquerda-direita).

As figuras encontram-se referenciadas, no "Índice de Figuras" que está no final do relatório, na secção das Referências.

1. Introdução

1.1 Contexto

Uma Imagem Vale por Mil Palavras


One Look Is Worth A Thousand Words--

One look at our line of Republic, Firestone, Miller and United States tires can tell you more than a hundred personal letters or advertisements.

WE WILL PROVE THEIR VALUE BEFORE YOU INVEST ONE DOLLAR IN THEM.

Ever consider buying Supplies from a catalog?

What's the use! Call and see what you are buying. One look at our display of automobile and motorcycle accessories will convince you of the fact.

THAT WE HAVE EVERYTHING FOR THE AUTO

Piqua Auto Supply House

133 N. Main St.—Piqua, O.

fig. 1 - "One Look Is Worth A Thousand Words," aparece em 1913 num anúncio de jornal para a loja ***Piqua Auto Supply House*** em Ohio.

Surpreendentemente apenas utiliza palavras para despertar a curiosidade de possíveis clientes para vizualizarem os produtos da loja.

Originalmente: "A Picture is worth a thousand words" - Fred.R.Bernard, 1921.

Na sua coleção de redações "Ways of Seeing" de 1972, o crítico de arte e escritor John Berger, reflete acerca de como o ser humano interpreta aquilo que o rodeia. Vivemos inseridos em ambientes diversos, sujeitos aos efeitos inevitáveis do tempo que passa, continuamente imparcial.

Enquanto interagimos com o mundo físico, observamos tudo aquilo que nos é exterior, absorvemos todo o tipo de informações (consciente e inconscientemente) e desenvolvemos perceções pessoais acerca das mesmas.

Tais perceções, constituídas por uma mistura incerta de realidade factual e distorção associada ao *input* pessoal da subjetividade interpretativa, são os pensamentos e os conceitos que tentamos identificar, designar e comunicar através de palavras e da linguagem, que no entanto, permanecem encobertos na lacuna da infidelidade visual e representativa do alfabeto. A forma mais próxima de visualização do pensamento e o meio principal através do qual tentamos atribuir significado a conceitos, que são inerentemente difíceis de compreender, são as imagens.

Imagens podem ser pinturas, vídeos, fotografias, ou qualquer outra representação visual desenvolvida pela mão humana (Berger, 1972). São o suporte onde visamos nivelar a complexidade das camadas que compõem conceitos abstratos e exteriorizar a nossa forma de ver algo, através de um suporte simplificado.

Um exemplo fundamental dessa prática é o Movimento Artístico do Surrealismo, durante o qual, artistas pintavam composições visuais altamente ricas em simbolismo, transmitido através do uso estratégico da cor, formas, tratamentos visuais e disposição dos elementos no espaço. Estes elementos foram aplicados de tal forma fantástica e surreal, que acabaram por captar a sensação abstrata de absurdo onírico, próprio de algo que só poderia existir no domínio do Subconsciente. Foi um desenvolvimento inovador, no sentido em que nunca antes (pelo menos intencionalmente) tínhamos visto uma imagem tão clara de algo que não existe concretamente a olho nu (Hopkins, 2004).

É neste processo, de codificação de simbolismo através de elementos inseridos numa composição visual, que se torna perceptível a ampla capacidade de tradução visual contida apenas numa imagem.

O Ciclo do Processo Criativo

Olhando para a ilustração como foco desta investigação, e refletindo perante a sua natureza enquanto meio criativo, apercebemo-nos da enorme dependência que demonstra relativamente à criatividade humana, no sentido em que, sem esta, jamais existiria, permanecendo eternamente apenas uma ideia vaga, perdida algures na mente de alguém (Berger, 1972). Ao contrário da fotografia, em que grande parte do resultado fica para além do controlo criativo do fotógrafo, durante a criação de uma ilustração, o artista assume controlo total de tudo o que nela está representado. Na sua integra, os elementos são desenhados com o propósito consciente de adicionar significado e contribuir para a mensagem geral que o artista procura transmitir, permitindo-lhe total (ou quase total) liberdade criativa (Bang, 1991). Em qualquer técnica relativa a criar uma composição visual, a tendência é acreditar que o artista é inteira e unicamente responsável pelo desenvolvimento da componente criativa, no entanto, uma obra não fica completa mal o artista a declara como acabada. O processo criativo expande-se para além do criador, e partindo do princípio que uma obra foi feita com a intenção de ser vista, apenas quando o observador a vir, interiorizar e nela depositar o seu próprio *input* criativo, é que a obra fica verdadeiramente completa (1991).







fig. 2, 3 e 4 - Três imagens exemplares pertencentes ao Rorschach ***Inkblot Test***, Hermann Rorschach, 1921.

Assim, a perceção que o observador desenvolve acerca de determinada composição visual, revela tanto sobre a aparência e estrutura interior da sua própria mente, como o artista que cria a composição revela sobre a sua (Berger, 1972). Este será um aspeto fundamental a interiorizar durante a leitura desta investigação e observação do projeto físico. As ilustrações desenvolvidas só ficam verdadeiramente completas quando são abertamente mostradas e apreciadas por outras pessoas, que por sua vez, partilham as suas interpretações das mesmas. Sendo assim, manter um equilíbrio entre representatividade e ambiguidade é importante de modo a transmitir a mensagem pré-entendida, mas deixando espaço indefinido pronto a ser preenchido com o *input* criativo do observador (Glaser, 2008).

Um exemplo que evidencia este fenómeno, é o teste psiquiátrico Rorschach ***Inkblot Test***, que tal como o nome indica, foi criado pelo psiquiatra suiço Hermann Rorschach em 1921. Foi desenvolvido com o objetivo de encontrar comportamentos anormais na psique de pacientes e a facilitar o seu diagnóstico. Através da interpretação de uma série de desenhos "abstratos", o pretendido é que determinado indivíduo revele aspectos e emoções escondidas. Dessa forma, seria possível obter um reflexo da dimensão inconsciente da personalidade, e ganhar uma percepção mais profunda e autêntica do estado da saúde mental do indivíduo (Britannica, 2024).

1.2 Motivação

Intrínseca

O ilustrador é o mensageiro, a ilustração é o meio e o cérebro é o destinatário. Compreender esta dinâmica é a chave para uma melhor compreensão do papel comunicativo da ilustração/desenho como ferramentas de pensamento para o design gráfico, e como formas de continuar a melhorar a sua eficiência.

Chegando a uma compreensão do potencial poder comunicativo que uma imagem criada propositadamente (Ilustração) pode conter, desperta a curiosidade que alimenta esta investigação. De modo a analisar e compreender a verdadeira extensão e profundidade da capacidade representativa que este meio de expressão é capaz de atingir, numa fase inicial de conceptualização do projeto foi considerada a importância de que o tema sujeito a ser retratado nas ilustrações fosse altamente abstrato, subjetivo e desprovido de uma forma física tangível.

Simultaneamente, de modo a que a mensagem embebida nas ilustrações resultantes pudesse ser apreciada e interpretada atentamente pelos observadores, outro fator considerado como sendo fundamental acerca do tema retratado seria a sua capacidade de apelar ao lado empático do observador, motivado pela sua forte proximidade à experiência emocional humana.

Sendo assim, o Álbum Ilustrado desenvolvido, como resultado prático deste projeto, serve como meio de proporcionar uma experiência sensorial através da imagem, que apele à solitude pacífica da mente introvertida; uma escolha pessoal motivada: pela experiência de uma pessoa introvertida em contexto académico; pela falta de recursos ilustrados no que toca à representação da intorversão e do conforto interior; pela curiosidade criativa de artista; pelo fantástico absurdo do surrealismo subconsciente e pelo desejo humano de por vezes fugir à realidade e procurar refúgio nos sonhos.

Extrínseca

Enquanto indivíduos, vivemos inseridos em sociedade e estamos constantemente sujeitos à pressão esmagadora da responsabilidade, das expectativas, das consequências e do olhar percetivo com que o mundo exterior nos julga. Como mecanismo de defesa inato à natureza de alguns de nós, surge a necessidade introvertida de procurar refúgio no conforto da paz e do sossego (Jung, 1921).

O mundo humano da modernidade está organizado em torno da eficiência, da materialidade, da ganância e da ambição desmedida. Já não vivemos pelo gosto de o fazer, trabalhamos por uma oportunidade de sobreviver numa realidade artificial desenhada por pessoas com mais poder, influência e dinheiro. Cada vez menor se torna o espaço para sonhar; recarregar a energia na solitude da mente e da natureza é um privilégio que se torna evidentemente mais escasso (Cain, 2012).

Podemos escapar à realidade temporariamente através do consolo ilusório do nosso espaço subconsciente, mas a distorção consumidora da realidade não demora a corroer a entrada para esse universo de sonho e fantasia. De igual forma, depender tão fortemente de mecanismos de defesa como o escapismo[1] , pode tornar-se prejudicial.

Desta problemática, surge a relevância de recorrer a instrumentos de comunicação, como o design e a ilustração, de modo a divulgar este fenómeno e a contribuir com soluções para o amenizar. Assim, parte da intenção por trás deste projeto é que este sirva como forma de pôr em causa a monotonia desta realidade universal. Adicionalmente, que uma vez mais possibilite a abertura das portas para o mundo de paz interior para aqueles que o desejam visitar, ou, que pelo menos evoque um eco dessa sensação familiar, suave e acolhedora.

1
Atitude de fuga ao quotidiano ou a uma realidade específica.

(Priberam Dicionário, 2025).

1.3 Objetivos

Este projeto tem como objetivos:

Comunicação Visual do Abstrato

*Explorar a extensão da capacidade comunicativa da ilustração enquanto meio visualmente representativo de um conceito altamente abstrato/subjetivo, através do estudo sobre a relação entre a composição visual/observador, como também através de experimentação, observação e consideração direta dos resultados.

Aparência e o Conforto do Invisível

*Atribuir uma aparência interpretativa, partilhar e eternizar o conforto pacífico de um universo que se tende a esconder do olhar consciente. No processo, criar uma experiência sensorial imersiva, baseada na imagem, capaz de teletransportar o observador/leitor para um local dentro da sua mente, composto por nostalgia e tranquilidade.

Ilustração como Pensamento e Meditação

*Criar uma contribuição para a investigação da ilustração e do desenho, enquanto meios artísticos funcionais e fundamentais para o estruturamento do pensamento no design gráfico, capazes de ajudar na melhoria gradual da prática. Simultaneamente, investigar o seu comportamento enquanto formas de meditação, que permitem atingir uma compreensão aproximada acerca da natureza de tudo o que nos rodeia, ao seu nível mais autêntico de existência.

Emoção, Representatividade e Ambiguidade

*Desenvolver um conjunto de ilustrações que apelem à dimensão emocional dos observadores, capazes de despertar o seu interesse e captar a atenção. Estabelecer um equilíbrio entre a representatividade e a ambiguidade nas composições visuais desenvolvidas, de modo a deixar espaço para a interpretação e *input* pessoal por parte do público.

Consciência Social sobre a Introversão

*Consciencializar o leitor acerca do atual funcionamento da sociedade ocidental que favorece um comportamento extrovertido em detrimento de tendências comportamentais mais introvertidas, e o impacto negativo que esta estrutura pode ter em indivíduos de natureza introvertida, nomeadamente ao nível do seu bem estar físico e mental.

Álbum Ilustrado como Refúgio Tangível

*Desenvolver um *output* tangível (Álbum Ilustrado) que possa proporcionar um estado de conforto emocional para o leitor, no sentido de fornecer uma escapatória face à pressão do mundo real. Usufruir do formato editorial e da fisicalidade da sua forma no sentido de poder ser folheado, apreciado e revisitado sempre que desejado.

1.4 Estrutura

Este documento está divido em 4 capítulos principais:

Componente Teórica

No capítulo 1, *O Subconsciente e a Introversão,* inicia-se a revisão de literatura. Os subcapítulos em que se divide proporcionam uma contextualização teórica acerca das origens e bases teóricas preexistentes acerca do assunto abstrato retratado no projeto (o qual partilha o título do capítulo), enquanto domínio da Psicanálise[2].

O capítulo 2, *A Perceção e a Imagem,* dá continuação à segunda parte da revisão de literatura. Proporciona uma contextualização teórica ao nível da natureza do meio (ilustração/desenho) enquanto ferramenta de tradução visual e pensamento criativo; e também ao nível do processo cognitivo, que permite ao observador viver emoções, formular pensamentos e extrair significado relativamente à composição visual.

O capítulo 3, *Casos de Estudo,* consiste num levantamento do estado da arte, ao nível da ilustração e do design gráfico. Foram selecionados 3 autores cujas carreiras profissionais insidem na abrangência da área de estudo desta investigação: Hayao Miyazaki, Dave McKean e David Carson. Enquanto figuras mestres no universo artístico, são exemplos de estudo, portanto, foi feita uma breve recolha, apreciação e análise das suas respetivas metodologias de trabalho, revendo em cada uma alguns aspetos transversais a este estudo.

Componente Prática

O capítulo 4, *Projeto Prático,* incide sobre a documentação, fundamentação e demonstração da componente prática que dá vida à componente teórica da investigação, articulando-a sob a forma material de um artefacto editorial.

Na *Conclusão*, é feito o balanço geral e as considerações relativas ao percurso e resultado final do projeto, bem como uma avaliação das futuras possibilidades de expansão ou continuação do mesmo.

Na restante extensão do documento estão listadas as respetivas fontes da informação escrita e figurativa retiradas do exterior e utilizadas no projeto — Referências e Índice de Figuras, bem como imagens de origem própria, complementares ao Projeto — Apêndice.

2
*Método de tratamento criado por Sigmund Freud que se baseia na exploração do inconsciente.

*Investigação psicológica que tem por fim fazer acudir à consciência os sentimentos obscuros e adormecidos ou longínquos.

(Priberam Dicionário, 2025).

A Componente Teórica

2. O Subconsciente e a Introversão

2.1 Os Primeiros Estudos da Psicanálise

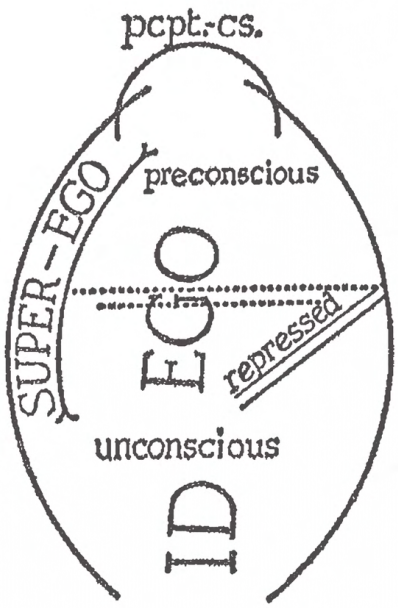
Os Sonhos e o Subconsciente

Como requisito da sua profissão enquanto neurologista em meados de 1880, Sigmund Freud lidava diariamente com pacientes que sofriam de distúrbios mentais. Foi o estudo próximo e insistente das mentes destas pessoas, aliado à sua curiosidade de cientista e conhecimento extenso em medicina, que o levaram a notar os padrões comportamentais que se evidenciaram regularmente entre indivíduos que demonstravam sinais de insanidade (Freud Museum London, 2025).

Através de monitorização constante, Freud observou que regularmente nos sonhos que documentava, as vontades e desejos que os seus pacientes demonstravam, de uma forma ou de outra tornavam-se realidade. Considerando até os seus próprios sonhos como fator decisivo para fundamentar a sua teoria, na sua obra publicada intitulada "The Interpretation of Dreams" de 1900, afirma que todos os sonhos são manifestações dos desejos mais profundos do indivíduo, escondidos e acumulados numa dimensão da mente humana desprovida de pensamento consciente, submergida por debaixo da fachada do comportamento visível. Intitulou esse espaço escondido como "O Inconsciente", que de acordo com a definição que estabeleceu na sua teoria, é o espaço subjetivo e único a cada indivíduo, um reservatório dentro da mente, onde se escondem os desejos reprimidos, fantasias irrealistas, memórias distorcidas, emoções cruas, trauma e impulsos primários. É uma dimensão profunda e altamente complexa, um lugar onde a entrada é a única saída que se situa abaixo da fachada artificial que exteriorizamos na superfície e que constitui a forma mais autêntica e menos cuidada da nossa existência (Freud, 1900).

São notórias algumas incongruências na teoria de sonhos de Freud, no sentido em que demonstram lacunas consideráveis na sua incompatibilidade com a existência de pesadelos ou sonhos de caráter negativo (Freud, 1920). No entanto, foi a sua contribuição que permitiu ganhar uma noção mais completa acerca da estrutura e natureza da psique humana. Os sonhos deixaram de ser encarados apenas como meras imagens aleatórias sem nenhum significado aparente, ou antes como visões cujo propósito ilude a nossa capacidade de compreensão, enviadas por entidades espirituais ou celestiais, tal como era especulado na antiguidade (Freud, 1900). Pelo contrário, no mundo emergente da psicanálise, a sua aparência passou a ser interpretada como mensagens provenientes do domínio inconsciente da mente, manifestações ricas em significado enraizado na psique, capaz de ser descodificado através de uma análise informada dos padrões e acontecimentos chave (1900).

Nos seus trabalhos de investigação escritos, Freud descrevia a estrutura da mente humana como um *iceberg*, em que a consciência se situa na superfície visível; o pré consciente (um espaço onde ficam guardados conhecimento e algumas memórias, ainda de fácil acesso à mente consciente) situa-se mesmo abaixo da linha de superfície; e o inconsciente (a zona mais profunda) à qual a nossa consciência não consegue ativamente ter acesso e onde se situa o reservatório de trauma, memórias e emoções negativas reprimidas. De forma geral, o inconsciente nas teorias de Freud é retratado como sendo um espaço de caráter negativo de onde provém aspetos negativos relativos à nossa existência, dos quais não nos queremos lembrar (Freud, 1900).



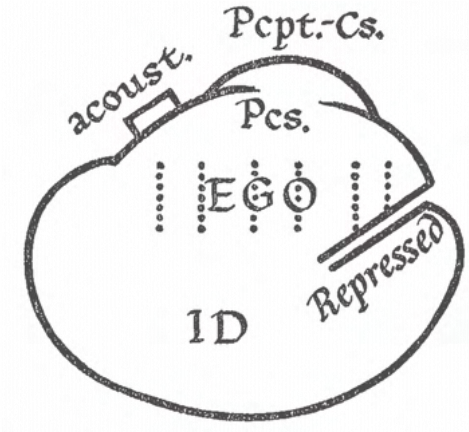


fig. 5 e 6 - Representações diagramáticas da teoria do Inconsciente, de Sigmund Freud, da sua obra "The Ego and the Id" (1923).

A dinâmica entre o ***Id***, ***O Ego*** e o ***SuperEgo***.

"O Sentimento Oceânico"

Em 1927, após a publicação da sua obra "The Future of an Illusion", Freud enviou um exemplar ao escritor francês Romain Rolland, vencedor do Prémio Nobel da Literatura. Na correspondência que recebeu de volta, vinha a proposta do escritor para que refletisse adicionalmente sobre o fenómeno (que acreditava ser de caráter religioso) a que chamava "O Sentimento Oceânico". (Parsons, 1998). Rolland descrevia este sentimento como uma absoluta "sensação de eternidade", uma experiência de fusão com o universo, onde o indivíduo se sente parte indissociável de um todo, sem fronteiras concebidas entre o "eu" e o mundo exterior. Inspirado pela devoção ao misticismo de figuras como Ramakrishna[3] , Rolland acreditava que este estado de consciência transcendente era a verdadeira origem da energia religiosa que permeia a crença humana (Freud, 1930).

Freud mostrou-se cético quanto à validade científica do sentimento oceânico. Ainda assim, abordou o tema no primeiro capítulo da sua obra "Civilization and Its Discontents" (1930). Aí, propôs que esta sensação não era prova de uma ligação espiritual, mas sim o vestígio psíquico de um estado infantil anterior à formação do ego, em que o bebé humano ainda não distingue entre si próprio e o mundo que o rodeia. No seu olhar filtrado pela inocência, tudo o que existe é uma extensão infinita de si mesmo, tal como um vasto oceano repleto de oportunidade infinita. Segundo Freud, trata-se de um fenómeno subconsciente, uma regressão a uma fase primitiva do desenvolvimento psíquico, marcada pela ausência de fronteiras entre o indivíduo e o exterior.

> **"A feeling of something limitless, unbounded... as if it were 'oceanic'. It is a purely subjective fact, not an insight into the nature of the universe."** (Freud, 1930).

Argumenta que esse sentimento, de que somos parte da rede infinita da realidade, é apenas uma ilusão, que se quebra mal nos apercebemos que a nossa e a existência do universo, não estão incondicionalmente conectadas. Adicionalmente, que existe uma enormidade de fatores externos que estão completamente fora do nosso controlo. Apesar de todos aprendermos essa verdade, tal não implica que essa ilusão de conforto e segurança deixe de existir. Aliás, significa apenas que escolhemos viver na sombra da ignorância proveniente desse falso conforto ilusivo. Baseado nessa sensação primordial e inata, construímos uma fortaleza dentro da nossa mente, onde nos escondemos em momentos em que a pressão e a ansiedade assoberbantes do mundo exterior ameaçam destruir a nossa integridade e sanidade. O exterior e o interior que uma vez, perante os nossos olhos, fizeram parte de um único ser em absoluta concordância, estão agora envolvidos numa infinita discordância, da qual o interior se precisa de proteger (Freud, 1930).

3
Místico Hindu (1836-1886) e devoto de Kali (deusa Hindu), Ramakrishna defendia a ideia de que todas as religiões oferecem a mesma experiência de poder supremo (Britannica, 2025).

O Simbolismo e Arquétipos na Interpretação dos Sonhos

Os estudos pioneiros na área da psicanálise por parte do psicanalista austríaco (Sigmund Freud), despertaram dentro do universo da medicina mental, uma nova curiosidade acerca do potencial dos sonhos como ligações diretas até ao inconsciente e como forma de ganhar uma perceção mais autêntica da estrutura e funcionamento da mente humana. Por volta de 1907, Freud conheceu pessoalmente o psiquiatra/psicólogo suíço Carl Jung, que partilhava o seu interesse pela disciplina. Os dois psicanalistas desenvolveram uma amizade na qual trocavam impressões e novas descobertas, dando um caráter colaborativo à sua dinâmica (Freud Museum London, 2018).



fig. 7 - Representação diagramática da Teoria do Subconsciente Coletivo, de Carl Jung, 1964.

No entanto, à medida que Jung progredia na sua investigação pessoal, cada vez mais esta o afastava do caminho teórico desenvolvido por Freud. Começou a notar diferenças significativas nas suas ideologias, o que considerava serem erros de julgamento no trabalho do seu mentor, um fator (entre muitos outros), que eventualmente levou a que os dois se afastassem. Como deu a conhecer na sua obra "Man and His Symbols" de 1964, Jung concordava com Freud, na afirmação de que a mente humana é constituída por duas "personalidades", consciente e inconsciente.

Porém, afirma que o primeiro lapso no julgamento de Freud foi a sua falta de consideração por uma outra componente estrutural, essencial para a compreensão da estrutura mental; a subdivisão do subconsciente. Jung teorizou que o subconsciente dividia-se em duas componentes diferentes: o subconsciente pessoal e o subconsciente coletivo.

O subconsciente pessoal assemelhava-se ao subconsciente descrito por Freud, relativamente a ser um espaço individual pertencendo a apenas uma pessoa, onde ficam guardados os seus complexos e memórias únicas. Ainda mais profundamente, situava-se o subconsciente coletivo, que Jung definiu como sendo uma espécie de rede aberta, que contém e liga todas as memórias e conhecimento coletivo da humanidade, ao qual, de forma profundamente inconsciente, todos temos acesso. Jung acreditava que esta camada altamente profunda e universal do subconsciente se manifesta durante a nossa vida consciente através de padrões de simbolismo e arquétipos (1964). É possível notar a sua presença através de instintos e na noção de senso comum com que quase todos os seres humanos nascem.

O vasto conhecimento de Jung ao nível da mitologia, religião e filosofia (nomeadamente: Budismo, Cabala, Hinduísmo e na Alquimia) serviu como uma ampla plataforma multicultural de conhecimento, que lhe permitiu reconhecer e identificar diversos padrões que regulamentam e definem a natureza do comportamento humano.

Este conhecimento foi um dos fatores que levou a que a sua investigação fosse por um caminho diferente da de Freud. Jung passou a perceber as diferenças entre a forma como o "inconsciente" era encarado no ocidente e no oriente, sendo a principal o caráter negativo a que era associado no mundo ocidental. Contrastando com o cenário traumático e obscuro que Freud havia popularizado com as suas contribuições, no oriente, o subconsciente era encarado como sendo a alma do indivíduo e uma parte fundamental da sua existência. Cada alma fazia parte de um todo maior, um conjunto de energia que flui constantemente, capaz de nos ligar à natureza e à infinidade das outras almas que viveram antes de nós. Como tal, o "inconsciente" e o seu domínio envolvente, era valorizado ao mesmo nível do mundo físico e consciente. Um exemplo desta filosofia dualista seria a meditação como forma de compreender e manter um ambiente calmo e estável na mente subconsciente, tal como o exercício físico e uma boa alimentação ajudam a regular e a cuidar do corpo.

> **"The philosophy of the East could be an inestimable treasure for us too; but, in order to possess it, we must first earn it."** (Jung, 1938).

Foi através de uma compreensão da filosofia dualista do oriente que Jung conseguiu encontrar e identificar o equilíbrio que faltava nas teorias do inconsciente de Freud. Nas obras que publicou ao longo da sua carreira, conseguiu introduzir uma nova perspetiva face à natureza do subconsciente, na qual este já não era visto apenas como um reservatório fechado, cheio de impulsos e desejos suprimidos. A nova e mais completa imagem pintava-o como sendo um lugar complexo, aberto e em constante mudança, constituído por uma vasta e variada coleção de memórias, emoções e conhecimento, formando um equilíbrio natural entre aspetos negativos e positivos.

Como Freud, Jung acreditava que os sonhos podem ser interpretados e descodificados enquanto mensageiros do subconsciente, mas que no seu significado não estariam apenas subentendidos desejos imorais reprimidos. Seriam antes manifestações visuais, ricas em simbolismo, que refletem aspetos recorrentes na vida consciente, misturados com arquétipos provenientes das profundezas do subconsciente humano e que podem ser decifrados de modo a contextualizar e entender os comportamentos de determinada pessoa, bem como a sua forma de ver o mundo (Jung, 1959).

Nota:
Embora "inconsciente" e "subconsciente" possam ser usados como sinónimos no uso comum, o primeiro refere-se geralmente à parte mais profunda e inacessível da mente (segundo Freud), enquanto o segundo designa processos mentais automáticos mais próximos da consciência (Freud Museum London, 2025).

Geralmente, a primeira designação pode conter uma conotação mais negativa e extrema.

Introversão e Extroversão

Apesar de nunca ter chegado a denominar o fenómeno, ao longo da sua investigação pioneira na psicanálise, Sigmund Freud apontou diferenças fundamentais na personalidade dos pacientes que estudava. Diferenças tais motivadas por tendências aparentemente opostas, que influenciavam fortemente os seus comportamentos. O fenómeno era especialmente visível através da natureza da relação demonstrada entre o sujeito e o domínio inconsciente da sua própria mente (Freud, 1910).

Algumas pessoas pareciam mostrar um visível desagrado face à ideia de serem deixadas sozinhas, uma vez que, quando fossem confrontadas com o silêncio, não teriam escolha se não ouvir as vozes aterrorizantes dos pensamentos e memórias sem filtro enterradas nas profundezas da sua consciência. A escapatória da escuridão fria e só da autenticidade imperdoável da sua própria existência era o mundo real e as pessoas que nele habitam (1910).

Por outro lado, algumas outras pessoas pareciam florescer uma vez inseridas num ambiente de solitude. Eram auto-suficientes, no sentido em que encontravam e recolhiam todos os estímulos de que precisavam no espaço interior dentro das suas mentes. Como tal, o local onde gostavam de passar a maior parte do seu tempo era no domínio imaginativo dos sonhos e fantasias irrealistas, separados das restrições do pensamento racional e longe da materialidade do mundo físico. Como resultado, uma vez confrontados com o mundo real, demonstravam um certo desinteresse ou incapacidade de se adaptarem em situações de caráter social. Perante as suas observações, Freud concluiu que os indivíduos que demonstravam esta segunda tipologia de comportamento eram "narcisistas", no sentido em que a sua fonte de energia primária vem de dentro (do ego), em vez de fora (das outras pessoas).

Afirmou ainda que este tipo de pessoas consideram-se a si mesmas a sua própria e principal fonte de entretenimento (1910). Os estudos desenvolvidos por Freud acerca deste assunto permaneceram estagnados durante anos, talvez por considerar o domínio do inconsciente como algo geralmente negativo e fechado, tenha simplesmente deduzido que os indivíduos que obtêm a sua energia desse lugar sejam apenas uma anomalia.

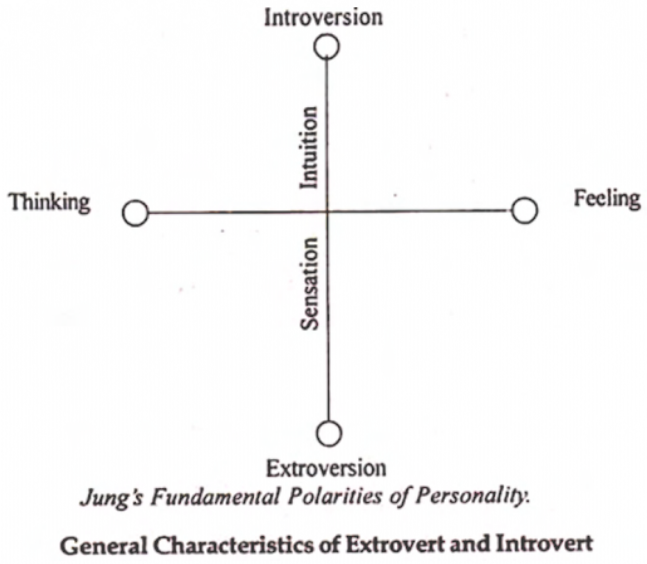


fig. 8 - Diagrama dos Pólos Inversos da Personalidade Humana: Introversão e Extroversão, concebido por Carl Jung, 1921.

A contribuição teórica de Carl Jung no estudo da psicanálise introduziu uma compreensão mais aprofundada e complexa acerca da estrutura do subconsciente humano. No que tocava às diferenças comportamentais que criavam uma dualidade oposta na personalidade das pessoas, com base na teoria do subconsciente coletivo, abriu-se um novo espaço para racionalizar este fenómeno.

Na sua obra "Psychological Types", de 1921, Jung distingue os dois tipos de personalidade através das designações extroversão e introversão. Nos seus argumentos, desmente a ideia equívoca de que o fator que diferencia os dois grupos é que as pessoas introvertidas são tímidas e retraídas, enquanto pessoas extrovertidas são energéticas e positivas. Antes, explica esta diferenciação através da forma como a energia de cada pessoa se comporta relativamente aos objetos que lhes são exteriores; nesta explicação, objeto é o contrário de sujeito, sendo o sujeito a pessoa e o seu subconsciente, e o objeto qualquer forma de existência que seja exterior ao sujeito.

Sendo assim, no caso de uma pessoa extrovertida, o seu interesse flui em direção ao exterior, sendo que retira a sua energia através da interação com o objeto; já a energia de uma pessoa introvertida flutua na direção oposta ao objeto, virada para o sujeito. Se a explicação terminasse por aqui, não estaria muito longe das ideias de Freud acerca deste tema, no sentido em que indivíduos introvertidos teriam uma desvantagem natural, devido à sua falta de ligação e interesse face ao mundo exterior; no entanto, Jung continua. Como já havia explicado anteriormente na obra "Man and his Symbols", o facto da energia introvertida fluir em direção ao interior em vez do exterior não implica um desequilíbrio; graças à existência do subconsciente coletivo. O mesmo subconsciente coletivo que Jung descreve como um universo vasto, repleto de memórias, simbolismo, arquétipos e conhecimento baseados na experiência universal da humanidade e cuja existência e credibilidade são tão assentes como as do mundo exterior (1964).

De acordo com esta teoria, ambas as energias introvertida e extrovertida existem em equilíbrio; a primeira assente no universo interior e a segunda no universo exterior, sendo que a existência de uma implica a existência da outra e que nenhuma é superior ou inferior. É na compreensão desta dinâmica e como se reflete na sociedade, que se fundamenta a perspetiva teórica deste projeto e através da qual a noção de introversão é encarada ao longo do seu desenvolvimento.

> **"The general-attitude types, as I have pointed out more than once, are differentiated by their particular attitude to the object. The introvert's attitude to the object is an abstracting one; at bottom, he is always facing the problem of how libido can be withdrawn from the object... The extrovert, on the contrary, maintains a positive relation to the object... its importance must always be paramount."** (Jung, 1921).

A Solitude e a Meditação como Meios de Perceção e Bem-Estar

Conhecendo as tendências comportamentais que caracterizam os dois polos opostos da personalidade humana, introversão e extroversão, sabemos que num dos extremos a energia flui em direção ao sujeito e no outro a energia flui no sentido contrário, em direção ao objeto (respetivamente).

Indivíduos extrovertidos adquirem a sua energia através da interação e contacto com o mundo exterior, nomeadamente a partir da socialização com outras pessoas e da participação em eventos sociais. Em oposição, para indivíduos introvertidos, esse tipo de ambientes tende a provocar algum desconforto e saturação. Tendem a adaptar-se melhor a ambientes mais descontraídos e sossegados onde podem usufruir da solitude pacífica para mergulharem no universo da sua própria consciência, sem interrupções (Helgoe, 2013). Naturalmente, esta é uma noção generalizada, sendo que a introversão e extroversão podem ser vistas como os extremos de um espectro, no qual podem existir infinitas variações de personalidade (Cain, 2012).

Especialmente, e no contexto da sociedade ocidental, existe uma lacuna no que toca à consideração da solitude enquanto fator significativo para o bom desempenho mental de uma grande percentagem da população humana, um fenómeno que será analisado mais aprofundadamente no capítulo seguinte. O poder criativo, por exemplo, está diretamente ligado à sensibilidade e à capacidade imaginativa de abstração; condições fortemente dependentes da solitude e do sossego (2012).

Como tal, na calma de um universo subconsciente, deserto e imaterial; existe uma imensidão de consciências, memórias, emoções, conhecimento; uma rede interminável que afirma a existência da humanidade para além da fisicalidade evidente dos nossos corpos. Existir em silêncio e solitude, criar algo somente na companhia do subconsciente, é apenas outra forma de meditar e compreender o vasto mundo abstrato no interior da consciência. Da mesma forma como alguns retiram energia e inspiração daquilo que lhes é exterior, outros encontram tudo isso no interior (Jung, 1921).

Na sua ideação, Jung desenvolve uma explicação esquemática com o objetivo de esclarecer este fenómeno. Introduz o conceito de "Imagem Primordial", o conjunto de arquétipos e símbolos que sintetiza e representa a dimensão do subconsciente coletivo, e que constitui aquilo que seria uma "imagem" representativa da estrutura universal da existência humana, ao nível mental e espiritual (1921).

Esta imagem primordial está enraizada na forma mais autêntica da existência humana, suportada por todo o conhecimento e arquétipos que nos definem enquanto espécie desde os primórdios dos tempos, age como um espelho que nos reflete, documenta e representa (Jung, 1921).

A zona de conforto introvertida é no interior da mente, no mesmo domínio do sujeito e da imagem primordial. Passando mais tempo voltadas para o interior, naturalmente, pessoas introvertidas desenvolvem uma ligação mais profunda e um entendimento mais próximo da consciência individual e coletiva ao qual têm acesso no interior da sua própria mente. Para aqueles que preferem existir na solitude pacífica da consciência, abre-se uma fonte inesgotável de inspiração, imaginação e criatividade, que existe para além da materialidade limitada do mundo real (Helgoe, 2013).

Compreender essa dualidade entre "mundo exterior" e "mundo interior" ajuda a fundamentar importância da existência de personalidades diversas, sendo que as suas características abrangentes permitem que cada uma ocupe um papel específico e fundamental na sociedade (McWilliams, 1994). Na falta de existência de pessoas com personalidades diversas, criar-se-ia um enorme desequilíbrio na distribuição de funções e papéis sociais; num extremo, haveria demasiadas pessoas a concorrer pela ocupação de posições de caráter semelhante; no outro, não haveria pessoas suficientes dispostas ou qualificadas para ocupar posições de natureza oposta. Esta noção é intuitiva, no mesmo sentido que é intuitivo entender que algumas pessoas têm um desempenho melhor em ambientes movimentados e na companhia de outros, enquanto outras necessitam de paz e sossego para se sentirem confortáveis. Qualquer uma das situações é igualmente válida, sendo que ambas se tratam de necessidades que correspondem à natureza da nossa espécie (Cain, 2012).

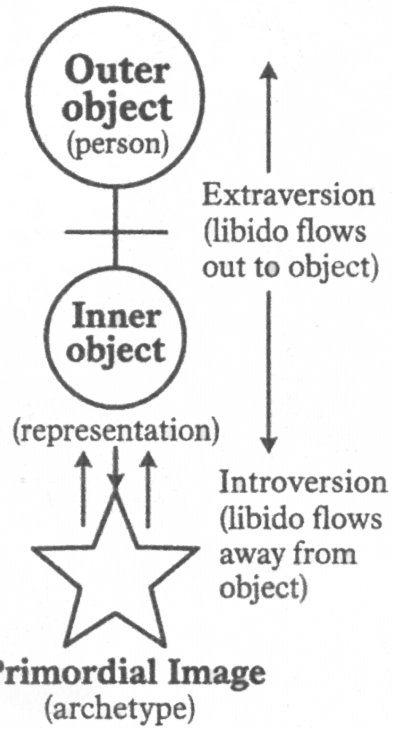


fig. 9 -
Diagrama explicativo da relação entre "Objeto", "Sujeito" e "Imagem Primordial", na Introversão e extroversão. Modelo teórico concebido por Carl Jung, 1921.

2.2 A Introversão e o Mundo

A Introversão da Perspetiva do Mundo Ocidental

Sendo a personalidade humana um espectro, é impossível definir com exatidão a percentagem de introversão na sociedade, no entanto, numa apreciação geral de obras exemplares acerca da introversão, como "Quiet: The Power of Introverts in a World That Can't Stop Talking" (2012) e "The Introvert Advantage: How to Thrive in an Extrovert World" (2002) de Susan Cain e Marti Olsen Laney (respetivamente), podemos estimar que aproximadamente entre 30 a 60% da população mundial é constituída por pessoas introvertidas. De certa forma, esta estatística destaca a divisão relativamente homogénea entre a percentagem de introversão e extroversão. No entanto, a cultura no contexto do mundo ocidental demonstra uma inclinação evidente que favorece tipos de personalidade com tendências extrovertidas (Cain, 2012).

Ao contrário daquilo que acontece nas culturas orientais, nas quais existem práticas ancestrais que valorizam e procuram atingir o equilíbrio/bem-estar do corpo e da mente; no ocidente tem se vindo a negligenciar a componente psicológica e espiritual da nossa existência. Desde das primeiras conceptualizações do inconsciente desenvolvidas por Sigmund Freud até à atualidade, corpo e mente são vistos como dois sistemas separados. No domínio da mente, o subconsciente é retratado com uma conotação negativa, um repositório isolado e fechado onde ficam reprimidas emoções negativas, memórias traumáticas e desejos imorais (Freud, 1900).

Como uma consequência inevitável desta mentalidade, tudo o que está associado ao domínio do subconsciente; nomeadamente a introversão, passou a ser visto sob uma luz negativa. A introversão é associada à timidez, à anti-socialidade, à frieza e à desconexão. Por outro lado, a extroversão é enquadrada num contexto positivo: associada à saúde, energia positiva, simpatia, boa disposição e felicidade; normalizando-se estas últimas, como sendo as características favoráveis a uma aura atraente e bem-sucedida. Em concordância com esta narrativa, surgem todas as histórias contadas desde então: em que o sol, o herói e a boa pessoa são todas facetas que personificam a extroversão nos *media*. Assim, as pessoas inseridas neste contexto cultural são encorajadas a falar abertamente, a manifestarem a sua opinião e a desejarem a companhia de outros. Os ambientes de trabalho tem vindo a mudar, de modo a acomodar o trabalho de equipa e uma dinâmica mais colaborativa; o que naturalmente não é uma situação favorável para o bom funcionamento da mente introvertida, que necessita de calma e sossego para conseguir criar (Helgoe, 2013).

Nesta realidade, cria-se um culto à volta de resultados rápidos e eficazes, sendo aqueles que impõem a sua vontade, os únicos que os conseguem obter. Cada vez maior se torna a pressão esmagadora da responsabilidade e menor a margem que sobra para procurar repouso no conforto da imaginação e abstração do subconsciente.

À medida que a realidade consome o tempo e as nossas mentes, a sensação de imaginação *naive* que antes alimentava a imagem fantástica e pacífica de um refúgio inconsciente, torna-se escassa (Bainbridge, 2007). A sua aparência fica distorcida com o tempo e consequentemente, o espaço torna-se gradualmente mais difícil de aceder.

> **"Creating energy isn't so easy for introverts, especially in today's fast-paced world. It takes more time for introverts to restore energy, and it flows out faster than an extrovert's energy."**
> (O. Laney, 2002).

O Mundo da Perspetiva Introvertida

Sem uma contextualização informada, existe a noção geral de que a introversão e a timidez são dois conceitos codependentes; no entanto, a presença de um não implica necessariamente a presença do outro. Da mesma forma que a frieza, a falta de interesse, o medo de interação social e a antipatia são rótulos estereotipados falsamente associados à personalidade introvertida.

Ser introvertido não significa não gostar de outras pessoas, ou do mundo exterior. Antes, é ser uma pessoa altamente sensível; que observa enquanto outros falam; que se apercebe das mudanças mínimas no tom de voz, ou na expressão facial daqueles que a rodeiam; é ser intuitivo e ter a capacidade de ver para além daquilo que é imediatamente perceptível (Horney, 1950). A pessoa introvertida procura na infinidade do seu universo interior as respostas para complementar os problemas que encontram no exterior, permite que a sua curiosidade e natureza criativa se manifeste para além das regras restritivas da lógica e da realidade. Quando esta se torna demasiado esgotante, isola-se na companhia segura da sua própria consciência e deixa que o pensamento racional seja levado pelo fantástico surreal da sua imaginação refrescante (Laney, 2002).

Este é um dos motivos principais que apela à relevância desta investigação, no sentido de impedir que o universo de conforto introvertido se perca perante a distorção caótica da vida real. Nesse sentido, surge a importância de usar a ilustração e o design gráfico como meios capazes de estabelecer uma tradução visual, de modo a exteriorizar, simplificar, partilhar e eternizar conceitos abstratos inerentemente difíceis de compreender/visualizar.

No caso específico desta investigação, a intenção principal é reconstituir a memória visual do espaço de segurança do interior da mente introvertida, através de um conjunto de fragmentos ilustrativos. Nesta reconstrução, a intenção subjacente é que cada elemento simbólico que constitui a composição visual seja uma peça adicional que ajude o leitor a aproximar-se cada vez mais à autenticidade sensorial do seu refúgio subconsciente. Dentro do contexto académico, é importante usufruir das mais-valias do nosso meio criativo, de forma a realçar problemas existentes e a contribuir para a sua resolução, neste caso apelando ao equilíbrio e ao bem-estar de grande parte da população humana.

3. A Perceção e a Imagem

2.1 A Ilustração como Meio Representativo do Subconsciente

O Surrealismo na Arte

Uma das primeiras e mais marcantes manifestações do subconsciente no mundo da arte foi o Movimento Artístico do Surrealismo, que surgiu no início do século 20 como uma forma de expressão radical das facetas escondidas da psique humana. Foi um fenómeno altamente influenciado pelo interesse redescoberto na psicanálise, impulsionado pelas teorias emergentes de Freud acerca do inconsciente. Este fator apenas veio a contribuir para o crescente impulso criativo de desejar quebrar as normas rigorosas da pintura clássica, hiper-realísta da academia (Glaser, 2008).

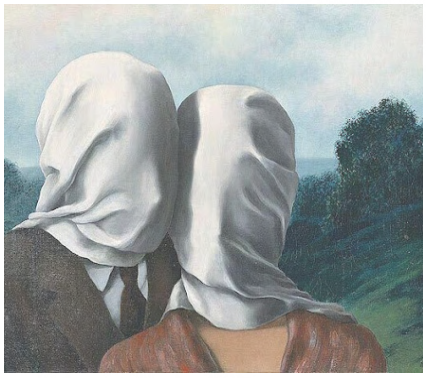


fig. 10 - ***The Lovers I***, René Magritte, 1928, Óleo sobre Tela.



fig. 11 - ***Melting Clocks***, Salvador Dalí, 1931, Óleo sobre Tela.

A premissa do subconsciente prometia aos olhos dos artistas surrealistas da época, a oportunidade de contrariar a monotonia de uma representação altamente figurativa, desprovida de *input* criativo e imaginação. Sendo assim, figuras importantes como André Breton e Salvador Dalí (entre outros), procuravam captar os aspectos escondidos no domínio mais profundo da consciência, através da criação de composições artísticas que misturavam elementos fantásticos e surreais (cujas formas superavam as normas do pensamento lógico), com um tratamento superficial contrastantemente realista (Breton, 1969). Esta combinação deu origem a composições bizarras que fizeram com que o observador questionasse a natureza daquilo que estava a ver. Era quase como se tratassem de cenários de sonhos, nos quais a narrativa acontecia independente e para além de qualquer tentativa de interpretação racional (Gale, 2010).

As obras artísticas do surrealismo transcenderam aquilo que era esperado enquanto função da arte até à data, dando-lhe um novo significado e um propósito mais profundo. Para além da sua função puramente representativa e decorativa, passou a ser vista também como um meio de expressar, partilhar e trocar pensamentos e emoções. Aquilo que uma vez eram apenas composições finalizadas e sem espaço para a interpretação, tornaram-se fontes abertas de possibilidades sem fim. Assim, a pintura, o desenho, a escultura e outras práticas artísticas, deixaram de ser criadas com o propósito único e indiscutível de serem "belas", passaram antes a servir como meios para transmitir, significar, representar, compreender, exteriorizar e eternizar algo, independentemente do que esse algo seja. Elementos visuais nas composições tornaram-se parte de um extenso vocabulário simbólico e ilustrativo, aberto à interpretação e com a capacidade inerente de ressoar profundamente com a componente emocional do observador; a arte tornou-se assim mais humana do que nunca.

A Imagem como Instrumento de Tradução Visual

Na sua obra "Ways of Seeing", de 1972 John Berger afirma o seguinte: "Seeing comes before words. The child looks and recognizes before it can speak." (Berger, 1972). Uma frase simples, que contém um significado claro: a visão é a nossa primeira linguagem. De facto, a visão sempre esteve connosco, estando naturalmente emparelhada no nosso corpo, mas a linguagem foi inventada. Surgiu por necessidade de comunicar e exteriorizar universalmente aquilo que vemos; e também como uma forma de criar uma ponte racional capaz de unificar a desconexão entre o que "sabemos" e o que "vemos". Por isso é que temos designações escritas e faladas para descrever e identificar tudo o que conhecemos.



fig. 12 - ***The Treachery of Images,*** René Magritte, 1929, Óleo sobre Tela.

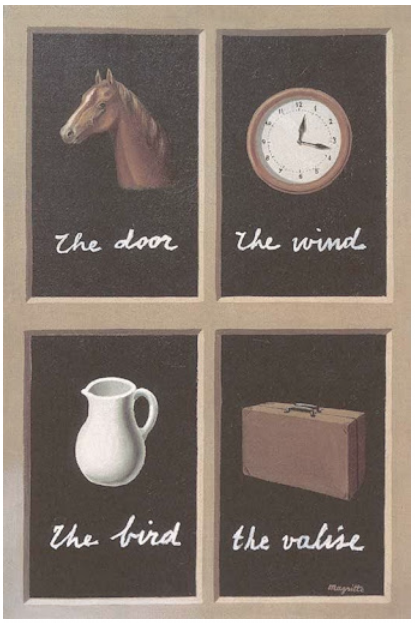


fig. 13 - ***Key to Dreams,*** René Magritte, 1935, Óleo sobre Tela.

No entanto, como Berger explica no primeiro capítulo, independentemente de quão detalhada seja a explicação, parece sempre permanecer a tal desconexão entre a linguagem e a imagem (1972). As imagens têm a capacidade inerente de transmitir informação, conhecimento, sensações e emoções mais autêntica e eficazmente, do qualquer forma de linguagem escrita ou falada. Não há nada mais autêntico do que ver algo acontecer com os nossos próprios olhos, ter uma imagem verídica que suporta aquilo queremos reconhecer como sendo verdade. A nossa própria mente comunica connosco através das imagens. Quer seja conscientemente, através do pensamento e de memórias, ou inconscientemente, através dos sonhos. As imagens, sendo elas criações humanas, exteriorizam sempre uma forma de ver algo, onde as cores, as formas, as texturas, os tamanhos e os posicionamentos dos elementos são todos fatores que contribuem para a representação simbólica daquilo que intrinsecamente sabemos, conhecemos e sentimos (Bang, 1991). As imagens replicam sempre na sua representatividade formal, aquilo que sabemos e reconhecemos antes de qualquer designação ou palavra, recriam a forma mais primária e autêntica da nossa existência e expressão intrínseca, precisamente, aquela que já existia antes do aparecimento de qualquer linguagem. Por outras palavras, as imagens são a linguagem da nossa mente e, por isso, a nossa forma mais autêntica de expressão (Berger, 1972).



fig. 14 - ***This is the Color of my Dreams,*** Joan Miró, 1925, Óleo sobre Tela.

Compreendendo esta noção, a humanidade tem vindo a usar o poder da imagem para exteriorizar e nivelar sensações, emoções e pensamentos provenientes do interior, com a esperança de expressar e transmitir a complexidade inerente à sua compreensão, através da universalidade representativa do meio bidimensional (Gale, 2010). Dependendo do contexto e da intenção com o qual é criada, por vezes uma imagem pode ser uma obra de arte, outras vezes, pode servir um propósito mais explicativo e informativo como no âmbito do design de comunicação, por exemplo (Munari, 1966).

Neste tópico, as margens que separam a arte e o design por vezes fundem-se perante a indecisão ambígua que caracteriza a imagem. Tanto as artes visuais como o design usam a imagem como meio fulcral. Na arte, o seu caráter tende a ser mais indireto e abstrato, sendo que nem todos os elementos na composição têm de existir necessariamente com o propósito de simbolizar algo. Há uma margem para pormenores puramente decorativos, que por vezes apenas existem, sem nenhuma razão aparente.

Já no design, mais especificamente em áreas como o design gráfico, é com frequência pressuposto que todos os elementos da imagem apenas devem existir para servir um propósito. A composição visual é como uma tradução, uma solução para um problema, sendo assim inserir elementos visuais sem um significado lógico e intuitivo, iria apenas contrariar o propósito inerente com que o design é criado: "descomplicar" determinado conceito, para que este possa ser universalmente entendido (Munari, 1966).

Na consideração de Bruno Munari, artista e designer italiano, a prática do design ocupa a excelência que a arte ocupava no passado. Explica que a arte no seu sentido mais clássico apenas servia o propósito de reproduzir um resultado "bonito", mas que no entanto, tendo em conta que aquilo que é considerado belo é altamente indefinido e confuso, esse objetivo que fundamentava a arte da antiguidade torna-se obsoleto e irrelevante perante os requisitos mais recentes. Consequentemente, argumenta que o design é inerentemente belo, porque tudo o que nele consta apenas existe como um requisito natural da sua intenção original. É a suavidade da sua simplicidade que lhe atribui a beleza (Munari, 1966).

O Desenho e a Ilustração como Meios de Pensamento

Talvez a forma mais "bela" da Imagem, seja quando esta existe num equilíbrio natural, atingido quando o objetivo que motiva a sua criação não fica encoberto por detrás da procura forçada do minimalismo ou do maximalismo extremos. Se a visão é a nossa primeira linguagem, e se a imagem é o meio através do qual atribuímos uma aparência |àquilo que sabemos intrinsecamente, então é apenas natural que seja através do processo de criação intencional de uma imagem, que conseguimos ganhar uma percepção mais aproximada e autêntica daquilo que nos rodeia (Glaser, 2008).

Neste sentido, os princípios na prática da ilustração e do desenho, assemelham-se aos da meditação. Meditar implica limpar a mente de preconceitos, ansiedades e julgamentos, de modo a obter uma visão limpa e desobstruída que nos permita ver a realidade mais profunda de tudo aquilo que desejamos entender, sem a sabotagem da distorção da realidade. Igualmente, também o ato de desenhar e ilustrar permite-nos replicar autenticamente uma forma, desde a constituição interna da sua estrutura, até à forma como esta desagua naturalmente e dá forma à aparência exterior. Um processo de pura observação, e de conversão neutra da realidade, para a mente e até ao suporte. Cada traço, é feito na procura de nada mais do que apenas perceber; e tal como a sua presença é um indicador de determinada informação, também a sua ausência o pode ser (2008).

fig. 15 - ***The Confluence of Ambiguity,*** Michael Chomick, 2014, Óleo sobre Tela.



fig. 16 - ***Table, Ocean, Moon,*** René Magritte, 1950, Óleo sobre Tela.

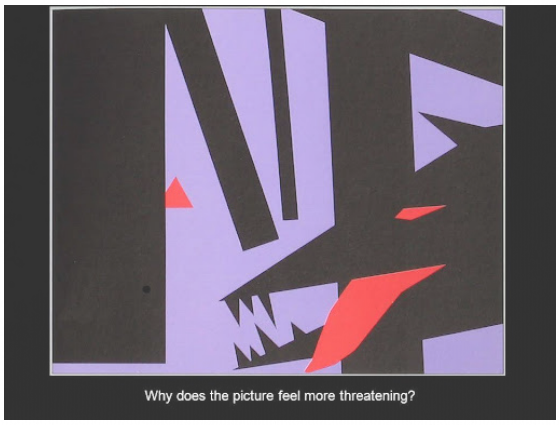


No desenvolvimento deste pensamento, na sua obra de 2008, "Drawing is Thinking", Milton Glaser realça a importância da ambiguidade na obra de arte como fator fundamental para a compreensão dos elementos representados. A presença de elementos figurativos na composição direciona o observador para uma determinada direção interpretativa e, por outro lado, o espaço vazio ou um certo nível de abstração abrem o espaço necessário para que o observador possa contribuir para o significado da obra com o seu próprio pensamento e interpretação. É por isso que as pinturas hiper-realistas da academia clássica têm um caráter monótono e aborrecido, a representatividade altamente fiel e figurativa satura a obra com um forte volume de informação explícita. Nada ou quase nada é deixado ao critério da imaginação, e a intriga resultante do desejo de descobrir o desconhecido desaparece (2008).

A Semiótica da Imagem: A Composição Visual e as suas Significantes

Na base do caráter comunicativo da imagem estão os indicadores visuais que formam a composição. Estes são o conjunto de elementos que constituem a extensão do vocabulário visual, cujo valor simbólico depende de diversas características contidas na sua representatividade formal. Nas obras "Picture This: How Pictures Work" (1991) e "Art and Visual Perception" (1954), Molly Bang e Rudolf Arnheim (respetivamente), desenvolvem análises acerca de como variações no aspecto formal dos elementos na composição podem impactar a mensagem simbólica que transmitem ao observador. Os fatores que influenciam a aparência da imagem são vários: equilíbrio (distância, perspetiva, peso visual, direção); espaço (linha e contorno, forma, transparência, profundidade, deformação, gradiente); luz (claridade relativa, brilho, iluminação, sombra, cor) (Arnheim, 1954).

Molly Bang dá exemplos práticos de como todos estes fatores visuais descritos acima têm um impacto diferente na cognição e na emoção do observador. Usa o conto infantil do "Capuchinho Vermelho e do Lobo Mau", acompanhado de ilustrações simples, reduzidas à humildade de cores planas e formas geométricas, para exemplificar a sua explicação. Durante a sua análise, lança questões ao observador, como por exemplo: "Por que é que um quadrado nos transmite a ideia de estabilidade, enquanto linhas diagonais nos fazem sentir desequilibrados?"; "Porquê que elementos de tamanhos diferentes nos transmitem a ideia de profundidade?"; "Como é que as cores que escolhemos aplicar mudam o quadro de emoções que sentimos em relação à obra?". A resposta que oferece a todas estas perguntas, é que todos estes fatores que caracterizam a Imagem, replicam ou contrastam com a própria estrutura do pensamento e emoção humana. Quando aquilo que vemos vai de encontro ao padrão embebido no nosso comportamento ou quando está em concordância com aquilo que consideramos ser emoções ou memórias positivas, as sensações que provocam na cognição são igualmente positivas. Quando o que vemos vai contra a nossa estrutura comportamental, então terá um impacto negativo na nossa cognição (Bang, 1991).



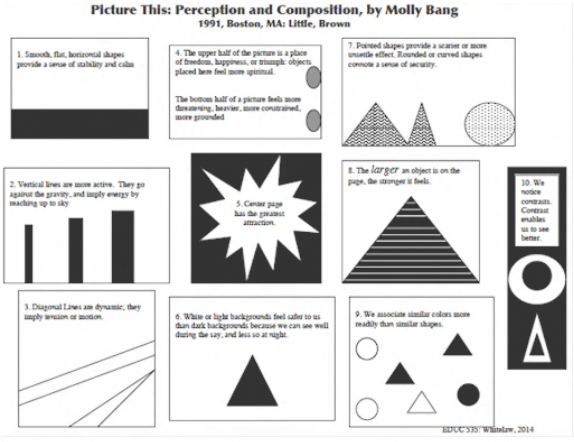


fig. 17 e 18 - Exemplares visuais de Molly Bang, em ***Picture this: How Things Work, 1991.***

Na verdade, este processo é muito mais complexo do que esta explicação simplificada, mas é precisamente através da simplificação extrema das formas, tirando-lhes quaisquer elementos decorativos que possam contribuir para uma perceção estética distorcida, que Bang exemplifica como este processo cognitivo funciona tão direta e instintivamente. Tudo se resume à própria natureza da nossa existência.

2.2 Neurociência: O Cérebro e a Perceção de Estímulos Visuais

O Efeito da Composição Visual na Cognição

Mesmo dentro do universo da arte e do design gráfico, compreender a relação entre o aspeto formal dos elementos visuais e a forma como se convertem em significado na cognição humana, é fundamental de modo a entender o funcionamento interno da mente e como podemos continuar a melhorar as nossas práticas criativas para que se adaptem cada vez melhor à estrutura natural e requisitos do nosso cérebro.

Mergulhar na área da Neurociência permite-nos a ganhar conhecimento científico e factual, que nos ajuda a contextualizar e a perceber a lógica por detrás da forma como o cérebro interpreta imagens, nomeadamente obras de arte e composições visuais. Inclusive, permite-nos perceber o porquê de cérebros diferentes terem percepções igualmente diferentes da arte. Na sua obra escrita "Inner Vision: An Exploration of Art and the Brain" (1999), o autor neurocientista cognitivo Semir Zeki, investiga como a expressão artística e o funcionamento interno do cérebro podem ter uma ligação mais direta do que aquilo que é imediatamente percetível. Explica como a própria anatomia e fisionomia do cérebro está envolvida e afeta o nosso processo de perceção, usando essa premissa como base para a sua teoria.

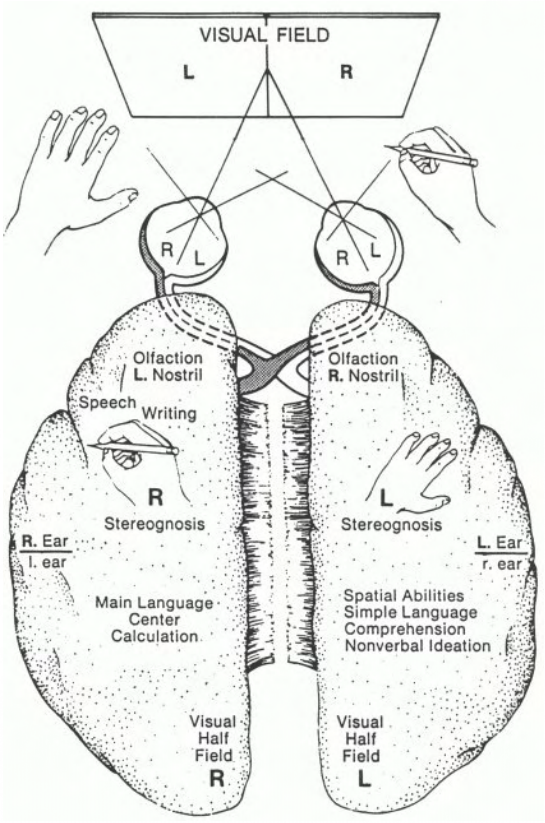


fig. 19 - Mapa diagramático das principais funções cerebrais, 2007

Primeiramente afirma que, por norma, todos os cérebros deveriam partilhar as mesmas áreas com mais ou menos as mesmas funções, mas que na realidade, as mais pequenas variações na anatomia, áreas menos desenvolvidas ou até danificadas, podem causar diferenças significativas na perceção e nas respostas cognitivas aos estímulos visuais. As componentes que compõem o Córtex Visual no cérebro são responsáveis pela receção e interpretação de diferentes elementos visuais. Finalmente, Zeki (1999) deduz que se num caso específico, a área do cérebro responsável por interpretar determinada tipologia de elemento visual for menos desenvolvida, ou tiver algum tipo de dano, então o indivíduo em questão não terá a capacidade ou sensibilidade para criar uma perceção daquilo que está a ver, nem será capaz de gerar uma apreciação desse elemento visual específico. Ou seja, a pessoa continuará a ter a capacidade de ver o estimulo, apenas não terá as condições necessárias para interiorizar uma apreciação consciente do mesmo. Este fenómeno também explica a origem da gama variada de respostas emocionais que diferentes estilos de expressão artística podem despertar na mesma pessoa, dependendo de como o seu cérebro dirige a informação visual contida em cada uma. O autor estabelece uma comparação de como os artistas acabam por se tornar num tipo único de neurocientistas, porque através da variedade da sua expressão artística, sem o saberem, estão a estudar as respostas fisiológicas do cérebro com técnicas que partilham semelhanças às que os neurocientistas utilizam no campo (1999).

A Emoção no Processo de Perceção e Decisão

Como foi analisado no capítulo anterior, mudanças e danos no corpo físico impactam diretamente a nossa cognição e estado mental. De igual forma, o mal estar psicológico pode ter um impacto negativo no corpo físico. António Damásio, neurocientista português, dedicou algumas das suas obras escritas à exploração e investigação da conexão codependente entre o corpo e a mente e como os dois existem num equilíbrio constante, cuja estabilidade depende da sua entreajuda mútua (Damásio, 1994).

O argumento principal de Damásio resume-se à ideia base que quando observamos e interagimos com objetos e fenómenos do mundo externo, o nosso corpo capta as informações externas. Essas informações são codificadas e convertidas em padrões que coincidem com os padrões preexistententes de atividade das células nervosas no cérebro. Esses padrões são chamados Representações Cognitivas. Por outras palavras, tratam-se de pensamentos. Assim, enquanto os sentidos: visão; olfato, audição, paladar e tacto permitem transmitir *inputs* de informação exterior para o interior, também as emoções permitem oferecer um *feedback* informativo, que surge da consciência (interior), e vai até ao corpo (exterior).

Dessa forma, Damásio argumenta a favor da importância das emoções como indicadores que informam a componente racional da nossa consciência acerca da natureza de determinada situação. Por exemplo, se nos encontrarmos na presença de alguém com um aspeto assustador, será ativada na nossa cognição a emoção do medo, que por sua vez, alerta a consciência para uma potencial situação de perigo e faz com que o corpo tome uma ação defensiva ou ofensiva. Assim, as emoções são formadas devido a padrões de reconhecimento derivados da experiência e da intuição, e que orientam a nossa consciência no que toca à tomada de decisões. Este processo cíclico de troca de informações entre o corpo e mente, existe para cumprir o instinto base de sobrevivência contido na composição genética do ser humano, e de muitos outros seres vivos, no entanto, somos os únicos capazes de pensamento racional (Ramachandran & Hirstein, 1999).

É precisamente a neuroplasticidade elevada do cérebro humano que nos permite criar padrões de perceção complexos, que dão origem à nossa alta sensibilidade emocional e a redes de pensamento contínuo e racional. Esta capacidade de pensamento crítico, única ao ser humano, permite-nos desenvolver memórias duradouras, reconhecer padrões, aprender cumulativamente e desenvolver uma perceção consciente de quem somos enquanto indivíduos, como parecemos em relação ao mundo e como este nos vê. É nesta noção de identidade adquirida que reside a importância das experiências sensoriais, a que apenas nós somos capazes de atribuir uma noção de significado tão vívido e fundamental (Solms, 2015).

Também é a propósito desta noção de identidade pessoal, em que reside a importância de experienciar fenómenos artísticos e culturais, pois são eles que alimentam a noção de quem somos, e que permitem reconhecer quem são aqueles que nos rodeiam; tudo isto, através dos variados cenários de gostos e preferências, conhecimentos e experiências, valores, ambições e comportamentos que ajudam a ilustrar a imagem da nossa identidade e os aspetos que caracterizam a nossa personalidade individual e coletiva.

fig. 20 - O processo da perceção humana, adaptado em tabela, (Young, 2017).

Etapa	Descrição	Resultado
Receção do Estímulo	Os estímulos externos do ambiente são detetados pelos órgãos sensoriais (visão, audição, tato, etc.).	Fornece a matéria-prima sensorial.
Atenção	O sistema (humano ou cognitivo) foca-se seletivamente nos estímulos relevantes, filtrando a informação menos importante.	Garante um processamento eficiente dos sinais significativos.
Processo Percetivo	O *input* sensorial é organizado e estruturado em padrões reconhecíveis (ex.: formas, sons, cores).	Cria uma perceção inicial do ambiente.
Interpretação	O cérebro atribui significado aos estímulos processados, com base em experiências passadas, contexto e expectativas.	Produz consciência e compreensão.
Tomada de Decisão	Com base na interpretação, o indivíduo avalia possíveis respostas.	Seleciona a ação a executar.
Ação/Resposta	O comportamento ou resposta escolhida é realizado (ação motora, resposta verbal, etc.).	Altera o ambiente ou a situação.
Feedback	A resposta cria novas condições no ambiente, gerando novos estímulos.	Reinicia o ciclo, fechando o *loop* perceção–ação.

A Importância da Arte e do Design na Experiência da Vida Humana

Podemos dizer que traduzimos a essência da nossa existência humana na forma de imagens. Expressamos conscientemente os nossos pensamentos e emoções no suporte visual, na esperança de tentar exteriorizar aquilo que não sabemos descrever por palavras. Os nossos sonhos são pintados pelo traçado abstrato e imprevisível do subconsciente. Usamos a universalidade do símbolo visual para comunicar e transcender as barreiras de compreensão impostas por linhas temporais divergentes ou por linguagens que diferem de acordo com o local (Gray, 2011).

A visão é uma linguagem universal, que estabelece uma forte relação de proximidade com a estrutura do tecido que compõe a nossa individualidade enquanto espécie. A nossa racionalidade e emoção permitem-nos compreender a imagem, tal como ela nos compreende a nós. Somos capazes de lhe atribuir um significado único e estabelecer com ela uma relação de percetividade profunda, como nenhuma outra espécie é capaz de fazer (Berger, 1972). Assim, estando a imagem embutida na estrutura da nossa existência, a sua presença torna-se fundamental para a nossa experiência de vida, nomeadamente, para a qualidade de vida introvertida, na qual as palavras não costumam surgir com tanta naturalidade (Cain, 2012).

Assim, talvez a melhor forma através da qual podemos verdadeiramente compreender a nossa existência, seja através do processo representativo da criação racional de uma imagem. Quase como se o nosso corpo estivesse a replicar através do gesto, a estrutura do nosso processo de percepção interior (Glaser, 2008).

A arte e o design gráfico usufruem do forte caráter humano da imagem para melhorar a experiência humana no mundo (Glaser, 1973). São áreas que adaptam a complexidade dos fenómenos e objetos que nos são estranhos e exteriores, na familiaridade simples e amigável da composição visual. A missão comum das duas áreas é utilizar as mais valias da imagem como forma de facilitar e melhorar a nossa vida: a arte mais aberta à representação abstrata da emoção; e o design mais objetivo, no sentido simplificar e clarificar a lógica complicada daquilo que não nos é intuitivo (Munari, 1966). Ambas as áreas fundamentais para fortalecer a nossa relação percetiva com o mundo e connosco próprios (Arnheim, 1954).

4. Casos de Estudo

A análise e apreciação das metodologias de trabalho dos três artistas selecionados, serviu como ponte de ligação entre teoria e prática nesta investigação.

Hayao Miyazaki, Dave McKean e David Carson.
A escolha desta seleção específica, foi baseada na procura de práticas exemplares abrangentes nas diversas áreas criativas que sustentam o projeto. Desenho gestual e *storytelling* (Miyazaki); ilustração e colagem digital (McKean); design editorial e composição visual: imagem/tipografia (Carson). Outros aspetos como gosto pessoal, conhecimento preexistente e aproximação à técnica/tema adotados neste projeto; foram igualmente condicionantes para escolha.

Para além da contribuição das referências visuais estudas, surge também na filosofia de cada artista, qualidades distintas ao nível do meio e do conteúdo, que ajudaram a orientar e a equilibrar o desenvolvimento conceptual deste projeto prático. Nas suas obras, exploram formas de representar o subconsciente humano e a sua influência na expressão prática. Apesar da diversidade nos seus métodos e pensamentos, apresentam elementos de ligação transversais entre si, e com o projeto.

4.1 Hayao Miyazaki (1941)

Os universos criados nos filmes do Studio Ghibli, dirigidos, ilustrados e animados através do olhar observador e imaginativo do artista japonês Hayao Miyazaki, são como cápsulas que flutuam no tempo e no espaço. Nelas podemos respirar fundo e esquecer a saturada realidade por breves momentos.

O estúdio de animação foi fundado em Tóquio, Japão no ano de 1986, por Isao Takahata, Toshio Suzuki e Hayao Miyazaki. Desde o primeiro filme oficialmente publicado pelo estúdio, "Castle in the Sky" (1986), até ao mais recente "When Marnie was There" (2014), popularizou-se ao nível internacional devido aos filmes de animação tradicional 2D, repletos de narrativas tão realistas como ambíguas; personagens que parecem ser pessoas reais e mundos vívidos que aparentam existir continuamente mesmo fora do olhar consciente do espectador (Napier, 2018).



fig. 21 -
Cena do filme:
Howl's Moving Castle, 2004

Miyazaki cresceu no Japão, após o fim da Segunda Guerra Mundial. A sua infância foi fortemente caracterizada pela presença de manifestações pacifistas e a reconstrução pós-guerra. Um período esperançoso para uma criança, durante o qual viu o emergir da promessa de um novo futuro que seria construído diante dos seus olhos. Desde então, que se mostra acompanhado pela criatividade que viria a dar vida aos seus futuros filmes animados, pelo seu sentido de imaginação e deslumbramento de criança e por um gosto obsessivo por literatura, histórias, natureza, fantasia, pela humanidade e pelo desenho. Por outro lado, em simultâneo também testemunhou a dificuldade de um mundo sofrido que tentava ressurgir da destruição e esteve exposto aos problemas humanos das pessoas na sua vida envolvente (2018).

Em diversas entrevistas ao longo dos anos, Miyazaki tem vindo a mostrar como o seu processo de escrita, desenho e animação é algo que lhe surge organicamente. Numa fase inicial de trabalho, cria tudo apenas com as suas próprias mãos e com o poder da sua imaginação, biblioteca mental, referências literárias e visuais dos artistas que admira; entre eles, o poeta e escritor japonês Kenji Miyazawa[4] (2018).

Não escreve um guião precisamente detalhado antes de começar a ilustrar, diz que tal seria demasiado limitativo. Começa antes por esboçar uma, ou várias imagens, a partir das quais começa a desenvolver as narrativas envolventes (Miyazaki, 2016). As histórias que cria são caracterizadas por um equilíbrio constante entre vários fatores: ação/pausa; realidade/fantasia; figuratividade/ambiguidade; construção/natureza, entre outros. Em todas as suas obras, por mais surreais que sejam, os universos e as personagens representadas permitem-nos viver o tempo das pausas no meio da ação principal, ao ponto de, enquanto meros observadores, sentirmos que esses momentos são reais, e como se fizéssemos parte da fantasia. Miyazaki chama a esses segmentos desocupados, 間 (***Ma)***, que significa pausa ou intervalo (2016).

4
Poeta e escritor de literatura infantil japonês, nascido em Hanamaki, Iwate, ativo no final do período Taishō e início do período ***Shōwa*** (Poetry Foundation, 2025).



fig. 22 -
Cena do filme:
Spirited Away,
2001.

São nesses momentos, em que nada de concreto acontece, quando permanecemos no silêncio melodioso e apenas repousamos enquanto observamos o mundo em redor, que surge o desejo de querermos lá ficar. Quando nos são mostrados pequenos pormenores bonitos da envolvente em movimento, individualmente ou embebidos na paisagem; quando podemos permanecer enquanto a personagem em cena fica em silêncio, perdida na sua própria mente e pensamentos que ficam por dizer; quando somos livres para admirar os elementos fantásticos e mágicos que nos rodeiam; quando não somos bombardeados com a exigência constante por parte da obra para racionalizar o que estamos a ver e o porquê de o estarmos a ver. Tal como é esperado que o leitor simplesmente salte a bordo da história e acompanhe o seu decorrer inevitável, também a história respeita a presença natural do observador na narrativa, sem nunca a pôr em causa (Napier, 2018).



fig. 23 -
Ilustração,
My Neighbor Totoro, 1988.

Mas esses momentos de pausa não teriam o mesmo impacto e importância se não contrastassem vivamente com os momentos de ação. Há sempre um conceito fundamental que ocupa o centro da narrativa, desde temas como a beleza da natureza; o fantástico do inocente da infância; a futilidade e os horrores da guerra; entre outros. A atenção pormenorizada aplicada aos desenhos e à personificação das personagens/cenários; a maneira fluida, orgânica e flutuante como tudo se move; o ritmo equilibrado como os acontecimentos se desembrulham; todos esses fatores, fazem a forte dedicação e paixão por trás da criação artística e humana, transparecer nos filmes. Até mesmo através da manualidade característica, derivada da desconfiança do autor por métodos de animação digital, o peso emocional depositado na obra é contagiante e altamente imersivo (2018).



fig. 24 -
Quarto do
Howl, *Howl's
Moving Castle*,
2004.

A todas as personagens é atribuída uma personalidade com forte nuance e uma linha comportamental na narrativa profundamente humana. Há uma ausência característica de "vilões" nas histórias, sendo que a moralidade presente nos filmes não é encarada como algo direto ou "preto e branco". Tal como na realidade, há uma ambiguidade moral cinzenta subentendida que motiva a maior parte das ações e acontecimentos. Há ainda a presença notável de uma mentalidade eticamente ecologista, pacifista e feminista que marca as obras de Miyazaki. Em todos os filmes, especialmente em "Nausicaä of the Valley of the Wind" (1984) e "Princess Mononoke" (1997) torna-se evidente o seu enorme respeito pela natureza e uma preocupação inata com a influência humana na sua destruição, bem como a coexistência entre os dois (sem nunca extremar nenhum dos lados) (Nippon, 2015).

fig. 25 - Chihiro e Kaonashi, ***Spirited Away***, 2001.

fig. 26 - Nausicaä, ***Nausicaä of The Valley of The Wind***, 1984.





Em diversos instantes nas narrativas, as personagens recusam-se abertamente a alinhar-se com um dos lados dos conflitos militares que decorrem como pontos relevantes na história. O festejo das suas ações decorre antes quando escolhem lutar contra a ideia de guerra no geral, impondo-lhe um fim. Este tipo de comportamento é visível em obras como "Porco Rosso" (1992) e "Howl 's Moving Castle" (2004) (New Yorker, 2005).

A nível do feminismo, quando questionado pelo porquê de a maior parte dos papéis de protagonismo nos seus filmes serem ocupados por mulheres heroínas ("Nausicaä of the Valley of the Wind" (1984); "Princess Mononoke" (1997); "Spirited Away" (2001); entre outros), justificou-o com o seguinte:

> **"Many of my movies have strong female leads. Brave, self-sufficient girls that don't think twice about fighting for what they believe in with all their heart. They'll need a friend, or a supporter, but never a savior. Any woman is just as capable of being a hero as any man."**
> (Miyazaki, 2013).

A vários níveis, as filosofias, intenções e técnicas que dão vida aos trabalhos de Hayao Miyazaki servem como uma forte inspiração que motivaram o desenvolvimento deste projeto prático ilustrado. Filmes que acompanham desde infância, até ao presente, tornam conhecida a possibilidade da existência de universos nostálgicos e sonhadores dentro de cada uma das nossas mentes. Contribuem com imagens belas e únicas, bandas sonoras surreais e histórias inesquecíveis.

Faz parte da intenção por trás deste trabalho, que pelo menos parte do fascínio contido nas suas obras, fique representado e transpareça através das ilustrações e da narrativa criadas para o propósito de criar um novo universo subconsciente para refúgio introvertido.





fig. 27 - Howl e Sophie, ***Howl's Moving Castle***, 2004.

fig. 28 - Mononoke e Moro, ***Princess Mononoke***, 1997.

4.2 Dave McKean (1963)

Os trabalhos multifacetados do artista britânico Dave McKean têm a capacidade única de explorar os limites visuais e psicológicos da criatividade mental humana.

Nasceu e cresceu em Berkshire, Inglaterra, formando-se academicamente em Design em 1986. Mais tarde, iniciou o seu trabalho como ilustrador. A sua prolífera carreira floresceu a partir daí, através de ilustrações de grafismo caracteristicamente original e impactante, que atraíram a atenção de diversos artistas e empresas de renome assentes no universo da ilustração, banda desenhada, escrita, cinema, entre outras. Múltiplas colaborações depois, demonstrou o seu talento enorme fora do comum enquanto criativo, e o seu nome artístico cresceu gradualmente em simultâneo (McKean, s.d.).

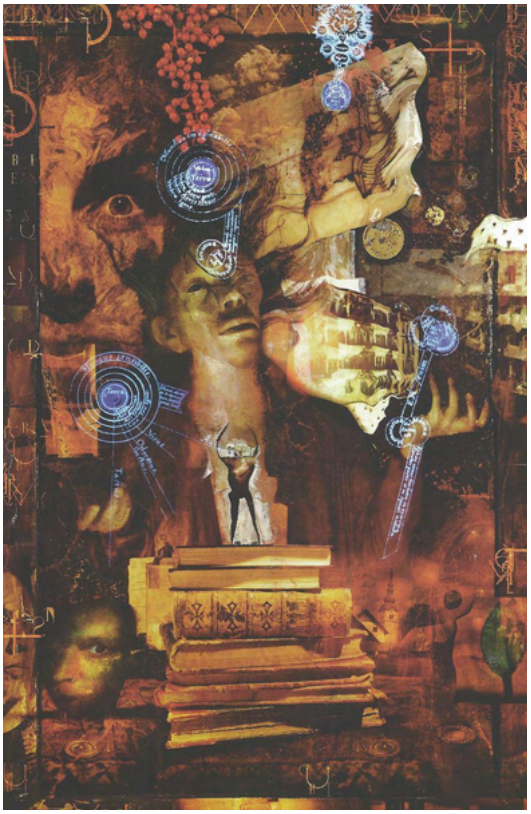


fig. 29 - ***Sandy Man***, Dave McKean, 1997.

O universo criativo de McKean expandiu-se para além da ilustração e do design gráfico, sendo que se debruçou igualmente sobre a escrita, fotografia, direção cinematográfica, escultura e a música. Há uma curiosidade inata por parte do artista que se reflete na mestria e no interesse que demonstra face a esta grande diversidade de áreas multidisciplinares. Dessa curiosidade, surge uma forte dicotomia contrastante que se manifesta na maior parte das suas obras: subconsciente surreal /realidade material (s.d.).

Debruçando-nos mais concretamente sob os seus trabalhos de caráter visual, há uma aparente busca constante pela representação formal e materialização do domínio subconsciente humano, bem como os sonhos que de lá originam. Retrata esses elementos através de formas concretas e assentes às quais atribui texturas e volumetrias pronunciadas. Por vezes, essas formas assumem-se figurativamente como objetos, animais, partes do corpo humano, etc. Em instantes alternativos, desenha elementos de caráter mais abstrato. Independentemente da natureza do conteúdo representado, o realce destacado da sua materialidade assumida, predomina. Nas suas obras está ausente a imaterialidade volátil que tendemos a associar ao subconsciente e aos sonhos; pelo contrário, McKean trata esses elementos como se fossem perfeitamente reais, atribuindo-lhes um peso visual e táctil tão trabalhado, que se passam a assemelhar a artefatos tridimensionais (Musorrafiti, 2024).

Dessa forma, no seu vasto universo criativo, as barreiras entre realidade/sonho, consciente/inconsciente, razão/emoção, mecânico/orgânico; tornam-se de tal forma misturadas e distorcidas que consequentemente se demonstram irrelevantes. O interior da mente não é visto como um escape à realidade, como uma forma de fugir daquilo que é concreto, mas antes como uma extensão que regista e documenta a forma como existimos na mesma. As memórias dos instantes reais que vivemos no passado misturam-se com a percepção editada e imaginativa de como delas nos lembramos; em troca, os sonhos tornam-se estranhamente reais e simultâneamente nostálgicos (Zawlacki, 2024).







fig. 30 e . 31 -
The Sandman #37 e #3, 1992 e 1988, Dave McKean.

fig. 32 -
The World of Buckethead, Dave McKean, 1999.

De modo a transparecer esta filosofia nos seus trabalhos, o artista combina e mistura diversas técnicas multidisciplinares: desenho e pintura sobrepõem-se com fotografia, texturas recortadas e colagem digital. O processo criativo altamente experimental e inventivo provém da aceitação e inclusão do improviso constante. Tal como na natureza incerta da existência humana, o acidente é visto como algo indispensável; um elemento de aprendizagem relativamente à nossa percepção pessoal de nós próprios, da sociedade e da realidade envolvente. O resultado desta lógica criativa são obras com uma vasta profundidade a nível de composição e significado. Por mais que o registo e o sujeito variem, as imagens ganham uma aparência distinta, que acusam de imediato a visão e identidade de McKean enquanto artista.

> **"Most of my work is rooted in dream and memory. I've always been fascinated by how we remember, how we misremember, and how those images become the raw material for stories."** (McKean, 2024).

Há uma qualidade inerentemente humana nas suas ilustrações, sendo que, de uma forma ou outra, todas evidenciam a natureza moralmente fragmentada e imperfeita da nossa existência coletiva. A sua obra ilustrada "Black Dog: The Dreams of Paul Nash" (2016), acompanha a história do artista Paul Nash (1889-1946) enquanto soldado durante e após a Segunda Guerra Mundial, e a sua batalha com "Shell Shock", também conhecido pelo termo Transtorno de ***Stress*** Pós-Traumático. O trauma sofrido pelo artista é ilustrado através de alucinações surreais, que mostram combinações de elementos improváveis e descontextualizados, que aparecem em plena mundanidade do cenário real. A instabilidade desconcertante das alucinações contrasta com a realidade formal do cenário envolvente, evidenciando a perturbação de Nash.

Também na série de capas ilustradas que desenvolveu para os volumes de banda desenhada "The Sandman" (1989–1996), escritos por Neil Gaiman (1960), é notável a presença de diversos elementos simbólicos que, embora variados, vieram a constituir uma linguagem visual universal específica às suas obras. Entre eles: caras humanas fragmentadas, portas e molduras, criações híbridas entre natureza e máquina, materiais reais diversos. Todos estes significantes de como a existência humana se desdobra, fragmenta e distorce com o desgaste dos acontecimentos que existem "apenas" na imaterialidade da psique.

Na enorme variedade da carreira artística de McKean torna-se evidente o quanto a sua visão individual se reflete em cada uma das suas obras. Assemelham-se a fragmentos espalhados no tempo que, na sua totalidade, constituem a sua estratificada identidade criativa. Como descreve pessoalmente, tem um interesse especial na marca que o autor deixa no seu trabalho e vice-versa.



"There's an argument that a writer or director's voice should be transparent, so that they don't get in the way of the story. Personally, I've never bought that argument. Neutrally told stories are two a penny, I'm interested in the connection between the teller and the tale: why is this story, and not that story, so important to them to spend years of their lives articulating it? What is the unique quality that the creator brings to the telling of the story?" (McKean, 2024).



As ilustrações de McKean mostram uma filosofia diferente, por vezes até contrastante, à da abordagem artística de Miyazaki, no que toca ao subconsciente da psique humana. Por um lado (o subconsciente), é uma extensão de nós na realidade (concreto e material), por outro é como um refúgio da mesma (etéreo e ilusório). Ambas perspetivas são igualmente relevantes, demonstrando como um assunto semelhante pode ser ilustrado de duas (ou mais) formas completamente díspares, no entanto mantendo a sua integridade conceptual.

Dave McKean oferece uma profundidade mais matizada do assunto e abre a porta a mais formas de interpretação do mesmo. A sua abordagem realça a importância de reconhecer os perigos que podem surgir com o escapismo extremo, e como não é algo tão puramente benigno como pode inicialmente parecer. Apela a como por vezes nos podemos perder na tentação irreal de não nos querermos responsabilizar pelas nossas escolhas, consciencializar dos comportamentos e identidade. Como esse hábito de fugir à nossa existência material nos pode tornar cúmplices do mundo cada vez mais desumanizado em que vivemos. Uma vez mais, faz-se notar a importância entre o equilíbrio "corpo/material e mente/ilusão" (Mckean, s.d.).



fig. 33 - ***The Dreaming***, Dave McKean 1997.

fig. 34 - ***Hellblazer #1***, Dave McKean, 1987.

fig. 35 - ***The Sandman Presents***, David McKean, 2012.

4.3 David Carson (1955)

Na década de 1990, as composições visuais arrojadas predominantes no trabalho editorial do designer norte americano David Carson marcaram e mudaram permanentemente o universo do Design Gráfico. A sua abordagem criativa e irreverente na área, categorizou-o como uma das figuras do design mais irreverentes do fim do século XX, mas também foi um dos principais fatores diferenciadores que permitiu que as suas obras verdadeiramente se destacassem (Medium, 2020).

Cresceu na Califórnia, onde desde cedo esteve envolvido no ambiente de praia, sol e mar. Devido à sua inclinação aventureira, o início da sua carreira profissional, foi caracterizado pela prática de *surf* competitivo, no qual se destacou ao nível mundial. O seu primeiro contacto com o design foi aos 26 anos, quando se inscreveu num curso de design gráfico comercial de duas semanas. A partir desse momento, o seu interesse criativo e profissional tomou um rumo completamente diferente do que conhecia até à data. Nas diversas revistas onde trabalhou ao longo dos anos, entre elas mais famosamente "Beach Culture", "Surfer"e "Ray Gun", teve oportunidade de experimentar com abordagens visuais diversas, de onde emergiu o seu estilo característico (Carson, 2019).

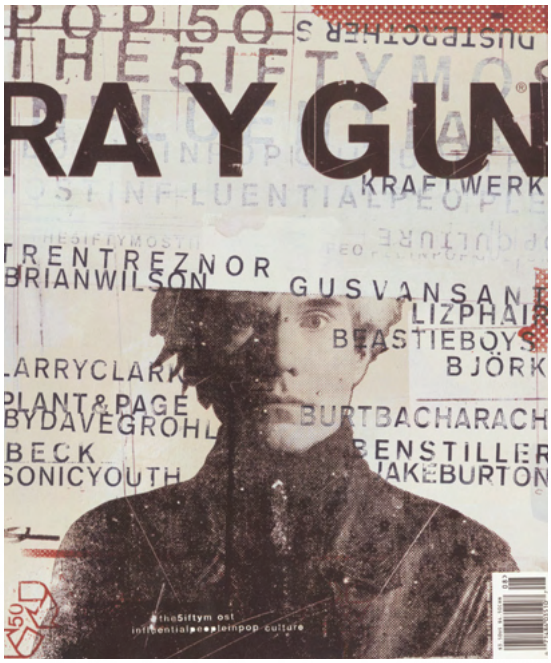


fig. 36 - ***Ray Gun: Top 50 Most Influencial People in Pop Culture***, David Carson, 1997.

A sua liberdade enquanto pessoa refletiu-se na estética dos seus trabalhos e o seu nome tornou-se num sinónimo propulsor do emergente movimento de ***grunge typography***. Rejeitou fortemente alinhar-se com muitos dos padrões modernistas no campo do design, como o uso limitativo de grelhas estruturais e a obediência à rigidez da legibilidade normativa. Para muitos, a sua irreverência foi vista como uma radicalização de algo cujo propósito primário é suposto ser comunicar, mas em vez procurar claridade através da ordem, as obras de Carson acolhem o caos da intuição e da ressonância do valor emocional (2019). Central na filosofia criativa de Carson é o destaque da emoção acima da claridade. Como afirmou com as suas próprias palavras:

> **"To start designing, I have to read the article, or brief it or listen to the music, to see where it takes me visually and emotionally."** (Carson, 2007).

Este princípio transparece imediatamente nas composições que desenvolveu para a revista "Ray Gun", onde a tipografia se torna fragmentada, esticada e até mesmo intencionalmente ilegível. Num exemplo conhecido, enquanto paginava uma entrevista com o cantor britânico Bryan Ferry, achou o conteúdo moderadamente aborrecido, por isso decidiu tornar a leitura completamente ilegível através do uso da tipografia ***Zapf Dingbats***[5], forçando os leitores a focar-se nas formas da mancha tipográfica e nas imagens da composição antes do conteúdo semântico (Miranda, 2020).

5
Fonte tipográfica composta inteiramente por símbolos, formas e ícones, em vez de letras e números tradicionais. Inclui setas, estrelas, marcas de verificação e outros elementos decorativos (Lenovo, 2025).

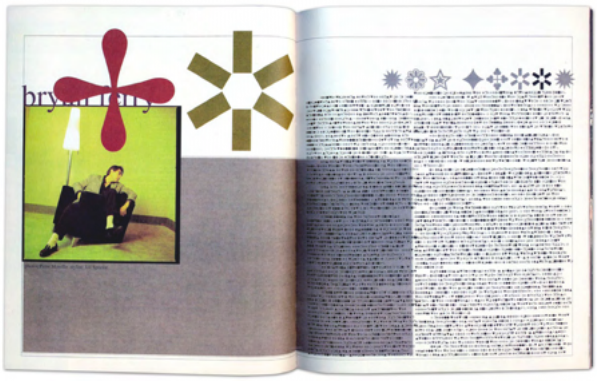


fig. 37 - *Ray Gun: Interview with Brian Ferry,* David Carson, 1994.

É nesse tipo de ação em que se torna evidente a sua crença de que o design gráfico não precisa de ser apenas um meio neutro, mas que tal como uma obra de arte, também pode ser um desencadeador emocional (Medium, 2020).

As suas técnicas consistem na ausência completa de grelhas, baseando-se apenas no seu instinto para guiar a composição. Descreve a sua abordagem como nunca sendo fechada à presença de acidentes. Não por "erros" por si próprios serem motivos de celebração, mas antes oportunidades para descobrir algo novo. A nível visual e emocional, os seus trabalhos demonstram uma espontaneidade e autenticidade característica; envolvem colagem, sobreposições e texturas que proporcionam uma experiência tátil. São significantes de automatismo no processo e a valorização do gesto inconsciente (Carson, 2007). Carson realça a sua falta de formação académica em design gráfico como uma vantagem. Considera o seu estatuto de "estrangeiro" na área como algo libertador, que lhe permitiu ver a prática do design para além de uma ação ou pensamento que deva ser cuidadosamente destilado.

> **"I never sat down to do 'deconstruction design'... without four years of training, I never learned all the things I wasn't supposed to do."** (Carson, 2019).

Sendo assim, a sua posição torna-se tão filosófica como estética: uma recusa aberta a conformar-se com regras pré-definidas e uma aceitação quase incondicional da humanidade por trás do design. Enquanto artista, lamenta a atual inclinação de tornar o processo criativo do design: automático e desprovido de emoção, considerando-o o fenómeno persistente que tem vindo a destruir a prática de criação tradicional. No entanto, é algo que o motiva a combater essa desumanização com a sua própria insistência orgânica na importância da visibilidade da identidade do designer no seu trabalho; um esforço contra a homogeneização da identidade (Carson, 2007).

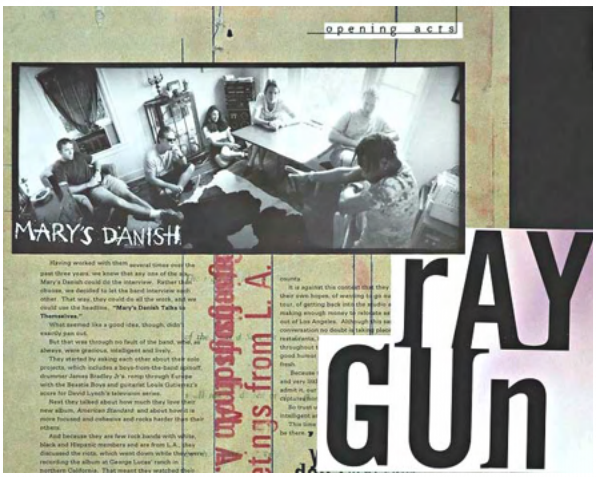
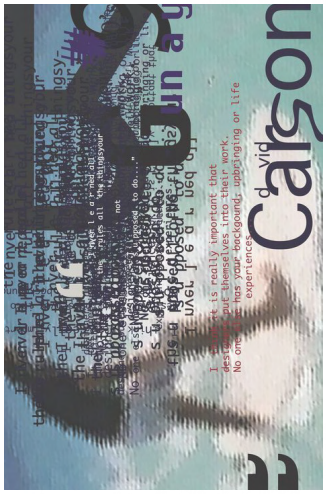


fig. 38 - *Ray Gun: The Rock Issue,* David Carson, 1995.

Carson aplica nos seus trabalhos a mesma perspetiva inspirada como observa e percebe os acontecimentos do mundo à sua volta: desde as coisas mais importantes às mais banais. A sua arte é menos inclinada a produzir um resultado perfeito e plenamente harmonioso, mas antes a tornar evidente na sua intenção criativa a valorização de momentos e aspetos voláteis que podem ser convertidos em material visual para ser incluído na imensa profundidade sobreposta das suas composições visuais. Como se todas as formas produzidas, fossem um resultado direto da sua interpretação pessoal enquanto artista (2007).





Tem uma tendência a desmistificar a sua prática e a retirar alguma da importância atribuída ao seu trabalho.

> **"I am just doing what I do... those kinds of definitions and labels are floating around out there but... they don't really affect me."** (Carson, 2019).

A sua radicalização do meio permite visualizar formas alternativas de encarar o papel do design gráfico enquanto meio comunicativo. Como por vezes na ambiguidade caótica e desordeira é possível encontrar significado mais facilmente do que seria numa composição perfeitamente neutra, limpa e previsível. Nem todo o valor de uma obra de design tem de estar depositado limitadamente no sentido semântico do seu conteúdo escrito, há várias camada de percepção que se podem desenvolver, entre elas, o registo da informação mais imediata a ser retirada mesmo antes de uma leitura atenta e informada. Mesmo neste contexto, é perfeitamente possível manter e até exibir a essência da identidade pessoal do autor através do design gráfico, depositando nesta prática a profundidade autêntica do seu vasto mundo interior (Carson, 2007).



fig. 39 - ***David Carson Naipes,*** Javier David Hodara, 2016.

fig. 40 - ***Experimental Design in Ray Gun,*** David Carson, 1997.

fig. 41 - **David Carson Biography,** Javier David Hodara, 2016

A Componente Prática

5. Projeto Prático

5.1 Metodologia

Terminado o enquandramento teórico, responsável por fundamentar e contextualizar os pilares temáticos que sustentam a estrutura interna do projeto, inicia-se agora a fase relativa ao projeto prático. Dá-se uma aplicação da investigação desenvolvida e faz-se a articulação do *input* pessoal, sob a forma de um Artefacto Editorial Ilustrado.

No fundo, este acaba por ser um projeto de natureza experimental. Não existe uma fórmula exata que garanta um resultado bem-sucedido, ou que seja igualmente impactante para um público diversificado. Esta noção vai ao encontro das conclusões tiradas no subcapítulo "O Efeito da Composição Visual na Cognição" da revisão de literatura, que demonstram que as pessoas têm reações diferentes às mesmas composições, dependendo da sua sensibilidade face a determinados elementos visuais. No entanto, independentemente de como se faz, o projeto prático é o meio que concretiza a intenção subentendida: ser uma lembrança visual e física do conforto ilusório do subconsciente introvertido. A sua existência, e os aspetos que a caracterizam é o resultado consequente de todos os pensamentos, emoções e ações nele integrados: antes de este existir, enquanto foi criado e ainda depois de ser.

No sentido de proporcionar uma experiência visual imersiva para o observador/ leitor através do Álbum Ilustrado, desde o início da ideação do Artefacto Editorial surgiram alguns aspetos fundamentais que se mantiveram ao longo do processo de desenvolvimento, até ao final. Entre eles, havia a intenção de criar um "espaço" visual imersivo e completamente novo, concebido de raiz, sem nenhum (ou quase nenhum) material de origem real/preexistente. Tal, no sentido de criar um universo capaz de preservar parcialmente a lógica presente na realidade, mas que fosse acima de tudo imaginativo e irreal o suficiente para abstrair o leitor da fisicalidade onde existe. A abordagem utilizada no desenvolvimento do projeto prático, consistiu principalmente na procura por realçar ou ocultar sensações através de indicações visuais contrastantes. Na aplicação dual de luz/escuro, quente/frio, grande/pequeno, barulho/silêncio, seco/húmido, real/surreal, figurativo/abstrato, artificial/natural, literal/ambíguo, cheio/vazio; criou-se o universo imaginativo representado no Álbum. Desta forma, durante o processo de ilustração e escrita, procurou-se traduzir na manualidade do desenho, na profundidade dos elementos visuais e no fantástico da história; o fascínio do subconsciente introvertido.

Assim, um fator importante, era que o primeiro contacto que observador/ leitor tivesse com o Artefacto Editorial fosse o mais desinformado e espontâneo possível; como se estivesse a entrar numa dimensão separada. Apenas com um título e sem a presença de mais nenhuma peça de informação escrita exterior para o contextualizar acerca da narrativa que irá encontrar no interior, o leitor é convidado a mergulhar na história dependendo apenas da imagem, da sua própria intuição, pensamentos e emoções.

Uma vez no interior do Artefacto, todo o material visual, seja este texto ou ilustração, tem o propósito de enquadrar o observador no centro da experiência. Como se tudo o que estivesse a ver fosse vivido do seu ponto de vista, tudo o que estivesse a ler fosse um pensamento próprio e tudo o que estivesse a sentir fosse uma consequência direta do que está a acontecer no universo onde está embebido. A história, escrita na primeira pessoa, coloca a consciência do leitor diretamente sobre a perspetiva da personagem principal, que por sua vez narra os acontecimentos à sua volta à medida que estes acontecem. Sendo assim, há uma certa abstratividade propositada que caracteriza a encenação dos elementos da narrativa, um espaço criativo deixado em branco, para poder ser preenchido com a imaginação de quem está a folhear o artefacto. As ilustrações não são o desenho literal do enredo: surgem antes como fragmentos imagéticos que procuram representar e comunicar as sensações que a personagem estaria a experienciar a cada dado momento.

Neste contexto, o Álbum Ilustrado enquanto objeto físico nas mãos do leitor torna-se quase neutro, apenas um meio para materializar as imagens que ilustram o decorrer da narrativa. Já o observador/leitor, torna-se numa versão mais "simples" de si mesmo. Tal como o Álbum Illustrado possui uma margem de ambiguidade, o leitor é encorajado a encará-lo com uma mente aberta, instintiva, sem tentar racionalizar demasiado tudo o que vê, deixando a sua imaginação guiá-lo e preencher as lacunas na sua envolvente.

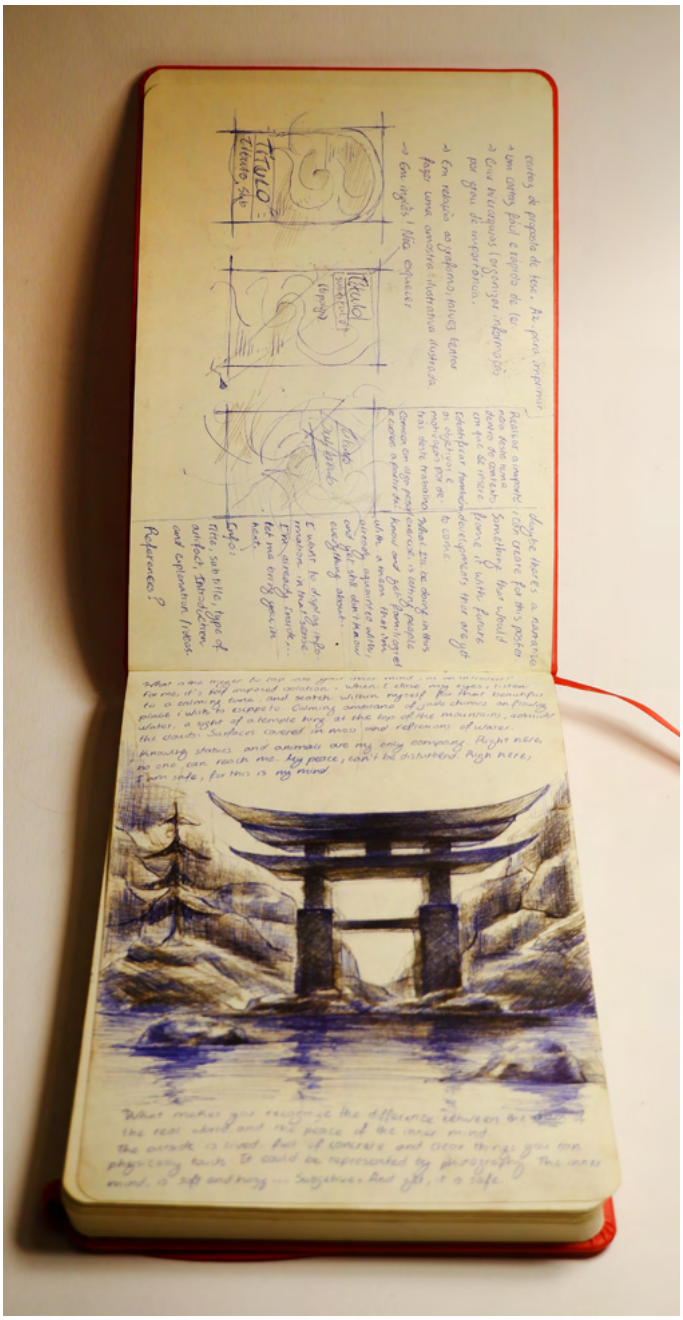
5.2 Processo Projetual

Escrita da Narrativa

O processo de escrever a história foi mais demorado do que inicialmente previsto, mas não necessariamente complexo. Começou com uma vaga ideação na qual foram anotadas algumas ideias-base num caderno de apontamentos dedicado ao projeto, à medida que iam surgindo. Não havendo nenhum material de origem concreto que servisse como base, algo que ajudou a dar vida às primeiras ideias foi a presença constante de música. Foi uma linha condutora que se manteve durante a totalidade do processo de desenvolvimento do projeto prático, atribuindo um ambiente sonoro a pensar em algo que visualmente ainda não existia. Assim, um dos primeiros conceitos que surgiu (provavelmente o mais marcante), foi a associação do Subconsciente a um corpo de água cuja descrição se assemelha a um oceano.

Dado que o conceito de "Subconsciente Humano" é algo de natureza altamente abstrata, era importante que a sua representação na narrativa se encaixasse metaforicamente em algo que existe concretamente no mundo real. Por influência da teoria do Sentimento Oceânico desenvolvida por Sigmund Freud, as semelhanças entre o conceito do "Subconsciente" e o Oceano conhecido tornaram-se claras. A partir daí, as restantes particularidades que definem e dão corpo à história foram surgindo e desembrulhando-se de forma linear, ou quase linear, ao longo de vários dias e meses. Depois de existirem os elementos que caracterizam e humanizam o universo envolvente em que a história decorre, os acontecimentos da narrativa desenrolaram–se como um conjunto de consequências lógicas das ações que lhes precedem.

O sentimento por trás do tipo de escrita era a simulação da cadência dos pensamentos que existem apenas dentro de uma mente. Como se as páginas do Álbum fossem um diário em tempo real, para um monólogo interior sem nenhum destinatário específico intencionalmente predestinado. O leitor é enquadrado na narrativa como uma espécie de entidade sem nome, inserido na mente de alguém que não conhece e experienciando os acontecimentos de um novo universo envolvente, filtrados somente através de uma perspetiva introvertida. Apesar da personagem principal a quem o monólogo interior pertence ter um nome e uma aparência física atribuída, na maior parte dos momentos da narrativa a separação entre os seus pensamentos e os do leitor torna-se mínima. O leitor repete-os dentro da sua mente, familiarizando-se com eles como se fossem os seus próprios pensamentos. Conforme a intenção pretendida no desenho da experiência, se o leitor desejar inserir-se pessoalmente na narrativa, não há muito para o impedir, apenas os limites da sua própria mente.



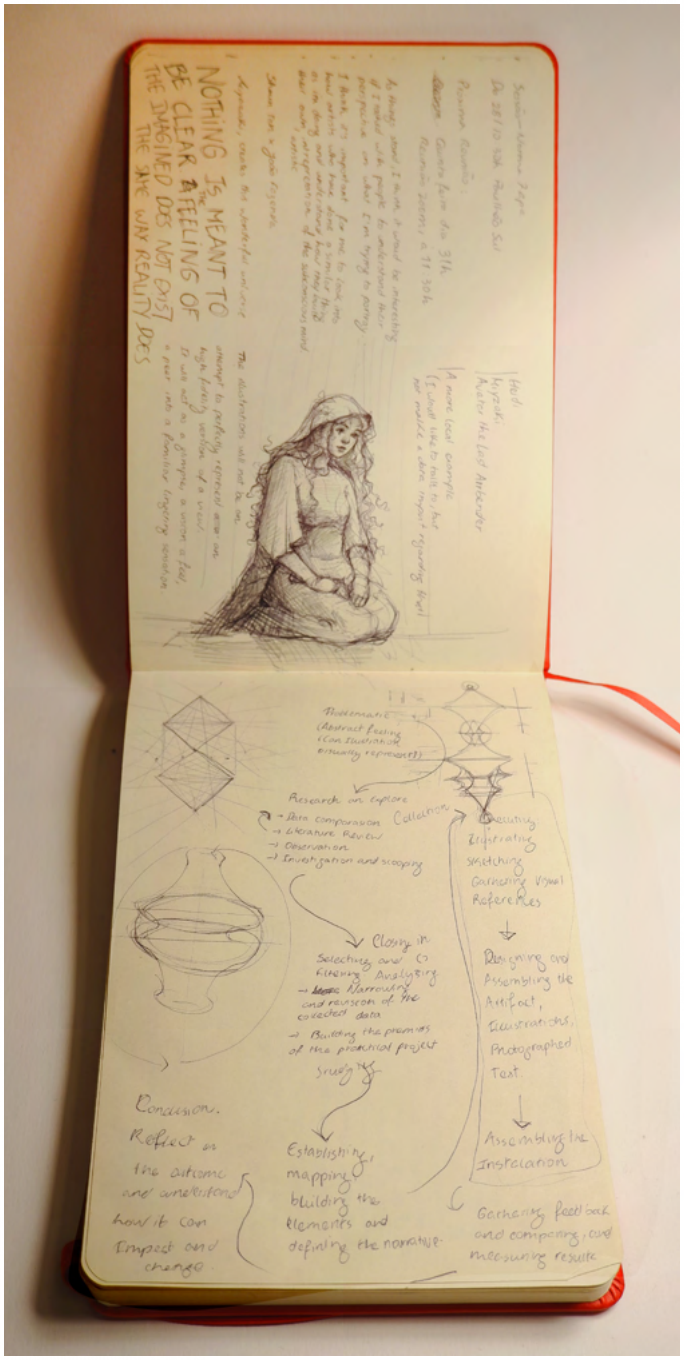


fig. 42 e 43 - Caderno de notas dedicado ao projeto. Esboço e ideias iniciais.

Ilustração e Paginação

Depois de terminado o processo de escrita, seguiu-se o início do processo ilustrativo e de paginação do Álbum Ilustrado. A execução destes dois elementos foi feita praticamente em simultâneo devido à sua forte dependência mútua; um não conseguia avançar sem que o outro também o fizesse. Quanto ao Álbum, começou por ser um simples rascunho digital, um documento bruto e indefinido no qual foi dividido o texto escrito para a narrativa ao longo das várias páginas em branco. Para cada cena delimitada pelo texto, surgiam ideias dos elementos visuais e das composições que funcionariam para a sua representação. Um exemplo deste processo é a sequência visual nas páginas iniciais do Álbum finalizado, quando o branco inicial da folha é gentilmente preenchido pelos verdes e azuis frescos da folhagem que se alastra, simbolizando o descender da protagonista da realidade contida onde estava, até à profundidade acolhedora e imaginativa do seu universo interior. Um outro exemplo é o momento em que o seu corpo passa pela superfície; como o impacto forte e repentino é simbolizado através da sua coluna vertebral, que quebra por completo devido ao impacto. Naturalmente, este tipo de imagética retratada nas ilustrações são figuras de estilo visuais, que procuram representar de forma simbólica as sensações a cada momento da história e não aquilo que aconteceria numa versão literal dos acontecimentos.

Nesta fase criativa, para além da presença constante de música, houve também uma procura por inspiração em fotografias e ilustrações diversas, tanto que foi dedicada uma pasta de imagens ao projeto. Igualmente, na vida do dia a dia durante o desenvolvimento desta fase, houve uma atenção especial a pormenores que poderiam mostrar-se interessantes para incluir no processo criativo, e deram-se até visitas a diversos locais propícios para obter uma biblioteca visual repleta (Visitas: ao oceanário, jardins, monumentos, praias, entre outros). A pesquisa mental, na procura de sonhos e memórias próprias, também se mostrou relevante e essencial para a criação deste universo visual.

Assim, ao longo de um processo paciente e gradual durante cerca de quatro meses, pouco a pouco, desenho a desenho, a narrativa começou a ganhar cor e forma. Algo abstrato que no início apenas existia numa ideia vaga e contida, concretizou-se na forma de 60 ilustrações base e mais composições visuais que surgiram a partir das mesmas. Nem todas as ilustrações feitas para o projeto acabaram por ser incluídas na sua versão original no artefacto final, algumas foram editadas e arranjadas de modo a se encaixarem mais adequadamente na narrativa; no entanto, nenhum dos elementos visuais criados ao longo dos 4 meses foi desperdiçado. Com mais ou menos destaque, todos eles ficaram incluídos nas 168 páginas totais do Álbum Ilustrado resultante.



fig. 44 -
Ilustração
inicial experimental,
Álbum Ilustrado.

Impressão e Montagem

Depois de finalmente estar concluído o trabalho digital de finalização do Álbum, chegou a altura de o imprimir e montar. O papel escolhido para o miolo é reciclado e tem um tom amarelado, dando-lhe um aspeto ligeiramente envelhecido, que encaixa com o ar de desgaste temporal atribuído às ilustrações. Primeiramente, foram feitas algumas impressões teste em folhas separadas para avaliar o tamanho real dos textos, os valores de cor das ilustrações e as proporções dos elementos visuais relativamente às páginas. De seguida, foi feita a impressão-teste do miolo e da capa para a maquetização do protótipo. Através deste, foi possível perceber alguns dos problemas e incompatibilidades nas cores/textos/tamanhos. Serviu como uma base essencial para ajudar na correção e afinação dos elementos em falta para avançar com a versão final. Depois de serem feitos esses ajustes necessários, foi feita a impressão do miolo final (constituído por 14 cadernos com 3 folhas cada), e da capa adaptada. O processo de montagem do livro passou primeiramente pela separação e dobragem dos cadernos; de seguida a perfuração dos mesmos; a cosedura da espinha com 5 pontos *french link*; a colagem da espinha; a dobragem e colagem da capa, e por fim, a cosedura da cinta de renda que fecha o Artefacto.

Surgiu assim o Álbum Ilustrado impresso e final.



fig. 45 - Montagem, Álbum Ilustrado.

5.3 Artefacto Editorial

Fisicalidade

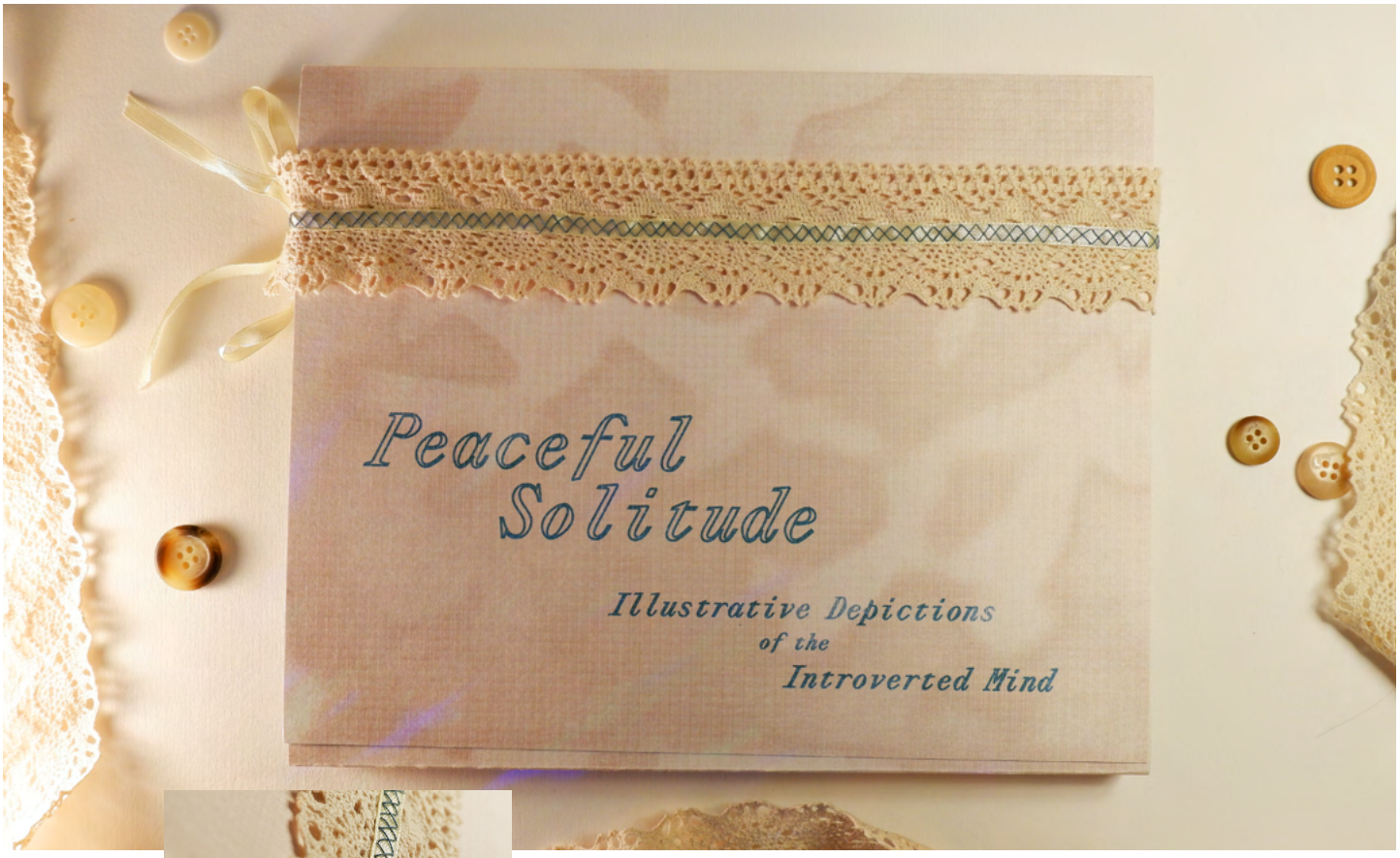
À primeira vista, o Artefacto Editorial é caracterizado pela simplicidade neutra do visual exterior da capa. O padrão que nela está impresso é subtil e leve, em tons de branco e bege claro. Formam aquilo que parece ser luz suave a atravessar ramos de folhagem natural, filtrada pela opacidade texturada de uma cortina de tecido.

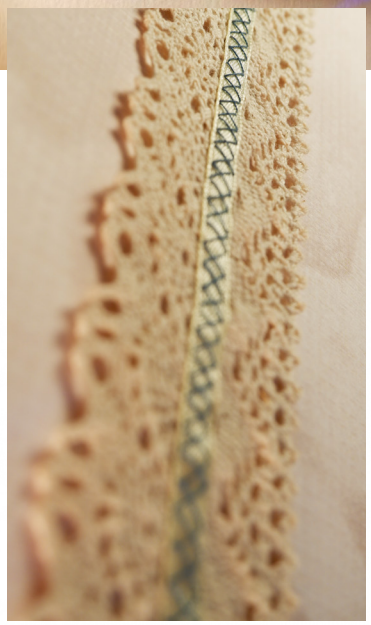
Os únicos acrescentos: são o azul-esverdeado semi-translúcido do texto que denomina o título do Álbum, *Peaceful Solitude - Illustrative Depictions of the Introverted Mind*; bem como a cinta de renda costurada que serve como um adereço que remata visualmente os limites da capa e mantém-na fechada, até à altura de a "cortina" se abrir.

Retirando a cinta costurada, esta é completamente removível do corpo principal do artefacto. A sua presença no exterior remete-nos a alguns dos elementos visuais que encontraremos dentro do Álbum Ilustrado. Mais tarde, pode ser usada como um marcador de página, se o leitor desejar.

A capa divide-se em três partes: duas abas que envolvem o miolo que assenta sobre a porção da capa que fica no meio. Abrindo a primeira aba, vemos uma breve mensagem, escrita por uma entidade que por agora nos é desconhecida. Convida-nos a entrar no artefacto e a repousar no interior, enquanto navegamos pela sua história.

Abrimos a segunda aba, e a envolvente muda. O cenário simples e contido do exterior da capa já não é de todo visível. No seu lugar vemos um padrão cuja forma é semelhante à que vimos antes mas que agora, está mergulhado em tons de azul aqua verdejante com mais nuance e profundidade. A imagem é levemente distorcida pelo brilho suave da ondulação sobre a água espelhante e a luminosidade vinda de cima, que atravessa pela ramagem folhada, refletindo-se confiante na superfície fina.





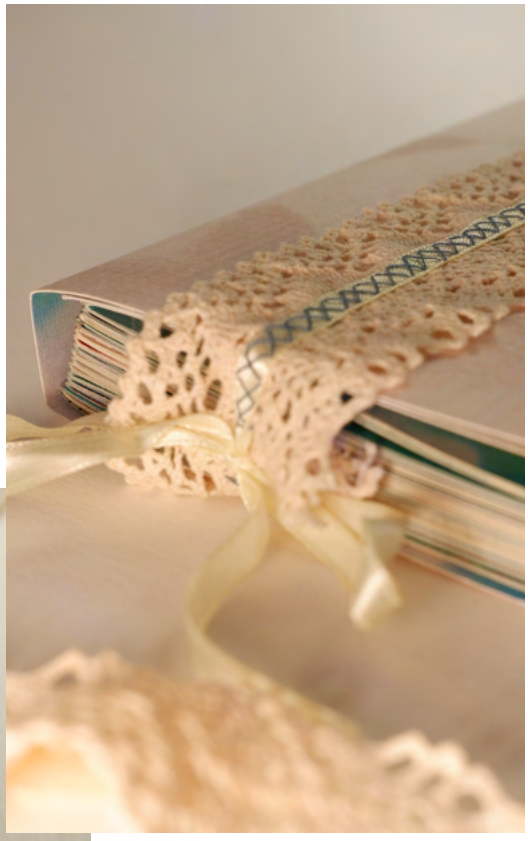
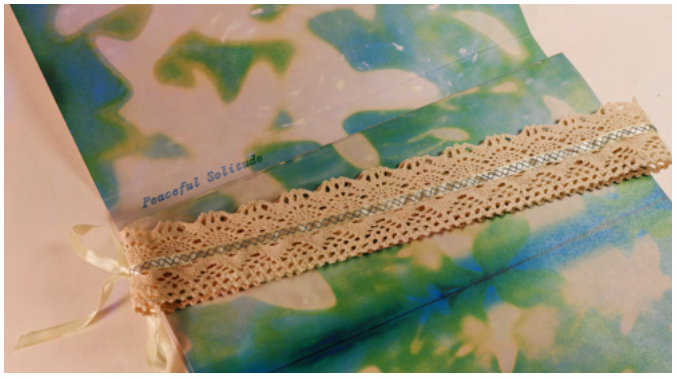
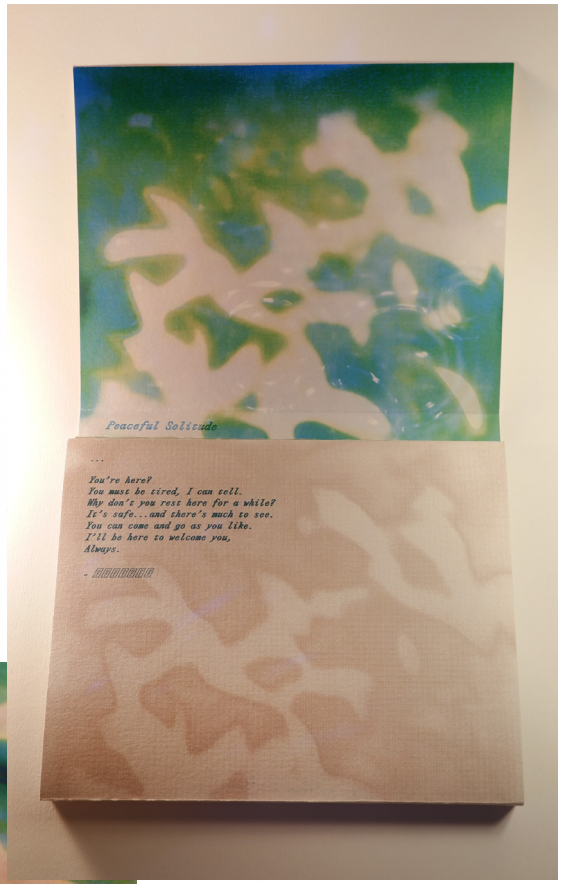




fig. 46 à 50 -
Exterior da Capa,
Álbum Ilustrado.







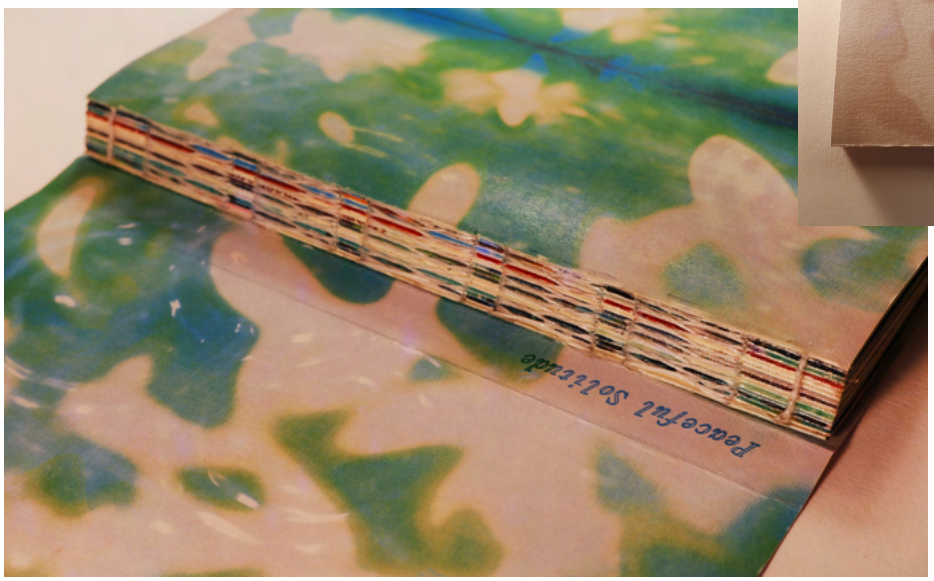


fig. 51 à 54 -
Interior da Capa,
Álbum Ilustrado

...

You're here?
You must be tired, I can tell.
Why don't you rest here for a while?
It's safe...and there's much to see.
You can come and go as you like.
I'll be here to welcome you,
Always.

- [redacted]

Peaceful Solitude

Peaceful Solitude

Illustrative Depictions of the Introverted Mind

Peaceful Solitude

Illustrative Depictions of the Introverted Mind

O contraste visual dramático entre o exterior e interior da capa refere-se metaforicamente às propriedades do universo "Subconsciente" que passamos a conhecer na narrativa. Um universo cuja natureza contrasta totalmente com a Realidade conhecida acima da Superfície que os separa. Se o exterior da capa é como a Superfície protetora (limita-se a refletir modestamente a normalidade da realidade previsível); então o interior é como a imensidão misteriosa do Universo Subconsciente (livre, infinitamente imaginativo e naturalmente secreto).

De lado, é visível a espinha exposta que exibe a costura do miolo. Torna-se evidente a encadernação de estilo suíço, que permite que este abra a 180º, proporcionando uma visibilidade desobstruída e panorâmica enquanto estivermos a folhear as páginas no interior.

A partir do momento que começamos a folhear as páginas do artefacto, reparamos que a orientação do texto e de todos os elementos visuais está na vertical. Esse será o sentido de leitura e observação indicado para a totalidade do Artefacto, uma particularidade que permite usufruir totalmente do efeito panorâmico causado pela horizontalidade das páginas duplas. Possibilita visualizar as Ilustrações, que na sua maioria são verticais, com mais destaque e sem a interrupção espacial limitada à altura de uma página individual. Para além disso, tal como passaremos a conhecer no interior do livro, a história apela repetitivamente à importância de observar a familiaridade da nossa envolvente mundana com a mentalidade refrescada de uma mudança de perspetiva. Dessa forma, somos forçados a perceber as coisas a que supostamente estamos habituados de um novo ângulo, sem estarmos presos e condicionados a todos os aspetos que superficialmente julgamos já saber. É um "quebra-cabeças" levemente desafiante que o artefacto impõe sobre quem o manusear. Estarão mais desafios semelhantes no interior do livro.

A capa é mole, impressa em papel texturado de 300 g. O papel do miolo é o *Organic* reciclado, 120 g, na cor #02 de tonalidade amarelada. A cosedura da cinta de renda e da espinha do miolo foi feita à mão, bem como a colagem e a encadernação. As dimensões do artefacto aberto são 248 por 400 mm.

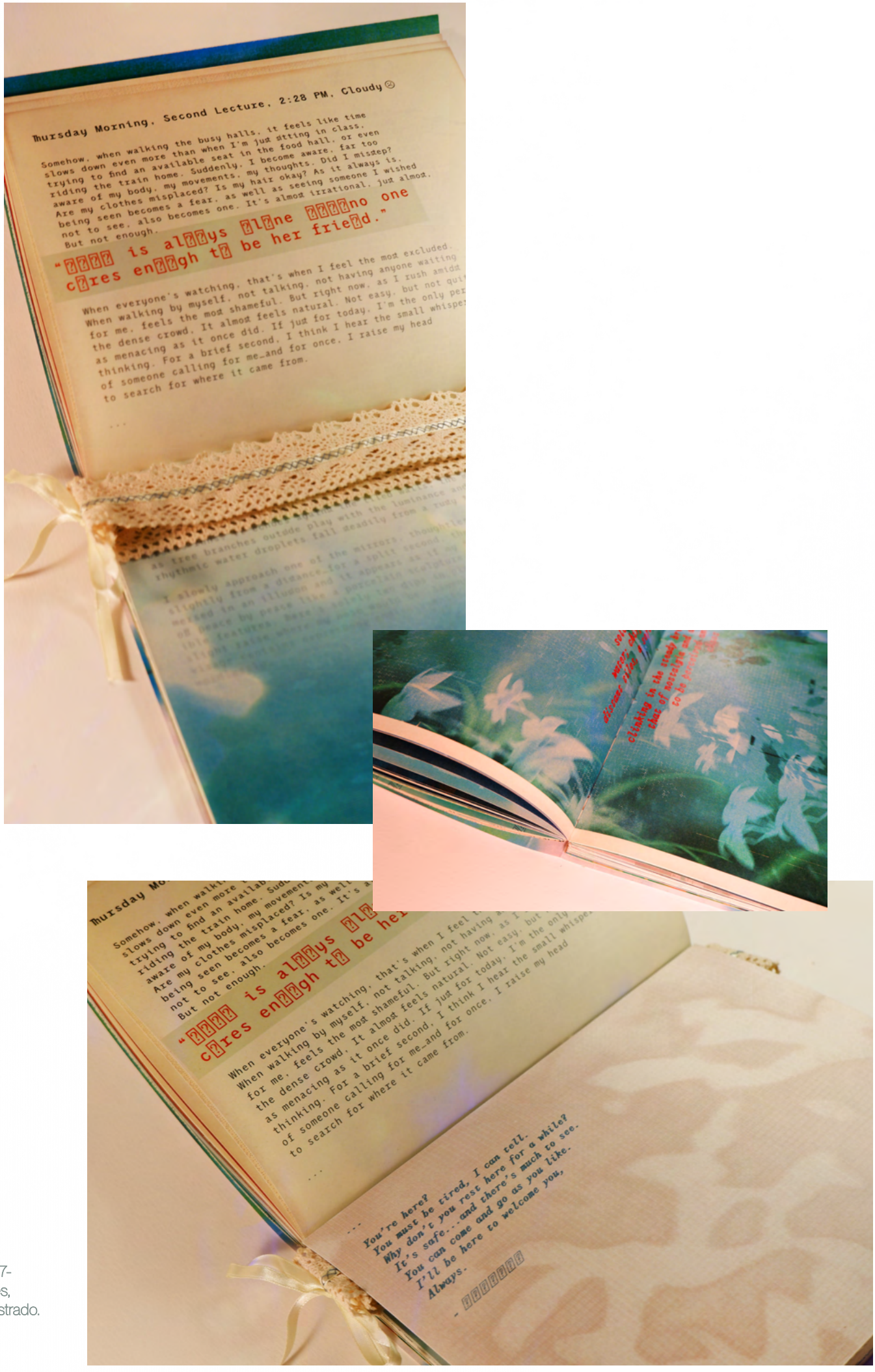


fig. 55 à 57- Ilustrações, Álbum Ilustrado.

Narrativa

A narrativa divide-se em três partes:

Parte 1 - A Memória do Subconsciente

A história tem começo na lembrança de uma memória passada. Nos seus pensamentos, a personagem principal revive descritivamente a sensação de cair num corpo de água tempestuoso, escuro e frio. Inicialmente, o choque do mergulho repentino é desagradável; dá-se o pânico esperado de alguém que deixa a sua vida real para trás, que se afoga lentamente e sente a sua consciência a escapar sem poder fazer nada. Mas o medo não dura por muito tempo, pois, à medida que se afunda cada vez mais na profundidade das águas misteriosas e aparentemente infinitas, mais se apercebe do quão acolhedoras e confortáveis verdadeiramente são.

Pela primeira vez em muito tempo, neste refúgio obscuro e isolado, consegue abstrair-se do peso esmagador constante que massacra a fisicalidade do seu corpo. A sua mente, agora afastada de todos os estímulos e preocupações da realidade; finalmente está relaxada. Como se apenas pudesse pertencer a um cenário pintado numa obra de arte esquecida no tempo, diante de si vê o fascínio de um universo surreal e gentil, encoberto por debaixo da enganadora superfície de desvalorização do mundo consciente.

O tempo passa, e a vontade de permanecer nesta plenitude pacífica apenas aumenta. A sua consciência desvanece. Quanto mais se perde e navega no deslumbre deste espaço sem fim, mais viva se sente. Finalmente, a personagem apercebe-se de que a verdadeira natureza deste local escondido **é o Subconsciente dentro da sua própria mente.**

De repente, contra a sua vontade, começa a acordar. A suave familiaridade do esconderijo fusco a que já se tinha habituado, desfaz-se num raio de luz cegante. Os seus olhos, finalmente ambientados à pacificidade da falta de luz, são forçados a abrir uma vez mais.

O silêncio acolhedor é corroído pelo ruído cortante de vozes indesejáveis, e tudo se torna demasiadamente real.





fig. 58 e 59 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.

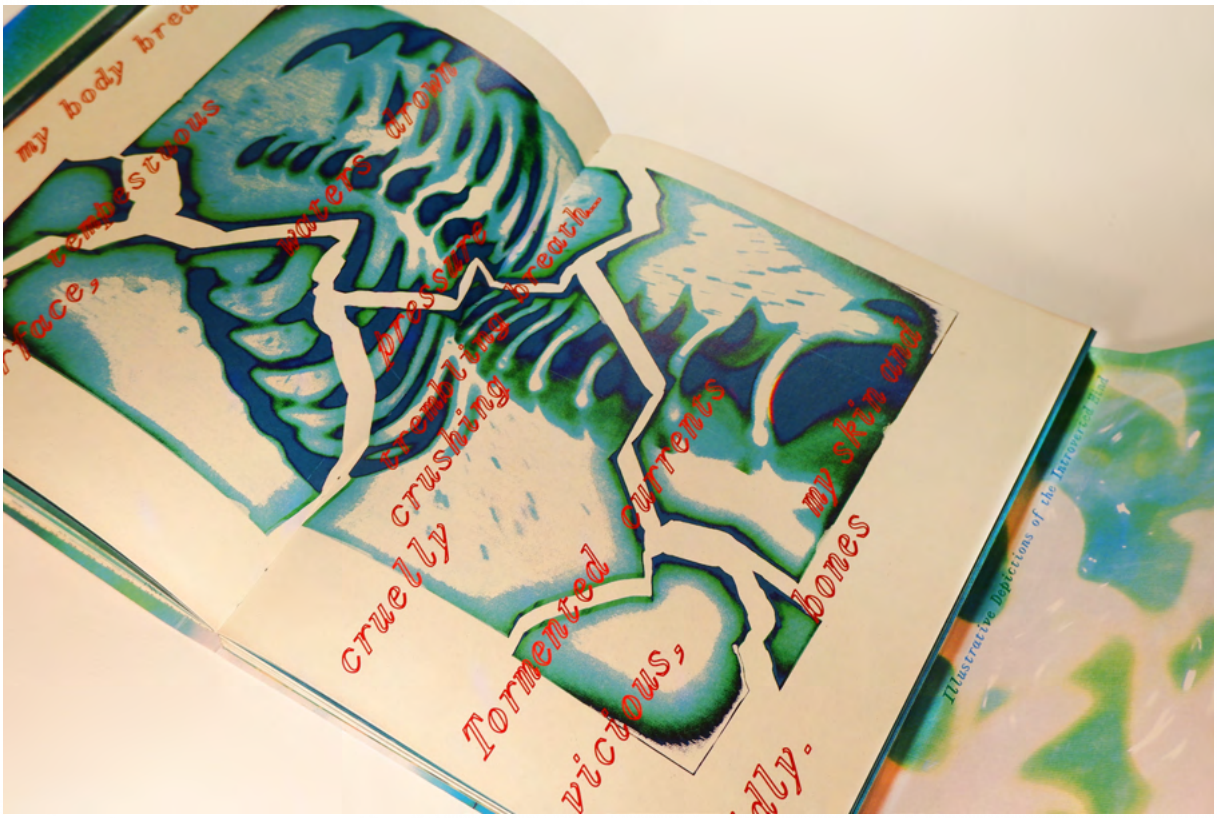




fig. 60 e 61 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.





fig. 62 e 63 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.





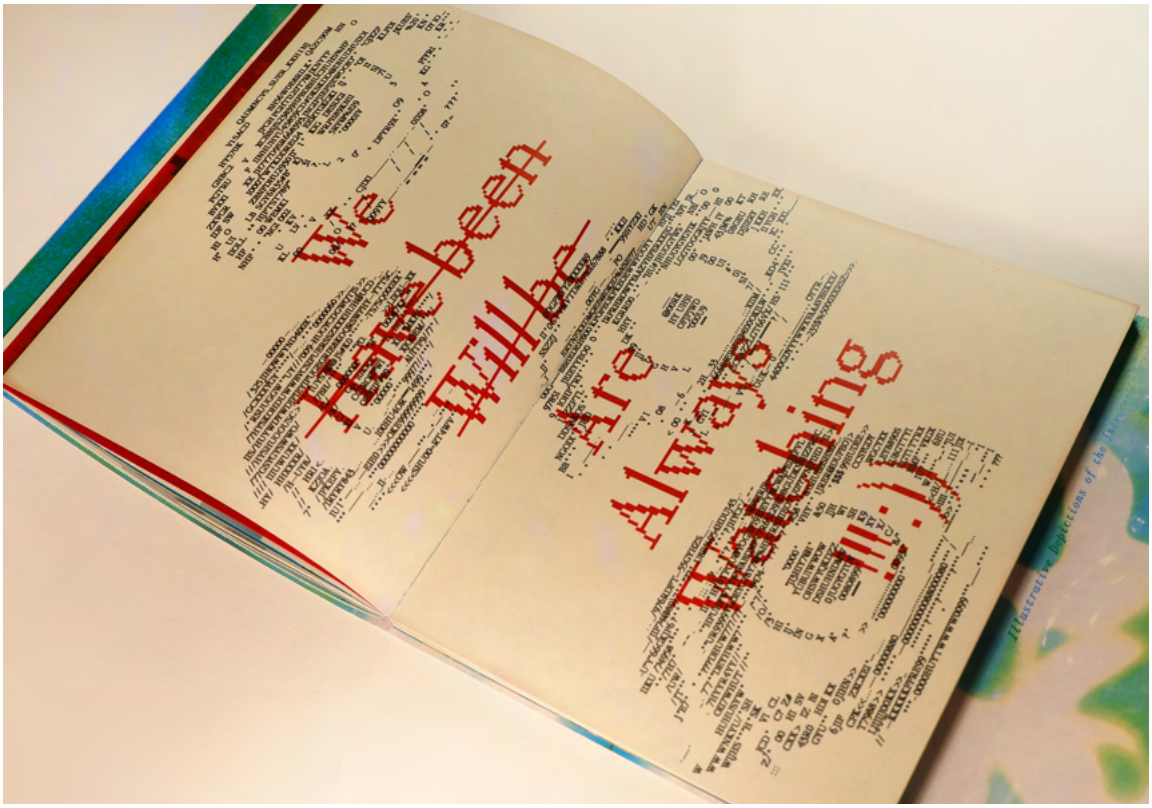
fig. 64 e 65 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.

Quinta-Feira de manhã, 8:33h

Parte 2 - De Volta à Realidade

A personagem acorda. Uma vez mais, está de volta à realidade, confrontada com a normalidade aborrecida da sua rotina aparentemente inescapável. Tudo parece perfeitamente constante, demasiadamente até, exceto a vaga sensação persistente de que se está a esquecer de algo importante. Talvez tenha sido uma memória, ou era antes um sonho? Não tem escolha senão continuar a viver passivamente mais um dia. Assim, enquanto leitores, acompanhamos os pensamentos da personagem principal à medida que estes decorrem em tempo real, durante um período de tempo de alguns dias. O seu monólogo interior é espontâneo e algo emocional, caracterizado pela notória presença de tendências tímidas e introvertidas. De uma perspectiva filtrada pelas especificidades da sua personalidade, descreve o decorrer dos seus dias divididos em várias alturas temporais diferentes, como se se tratassem de entradas escritas num diário.

Na primeira dessas entradas, estamos com ela na sala de aula numa quinta-feira de manhã. Manifesta a ansiedade e o nervosismo que sente enquanto caminha para a sua secretária junto à janela, a mais isolada, no fundo da sala, atrás de uma outra secretária abandonada que pertencia a alguém que agora está desaparecido. Sente que toda a gente está a observar com clareza todas as suas inseguranças. Os pensamentos intrusivos aprisionam-na na sua própria paranoia inescapável. Repara no quão insípido e desinspirado o cenário envolvente é, como neste ambiente opressivo, todos os barulhos à sua volta se tornam demasiadamente audíveis, e como o seu corpo está tão desconfortável, muito quente e muito cansado. Nesse momento, uma breve visão daquele lugar azul, calmo e agradável ocupa-lhe a mente e contrasta vivamente com a sua atual realidade. Uma manifestação subconsciente de onde realmente deseja estar. Ao longo do tempo, tentava desenhar a visão desse lugar pacífico e distante, numa tentativa de apaziguar os seus pensamentos, que por vezes a consomem.



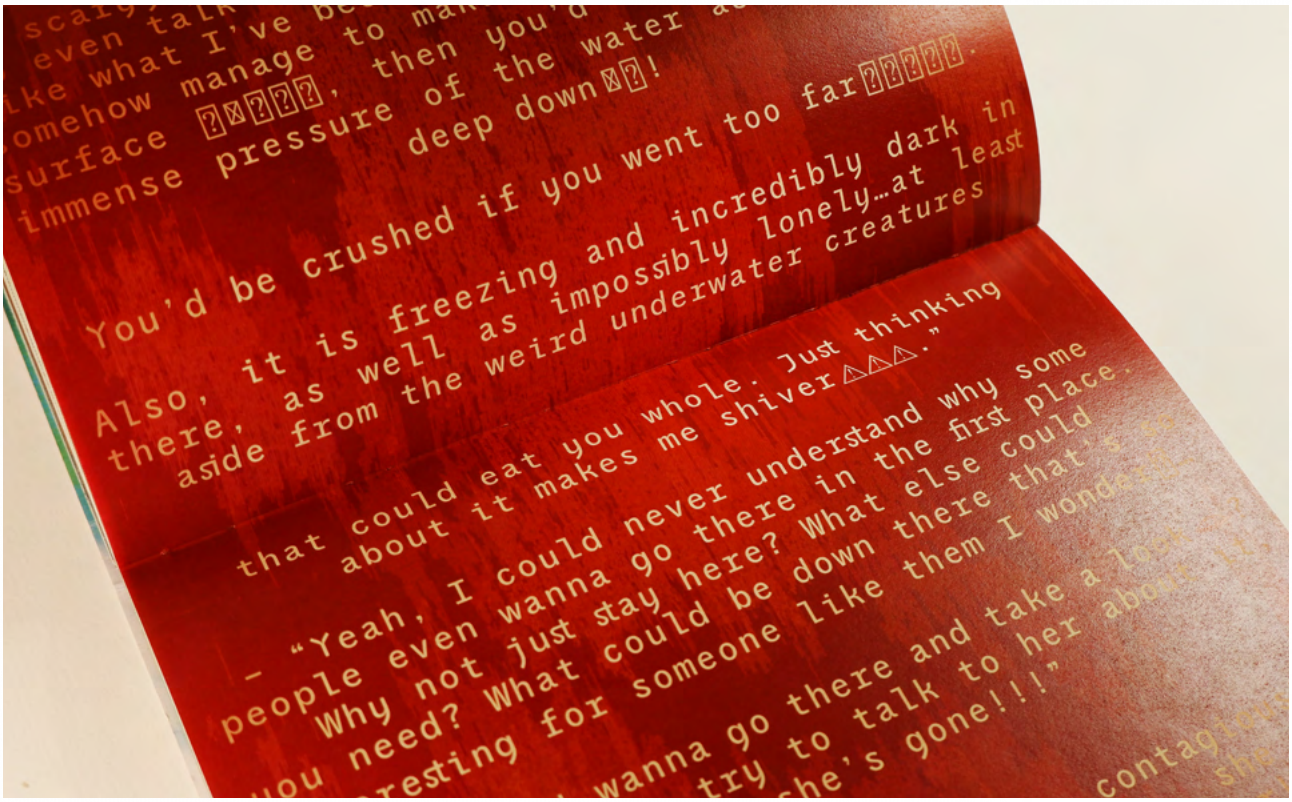
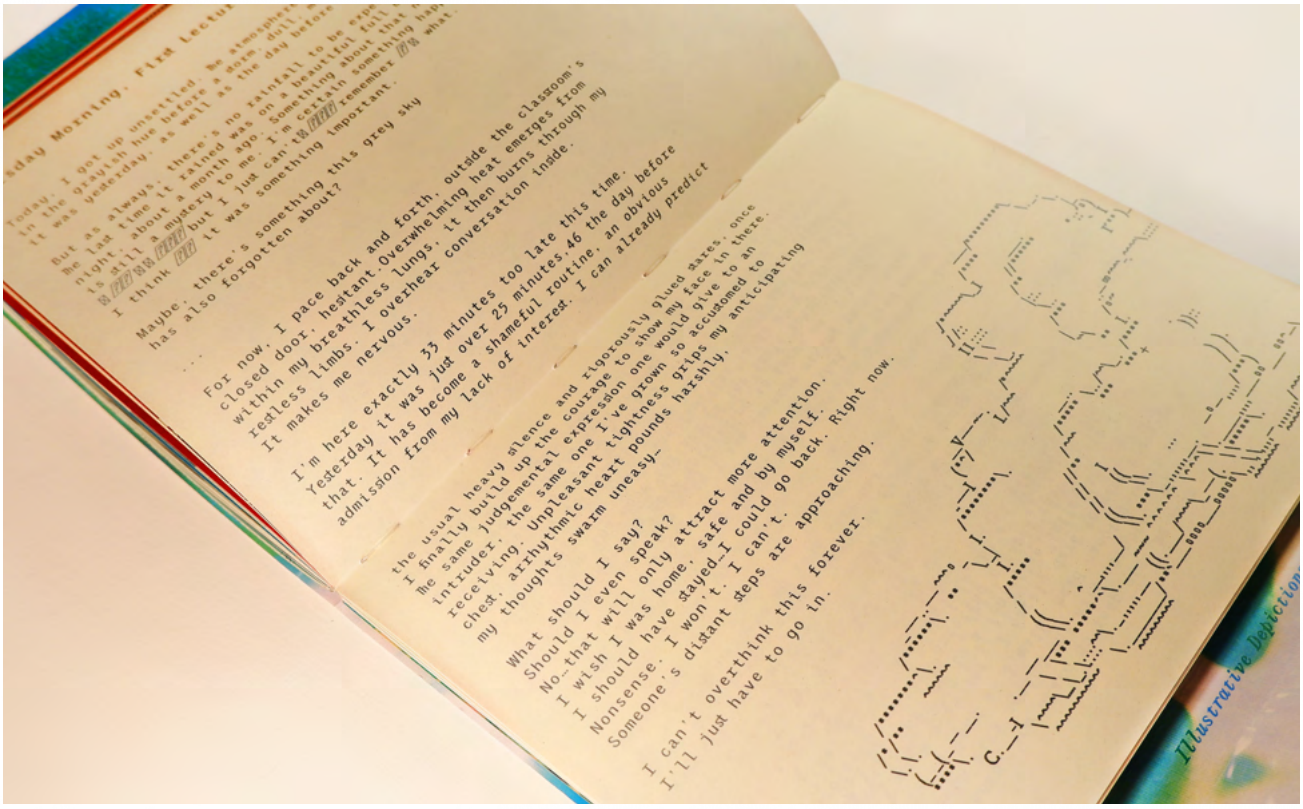


fig. 66 e 67 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.



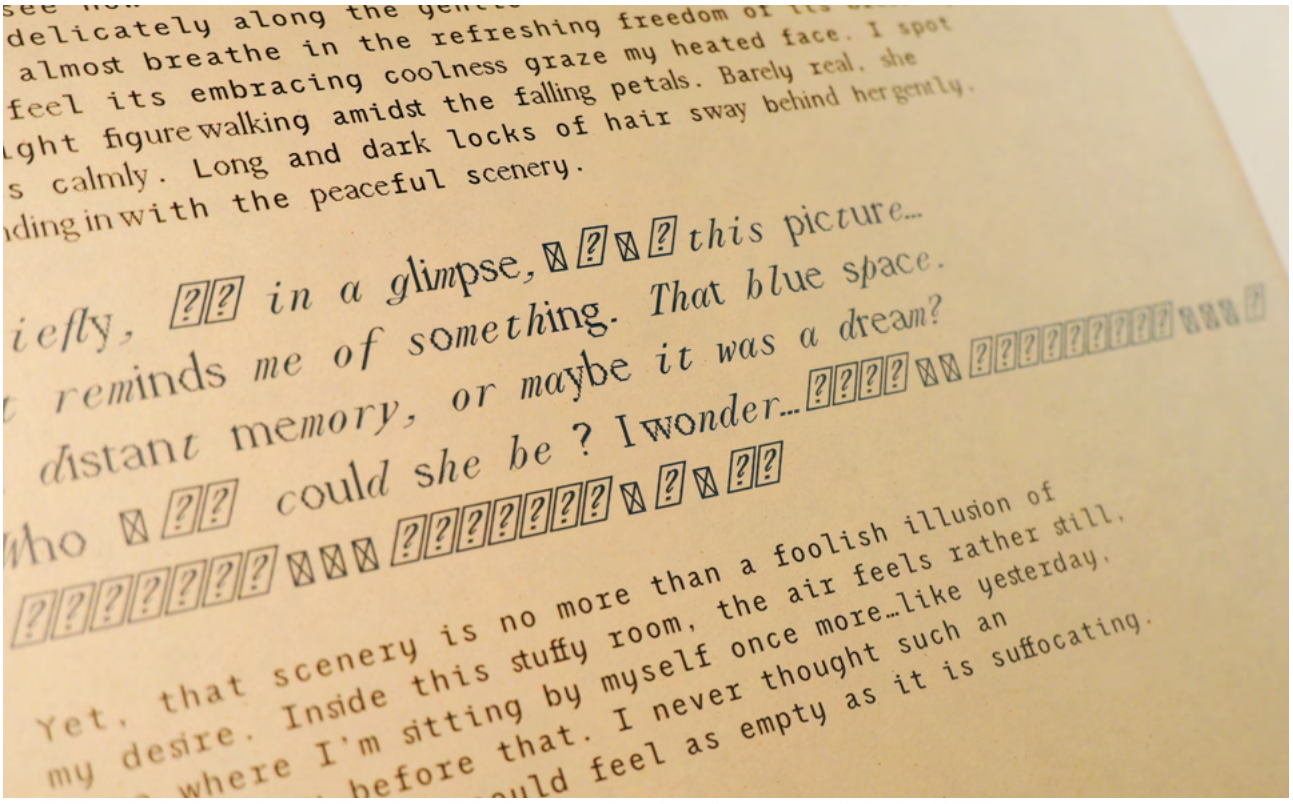
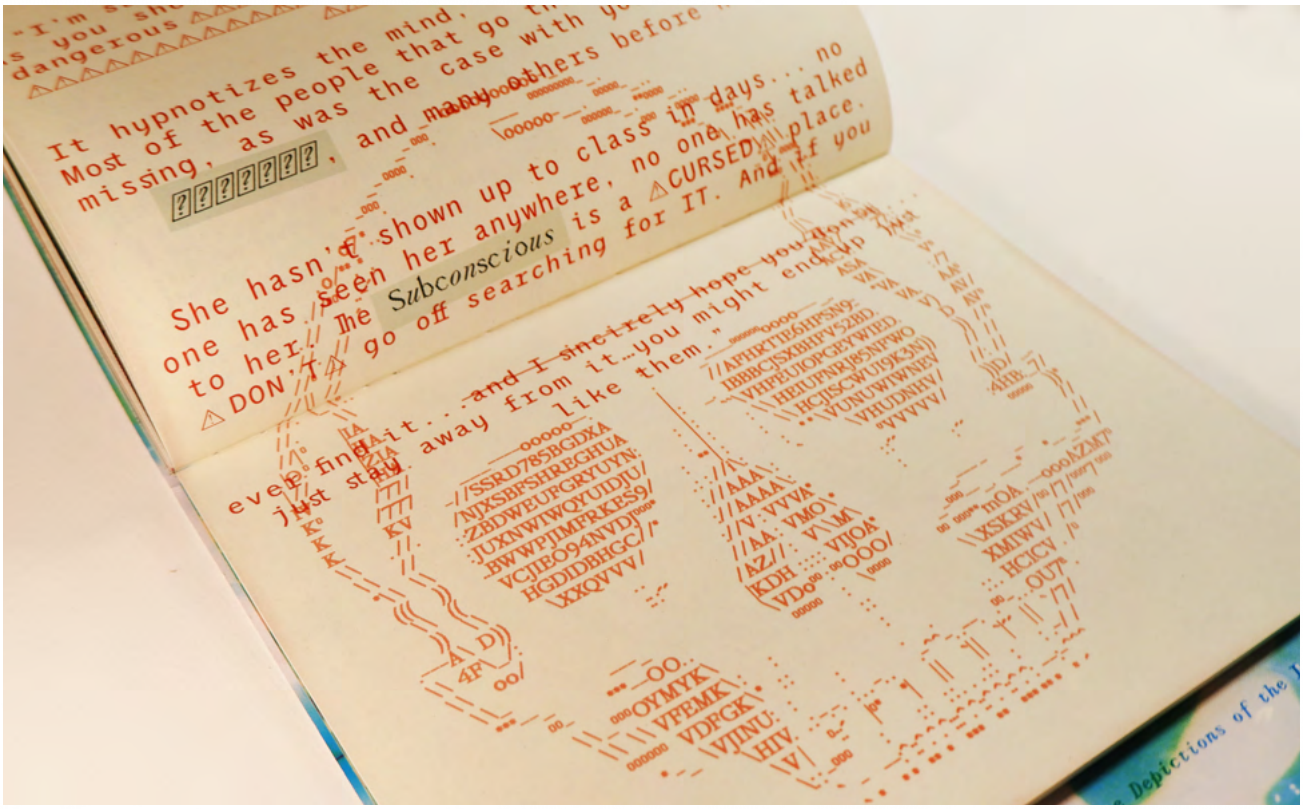


fig. 68 e 69 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.



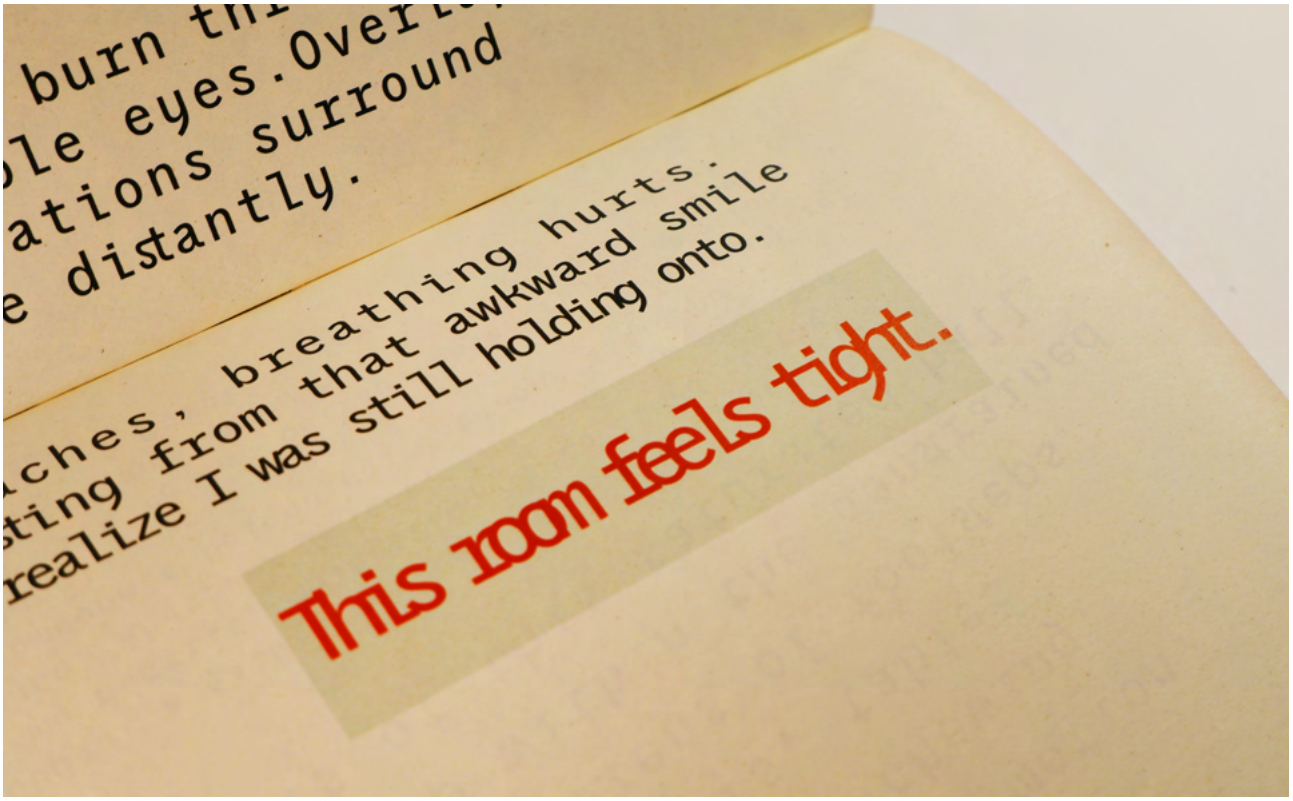


fig. 70 e 71 -
Pormenores,
Álbum Ilustrado.

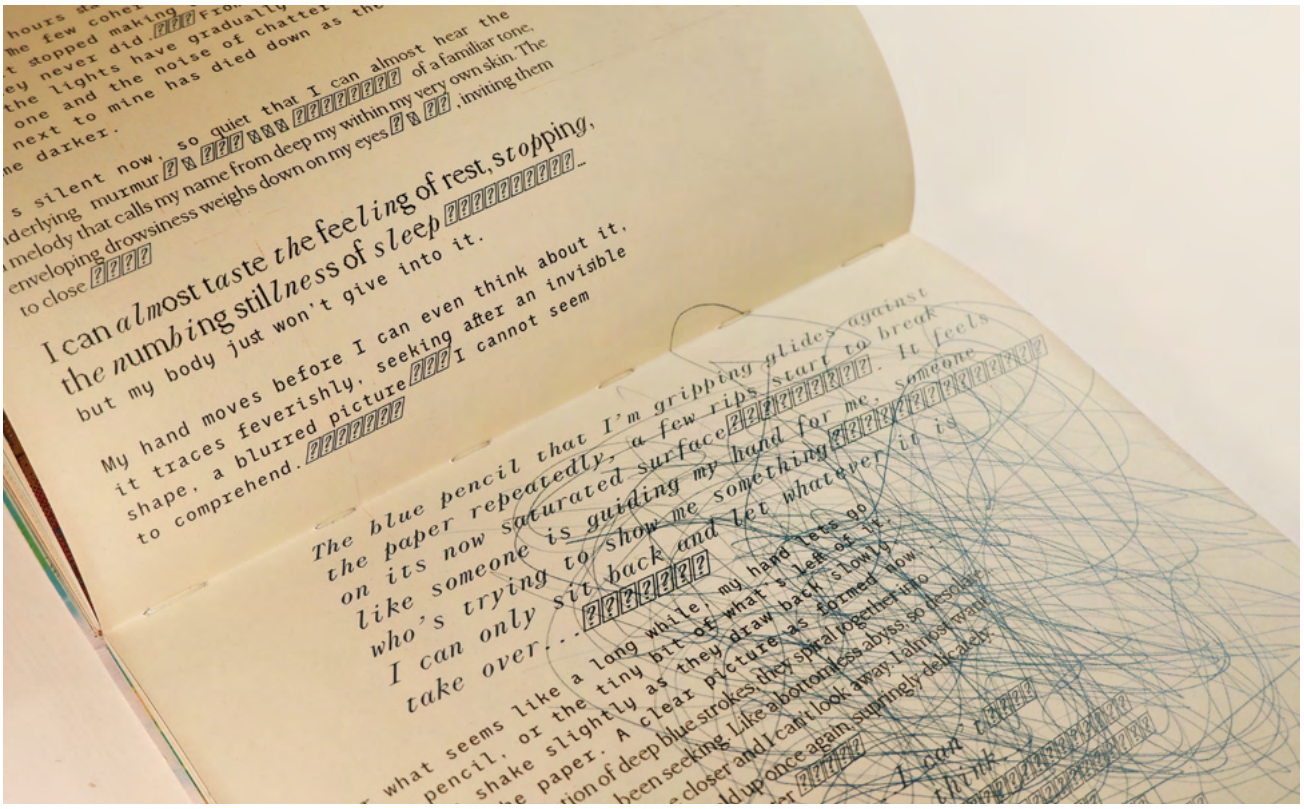




fig. 72 e 73 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.

Quinta-Feira à hora de almoço, 13:55h

Tal como todos os dias antes deste, o tempo passa dolorosamente devagar e a sua consciência está excessivamente agitada. À hora de almoço, quando entra na cafetaria ocupada, já antecipa os olhares julgadores e os comentários secundários que receberá, como sempre. Mas inesperadamente, hoje ninguém olha para ela. Antes pelo contrário, toda a gente ignora a sua presença, como se não existisse de todo. Pela primeira vez em muito tempo, algo fora da sua normalidade acontece; pergunta-se a si própria se estará finalmente a desaparecer da realidade, conforme no fundo sempre quis.

Ouvimos uma conversa lateral entre duas pessoas na sua turma, sobre o iminente desaparecimento da rapariga que se costumava sentar no oitavo lugar junto à janela na sala de aula. Falam de quão sossegada era, e de como tinha um ar nervoso sempre que alguém falava com ela. De como passava a maioria do tempo sozinha a desenhar no seu caderno. Dizem que poderá ter desaparecido num sitio chamado "O Subconsciente", um corpo de água sem fim que tende a hipnotizar algumas das pessoas que se aproximam demasiado, fazendo-as desaparecer indefinidamente nas suas profundezas. As pessoas que regressam desse sítio perigoso não voltam a ser as mesmas.

À personagem principal, a conversa parece disparatada, apenas um conjunto de rumores supersticiosos que caracterizam o Subconsciente como algo de erradamente negativo. Sente que já lá esteve, apesar de não ter nenhuma memória específica de alguma vez ter deliberadamente saltado para dentro de um corpo de água sem fim. Poderá ser o sítio de que tem andado à procura? O sítio azul dos seus sonhos e memórias... Será que a rapariga do oitavo lugar junto à janela a pode ajudar a encontrá-lo? Por vezes, pode jurar que vê as pontas do seu longo cabelo preto a desaparecer pelas portas, que a secretária onde se costumava sentar muda de posição, e que os desenhos a lápis azul que deixava na mesa vão mudando no dia a dia. A sua presença, apesar de subtil, permanece.
Decide tentar encontrá-la.

Quinta-Feira à tarde, 14:28h

À medida que o dia passa, lembranças do seu tempo distante no Subconsciente e pistas que remetem à misteriosa rapariga do oitavo lugar junto à janela, manifestam-se espalhadas e mascaradas subtilmente no cenário envolvente, cada vez mais insistentes. Numa visita à casa de banho, a personagem depara-se com uma visão ilusória num dos espelhos. A sua cara, que agora parece feita de porcelana, está partida. As feições caem gradualmente como pedaços de cerâmica, até ficar sem nada, para além de um rosto liso. Bizarro, sim, mas não assustador. É algo reconfortante, quase como um reencontro inesperado com alguém querido que já não via há muito tempo. Mas desaparece tão rapidamente como aparece.

Quinta-Feira à tarde, 18:49h

Na viagem de comboio de volta até ao seu apartamento partilhado, repara na lua semi escondida atrás das nuvens cinzentas que persistem há dias, mas sem nenhum sinal de chuva. O tempo é seco, aborrecido e desinteressante.

Quinta-Feira à noite, 20:11h

Quando vai à loja comprar comida para jantar, pessoas passam por ela sem nenhum tipo de reconhecimento. Quando chega ao apartamento, nenhum dos seus colegas de casa parece registar a sua presença. A sua família já não lhe liga há pelo menos um mês. Chega à conclusão de que realmente está a desaparecer da realidade, tal como a rapariga da janela. É um pensamento assustador, deixar de ser real, mas por outro lado, a calma e o silêncio que vêm com o seu desaparecimento são quase como o descanso que tanto procura.

Quinta-Feira à noite, 21:04h

Nessa noite perde-se num sonho, algo que já não conseguia ter há muito tempo, devido a todas as noites em branco que passava atormentada por insónias e pensamentos erráticos. No seu sonho há uma mão leve e suave que a guia em direção a um corpo de água azul e infinito. Tal como aquele local das suas memórias e sonhos passados, que tentava desenhar constantemente. Sem conseguir ou querer escapar, deixa-se levar pela mão que a guia em direção às águas escuras. Há uma rapariga pálida de cabelo comprido e escuro de pé junto ao limite de um precipício. As suas roupas dançam no vento suave, iluminadas na luz da lua cheia, quando se vira, mostra a sua cara de porcelana lisa e sem feições. De seguida, e sem nenhum aviso, apenas se deixa cair de costas viradas para o precipício.

Sexta-Feira de manhã, 08:00h

A personagem acorda uma vez mais. Desta vez, lembra-se do sonho que teve. Está novamente de volta à Realidade, sentada no seu lugar na sala de aula sem se lembrar como lá chegou. O professor que dá a aula, fala agitadamente do fundo da sala. Avisa os alunos para terem cuidado depois do desaparecimento da sua colega, para não repetirem as mesmas ações que ela tinha feito e para ficarem afastados do "Subconsciente". Desaparecimento? A protagonista consegue ver traços claros dela constantemente, sabe perfeitamente que a sua existência permanece, tal como a sua própria. Pela primeira vez em muito tempo, usa a sua voz para manifestar esse pensamento, mas ninguém diz nada, reage ou olha para ela sequer. "Para quê continuar a existir numa realidade assim?", pensa. Decide finalmente escapar.

Sexta-Feira de tarde, 14:38h

Parte 3 - A Redescoberta do Universo Sossegado, Azul e Infinito

Sai da sala em busca do lugar em que tanto anseia estar. Não se lembra claramente de onde é, mas não é necessário; sabe perfeitamente como lá chegar. Finalmente, vê um precipício familiar, espreita para além do mesmo e depara-se com o corpo de água azul e interminável, que tantas vezes tinha tentado desenhar.

Três dias passam, três dias de que mal se lembra, depois estar completamente desassociada da realidade, perdida em sonhos, memórias e ilusões, deixando a sua fisicalidade e quase todos os traços de pensamento consciente para trás. A sua mente está finalmente sossegada. Algo gentil desperta-a do seu estado dormente: a sensação de chuva fresca na sua pele. Já não chovia há um mês. A lua cheia ilumina o céu noturno e o corpo de água infinito no fundo do precipício que permanece quieto à sua espera.

Uma memória clara vem-lhe à cabeça, aquela noite de lua cheia, uma segunda-feira há um mês atrás antes de mergulhar no Subconsciente. A mesma noite em que aquela rapariga familiar caiu do precipício. Nesse momento repara que não está completamente sozinha. A rapariga sem rosto está refletida num espelho de água que se formou no chão devido à chuva.

O nome dela é *Sencara*. A sua aparência é uma manifestação do subconsciente da protagonista, o seu reflexo que vive debaixo da superfície que divide o Universo Subconsciente da Realidade. A protagonista apercebe-se de como todo este tempo, a rapariga do oitavo lugar junto à janela se tratava dela mesma, um eco do seu subconsciente que esteve sempre presente, mesmo quando acreditava que nunca conseguiria escapar da sua rotina repetitiva e opressiva. Assim, sem mais nada a prendê-la à realidade, deixa-se guiar pelo seu subconsciente, o seu corpo e mente dissolvem-se e fundem-se com as águas da superfície azul, sossegada e infinita.

Finalmente deixa-se livremente mergulhar e navegar pelo vasto universo dentro da sua mente, sabendo que pode ir e voltar para sempre, quando assim o desejar.



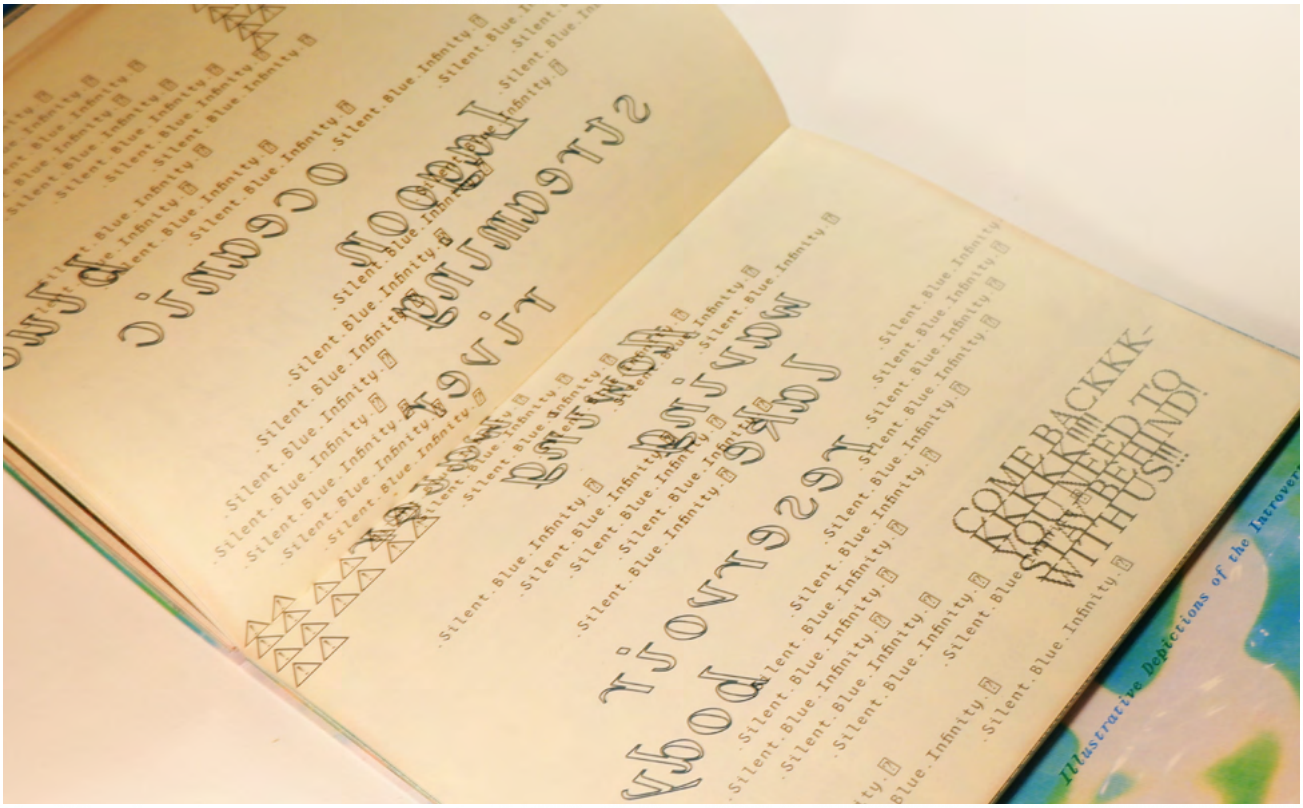


fig. 74 e 75 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.





fig. 76 e 77 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.



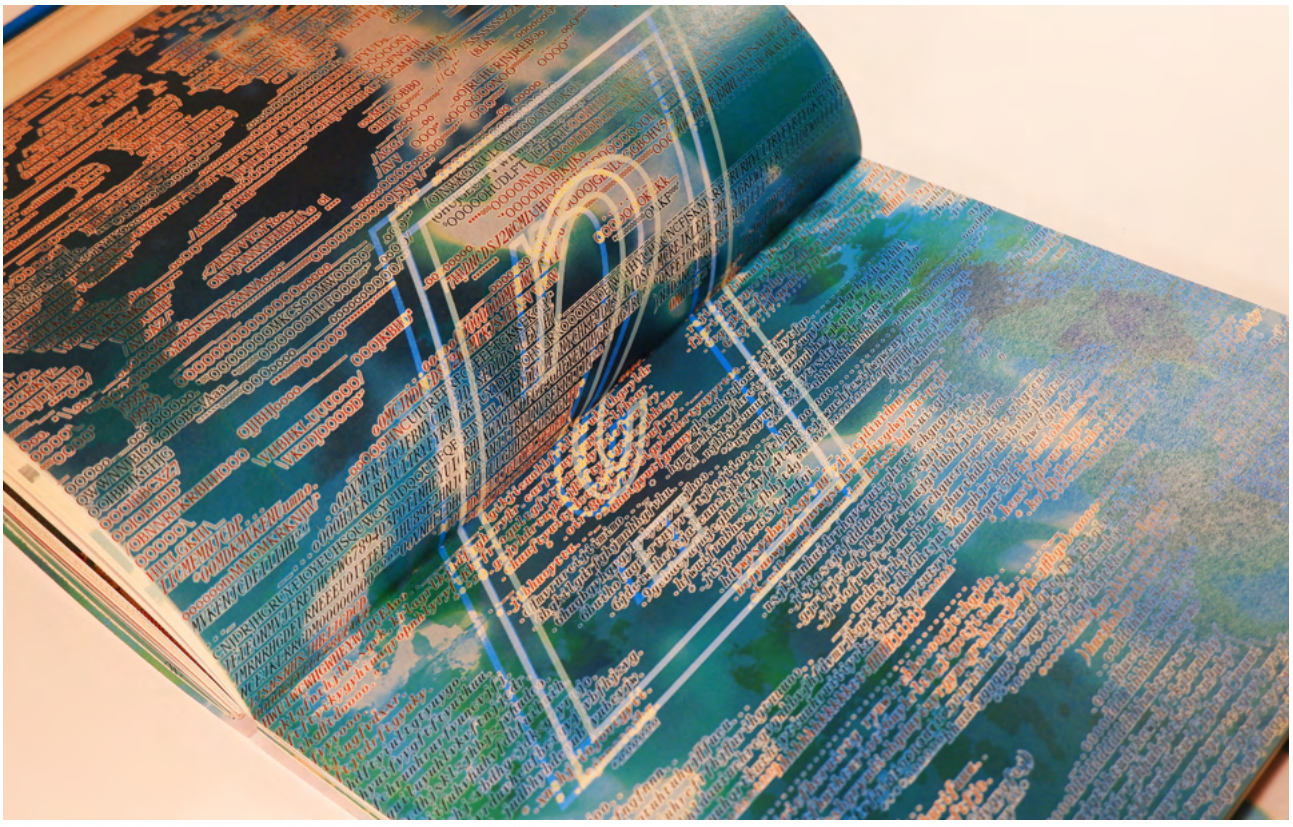


fig. 78 e 79 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.





fig. 80 e 81-
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.

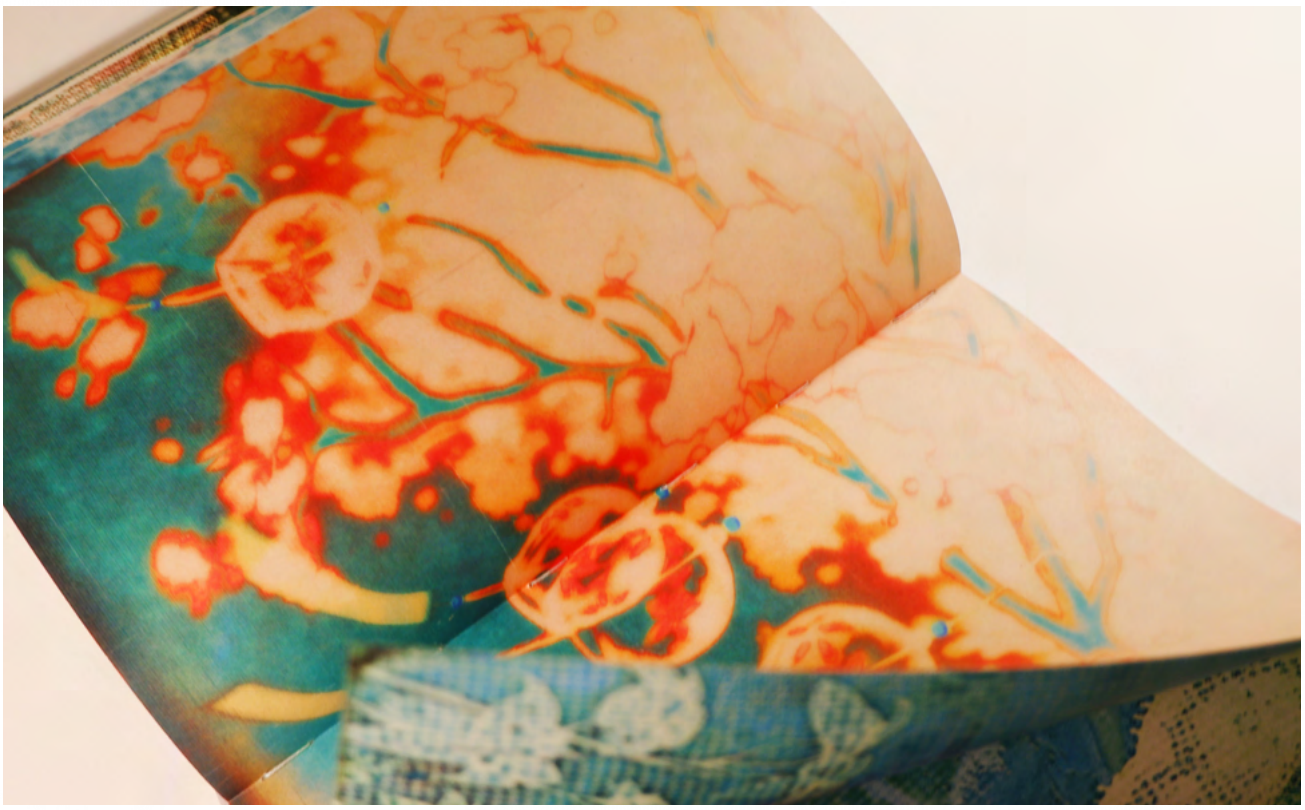




fig. 82 e 83 -
Ilustrações,
Álbum Ilustrado.

Significados na Narrativa

Sencara

Sencara é a protagonista da história, todos os fragmentos escritos e ilustrados são retratados somente através da sua perspetiva introvertida. Na narrativa, conhecemos as duas versões que compõem a sua personalidade: consciente e subconsciente. A sua versão consciente é aquela que está presente quando o enredo tem lugar na realidade, acima da superfície. É caracterizada pela sua vontade insaciável de escapar da opressão repetitivamente monótona da realidade onde vive e fugir em busca do Subconsciente: o refúgio pacífico dos seus sonhos e memórias, onde sabe que pode repousar calma e infinitamente. Na sua busca pelo universo sossegado, desenvolve o hábito de desenhar, através do qual deixa o seu lápis azul fluir e criar representações do local onde mais gostava de estar. É uma das únicas formas que tem de se abstrair das inseguranças, expectativas, pressão e dos pensamentos intrusivos que ocupam constantemente a sua mente demasiado acordada. Vive uma vida mundana longe do sítio onde cresceu com a sua família e todos os dias sai do apartamento onde dorme para ir para à universidade ter aulas pelas quais perdeu o interesse, daí se atrasar com frequência. Uma viagem de comboio depois, chega à sala. Uma vez lá, tenta-se neutralizar ao máximo, com esperança de que talvez desta vez ninguém lhe peça, pergunte ou diga algo que não deseja ouvir.
Os dias passam lentamente, sem nada fora da normalidade seca e insípida. Não há sol, vento ou sequer chuva, apenas nuvens cinzentas que nunca mais parecem desaparecer. Desenhar é a única coisa que ajuda a abstrair. À noite, de volta a casa, passa a maioria das noites sem conseguir adormecer, a ansiedade de saber que tem de repetir novamente tudo no dia seguinte não permite que a sua mente relaxe.

Fisicamente, é caracterizada pelo seu longo cabelo comprido e preto, pele pálida e olhos tão escuros como o cabelo. Normalmente, quando não tem de usar o uniforme da sua universidade, veste-se com roupas predominantemente brancas.

A versão Subconsciente de *Sencara* vem do universo pacífico e azul sob a superfície. Não tem uma rotina diária, pois no Subconsciente não há nenhum conceito de tempo, não há necessidade para tal, a menos que a mente a que pertence assim o deseje para efeito decorativo. Aquilo que seria equiparado a um dia na realidade passa livremente, a navegar por sonhos e fragmentos de memórias infinitamente renováveis, a relaxar num templo montanhoso, a nadar em piscinas naturais de água verdejante, a beber chá quente no gazebo no meio da floresta e mais. Não há um limite para onde pode ir ou para o que pode fazer. Por vezes, sai do seu refúgio para ir ao mundo real acima da superfície. Observa a sua versão consciente pelos cantos das janelas, ou pelas frinchas das portas; talvez a sua presença na Realidade lhe traga um pouco de conforto ou uma lembrança de quem realmente é. Mas nunca se mostra totalmente ou por muito tempo, faz parte da sua natureza ilusória e imaterial. Não tem pensamentos demasiado complexos, inseguranças ou preocupações. Com um universo inteiro sem leis, sem restrições, completamente à disposição da sua imaginação sem limites não tem necessidade para tal. É uma entidade livre.

A sua aparência é semelhante à da sua versão consciente, tudo se mantém, exceto a falta de um rosto com feições normais. Tem antes uma cara de porcelana lisa que se parte com facilidade. Tal como o tempo, ter uma cara no Subconsciente é irrelevante, a menos que assim o deseje; por isso, a cara que coloca para ir à Realidade é temporária: quanto mais tempo passa afastada da sua casa debaixo da Superfície, mais esta parte. A sua presença e fisicalidade são inpiradas na criatura lendária do folclore japonês *(yokai)*, conhecida como 野篦坊 (*Noppera-bō*), que se traduz como "fantasma sem cara". São criaturas que inicialmente se fazem passar por humanos para atraír "vitimas," mas que mais tarde, revelam a sua verdadeira cara: branca, lisa e desprovida de feições faciais. São figuras mais perniciosas do que propriamente maldosas (Yokai.com, 2025).



fig. 84 - Ilustração, Álbum Ilustrado.

Pensamentos Intrusivos

A personalidade consciente de *Sencara* é caracterizada pelo medo de rejeição, humilhação e julgamento. Quando existe fisicamente acima da Superfície sente-se exposta, como se todas as suas falhas, inseguranças, dúvidas e problemas fossem perfeitamente visíveis para aqueles que a rodeiam. Vive continuamente assombrada pela simples ideia de ser vista pelo olhar consciente do mundo físico, de ser obrigada a sair ainda mais do seu elemento de conforto e a revelar mais de si mesma do que alguma vez gostaria. O seu desgosto pela realidade é tão extremo, que a mantém acordada de noite durante um mês inteiro, enquanto pensa repetitivamente sobre o quão gostaria de desaparecer. A forma como existe, pensa e se comporta é uma personificação algo extrema de alguém com tendências introvertidas, quase um estereótipo. Tal como o funcionamento do mundo acima da superfície, e os comportamentos das outras personagens são uma simplificação exagerada das ações de pessoas designadamente extrovertidas na nossa realidade.

O trauma da personagem principal consome-a de tal forma, ao ponto de mesmo não sendo o caso na realidade, a sua mente consciente fabrica pensamentos intrusivos que se manifestam sob a forma de vozes exteriores e vocalizam aquilo de negativo que pensa que as outras pessoas estarão a pensar sobre ela. São alucinações, efeitos secundários da paranóia que resulta da ansiedade constante que a persegue. A sua consciência hiperativa vira-se contra si própria, aproveitando-se dos seus pontos fracos para a prejudicar ainda mais.

Subconsciente

No contexto desta história, o Subconsciente (simbolizado por um:) é um universo infinito cheio de sonhos e memórias que existem independentemente da Realidade conhecida, por baixo da Superfície isoladora que os separa. Lá, a imaginação não conhece limites, as regras lógicas que restringem os acontecimentos da Realidade não se aplicam e a criatividade inspiradora não conhece um fim. As palavras que usamos, não têm poder representativo suficiente para descrever a totalidade do seu fascínio, mas talvez as ilustrações se aproximem mais de o conseguirem fazer. Não é um universo comum a todos, cada pessoa tem antes o seu próprio espaço subconsciente individual. Mas, se o desejar conectar com o de outra pessoa, com prática suficiente, isso torna-se possível e até bonito. Abrir o nosso Subconsciente ao de outra pessoa seria um verdadeiro ato de confiança, é como dar-lhe acesso à parte mais autêntica de nós mesmos, algo que ordinariamente apenas nós próprios conseguimos conhecer de verdade.

No entanto, nem todos desejam desenvolver uma conexão, ou sequer visitar a profundidade silenciosa do seu próprio Subconsciente; para alguns, apenas a ideia de solidão é avassaladora e assustadora, por isso preferem manter-se na realidade consciente a que estão habituados. Por outro lado, para outras pessoas, o barulho que deriva da sobrepopulação na realidade é demasiado estimulante; torna-se cansativo. Preferem retirar-se para um local mais pacífico e remoto, onde podem existir livremente sem a pressão de uma perceção exterior que os julga e avalia constantemente. Se algumas pessoas prosperam e retiram a sua força vital da interação social e do contacto físico com um mundo que lhes é exterior, outras obtêm essa mesma energia através da criatividade e do fascínio imaginativo do mundo que lhes é interior. Esses dois tipos de pessoa, bem como os dois universos com que se alinham, idealmente existem em perfeito equilíbrio, ambos são igualmente importantes. No entanto, tal como na realidade a que estamos habituados, nesta história, aqueles mais introvertidos, que preferem passar tempo no seu universo interior, tendem a ser vistos como anomalias estranhas: tímidos, frios, tristes e desconectados. Geralmente, as pessoas tendem a não gostar daquilo que não conhecem e que não conseguem imediatamente compreender; por isso, optam por apenas ignorar e esquecer que tais coisas existem. Talvez assim a sua realidade constante não será posta em causa nunca mais.

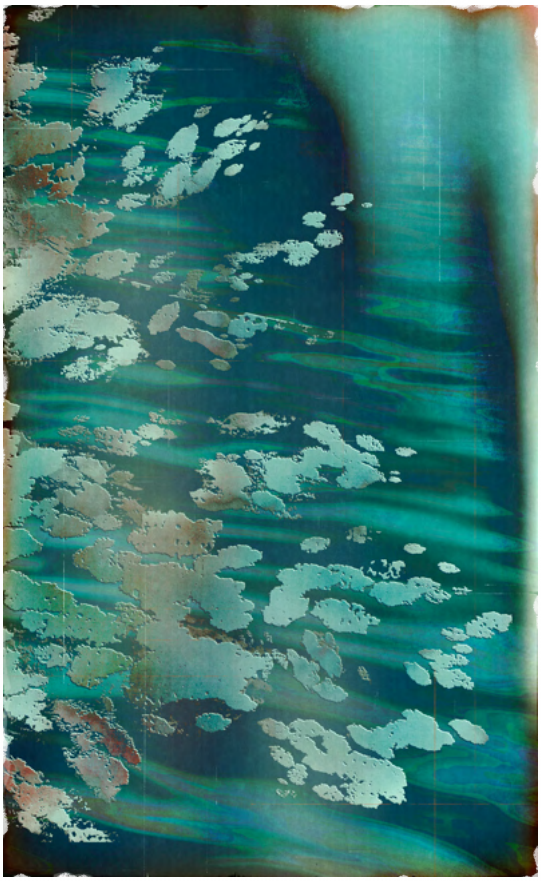


fig. 85 - Ilustração, Álbum Ilustrado.

Em diversos momentos da história, vemos como as personagens exteriores a *Sencara*, encaram o Subconsciente com desdém: descrevem-no como sendo um lugar perigoso de caráter puramente negativo. Manifestam abertamente o medo que sentem em relação a qualquer mero pensamento relacionado com esse lugar. Em vez de o investigarem pessoalmente para formularem o seu próprio julgamento original, limitam-se a basear a sua opinião nos rumores e preconceitos que ouvem das outras pessoas, demasiado reticentes para sequer pensarem em virar a cabeça na outra direção. Eventualmente, o desprezo torna-se tal que apenas se limitam a bloquear e negar qualquer dizer ou hipótese que contrarie a sua noção preconcebida; e assim, tanto o universo do Subconsciente, como as pessoas que nele escolhem passar o seu tempo caem na penumbra do seu esquecimento ignorante, apagados; ao ponto de deixarem de existir por completo na sua realidade comum.
É a esse fenómeno que se devem os desaparecimentos das pessoas que vemos na história: o de *Sencara*, o do Artísta da loja de aguarelas e todos os restantes mencionados antes desses.

Superfície

A Superfície é como uma camada, um "espelho" ondulante, que divide a conturbada realidade do calmo subconsciente. Mais do que um separador, é também uma proteção que preserva o sossego quieto do mundo por baixo. Tem uma duplicidade característica. Quem olha para ela do lado de fora parece quase opaca, com uma agitação turva que filtra a imensidade autêntica do universo que se encontra para além de si. Por vezes, permanece perfeitamente calma e apenas reflete a realidade acima, camuflando-se da visão consciente. Do lado de baixo, permite ver para fora como uma janela, sem o incómodo do barulho avassalador do exterior, mas com a nuance da luz diáfana que entra. É o portal que permite a entrada e a saída no Subconsciente.

Chuva

Quando a narrativa tem lugar na realidade, o estado do tempo é um pensamento recorrente na mente da protagonista. Talvez pela falta de algo mais interessante à sua volta. Ao longo dos dias que passam, o céu mantém-se um cinzento constante e aborrecido, as nuvens aglomeradas não mostram nenhum sinal de se mexerem. Não há um raio de sol, ou sequer chuva. O ambiente mantém-se sempre enfadonhamente seco. Em contraste, o subconsciente é um universo subaquático, o pensamento de secura nem sequer surge como uma preocupação. Apesar de quieto e sossegado, tudo o que uma mente introvertida e sonhadora alguma vez pode imaginar ou desejar, reside lá. Uma fonte infinita e livre de inspiração que flui sem parar.

Lua Cheia

Na história, a presença da lua é quase como um guia silencioso derivado do seu Subconsciente que acompanha *Sencara* na sua procura pelo universo pacífico. As suas fases, que mudam constantemente, orientam e delimitam inconscientemente os acontecimentos mais marcantes da narrativa, conforme o calendário lunar. A visita ao Subconsciente que *Sencara* revive no início da história, acontece aproximadamente um mês antes dos dias em que a narrativa tem lugar. O dia em que mergulhou abruptamente na imensidade pacífica do corpo de água foi numa segunda-feira à noite, com chuva e lua cheia. É apenas numa segunda-feira de lua cheia, cerca de um mês mais tarde, quando finalmente consegue regressar definitivamente ao universo que tanto procurou. O Subconsciente tem tendência a estar mais ativo de noite, quando a lua está presente; daí os sonhos serem a sua linguagem principal. Tal como a lua controla as marés no nosso mundo, nesta história, a lua e o subconsciente tem uma conexão inseparável, estão incondicionalmente ligados.

Corpo de Água

A aparência física do Subconsciente não pode ser descrita especificamente. Muda constantemente, desdobra-se em versões infinitas de si mesmo. A única coisa que permanece sempre a mesma é a sua essência: um corpo de água silencioso, azul e infinito. Por vezes parece um oceano, uma lagoa, um rio, uma cascata; depende apenas do que lhe apetece ser nesse momento.

Natureza

Elementos naturais constituem a maioria da imagética relacionada com o Subconsciente de *Sencara*. Para a sua personagem, especificamente, a ideia de paz manifesta-se através da natureza, porque na sua mente é algo cuja orga nicidade contrasta vivamente com a rigidez cimentada e fabricada na realidade onde é forçada a estar. A sua existência natural é autêntica e um reflexo puramente imediato do seu propósito, nada do que a caracteriza surge para fingir ser algo que não é. Assim, o Subconsciente de *Sencara* molda-se e adapta-se, tomando a forma daquilo que mais deseja no seu interior: um refúgio livre e natural onde pode existir em paz plena.

Reflexos

Os espelhos são um elemento importante na narrativa. São como fragmentos da Superfície do Subconsciente espalhados pela Realidade. Portais que ligam os dois mundos. Tal como a Superfície, limitam-se a refletir tudo aquilo que é real, uma mímica performativa. Na verdade, têm uma profundidade independente que não é imediatamente visível. Apenas aqueles que se debruçam atentamente sobre eles conseguem perceber. *Sencara* usa os espelhos do mundo real para poder comunicar e mostrar-se mais claramente à sua versão consciente. Dentro do espelho pode navegar no mundo real mais confortavelmente, como se estivesse em casa, onde pode existir em paz plena.

Desenho

Para algumas pessoas, expressar-se através de palavras é difícil. Parece que mesmo na sua aparente infinidade, nenhuma delas se adapta bem o suficiente à profundidade do conteúdo que procuramos transmitir. Nesses casos, muitas vezes procuramos formas alternativas de nos expressar, acontece que a arte e as suas diversas vertentes são um ótimo substituto. É uma atividade que nos permite criar uma extensão do nosso corpo/mente e partilhar sem limites, mesmo que o destinatário dessa partilha sejamos apenas nós próprios. No caso de *Sencara*, o desenho é a atividade que lhe permite expressar o máximo de autenticidade que pode alcançar no mundo real. Através do lápis e do papel (os seus materiais de uso preferido), consegue dar vida e concretizar imagens que outrora apenas existiriam na solidão isolada da sua mente. Tal como a fala e a escrita é para alguns, para ela o desenho surge naturalmente, como se a Imagem e o gesto fossem a sua primeira linguagem. Deixa que a sua imaginação inconsciente expresse aquilo que conscientemente com palavras não consegue expressar. Adicionalmente, também serve como uma forma de meditar; limpar e separar pormenores e ideias que estão a mais, que poluem e distorcem a autenticidade daquilo que procura representar. Um alívio para a mente.

Luzes e Som

A caracterização e contextualização da natureza do ambiente envolvente ao longo da narrativa recorre múltiplas vezes à menção de aspetos secundários como a luz e o som. Quando a personagem está inserida num ambiente ocupado e excessivamente estimulante, típico da Realidade, as luzes tendem a ser brancas, agudas e ofuscantes ao ponto de magoarem a visão. O som é alto, esmagador e desorientador. Em contraste, quando a personagem está inserida num ambiente mais calmo e pacifico, típico do Subconsciente, a presença de luz é diáfana e agradável ao olhar, como uma companhia que ilumina no escuro. O som é sossegado e melodioso como uma música de fundo que identifica o espaço como sendo um local amigável e seguro. Estes aspetos criam paralelismos que se assemelham ao estado interior da protagonista, indicando o seu bem-estar e conforto, ou o oposto.

Esqueleto

A dualidade de *Sencara* é um aspeto fundamental na história. A sua versão consciente é caracterizada pela materialidade e humanidade. O seu corpo sente tudo, quer seja o cansaço, o calor, a dor, o desconforto, a irritação, etc. Todas essas sensações físicas são lembretes constantes da Realidade onde tem de habitar contra a sua vontade. Por outro lado, quando mergulha no Subconsciente e se ambienta na calma acolhedora da quietude, consegue finalmente passar para além dos limites a que o seu corpo físico normalmente a condiciona. Sendo assim, nas ilustrações que a mostram inserida no universo Subconsciente, o seu corpo torna-se semi-transparente, exibindo o esqueleto por baixo da sua pele. É uma representação de como está a deixar a sua fisicalidade para trás.

Renda

A renda é um elemento visual que se repete várias vezes nas ilustrações. A sua presença não serve como uma representação literal que descreve um cenário concreto a dado momento específico. É antes uma menção à procura por um sentimento de nostalgia distante. Talvez seja o mesmo tipo de sentimento que surge quando nos lembramos de uma tarde calorosa na nossa infância, em que passávamos o nosso tempo despreocupado a ver a avó a costurar uma cortina de renda e a decorá-la com laços e botões mimosos, enquanto o sol se põe e entra gentilmente luminoso pela janela. Ou não... nem todas as memórias são universais, ou sequer reais. Talvez seja um sentimento que se manifesta numa lembrança diferente para cada um.

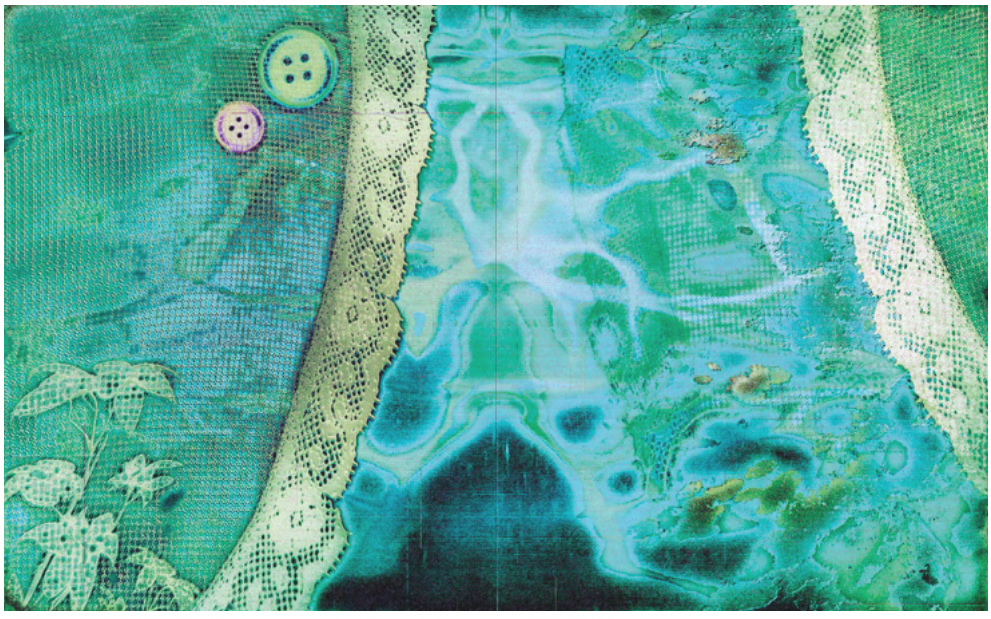


fig. 86 - Ilustração, Álbum Ilustrado.

Ilustrações

Sendo este artefacto editorial um Álbum Ilustrado, as ilustrações são a tipologia de elemento visual com mais destaque e relevância. A sua aparência consistente acompanha o decorrer da narrativa ao longo da totalidade das páginas do Álbum, e mais do que apenas situar o observador/leitor visualmente, procuram transmitir e representar a profundidade e autenticidade das sensações a cada dado momento da história. Todas as ilustrações desenvolvidas para este projeto (60) foram desenhadas de raiz, através do meio digital. Independentemente da sua tipologia de conteúdo, foram utilizadas algumas técnicas e elementos para manter coerência visual entre todas, nomeadamente:

*O uso de uma paleta de cores limitada, que contém predominantemente variações de azul esverdeado (aqua); azuis, verdes, vermelhos, e alguns pormenores com tons amarelos e roxos.

*Escolha de um conjunto limitado de pincéis (digitais) utilizados uniformemente na totalidade das ilustrações.

*Proporções semelhantes entre todas as ilustrações e outros elementos visuais.

*Aplicação de textura de fundo e simulação de "desgaste" nos cantos das imagens. No desenvolvimento das ilustrações, havia a intenção de que ao nível visual, estas agissem como fragmentos de memórias e sonhos pintados numa tela. Todos os elementos visuais presentes no Álbum são filtrados pela camada percetiva e imaginativa de *Sencara*, a protagonista da história. Tudo é fruto da sua mente consciente e subconsciente. Sendo assim, no que toca às ilustrações, foram-lhes aplicados indicadores visuais que aludem à sua materialidade, como se tratassem de imagens reais pintadas ou impressas sob uma superfície existente no universo imaginativo do Álbum.

*As ilustrações são uniformemente caracterizadas por um registo criativo semi realista. Ao nível formal, há uma representatividade que alude proximamente às proporções que observamos na realidade, quer o sujeito representado seja figura humana, objeto ou paisagem. Por outro lado, a forma como esses elementos formalmente realistas são geralmente aplicados na composição, (bem como as cores que lhes são atribuídas) têm um caráter surreal ou "paranormal". Mesmo o conteúdo, muitas vezes trata-se de representações de caráter bizarro e estranho que foge às leis da normalidade lógica (elementos flutuantes, corpos transparentes com esqueleto visível, cara de porcelana lisa desprovida de quaisquer feições faciais, espelhos de água verticais e infinitos, templos, árvores, janelas, espanta-espiritos, luzes e outros elementos tipicamente terrestres mergulhados debaixo de água, etc.)

Ao nível de conteúdo, separam-se em imagens de natureza mais figurativa, outras mais abstratas e ainda ilustrações tipográficas. As mais abstratas normalmente são caracterizadas pela presença de variados elementos naturais, sejam estes folhagem, árvores, flores, água, etc. Na sua maioria, enquadram-se como fundos de página que servem como suporte visual para a mancha tipográfica. Noutros casos, são aplicadas como bases para suportar e contextualizar visualmente outras ilustrações de natureza figurativa. As figurativas retratam a figura humana (as duas versões da personagem principal), objetos ou estruturas diversas e por vezes paisagem/cenário envolvente. Ambas as tipologias de ilustração, abstrata e figurativa, aparecem recorrentemente nas três partes em que o Álbum se divide, com maior destaque nas partes 1 e 3. As ilustrações tipográficas são apenas utilizadas na parte 2, ou seja, a porção da história em que a personagem principal está presa na Realidade. Como meio de incorporar a presença da ilustração (mesmo quando a personagem está presa num ambiente opressivo que restringe a sua capacidade imaginativa e sonhadora) os restantes traços de organicidade nos seus pensamentos rígidos, manifesta-se filtrada através de conjuntos de caracteres tipográficos que perdem a sua significância individual, transformando-se e adaptando-se a formas figurativas cujo significado transcende o seu predestinado sentido de leitura coerente.

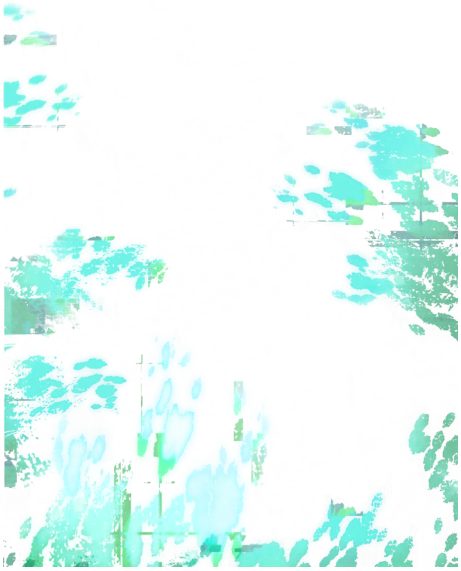
Por vezes, são ainda utilizados *Dingbats*, como símbolos mais imediatos que ajudam a atribuir significado paralelamente adicional ao texto.

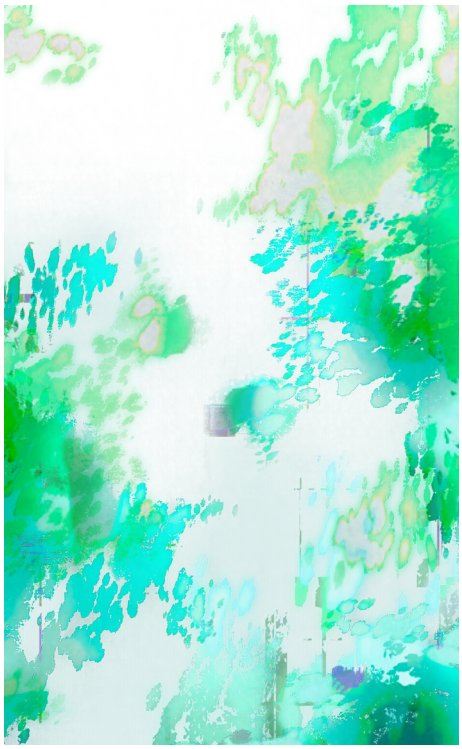


Significados das Ilustrações

Sequência do Mergulho Descendente

O primeiro conjunto de Ilustrações que vemos no início do Álbum formam uma sequência linearmente evolutiva, que mostra e ilustra a entrada descendente da protagonista no seu Subconsciente. Os motivos naturais em tons de verde e azul preenchem o branco das páginas iniciais, ocupando o vazio monótono com a sua organicidade criativa. Simbolizam a transição entre a Realidade e o universo Subconsciente.





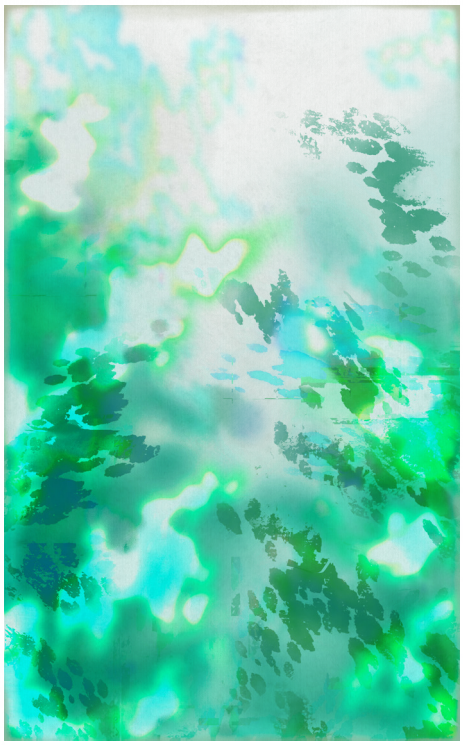


fig. 87 à 89 - Sequência de Ilustrações, Álbum Ilustrado.

Coluna Vertebral a Partir

Nesta sequência ilustrativa, a protagonista cai e o seu corpo rompe abruptamente a Superfície do Subconsciente. Pelo que se lembra, é a primeira vez que experiencia o impacto desconcertante e súbito desta colisão, pelo que o choque se espalha pelo seu corpo e tira-lhe a respiração; sente como se o seu esqueleto, a base física que a liga à Realidade física, se estivesse a partir e a despedaçar nesse preciso instante. Simboliza a reviravolta abaladora que lhe acaba de acontecer, o fim da normalidade monótona em que até ao momento estava presa e a desconexão material de deixar o mundo físico para trás.

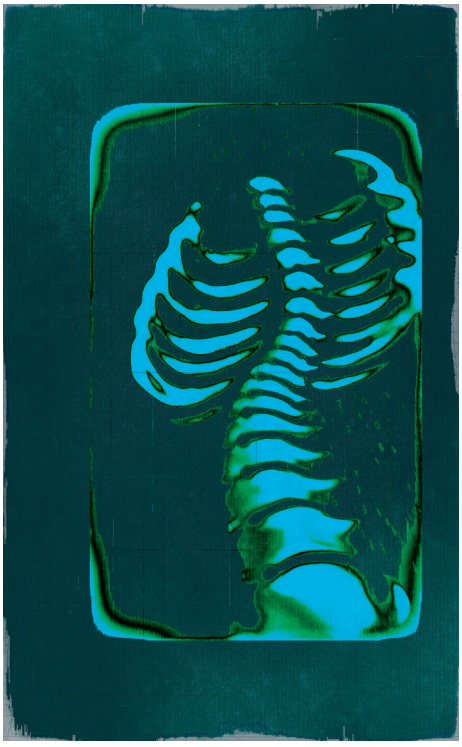






fig. 90 à 92 - Sequência de Ilustrações, Álbum Ilustrado.

Despedida da Realidade

Enquanto vê a luz da Realidade que entra através da superfície tornar-se cada vez mais distante, e o seu corpo se afunda lentamente nas águas frias e sossegadas... começa a render-se à incerteza do seu destino. As ilustrações que acompanham este segmento da história aparecem como fragmentos flutuantes que pintam a imagética representativa do momento. Vemos uma cara pálida, que quase parece uma máscara sem feições definidas, a ser engolida por uma massa de cabelos pretos e folhagem emergente. Há um rosto de porcelana fraturada que flutua na composição. Os seus traços arredondados e delicados assemelham-se à cara de uma criança. Um corpo semi-transparente, com cabelos flutuantes, deixa-se afogar na imensidade escura. Há algumas camadas de significado que se sobrepõem neste conjunto de imagens: uma vez mais, a perda da materialidade mostrada através de um corpo translúcido; uma vaga indicação de que esta visita ao Subconsciente não é a sua primeira (já é algo que a acompanha desde a infância, mesmo que não se lembre) e o aparecimento da máscara facial usada por *Sencara* para ir à Realidade... por agora intacta, mas que em breve também desaparecerá (não é necessário usá-la mais no Subconsciente).





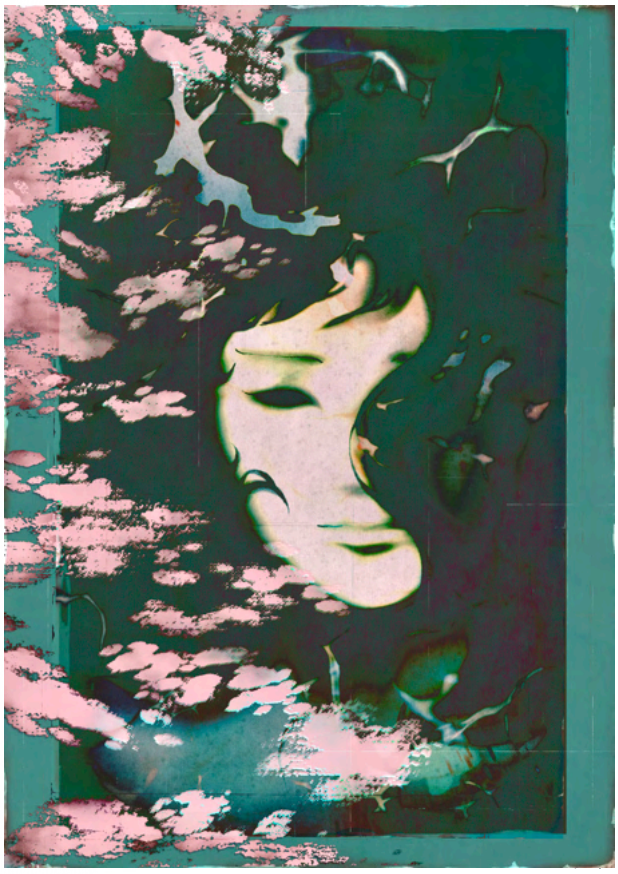
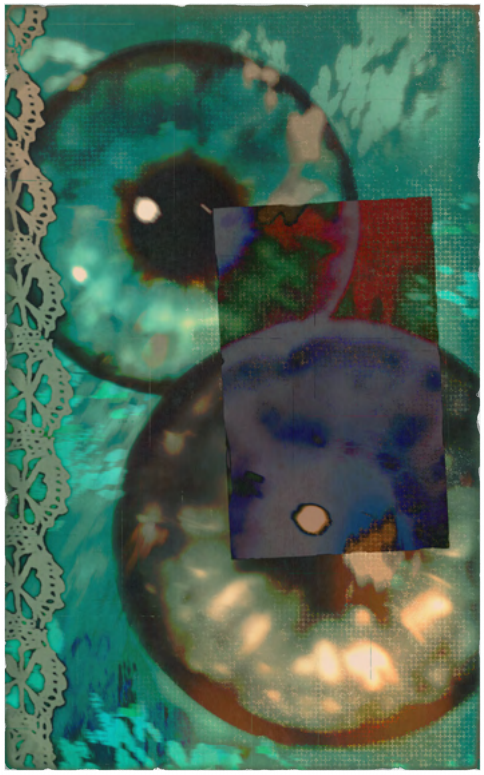


fig. 93 à 95 - Sequência de Ilustrações, Álbum Ilustrado.

Embalada nas Profundezas

Quanto mais tempo passa nas águas isoladas, mais cresce a vontade de permanecer no seu abraço surpreendentemente acolhedor. Não ter de lidar com o barulho e pressão constante da realidade parece uma ideia magnífica. Neste segmento, os fragmentos ilustrados representam o seu olhar e pensamento desfocado que agora apenas deseja descansar um pouco, embebido na melodia constante de memórias nostálgicas e sonhos distantes. A sua envolvente torna-se menos saturante, transformada em voláteis imagens de cores, luzes e sombras indefinidas. Não se tem de esforçar mais para compreender ou racionalizar: pode simplesmente esquecer e descansar em liberdade.





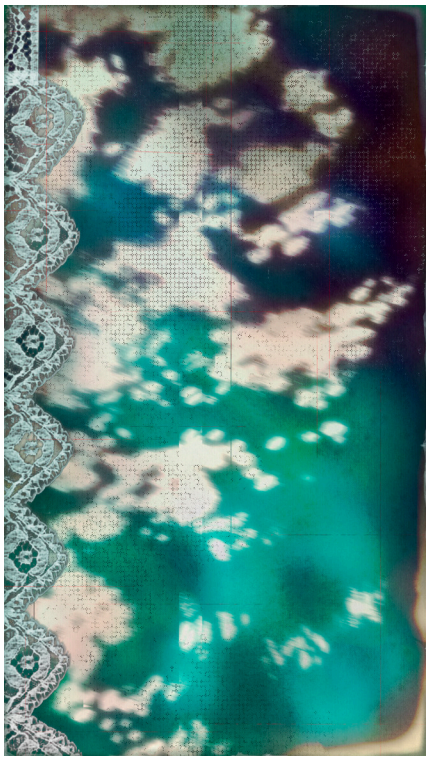


fig. 96 à 98 - Sequência de Ilustrações, Álbum Ilustrado.



fig. 99 à 105 -
Sequência
de Ilustrações,
Álbum Ilustrado.

As Vozes

O universo imaginativo na sua mente desfaz-se num instante. O escuro e o silêncio são substituídos por luzes agudas e vozes perturbadoras. O registo das ilustrações deste segmento muda relativamente ao que vimos até agora. Os azuis e verdes suaves são substituídos por vermelhos saturados e brancos clínicos, os desenhos orgânicos e manuais tornam-se pixelizados e automáticos. Os olhares exteriores que a julgam, materializam a paranoia provocada pelas palavras brutas das vozes intrusivas e insultuosas. Simbolizam a interrupção do sonho e o regresso forçado ao mundo real, onde até o monólogo interior dos seus pensamentos se vira contra si mesma, moldando-se na forma dos seus medos.



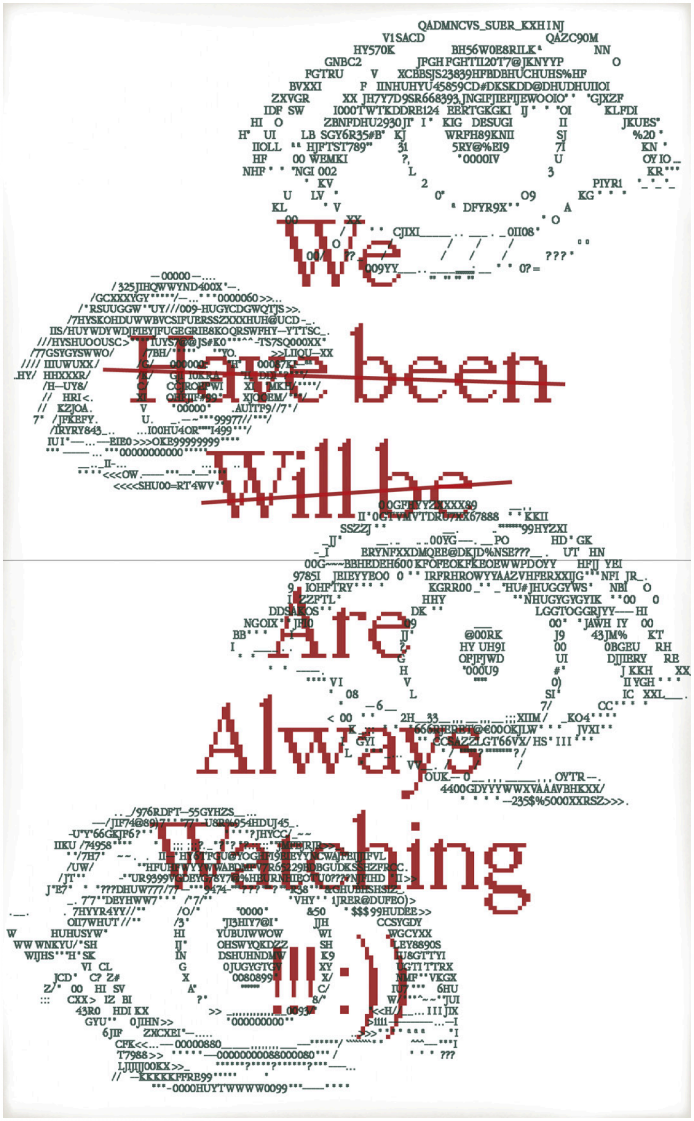


fig. 106 e 107 - Ilustrações, Álbum Ilustrado.

Visão

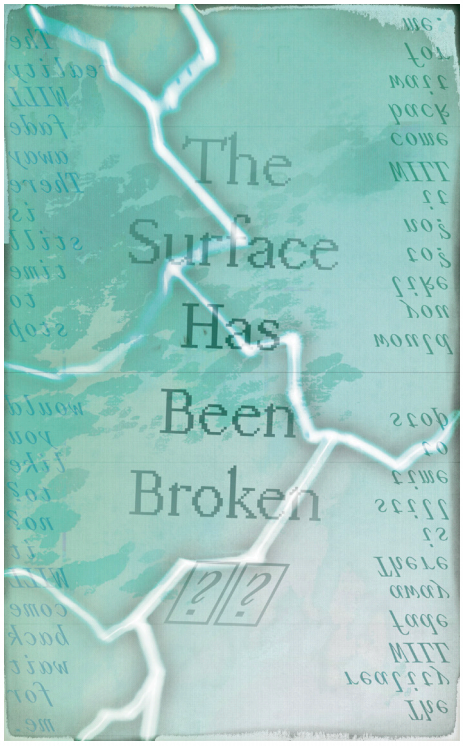
Como um vislumbre ou uma miragem, por um breve momento a realidade parece desvanecer. Pensa que viu um fragmento colorido de uma memória ou de um sonho distante... estará a alucinar, ou será que algo do qual não se lembra está a tentar voltar à superfície? No meio das páginas brancas que constituem a porção da narrativa passada na realidade, por vezes surgem ilustrações cuja estética faz lembrar as que vimos no Subconsciente. Os limites da Realidade não são capazes de conter os impulsos inconscientes que instintivamente tentam escapar. No entanto, por agora, estas imagens permanecem ligeiramente alteradas pelo filtro opressivo da lógica limitativa do mundo real.



fig. 108 - Ilustração, Álbum Ilustrado.

Alucinação

Os impulsos inconscientes mostram-se insistentemente e cada vez mais frequentes. A barreira superficial de ignorância que no passado era capaz de os conter quase completamente, foi finalmente fraturada, a sua integridade comprometida. O Subconsciente, líquido e incontrolável, agora flui livremente e escapa pelas falhas expostas, infiltrando-se e manifestando-se em plena luz do dia real. A mente da protagonista é envolvida em lembranças e alucinações que distorcem a monotonia da sua envolvência física. Numa destas alucinações proeminentes, conforme representado nas ilustrações, quando olha para o espelho vê as feições da sua cara a cairem como peças descartadas de porcelana partida, até ficar sem nada sem ser um rosto branco, liso e rachado. Sem ainda o saber, está cara a cara com a versão mais autêntica de si mesma, a que habita no Subconsciente.





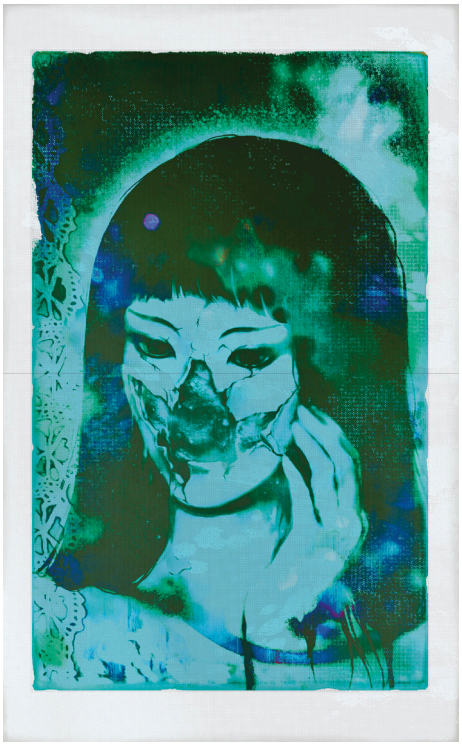


fig. 109 à 111 - Sequência de Ilustrações, Álbum Ilustrado.

Memória de uma Noite de Lua Cheia

Chega a um ponto em que a enfadonha Realidade já não parece mais ser real. Os limites lógicos que a definem, que antes pareciam impossíveis de questionar, agora mostram-se indefinidos e desfocados. Abrem o caminho para revelar com clareza a imagem cativante do universo que vive debaixo da Superfície filtrante. Infinitamente cativante. As ilustrações neste segmento mostram um portal de água (indicando que a entrada para o Subconsciente foi finalmente aberta), e um fragmento da memória que visitámos no início da história, que mostra os momentos antes da personagem principal cair e partir a Superfície do Subconsciente.



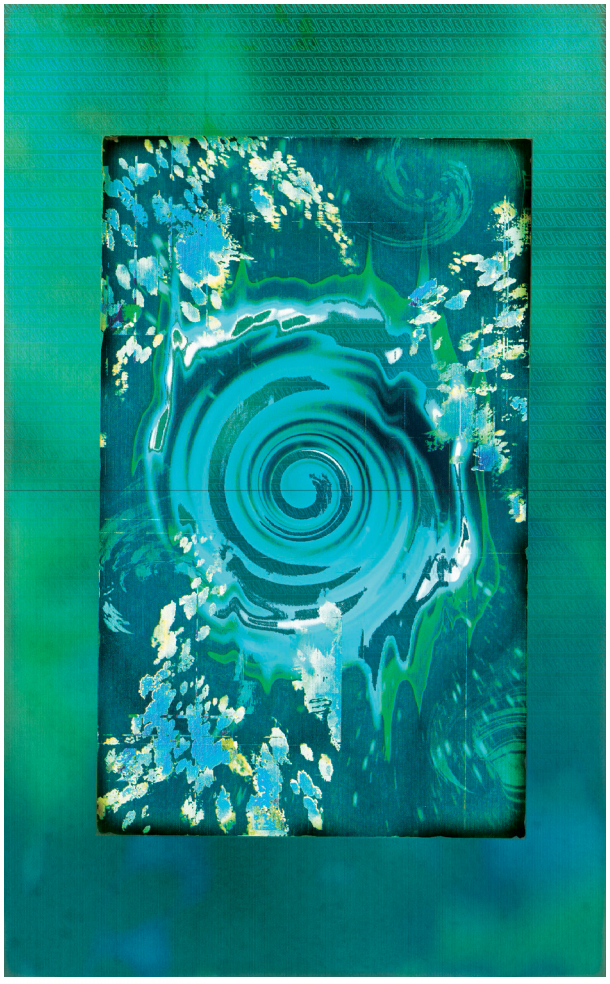


fig. 112 e 113 - Ilustrações, Álbum Ilustrado.

O Subconsciente

Finalmente, chegada a hora esperada do regresso ao Subconsciente, os restos da Realidade pesada e persistente colidem com a natureza imaterial e ilusória do domínio do Subconsciente. A ilustração mistura um padrão tipográfico que forma uma ondulação aparentemente fora de controlo, com a folhagem caracteristicamente inconsciente. Desta vez, o Subconsciente predomina e dá-se uma última transição e fusão entre os dois universos.



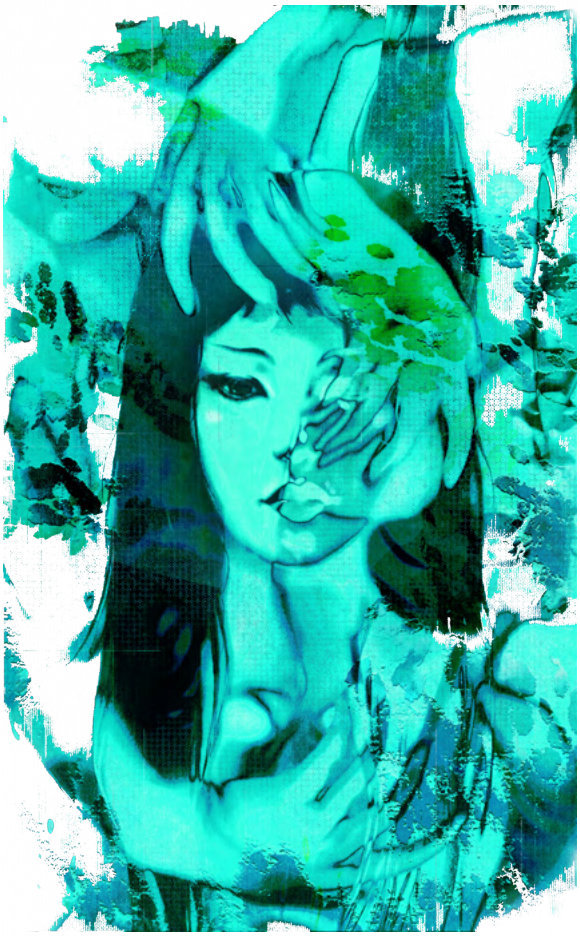
fig. 114 - Sequência de Ilustrações, Álbum Ilustrado.

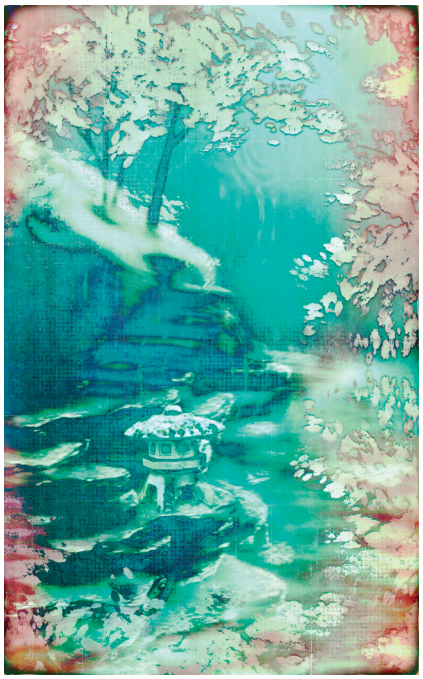
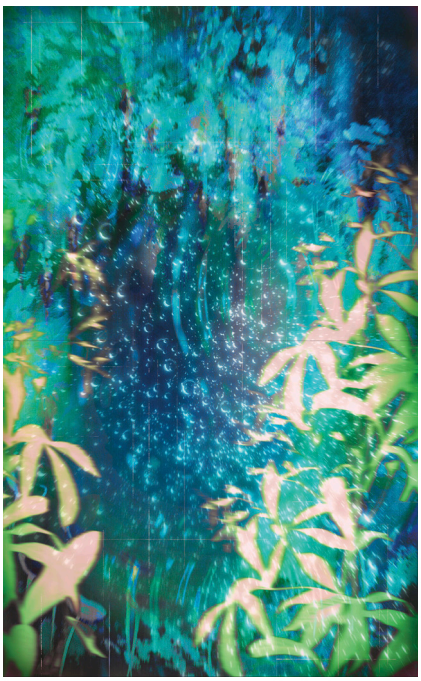


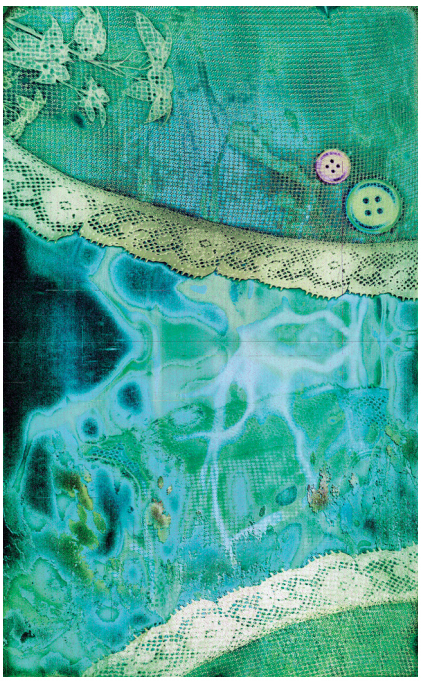
fig. 115 à 118 -
Sequência
de Ilustrações,
Álbum Ilustrado.










Perceção

Nesta última sequência ilustrada no desfecho da história, a protagonista regressa uma vez mais à realidade, desta vez pela sua própria vontade. Nada calmamente em direção à luz que irradia da Superfície. Agora percebe que não pode viver embebida no conforto ilusório da sua própria mente para toda a eternidade, mas tem o conforto de saber que pode lá voltar sempre que desejar repousar. Por vezes, um pouco de desconforto é necessário para ultrapassarmos o que mais nos assusta e aprendermos aquilo que no passado não tínhamos clareza suficiente para entender.





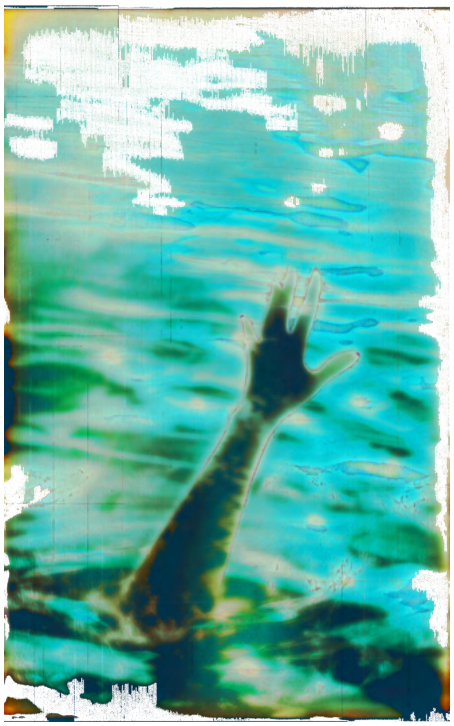
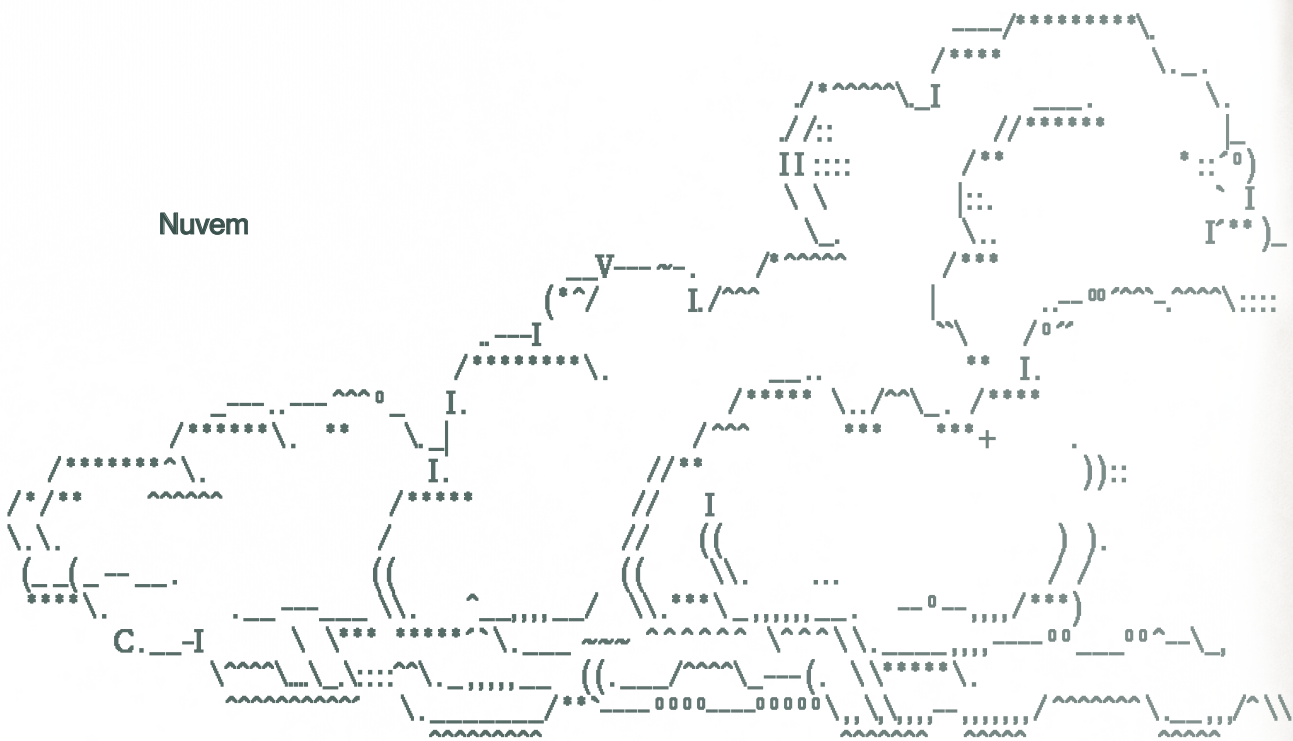
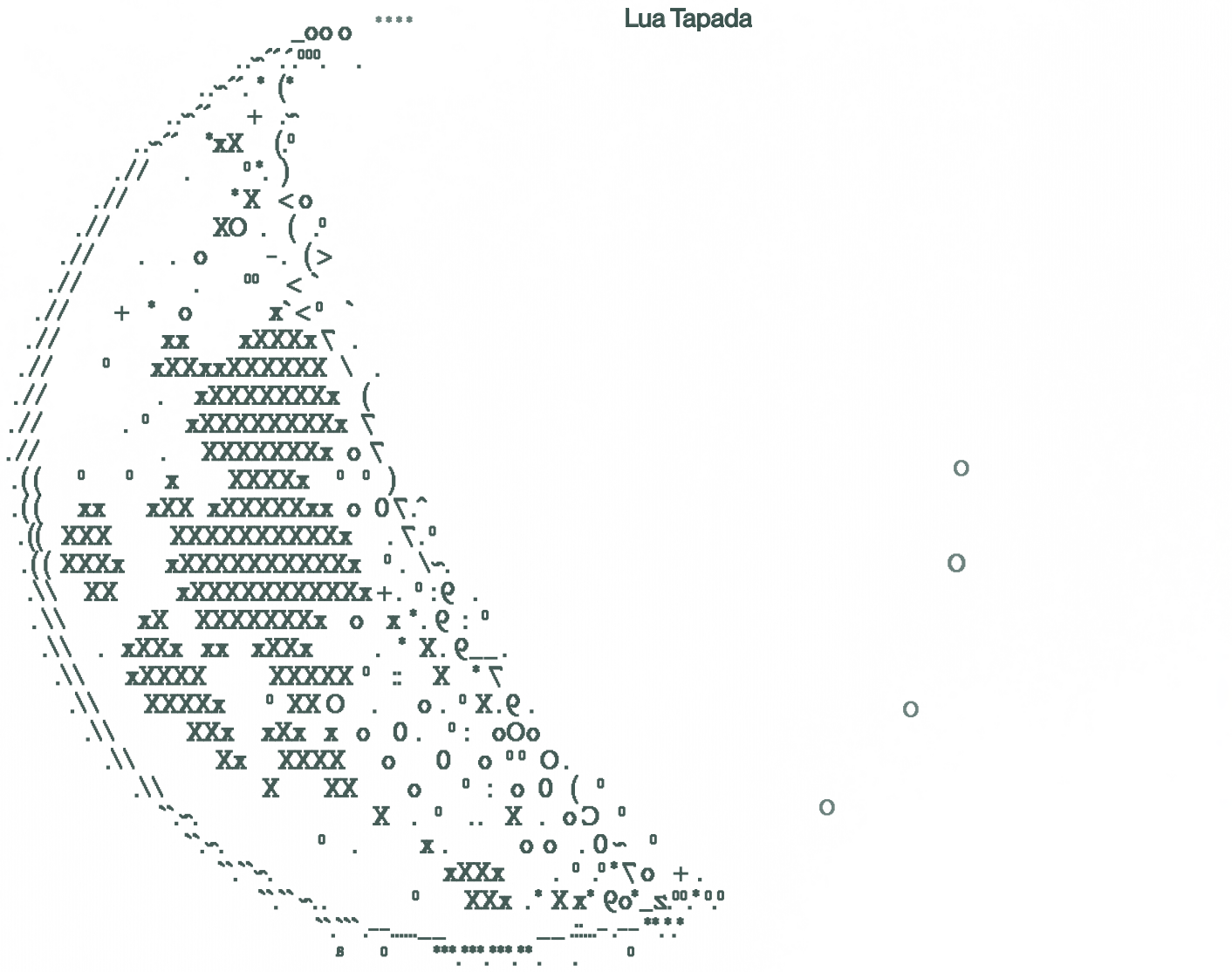


fig. 128 à 131 - Sequência de Ilustrações, Álbum Ilustrado.

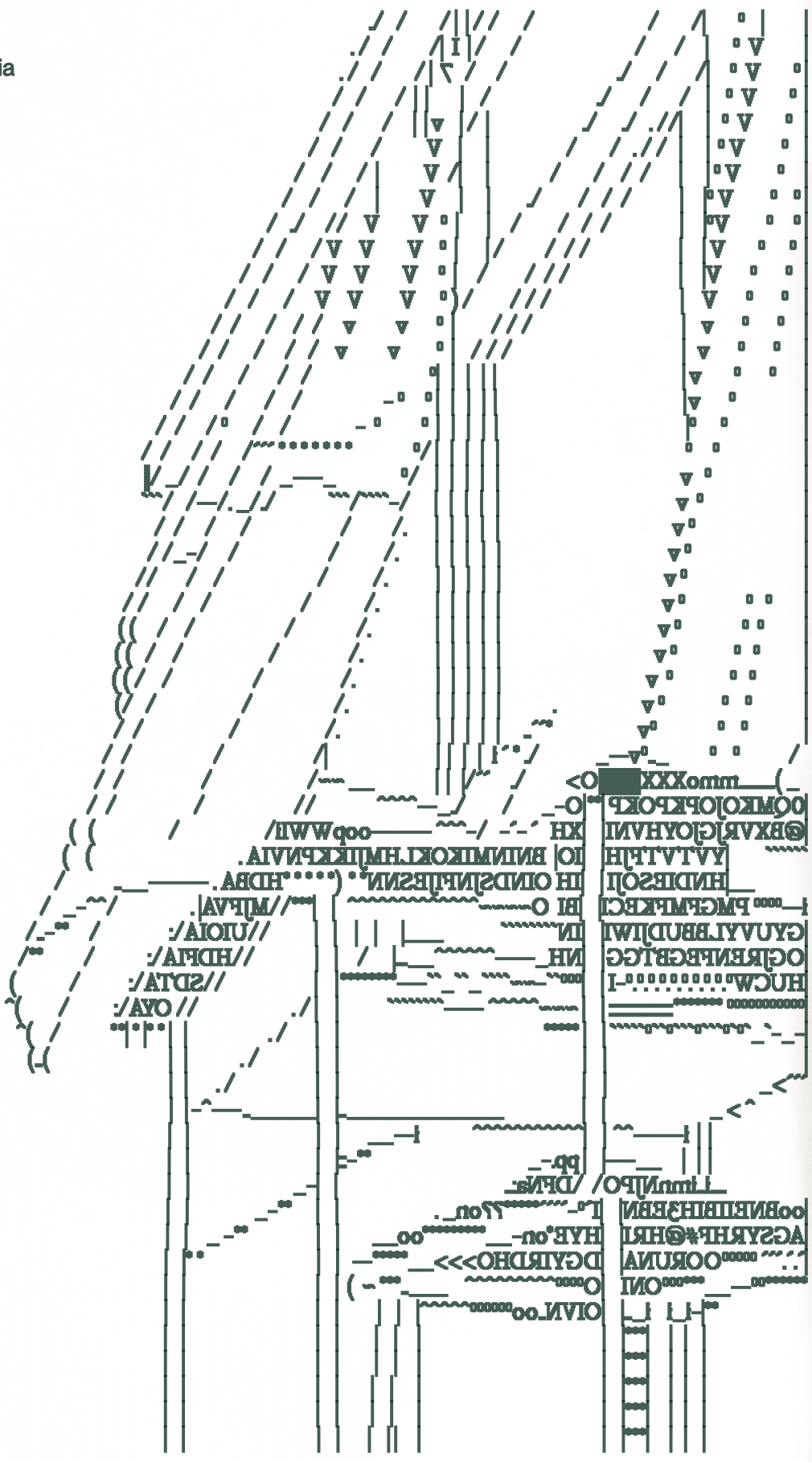
Nuvem



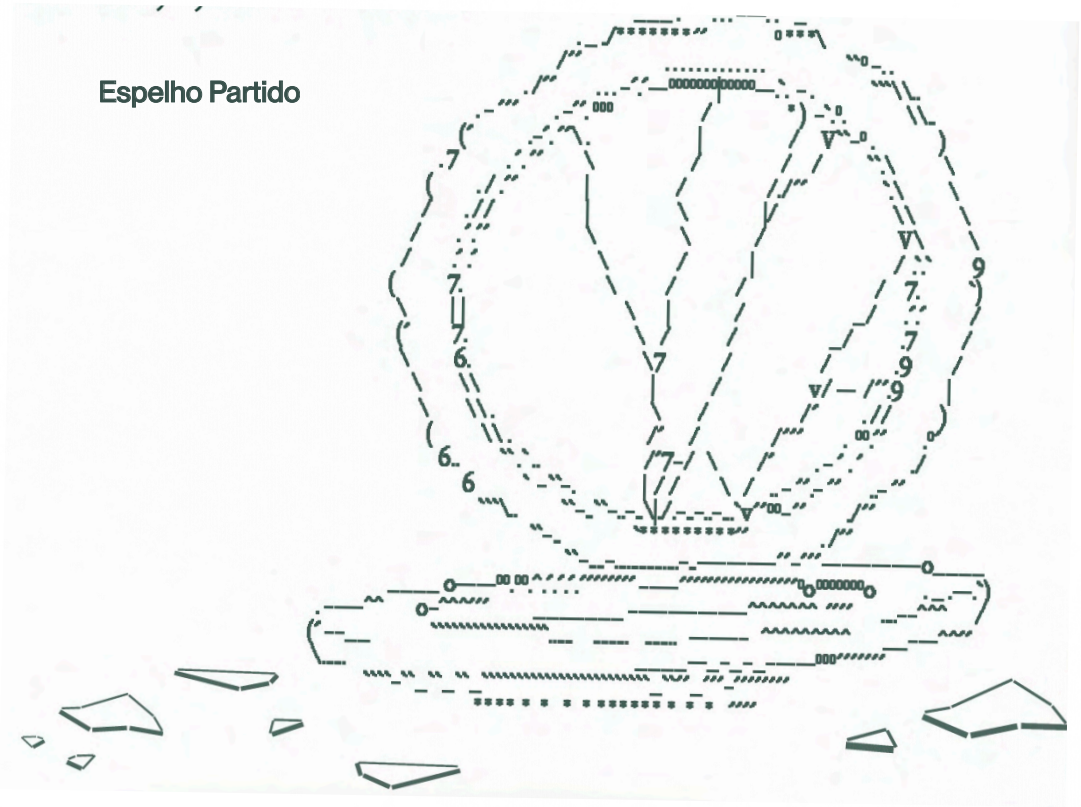
Lua Tapada



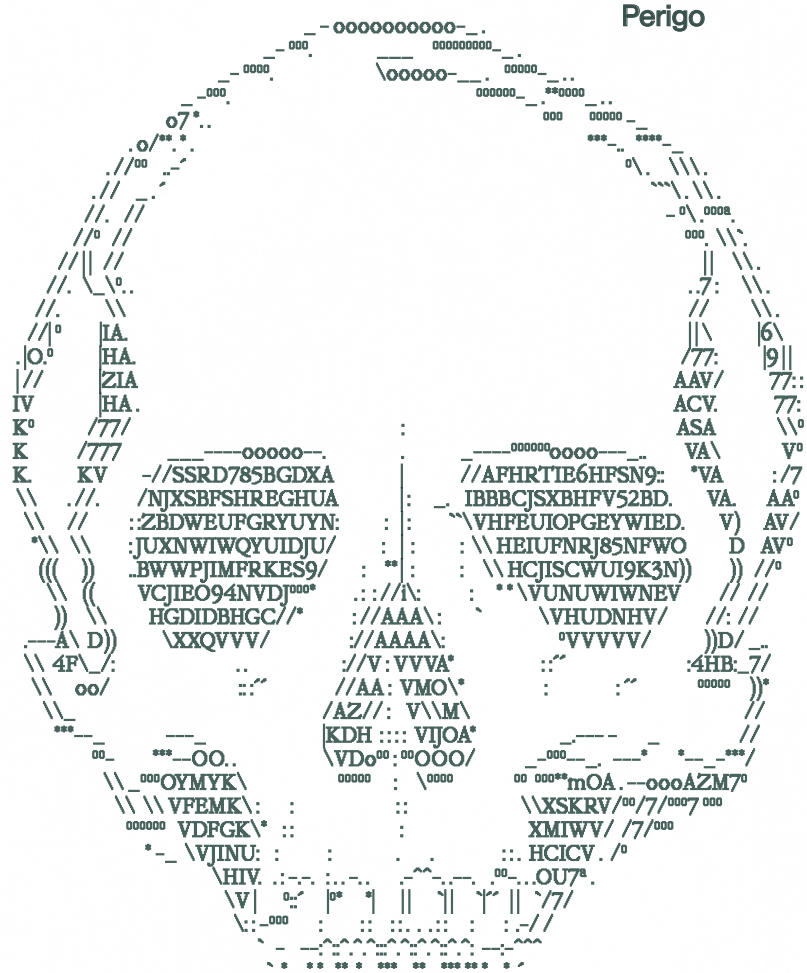
Secretária
Junto
à Janela



Espelho Partido



Perigo



Sencara

Tipografia

Neste Álbum Ilustrado, a história escrita é um elemento fundamental e indispensável para guiar o observador na sua viagem visual. A tipografia usada em cada fase da história muda consoante a disposição da personagem principal, a sua forma adapta-se à natureza do que sente no preciso momento em que o sente. Desse modo, mesmo antes de lermos o conteúdo do texto, já temos uma clara indicação visual da mudança de registo ou contexto emocional. Por vezes o conteúdo escrito cai para o segundo plano de relevância perante a totalidade da composição visual em que está inserido. Em momentos como esses, a contribuição visual da mancha de texto na página ganha um destaque que ultrapassa a importância da leitura. Por mais superficial que possa ser, neste caso, a aparência formal da tipografia, em concordância com a linguagem embebida na composição, torna-se num requisito mais necessário do que aquilo que se diz em concreto.

O posicionamento, tamanho, distribuição e orientação do texto na página, moldam-se aos acontecimentos descritos na narrativa, como se fossem efeitos secundários ou consequências da mesma. A sua aparência e as características procuram traduzir visualmente as especificidades da atividade mental da personagem principal. Se as frases do texto estiverem divididas e distribuídas de certa forma específica, servem para delimitar o ritmo e ordem de leitura de modo a imitar a cadência dos pensamentos interiores da protagonista. Se a mancha de texto estiver obstruída por um outro elemento visual que dificulta a sua leitura, serve para representar o estado mental caótico ou da personagem e a dificuldade que poderá estar a ter em formular pensamentos coerentes e lineares, ou até mesmo para delinear a natureza mais secundária da ação ou pensamento. Se o texto muda de tamanho, procura-se representar a urgência, importância ou mesmo o volume do monólogo interior. Um texto mais pequeno será um indicador de momentos e pensamentos mais constantes e calmos ou com menos protagonismo; texto maior será um indicador de algo mais alto, com mais destaque ou insistente.

Em alguns casos específicos, mesmo estando completamente desobstruída, a mancha de texto é quase impossível de ler, pois a sua orientação está invertida. Nesses casos, o conteúdo escrito não é essencial para a perceção da história, por vezes a informação que está contida no texto é quase como barulho de fundo; mas não é indesejável, antes pelo contrário. A informação contida nesses textos invertidos acrescenta alguns pormenores extra que caracterizam mais elaboradamente o cenário em que se apresentam. Se o leitor desejar descobrir o que neles está escrito, pode recorrer a um espelho para o ajudar. A presença destes textos é como uma mensagem oculta em plena visibilidade. Uma referência direta às propriedades de camuflagem e reflexão presentes nos espelhos e na Superfície Subconsciente, bem como uma forma de lembrar ao leitor a importância de considerar formas alternativas para conseguir perceber aquilo que não é imediatamente percetível.

Todas as fontes tipográficas utilizadas neste projeto prático foram desenhadas pela *Pangram Pangram Foundry*. Foram utilizadas três, na totalidade da expansão do Álbum Ilustrado.

"Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incidi-dunt

PP Lettra Mono Italic - Representa o monólogo que decorre no/derivado do/ou relacionado com o Subconsciente. Ao nível formal, esta fonte tipográfica serifada em itálico, transmite em parte, a delicadeza orgânica e o ritmo inclinado de caligrafia escrita à mão, ou de uma mensagem cosida num pano bordado. Por outro lado, enquanto uma fonte monoespaçada tem uma horizontalidade estável que faz lembrar a escrita de uma máquina de escrever antiga. A sua aparência versátil permite que se adapte subtilmente quando combinada com imagens ilustradas, tornando-se quase parte das mesmas. Nas páginas do Álbum, por vezes é usada sem preenchimento e apenas com contorno, criando uma transparência no corpo da letra que atua como uma janela para as ilustrações de fundo. Este tratamento visual permite que os elementos tipográficos a que está aplicado, se tornem ainda mais mascarados e uniformizados com a linguagem altamente figurativa das ilustrações, representando a natureza volátil e moldável da voz sossegada do Subconsciente.

"Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit,sed do eiusmod tempor inc-ididunt

PP Air Mono Medium e Semi Bold - Representa a realidade através da perceção consciente da personagem principal. Preserva alguns dos atributos visuais da fonte tipográfica usada para representar o Subconsciente, no sentido de também ser monoespaçada. Por outro lado, a sua aparência formal, mantendo-se delicada, tem uma expressão mais rígida e massificada. Faz lembrar o tipo de letra que encontrariamos num diário no meio digital, escrito num computador dos anos 90. Apesar dos seus traços geométricos e brutalistas, quando inserida na composição visual, esta fonte quase parece estar em movimento, como se ganhasse vida própria e simplesmente aparecesse espontaneamente, acompanhando os pensamentos da protagonista em tempo real.

"Lorem ipsum dolor sit amet, consec-tetur adipiscing elit, sed do ei-usmod tempor incididunt

PP Mondwest - Utilizada em seletivos destaques textuais, pormenores e nas ilustrações tipográficas. Enquadra-se no Álbum como uma indicação de transição abrupta entre o Subconsciente e a Realidade, como se se tratasse de um *glitch*. A presença de delicadas serifas clássicas contrasta com a estética pixelizada, futurista e brutalista que evoca a atenção do leitor e alude para uma mudança súbita.

6. Conclusão

6.1 Um Futuro para o Projeto

Considero importante e recomendo que a leitura do Álbum seja acompanhada de música, visto que foi um elemento fundamental e constantemente presente durante a sua criação. Há um maior nível de abstratividade e imersão capaz de ser atingido com a presença ativa do som, realçando e amplificando determinadas emoções aquando da experiência de leitura/observação do Artefacto.

(Neste *link* está incluída a ***Playlist*** criada para acompanhar a leitura do Álbum Ilustrado*:* https://www.youtube.com/watch?v=1ovtFq3onbQ&list=PLZK_nJB9uRVKSlKhKrUUugiYQuBTgGHtJ*)*

Inicialmente, o projeto foi idealizado com a inclusão de uma Instalação Artística, como um segundo elemento constituinte da componente prática. A instalação permitiria mostrar as ilustrações acompanhadas pelo som e melodia, inserindo-as novamente no contexto original de onde surgiram e conforme foram idealizadas. Permitiria igualmente, através de um público, incluir um momento de observação direta ao projeto, algo que seria enriquecedor para esta investigação. No entanto, a duração acumulada das diversas fases de criação do artefacto editorial, mostrou-se demorada, pelo que a ideia da instalação teve de ser deixada como algo a fazer num possível futuro para este projeto.

Para além de uma Instalação Artística, penso que este projeto visual também pudesse ganhar uma vida mais imersiva, adaptado ao contexto do cinema ou animação. Será igualmente um aspeto a considerar futuramente.

Quanto ao projeto no seu estado atual, este foi testado academicamente através da participação no encontro de Investigação Jovem da Universidade do Porto (IJUP), em maio de 2025. O evento permitiu afinar mais extensamente a qualidade da investigação, bem como, afirmar e vizualizar a sua relevância enquanto tema de estudo. A nível pessoal, considero que seja uma base que demonstra a importância da ilustração enquanto uma ferramenta para a articulação do pensamento e da emoção. O peso do infinito significado que pode ser inserido na prática de figuras de estilo visuais, mostra-se numa forma indispensável de comunicar, partilhar e eternizar a nossa individualidade, expressividade e natureza enquanto pessoas criativas.

6.2 Considerações Finais

No fundo, o resultado prático deste projeto não é uma representação fiel de nenhum lugar, ou de alguém em concreto; é antes uma materialização interpretativa do sentimento introvertido. É também uma expressão criativa, motivada pelo desejo curioso de encontrar conforto no refúgio infinito da composição visual.

Naturalmente, nem todos se irão rever na noção de "conforto" concebida para este projeto. As ilustrações e a história não terão a mesma profundidade de significado para uns, da mesma forma que terão para outros. No entanto, para aqueles que de alguma forma se interessem ou se identifiquem com o Álbum Ilustrado, a intenção é que este seja uma lembrança agradável de um lugar interior seguro, livre e sereno. Considero que este projeto ganha valor enquanto um artefacto capaz de proporcionar uma experiência imersiva. Se em algum momento durante a leitura, o leitor vir no artefacto um reflexo de si mesmo, ou de algo que gostaria de ser, tal será o suficiente para concretizar o propósito com que este projeto foi idealizado.

Nem todos os meios de comunicação visual têm de servir o propósito de serem puramente neutros, úteis, funcionais ou informativos. Não quando o meio bidimensional tem uma enorme capacidade inata para conter camadas de significado infinitamente variadas, tal como a complexidade infinita das variações que compõem a profundidade emocional e racional do ser humano. Nesse sentido, considero que os objetivos definidos no início da investigação foram, de forma geral, cumpridos. Através da ilustração, explorou-se o potencial comunicativo da imagem na representação de conceitos abstratos, aproximando o processo criativo da reflexão psicanalítica e cognitiva. A cor, a forma e a composição foram utilizadas como meios de traduzir emoções e estados mentais, demonstrando a capacidade da imagem para espelhar a estrutura racional e emocional da perceção.

É importante chamar a atenção para tópicos relevantes através dos meios a que temos acesso, incluindo em contexto académico. Ao mesmo tempo, na área do design gráfico e editorial, é importante continuar a trabalhar no sentido de ganharmos uma compreensão mais fundamentada das técnicas, meios e recursos que dão vida aos projetos, para que possamos continuar a evoluir e adaptar a nossa prática em função das necessidades humanas em constante mudança.

No contexto académico e artístico, o projeto assume-se como uma contribuição para a compreensão da ilustração enquanto meio de pensamento e introspeção. Ao invés de servir apenas um propósito funcional ou informativo, a imagem é aqui valorizada como linguagem universal, capaz de exteriorizar perceções, emoções e memórias que dificilmente encontram expressão verbal. Nesse processo de perceção desobstruída por noções preconcebidas, quando as nossas mãos traduzem a essência daquilo que vemos, desenvolvemos uma maior sensiblidade àquilo que nos è exterior e interior. Tornamo-nos uma parte de um todo, mental e fisicamente.

Ao longo deste processo de investigação teórico-prático, tenho vindo a reparar num tema comum que parece estar sempre subentendido nas entrelinhas de cada tema explorado: o equilíbrio. Seja entre a introversão e a extroversão, entre a consciência e a inconsciência, entre a figuratividade e a ambiguidade, entre a emoção e a razão, consta sempre a importância do equilíbrio. Parece ser um princípio que mantém e preserva a ordem de tudo. Face a este desequilíbrio entre os dois extremos do espectro da personalidade humana, desejo que a componente prática deste projeto possa ajudar a combater esta crescente falta de sensibilidade e desvalorização do sentido criativo. Demasiado de algo, torna-se prejudicial, mesmo que esse algo em excesso seja normalmente encarado como algo positivo, ou melhor.

Reforço a importância de uma perspetiva balançada na forma como vemos os diversos aspetos que constituem os pensamentos, emoções e as ações no dia a dia. Lembro uma vez mais, que até mesmo o escapismo (conforme a imaterialidade que o define) como um ato demasiadamente normalizado, torna-se em algo tão concreto como a própria realidade física a que tentamos escapar.

7. Referências

Arnheim, R. (1954). *Art and visual perception: A psychology of the creative eye*. University of California Press.

Bainbridge, C. (2007). *Culture and the Unconscious*. Palgrave Macmillan.

Bang, M. (1991). *Picture this: How pictures work*. Seastar Books.

Bernard, F. R. (1921). *A picture is worth a thousand words*. Printer's Ink.

Berger, J. (1972). *Ways of seeing*. Penguin Books.

Breton, A. (1969). *Manifestoes of surrealism*. University of Michigan Press.

Britannica. (2024). *Rorschach test*. Britannica. https://www.britannica.com/science/Rorschach-Test.

Cain, S. (2012). *Quiet: The power of introverts in a world that can't stop talking*. Crown Publishers.

Damásio, A. (1994). *O erro de Descartes*. Putnam Publishing.

Freud Museum London. (2025). *Who was Sigmund Freud?*. Freud Museum London. https://www.freud.org.uk/schools/resources/who-was-sigmund-freud/.

Freud, S. (1900). *The interpretation of dreams*. Macmillan.

Freud, S. (1910). *The origin and development of psycho-analysis*. American Journal of Psychology. https://doi.org/10.2307/1413001.

Freud, S. (1920). *Beyond the pleasure principle*. University of Pennsylvania – School of Arts & Sciences.

Freud, S. (1930). *Civilization and its discontents*. University of Pennsylvania – School of Arts & Sciences.

Gale, M. (2010). *Dada & surrealism*. Phaidon Press.

Glaser, M. (1973). *Milton Glaser: Graphic design*. AbeBooks.

Glaser, M. (2008). *Drawing is thinking*. Overlook Press.

Gray, P. (2011). *The psychology of art and creativity: The role of introversion in the creative process*. Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts, 5(3), 225–233.

Helgoe, L. A. (2013). *Introvert power: Why your inner life is your hidden strength*. Sourcebooks.

Hopkins, D. (2004). *Dada and surrealism: A very short introduction*. Oxford University Press.

Horney, K. (1950). *Neurosis and human growth: The struggle toward self-realization*. W. W. Norton & Company.

Jung, C. G. (1921). *Psychological types (H. G. Baynes, Trad.)*. Harcourt, Brace & Co.

Jung, C. G. (1959). *The archetypes and the collective unconscious*. Princeton University Press.

Jung, C. G. (1964). *Man and his symbols*. Doubleday.

Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. University of Chicago Press.

Laney, M. O. (2002). *The introvert advantage: How to thrive in an extrovert world*. Workman Publishing.

Lenovo. (2025). *What is meant by Zapf dingbat?*. Lenovo. https://www.lenovo.com/us/en/glossary/zapfding/

Lupton, E., & Phillips, J. C. (2008). *Graphic design: The new basics*. Princeton Architectural Press.

McKean, D. (2016). *Black dog: The dreams of Paul Nash*. Dark Horse Comics.

McKean, D. (s.d.). *Biography. DaveMcKean.com*. https://www.davemckean.com/personal/biography/

McWilliams, N. (1994). *Psychoanalytic diagnosis: Understanding personality structure in the clinical process*. Guilford Press.

Miranda, P. (2020). *David Carson: Surfing the unconventional waves of Zapfs Dingbats*. Medium. https://medium.com/@yopaulmiranda/david-carson-surfing-the-un-conventional-waves-of-zapfs-dingbats-52a520186c64

Miyazaki, H. (Realizador). (1984). *Nausicaã of the Valley of the Wind* [Filme]. Studio Ghibli.

Miyazaki, H. (Realizador). (1986). *Castle in the Sky* [Filme]. Studio Ghibli.

Miyazaki, H. (Realizador). (1992). *Porco Rosso* [Filme]. Studio Ghibli.

Miyazaki, H. (Realizador). (1997). *Princess Mononoke* [Filme]. Studio Ghibli.

Miyazaki, H. (Realizador). (2001). *Spirited Away* [Filme]. Studio Ghibli.

Miyazaki, H. (Realizador). (2004). *Howl's Moving Castle* [Filme]. Studio Ghibli.

Miyazaki, H. (Entrevistado). (2016). *Endless Man: Hayao Miyazaki* [Entrevista em vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=ngZ0K3lWKRc

Miyazaki, H. (2013). *Girlhood and girl power in Studio Ghibli films*. The Guardian. https://www.vice.com/en/article/girlhood-and-girl-power-in-studio-ghibli-films/

Musorrafiti, D. (2024). *Interview with Dave McKean on his surreal and arcane art*. Retro Futurista. https://retrofuturista.com/interview-with-dave-mckean-on-his-surreal-and-arcane-art/

Napier, S. (2018). *Miyazakiworld: A life in art*. Yale University Press.

Parsons, W. B. (1999). *The enigma of the oceanic feeling*. Oxford University Press.

Poetry Foundation.(2025). *Kenji Miyazawa. Poetry Foundation*.https://www.poetryfoundation.org/poets/kenji-miyazawa.

Ramachandran, V. S., & Hirstein, W. (1999). *The science of art: A neurological theory of aesthetic experience*. Journal of Consciousness Studies, 6 (6–7), 15–51.

Shunsuke, S. (2015). *Nature and Asian pluralism in the work of Miyazaki Hayao*. Nippon. https://www.nippon.com/en/views/b01403/

Talbot, M. (2005, 17 de janeiro). *The auteur of anime. The New Yorker*. https://www.newyorker.com/magazine/2005/01/17/hayao-miyazaki-anime-studio-ghibli-profile

Winnicott, D. W. (1965). *The maturational processes and the facilitating environment*: Studies in the theory of emotional development. International Universities Press.

Yokai.com. (s.d.). *Nopperabō*. https://yokai.com/nopperabou/

Yonebayashi, H. (Realizador). (2014). *When Marnie was there* [Filme]. Studio Ghibli.

Zawlacki, J. (2024). *"I will always choose reality": Dave McKean, retrospective*. The Comics Journal. https://www.tcj.com/i-will-always-choose-reality-dave-mckean-retrospective/

Zeki, S. (1999). *Inner vision: An exploration of art and the brain*. Oxford University Press.

Índice de Figuras

p. 9 **Figura 1** - "One Look Is Worth A Thousand Words," aparece em 1913 num anúncio de jornal para a loja Piqua Auto Supply House em Ohio. Surpreendentemente apenas utiliza palavras para despertar a curiosi dade de possíveis clientes para visualizarem os produtos da loja. Disponível em:https://adsthatstickblog.wordpress. com/2013/02/13/the-origin-of-a-picture-is -worth-a-thousand-words/.

pp. 10 **Figuras 2 à 4** - Três imagens exemplares pertencentes ao Rorschach Inkblot Test, Hermann Rorschach, 1921. Disponível em:https://www.rorschach.org/.

pp. 17 **Figuras 5 e 6** - Representações diagramáticas da teoria do Inconsciente, de Sig mund Freud, da sua obra "The Ego and the Id" (1923). A dinâmica entre o Id, O Ego e o SuperEgo. Disponível em:https://www.research gate.net/figure/Second-topography-1923-in-Freud-Ego-and-the-Id-24_fig1_ 37794384.

p. 19 **Figura 7** - Representação diagramática da Teoria do Subconsciente Coletivo, de Carl Jung,1964. Disponível em: https://www.researchgate.net/figure/Jung-model-of-the-human-psyche-edited-unknown-source_fig3_356876566.

p. 21 **Figura 8** - Diagrama dos Pólos Inversos da Personalidade Humana: Introversão e Extroversão, concebido por Carl Jung,1921. Disponível em: https://www.specialedu cationnotes.co.in/Carl%20Jung.htm.

p. 24 **Figura 9** - Diagrama explicativo da relação entre "Objeto", "Sujeito" e "Imagem Primordial", na Introversão e extroversão. Modelo teórico concebido por Carl Jung, 1921. Disponível em: https://rainmasonphd.com/writing/jungs-notions-of-extraver sion-and-introversion/.

p. 28 **Figura 10** - The Lovers I, René Magritte, 1928, Óleo sobre Tela. Disponível em: https://artmejo.com/magritte-and-georgette-the-lovers-i/.

p. 28 **Figura 11** - Melting Clocks, Salvador Dalí, 1931, Óleo sobre Tela. Disponível em: https://www.moma.org/collection/works/79018.

p. 29 **Figura 12** - The Treachery of Images, René Magritte, 1929, Óleo sobre Tela. Dis ponível em: https://www.museumtv.art/artnews/articles/rene-magritte-ceci-nest-pas-une-pipe/.

p. 29 **Figura 13** - Key to Dreams, René Magritte, 1935, Óleo sobre Tela. Disponível em: https://www.ways-of-seeing.com/ch1.

p. 29 **Figura 14** - This is the Color of my Dreams, Joan Miró, 1925, Óleo sobre Tela. Dis ponível em: https://www.metmuseum.org/art/collection/search/492701.

p. 31 **Figura 15** - The Confluence of Ambiguity, Michael Chomick, 2014, Óleo sobre Tela. Disponível em: https://www.absolutearts.com/painting/oil/michael-chomick-the-confluence-of-ambiguity-1396985360.html.

p. 31 **Figura 16** - Table, Ocean, Moon, René Magritte, 1950, Óleo sobre Tela. Disponível em: https://www.christies.com/en/lot/lot-6397642.

pp. 32 **Figuras 17 e 18** - Exemplares visuais de Molly Bang, em Picture this: How Things Work, 1991. Disponível em: https://www.peachpit.com/articles/article.aspx ?p=3089307&seqNum=3.

p. 33 **Figura 19** - Mapa diagramático das principais funções cerebrais, 2007 . Disponível em: https://pages.ucsd.edu/~jpineda/COGS107A/lectures/Brain%20Evolution.pdf.

p. 35 **Figura 20** - O processo da perceção humana, adaptado em tabela, (Young, 2017). Disponível em: https://www.samyoung.co.nz/2017/02/the-perception-process.html.

p. 37 **Figura 21** - Cena do filme: Howl's Moving Castle, 2004. Disponível em: https://www.deviantart.com/hahalalla/art/Flower-Garden-Howl-s-Moving-Castle-1125972391.

p. 38 **Figura 22** - Cena do filme: Spirited Away,2001. Disponível em: https://m.imdb.com/title/tt0245429/mediaviewer/rm3436009985/.

p. 38 **Figura 23** - Ilustração, My Neighbor Totoro, 1988. Disponível em: https://britishcinematographer.co.uk/academy-museum-launches-publishing-program-with-books-on-miyazaki-spike-lee-and-almodovar/.

p. 38 **Figura 24** - Quarto do Howl, Howl's Moving Castle, 2004. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt0347149/mediaviewer/rm2575325697/.

p. 39 **Figura 25** - Chihiro e Kaonashi, Spirited Away, 2001. Disponível em: https://medium.com/@Rabyaa/between-forest-spirits-and-floating-bathhouses-just-a-girl-who-wants-a-ghibli-hug-6e8e69b7b341.

p. 39 **Figura 26** - Nausicaä, Nausicaä of The Valley of The Wind, 1984. Disponível em: https://roxie.com/film/nausicaa-of-the-valley-of-the-wind/.

p. 39 **Figura 27** - Howl e Sophie, Howl's Moving Castle, 2004. Disponível em: https://www.mycast.io/stories/howl-s-moving-castle-series.

p. 39 **Figura 28** - Mononoke e Moro, Princess Mononoke, 1997 . Disponível em: https://medium.com/@shuedaniel/day-7-princess-mononoke-6bfa147e322c.

p. 40 **Figura 29** - Sandy Man, Dave McKean,1997. Disponível em: https://arthive.com/sl/artists/5445~Dave_Mackin/works/219970~Sandy_man#google_vignette

p. 41 **Figura 30** - The Sandman #37 e #3, 1992 e 1988, Dave McKean. Disponível em: https://www.davemckean.com/portfolio/covers/.

p. 41 **Figura 31** - The Sandman #37 e #3, 1992 e 1988, Dave McKean. Disponível em: https://www.davemckean.com/portfolio/covers/.

p. 41 **Figura 32** - The World of Buckethead, Dave McKean, 1999. . Disponível em: https://www.natternet.com/buckethead-1999-dave-mckean.

p. 42 **Figura 33** - The Dreaming, Dave McKean 1997. Disponível em:https://pages.ucsd.edu/~jpineda/COGS107A/lectures/Brain%20Evolution.pdf.

p. 42 **Figura 34** - Hellblazer #1, Dave McKean, 1987. Disponível em: https://www.coverbrowser.com/covers/hellblazer.

p. 42 **Figura 35** - The Sandman Presents, David McKean, 2012. Disponível em: https://gallerix.org/storeroom/1281745706/N/2048703191/.

p. 43 **Figura 36** - Ray Gun: Top 50 Most Influencial People in Pop Culture, David Carson, 1997. Disponível em: https://medium.com/@adambanksdotcom/an-interview-with-david-carson-b4daa3df624c.

p. 44 **Figura 37** - Ray Gun: Interview with Brian Ferry, David Carson, 1994. Disponível em: https://www.are.na/block/9202488.

p. 44 **Figura 38** - Ray Gun: The Rock Issue, David Carson, 1995. Disponível em: https://medium.com/@adambanksdotcom/an-interview-with-david-carson-b4daa3df624c.

p. 45 **Figura 39** - David Carson Naipes, Javier David Hodara, 2016. . Disponível em:https://javierhodara.myportfolio.com/david-carson-naipes.

p. 45 **Figura 40** - Experimental Design in Ray Gun, David Carson, 1997. Disponível em: https://steffancheriet.blogspot.com/2015/01/david-carson.html.

p. 45 **Figura 41** - David Carson Biography, Javier David Hodara, 2016. Disponível em: https://javierhodara.myportfolio.com/david-carson-naipes.

pp. 50 **Figuras 42 e 43** - Caderno de notas dedicado ao projeto. Esboço e ideias iniciais.

p. 52 **Figura 44** - Ilustração inicial experimental, Álbum Ilustrado.

p. 53 **Figura 45** - Montagem, Álbum Ilustrado.

pp. 53-105 **Figuras 46 à 137** - Imagens do Álbum Ilustrado.

7. Apêndice



Participação no encontro de Investigação Jovem da Universidade do Porto (IJUP), 9 de maio de 2025.

Silent

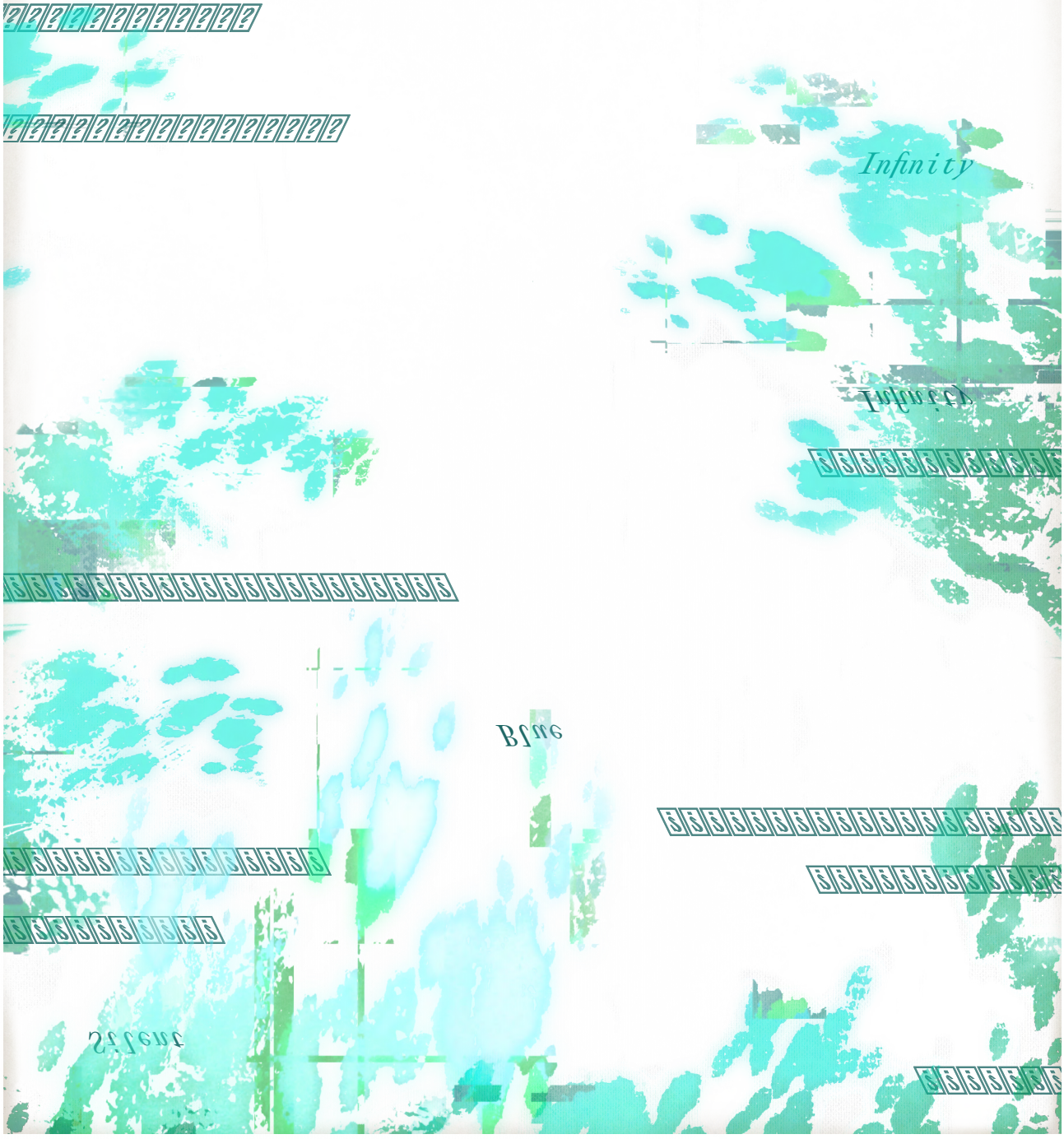
Blue

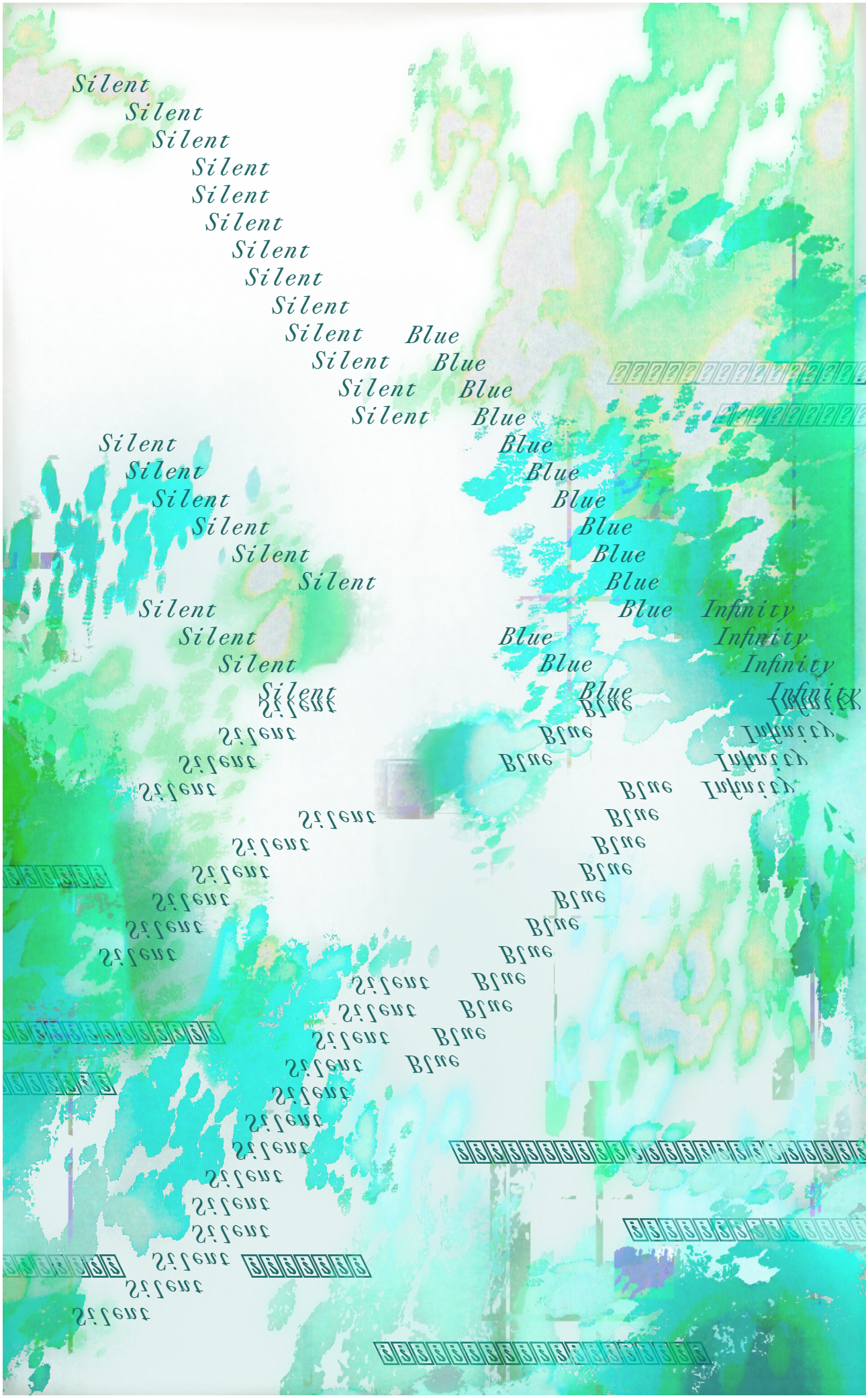
Infinity

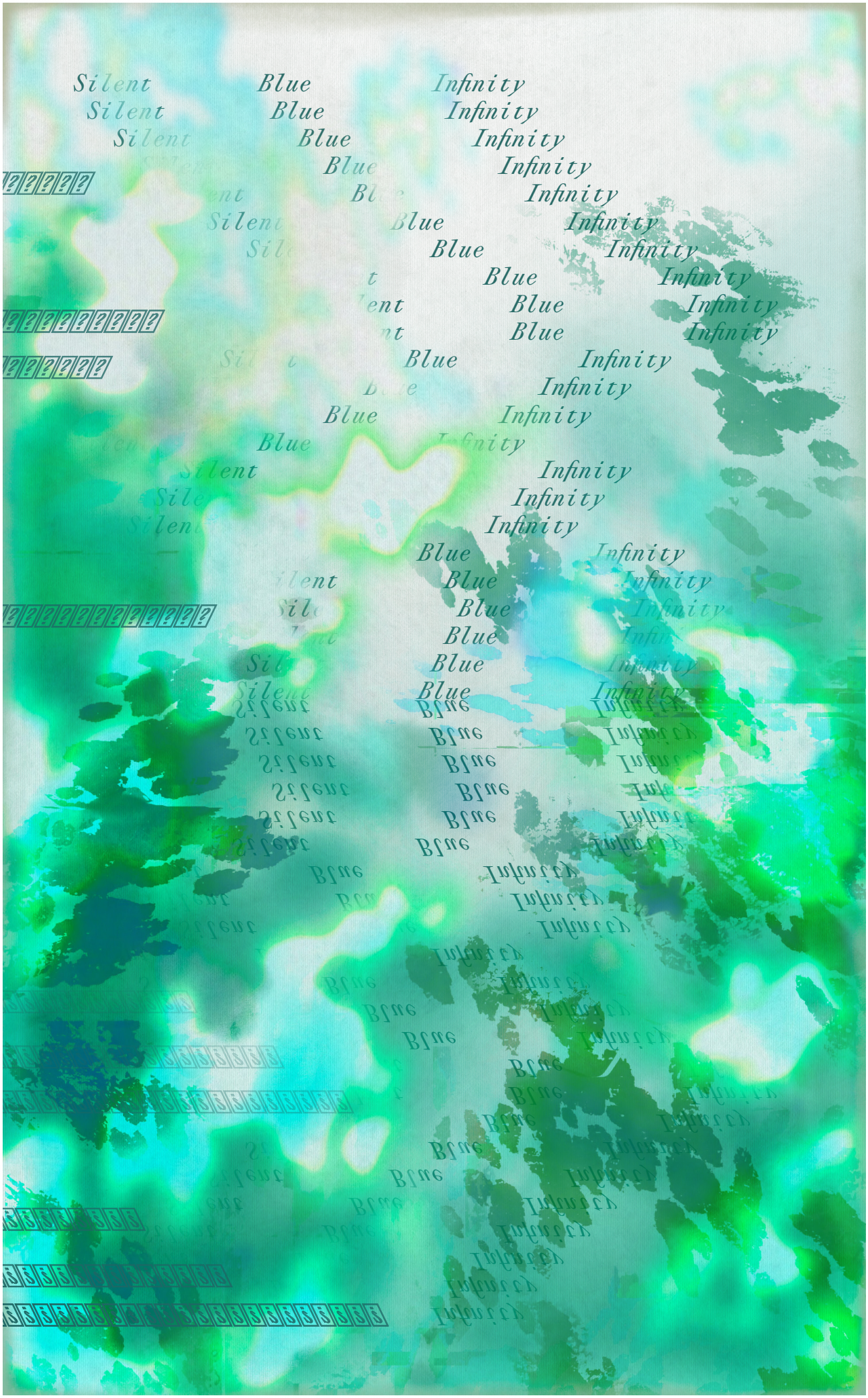
Silent

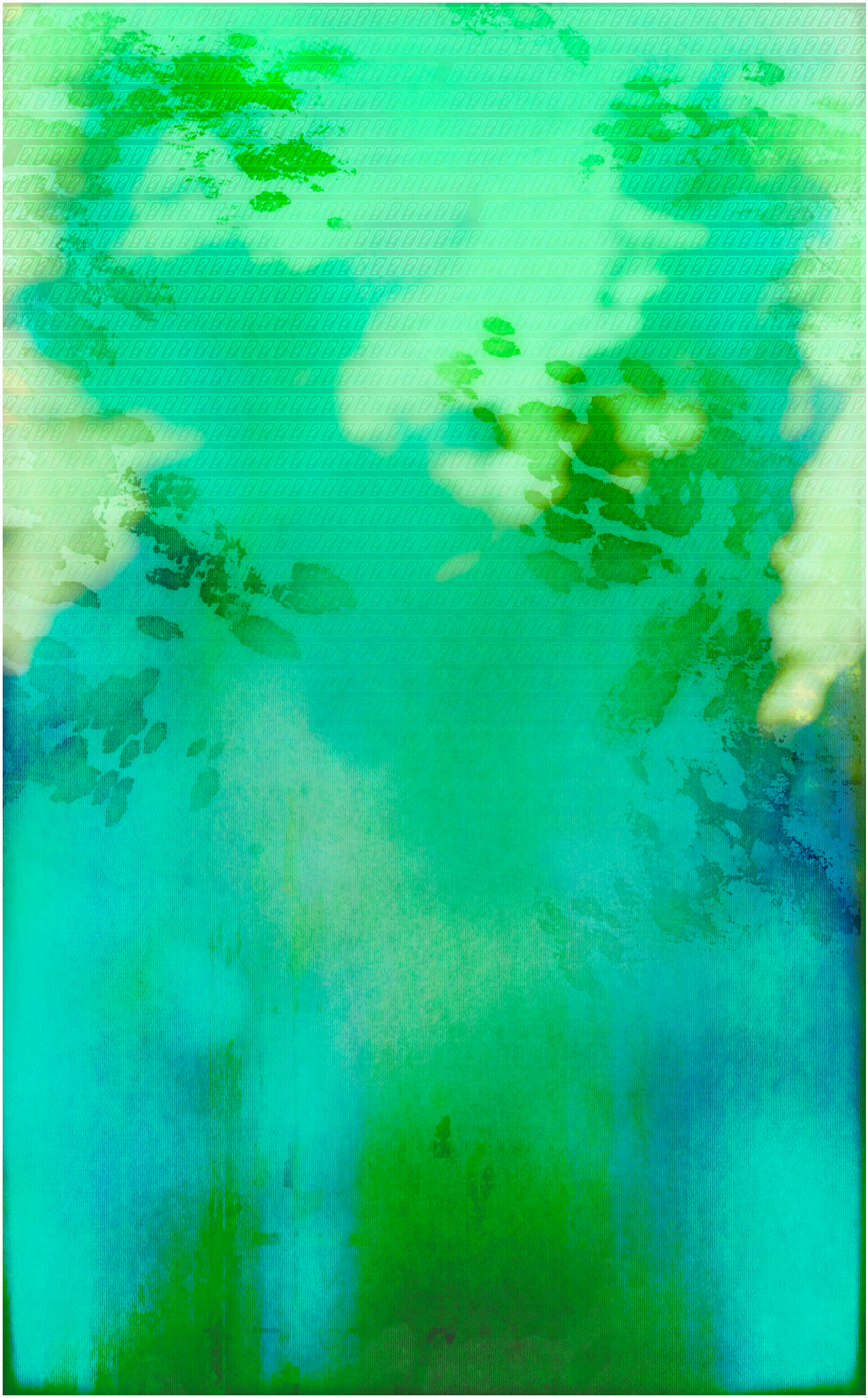
Blue

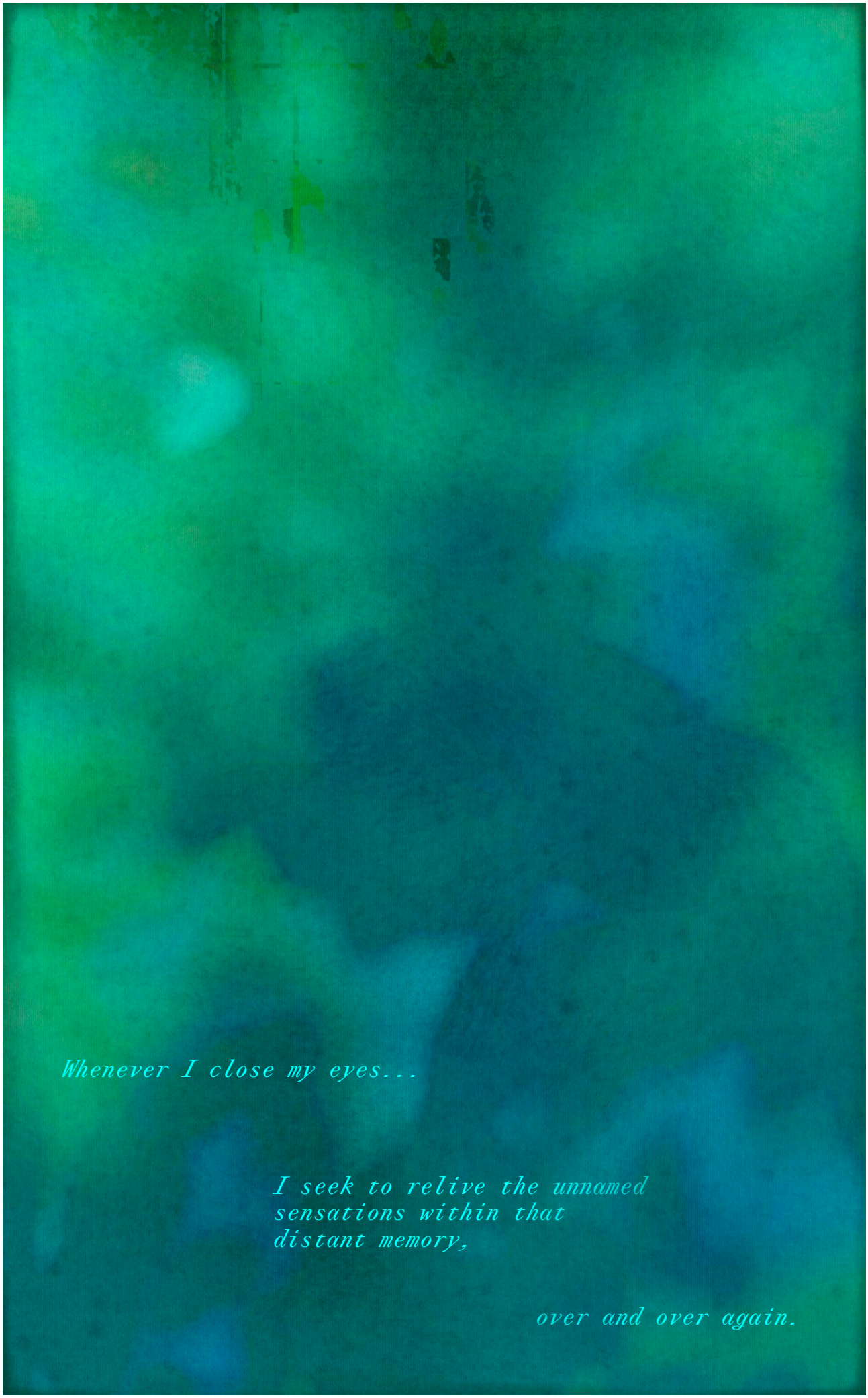
Infinity

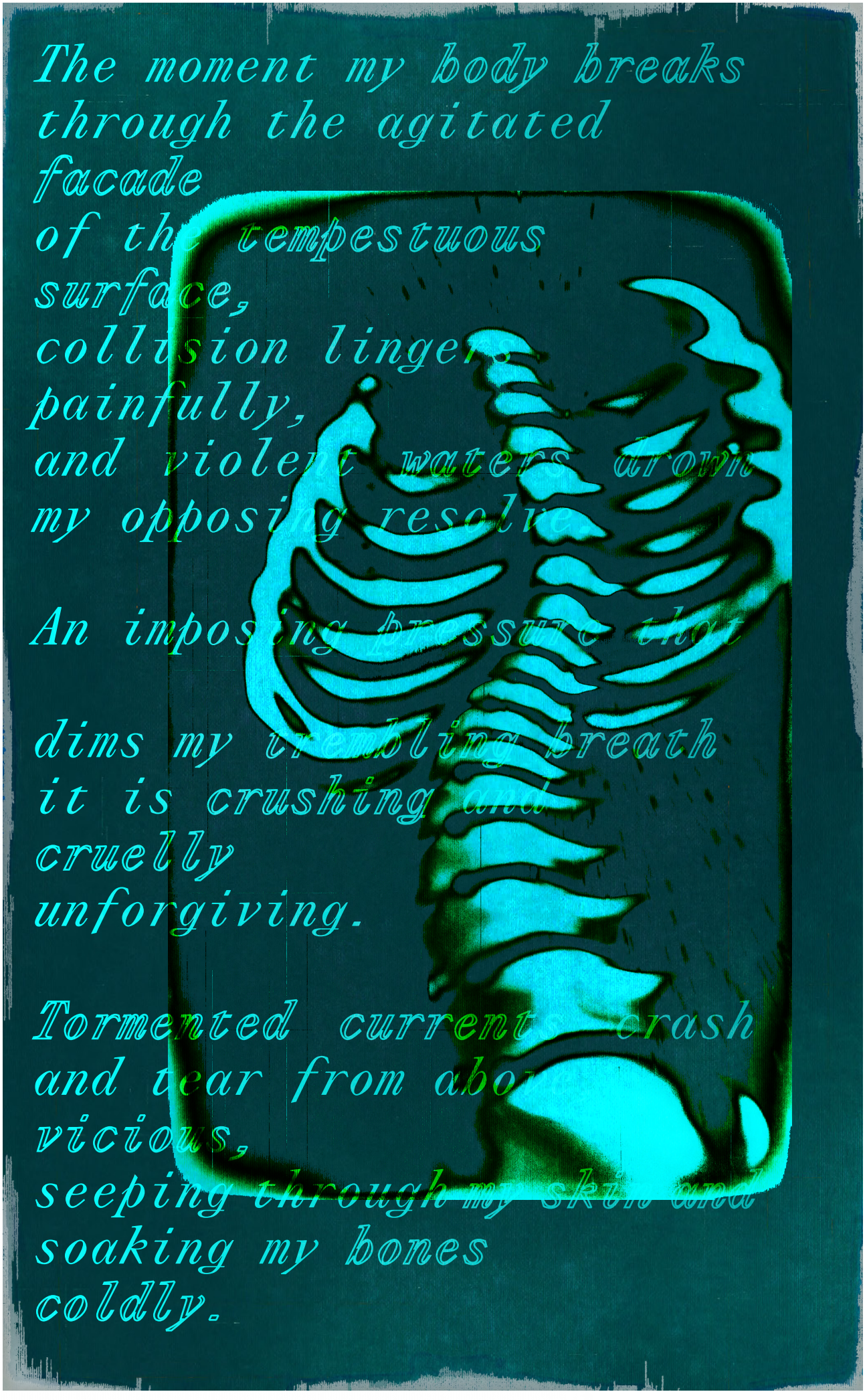


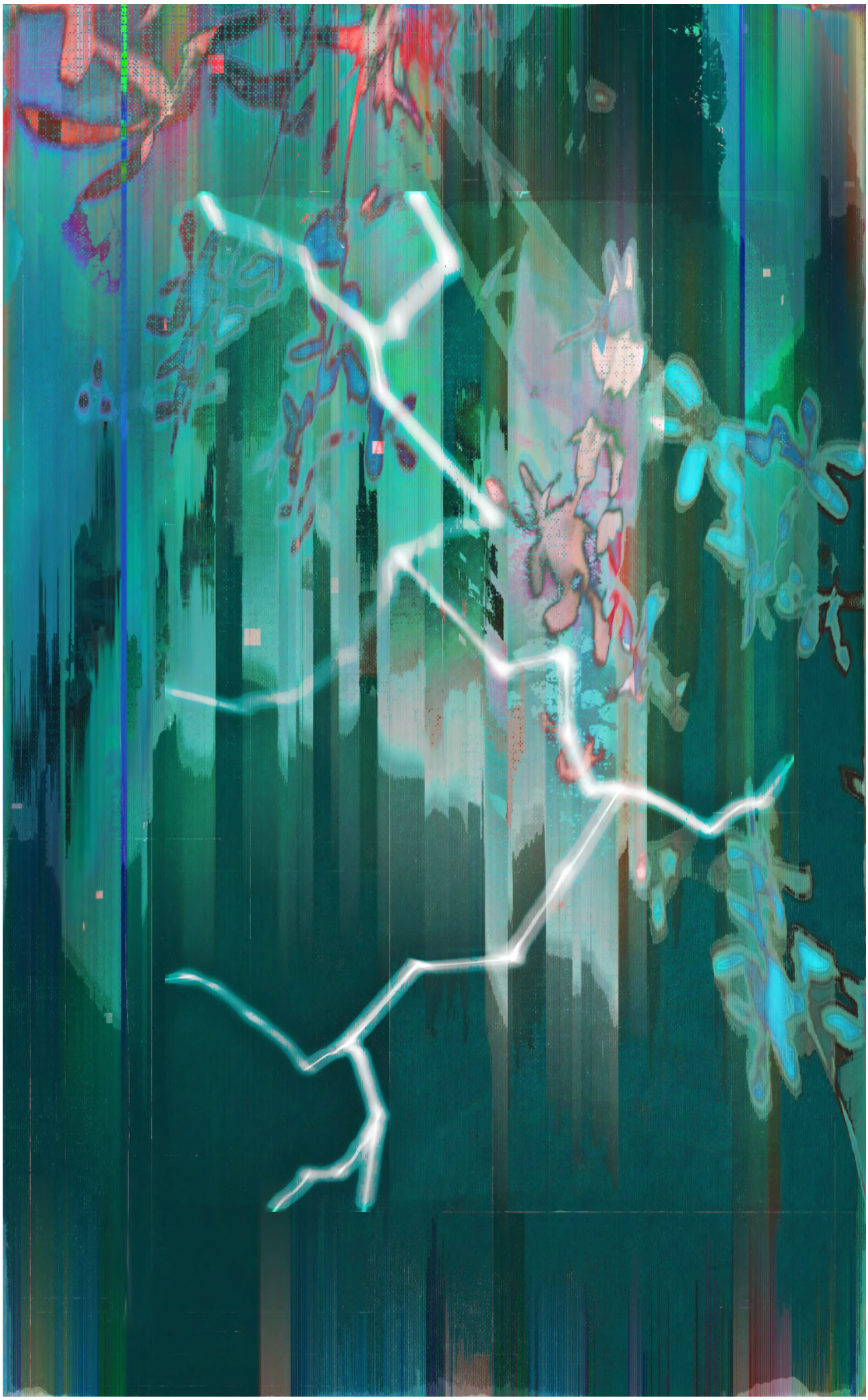

Silent
Silent
Silent


Silent Blue Infinity
Silent Blue Infinity
Silent Blue Infinity
Blue Infinity
Infinity
Blue Infinity
Silent Blue Infinity
Blue Infinity
Blue Infinity
Blue Infinity
Blue Infinity
Infinity
Blue Infinity
Blue
Infinity
Infinity
Infinity
Blue Infinity
Blue Infinity
Blue
Blue
Blue Infinity




Whenever I close my eyes...
I seek to relive the unnamed
sensations within that
distant memory,
over and over again.


The moment my body breaks
through the agitated
facade
of the tempestuous
surface,
collision lingers
painfully,
and violent waters drown
my opposing resolve.
An imposing pressure that
dims my trembling breath
it is crushing and
cruelly
unforgiving.
Tormented currents crash
and tear from above
vicious,
seeping through my skin and
soaking my bones
coldly.



my body breaks

facade tempestuous

surface,

waters drown

pressure

trembling breath

crushing

cruelly

Tormented currents

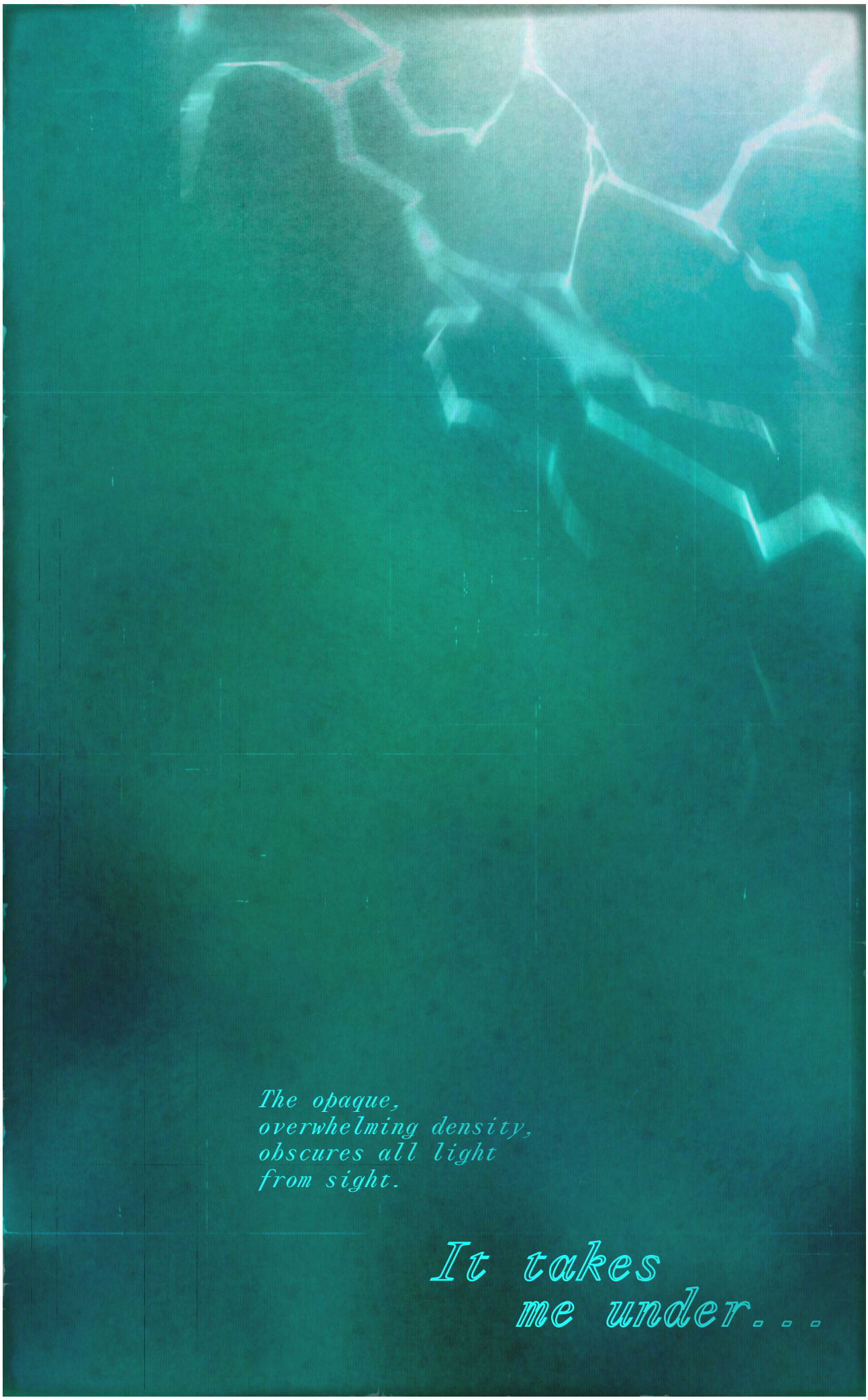
vicious,

my skin and

bones

coldly.

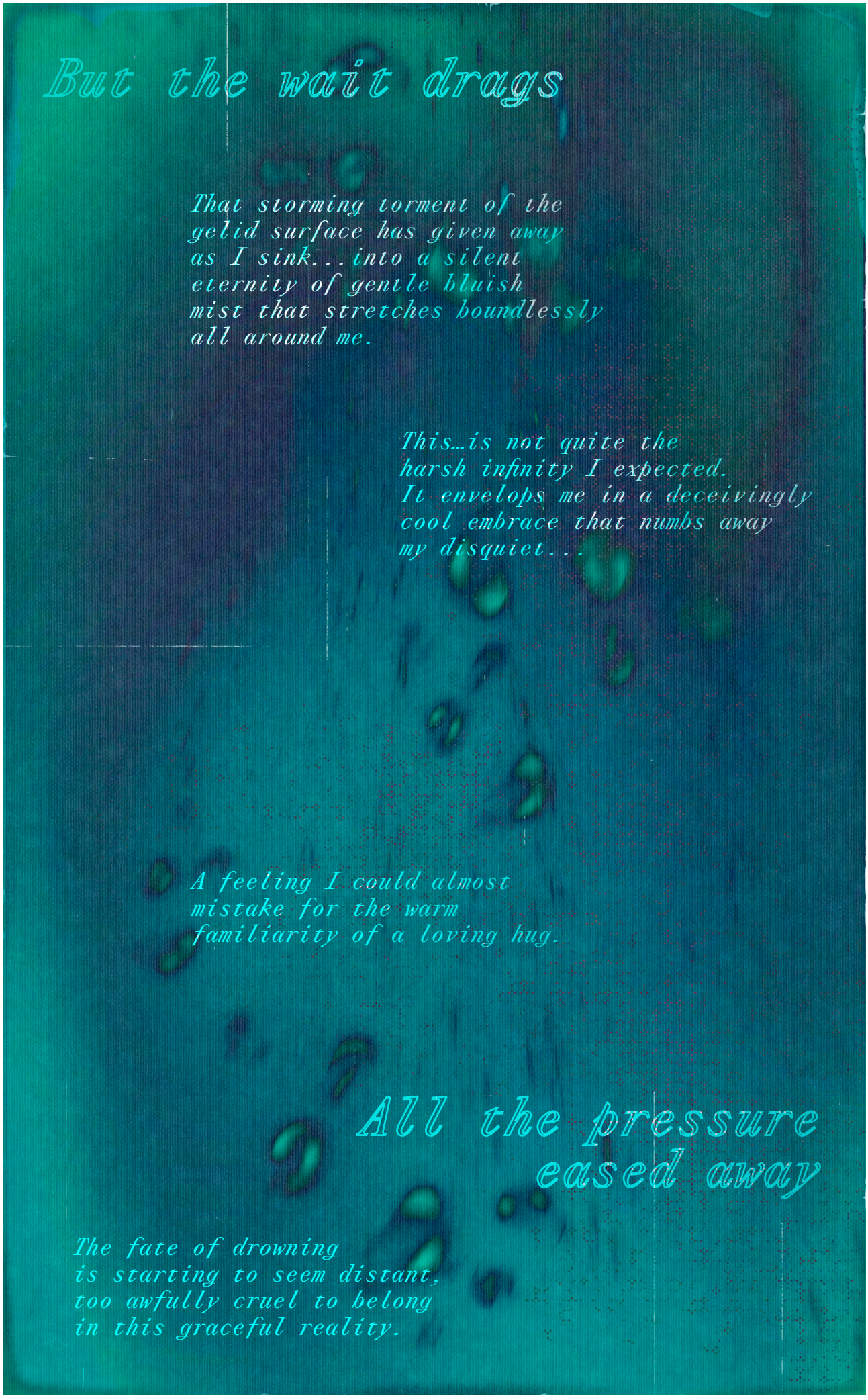



The opaque,
overwhelming density,
obscures all light
from sight.
It takes
me under...


This oceanic mass of unruly waves, weigh down on me, it won't let me retaste the over-exposing clarity of surfacing...much like the mess of suffocating thoughts that tangle and scrape inside my skull...
feverishly echoing in this repetitive, dissonant orchestra.


weary limbs strain
to grasp the
increasingly
distorted radiance
that blazes from
above, and my senses
burn with the straining
persistence of this
fleeting attachment.
...
Restless moments
passed...my body
grew tired, and the
chaotic array of thoughts
that once saturated my
unconsolable nerves,
has now mostly subsided.
All that remains
is the pending,
dreadful, weight
of knowing, that I will
soon lose myself within
this lone immensity.
Sinking...
No end


This hard logic sits heavy on my chest, easing me further and further into the depths of this cold and dark infinity.
Soft remaining whispers of light flicker through the water, they tease and slightly burn at my growingly drowsy eyelids, pleading them to remain open.
But my body no longer responds
I no longer resist
I'll close my eyes.
...
How did I get here?


But the wait drags
That storming torment of the gelid surface has given away as I sink...into a silent eternity of gentle bluish mist that stretches boundlessly all around me.
This...is not quite the harsh infinity I expected. It envelops me in a deceivingly cool embrace that numbs away my disquiet...
A feeling I could almost mistake for the warm familiarity of a loving hug.
All the pressure eased away
The fate of drowning is starting to seem distant, too awfully cruel to belong in this graceful reality.



No voice, not even
mine, did I hear ever
since I've fallen in
this vivid slumber:

solely the quiet murmur of flowing
water; chirping birds; dancing leaves;
distant tiles, a soft humming and wind-chimes

clinking in the steady breeze. A melody alike
that of nostalgia and dream, far too quiet
to be perceived amidst the usual loud
chaos above the surface.

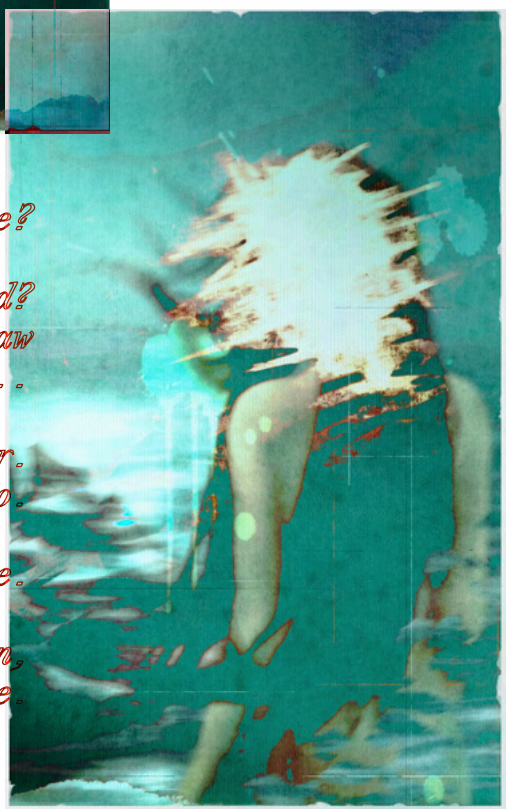
The silence here feels tender. Soft.



Tension waves off with ease.

I haven't felt this safe for a long time, yet, it's welcoming me back, like it knows me.

I draw back my hand that had been mindlessly reaching out to the world I left above.



What was I doing before?

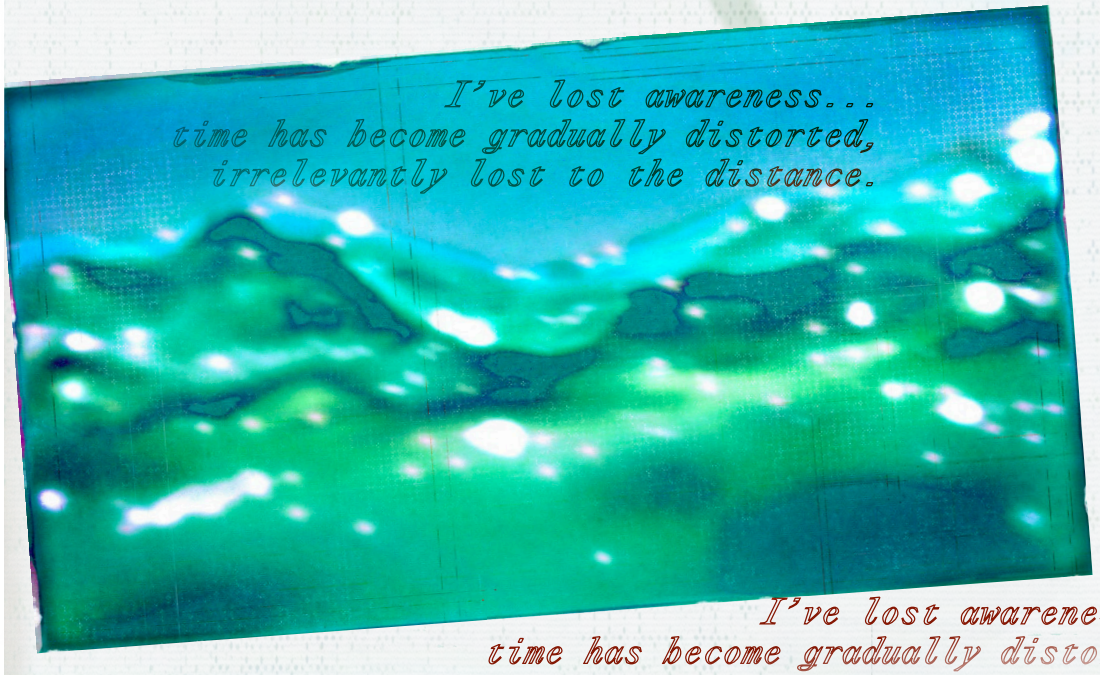
Did I leave someone behind?
I could've sworn I saw somebody on the surface...

It seems...I can't remember.
And I don't want to.

I feel good here.

I'll let myself remain for a while.

I've lost awareness...
time has become gradually distorted,
irrelevantly lost to the distance.



I've lost awareness...
time has become gradually distorted,
irrelevantly lost to the dist

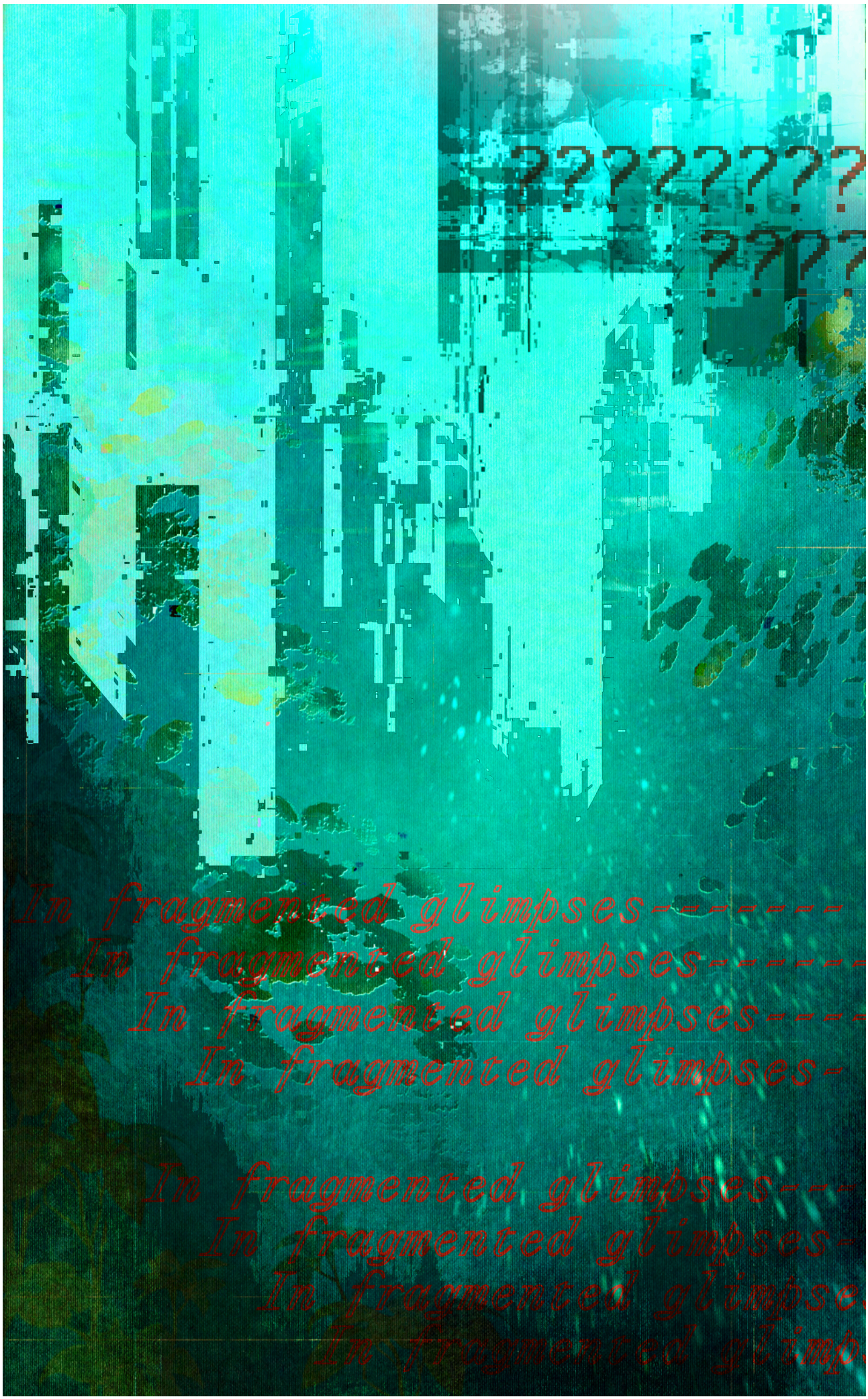


Wasn't there something
I shouldn't be forgetting?


I've tried pushing it away...
the undisturbed embrace;
the soothing gloom; the quiet
melody of solitude and the easing
lightness that has graciously
welcomed me.
Yet, as I flow further through
the depths of this submerged abyss,
my very own soul has yielded to
the temptation of simply being.
Lulled in it's serene cadence,
merging with the peaceful eternity
of this untainted, gentle existence.


The longer I simply let myself be,
the more I feel my will weaving within
the soft fabric of this idyllic scenery.
Akin to a painting that exists beyond
comprehension...nostalgic, yet uncertain...
this ongoing narrative seems novel to
me, however, I know it by heart. I flow
alongside it, resonating seamlessly,
striding forward curiously as the
comfortable course never ceases
to intrigue.
I can see
it all now...
In fragmented
glimpses-




??????????
??????
In fragmented glimpses----------
In fragmented glimpses----------
In fragmented glimpses----
In fragmented glimpses-
In fragmented glimpses----
In fragmented glimpses-
In fragmented glimpse
In fragmented glimp



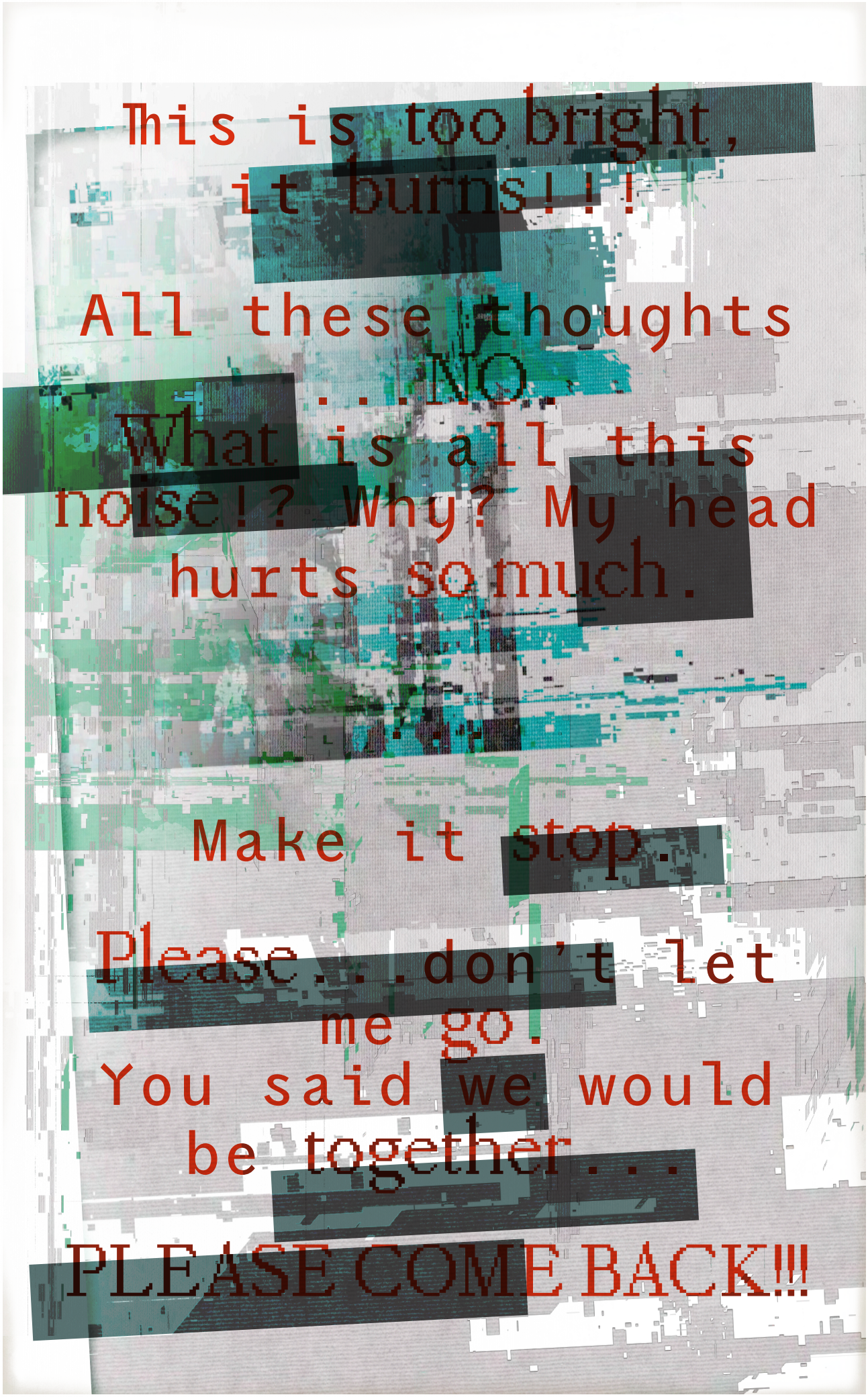
Subconscious...

A peaceful solitude that
speaks to me without a voice, a soothing
whisper that grazes my consciousness.

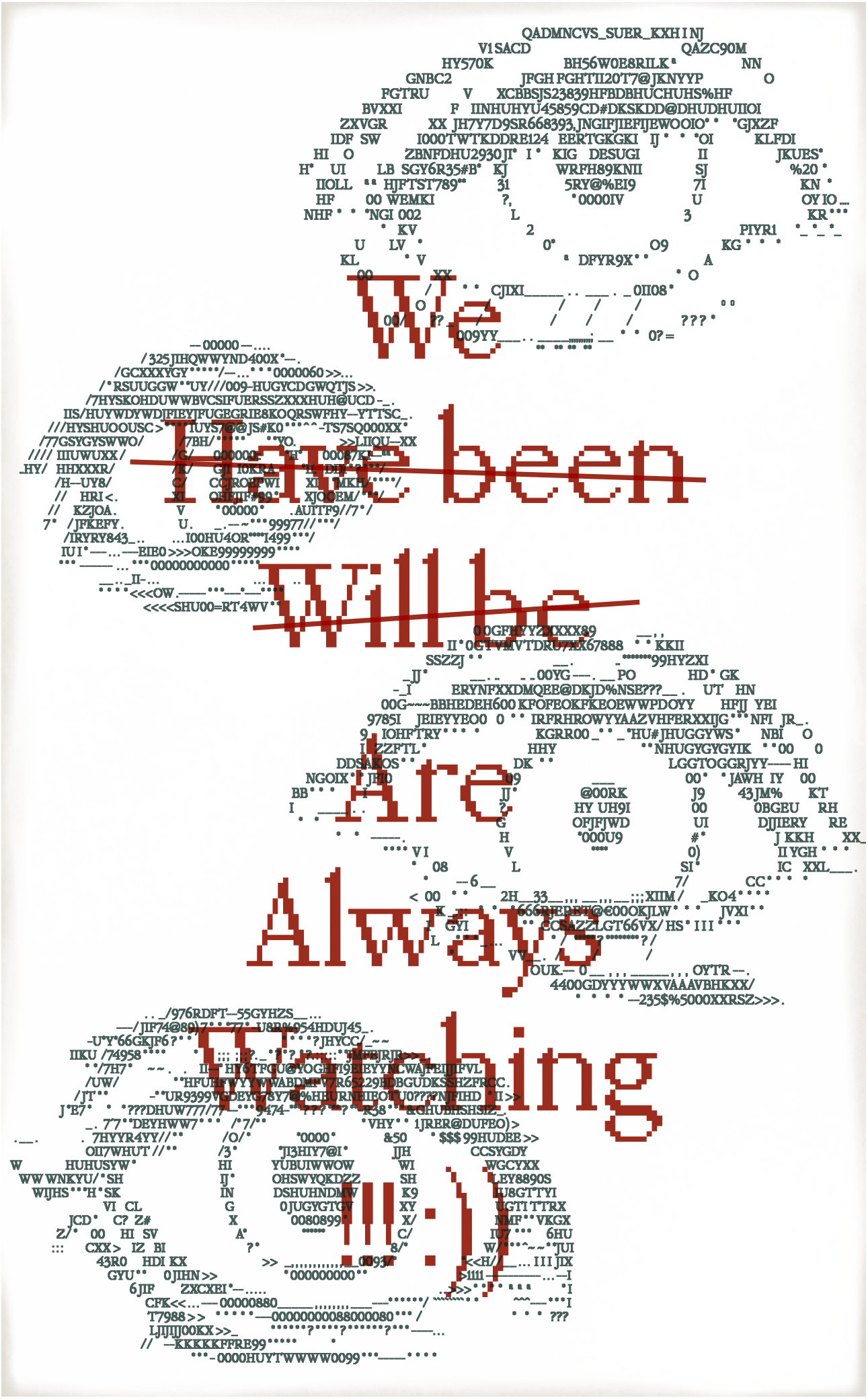
I yearn to go on, venture beyond logicality,
dream unrestrained, be authentically, create
freely...discover, revisit, exist...far from
pretending; judgment; fear; pressure;
saturation; harm, away from that sick reality.
Still and ever so light, beautiful lingering
curiosity...breathing is refreshing,
inspiration everlasting, wonder pure.

Relinquish and forget...feel anew. Like
the first time…for as long as I'd like.


All this light...
where is it coming from?
Didn't I get away?
I thought I made it out...
No...no. I can't go back.
???
??????
??????????????
?????


This is too bright, it burns!!!
All these thoughts ....NO.
What is all this noise!? Why? My head hurts so much.
Make it stop.
Please...don't let me go.
You said we would be together...
PLEASE COME BACK!!!

“Are you even listening to me right now? I swear...your head is always in the clouds.” “Why are you so quiet? Are you shy or something? You should speak out more, you look ungrateful.” “This should be finished already. It ‘s unacceptable. You need to get this done urgently. There’s no time.” “Why are you always cooped up in here? Other people your age go out with their friends, why don’t you? There must be something wrong with you.” “Oh...right, sorry. I completely forgot to invite you. You can come with us next time if you want.” “Did you draw that? It ‘s nice, I guess. But why is that purple? It’s not supposed to be like that. Also, you forgot to finish this part.” “There’s more to life than your useless drawings and silly fantasies, you know.” “You’re falling behind everyone else. Again. Everyone has already done this but you. You’re too slow.” “What do you mean? No one was even laughing at you back there...you’re so paranoid all the time.” “Are you sure you want to wear that? Everyone will think you look stupid. You should try to fit in more.” “Why are you acting like that? You’re making me feel ashamed to be seen with you.” “If you continue behaving like that, no one’s ever gonna like you.” “Why are you crying? You’re so sensitive...” “Have you done what I asked you to?” “You never care. You’re too selfish.” “You’ve disappointed me.” “You need to pay attention.” “Just let it go!” “Hurry up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “Wake up!” “WAKE UP!” “WAKE UP!!!!!!!!!”


We've been
Will be
Are
Always
Thinking



Thursday Morning, First Lecture, 8:33 AM, Cloudy ☹

Today, I got up unsettled. The atmosphere is stuck
in the grayish hue before a storm, dull, much like
it was yesterday, as well as the day before that.

But as always, there's no rainfall to be expected.
The last time it rained was on a beautiful full moon
night, about a month ago. Something about that night
is still a mystery to me. I'm certain something happened,
[illegible] but I just can't [illegible] remember [illegible] what.
I think [illegible] it was something important.

Maybe, there's something this grey sky
has also forgotten about?

...

For now, I pace back and forth, outside the classroom's
closed door, hesitant.Overwhelming heat emerges from
within my breathless lungs, it then burns through my
restless limbs. I overhear conversation inside.
It makes me nervous.

I'm here exactly 33 minutes too late this time.
Yesterday it was just over 25 minutes,46 the day before
that. It has become a shameful routine, an obvious
admission from my lack of interest. I can already predict

the usual heavy silence and rigorously glued stares, once
I finally build up the courage to show my face in there.
The same judgemental expression one would give to an
intruder, the same one I've grown so accustomed to
receiving. Unpleasant tightness grips my anticipating
chest, arrhythmic heart pounds harshly,
my thoughts swarm uneasy...

What should I say?
Should I even speak?
No…that will only attract more attention.
I wish I was home, safe and by myself.
I should have stayed...I could go back. Right now.
Nonsense. I won't. I can't.
Someone's distant steps are approaching.

I can't overthink this forever.
I'll just have to go in.



I knocked, listened, and heard no response. The door
I passed through hits against the wall abruptly, my shoes
squeak painfully loud as I walk, head hanging lower than
it should...I mask a shiver. I barely dare to meet
everyone's glare. My lips curl up in a tentative smile,
and an unreciprocated, quiet, greeting escapes them before
I can think better of it. It hangs in the air uncomfortably.

"Why does she talk like that?
She walks weirdly."

Multiple chairs creak under the weight of bodies shifting,
pencils drop neglected, throats clear with straining coughs,
whispers weight down the palpably dense atmosphere.
The walking path to my lone seat has never seemed to drag
this long.

...

I made it. I dropped my belongings down atop a forgotten
desk in the back; right behind this one desk that has been
empty for a while now. I'm sure I saw someone sitting there,
only once. I think someone said the person who used to sit
here went missing. It happens more than one woudld think.
With nothing more interesting to focus on, I trace my pencil
on the wood surface of the table absentmindedly,my lazy
scribbles chase the familiar shape of a picture I've tried
drawing countless times before.[illegible] But it's still unclear
even to m.[illegible] I never seem to get it quite right. My notebook
is filled with incomplete and crossed-out sketches of it in
deep blue.

Drawing brings me an undeniable sense of peace.
Much like the sight from these fog stained windows.
I can see how outside these decrepit walls, pretty leafs
dance delicately along the gentle melody of flowing wind.
I can almost breathe in the refreshing freedom of its breezing
air, feel its embracing coolness graze my heated face. I spot
a slight figure walking amidst the falling petals. Barely real, she
strides calmly. Long and dark locks of hair sway behind her gently,
blending in with the peaceful scenery.

Briefly, [illegible] in a glimpse, [illegible] this picture...
it reminds me of something. That blue space.
A distant memory, or maybe it was a dream?
Who [illegible] could she be ? I wonder...[illegible]

Yet, that scenery is no more than a foolish illusion of
my desire. Inside this stuffy room, the air feels rather still,
here where I'm sitting by myself once more...like yesterday,
and the day before that. I never thought such an
overcrowded room could feel as empty as it is suffocating.


Briefly, □□ in a glimpse, □?□□ this picture...
it reminds me of something. That blue space.
A distant memory, or maybe it was a dream?
Who □□□ could she be ? I wonder... □□□□

What did I see just now??



Undried hair clings to my shivering skin.
Droplets drip freezing down my spine,
they cling, uncomfortably damp against
heavy and dense layers of clothing.

Hot air dries my flaking skin.
Cold sweat coats my palms,
The repetitive, evenly paced clock
counts the mere minutes I've been in here.

Sharp white lights burn through the nerves
in my irritable eyes.Overlapping
conversations surround
me distantly.

My chest aches, breathing hurts.
My cheeks sting from that awkward smile
I didn't realize I was still holding onto.

This room feels tight.

I wish I could leave.
Try to find to that pretty blue space...

Thursday Afternoon, Lunch Break, 1:55 PM, Cloudy ☹

Loud chatter,
silverware in motion,
cutting, chewing,
chairs, tables
and dozens of footsteps
overlap within the constrained
walls of this saturated hall.

My vision feels clouded, a saturated reek of body odor and reheated food fills my nostrils. My hearing is consumed by the abruptly loud ambiance. Wherever I look, the space is occupied by either someone, someone's belongings, someone's friend, someone's voice, someone's smell...there's no space left for me here. Whoever's gaze I catch with my own betrays an encrypted emotion I can never fully decipher, and am much too afraid to ask about.But I've wondered about it to myselft before: if it's judgement, annoyance or maybe even fear?

"What's wrong with her? Why is she even here?"

It's that same look I've seen on others, the one they gave me whenever I dared to mention the likes of that beautiful blue space I tend to see in my daydreams, that makes me feel at home. So fleeting.

It's a hard expression to forget. I dread it most. A twisted face that contorts in questioning skepticism, like they don't quite want to believe in what I'm telling them, as if I were talking of something they would never ever think to personally address. Something forbidden in their eyes. Not many people seem to know of that space, from what I've seen. Or maybe they choose not to. Most of the ones that do, are quick to shut it down, ignore it and completely disregard it, until it disappears. No longer part of their reality.



I no longer ask anyone about it now, I've learned that it's for my best to stay quiet.

"You should focus more on the real world, where things actually matter. Stop daydreaming."

But I haven't given up on searching for it.
Each drawing I make is in hopes I can get closer to reliving that fleeting memory, or dream. And lately, for a month, I feel like I'm right on the edge of finding it. Constantly seeing its glimpses from the corners of my vision, hearing its quiet whisper luring me in, recollecting disconnected moments from its scattered fragments.



It's possible I've let my daydreams wander too far...
I fear, I might have started to fade from this reality.
For once, today no one comments anything about my
demeanor, and at times, their gaze almost appears
to pass right through my body...as if I didn't quite
exist anymore.

I've heard someone saying that ignoring something,
won't make it go away. I'm starting to think...that they
may have been wrong. Or maybe, it's only a trick of the
light...who knows. But still, I would much rather leave.

...

I finally found a small step on the floor to sit on, somewhat
isolated, right outside the cafeteria's doors. There's only
a couple more people here, and the rain surely won't be
pouring anytime soon. As for right now, It's comfortable
enough to stay and eat. As I unwrap my pre-packed lunch,
surrounding ongoing conversation takes over my thoughts.

- “I’ve heard someone else fell victim to that terrible place...□□the Subconscious□□□□□□□□. It was that girl from our class...8th seat next to the window, about a month ago apparently. Something👁about her changed⚠ever since she went there...

She was never one to talk much, but she always used to have this nervous👁fidgety⚠ smile☺on her face, that went along with her fidgety voice⚠, and fidgety fingers⚠alike. However, she seems awfully quiet these days, I barely even notice👁she’s there, if she even is there...

She’s always either drawing on a notebook, or staring off at something invisible in the distance, probably stuck in a delusion□□□□□□□□ □□□□□□□□□□□□□□□□□□□□ or something.”

-“Really?□□□ Subconscious□□... That giant□blue □lake□□ that supposedly has no end? I thought they’d closed off that place years ago.

A bunch of people kept going there and falling in⚠, almost like they were hypnotized by it or something. They always seemed to be lost⚠⚠ in thought once they came back.

Also, whenever someone tried asking them about it, they would only have a weird⚠ distant□ smile☺on their face, and never seemed to be able to describe□it□ in words.

Ultimately, they would stop talking, and just vanish alltogether.
□□

It's kind of sad ☹ if you think about it. Well, it's their own fault for going there in the first place. Eitherway, that girl was always pretty strange ⚠⚠ anyway!!!"

- "Is she really gonna disappear?? That's so scaryyyy!⚠ She's probably too traumatized to even talk by now.If that place is anything like what I've been hearing 👁, given that you somehow manage to make it through the stormy surface ▯▯▯▯, then you'd have to face the immense pressure of the water as you sink ▯▯ deep down ▯▯!

You'd be crushed if you went too far▯▯▯▯▯.

Also, it is freezing and incredibly dark in there, as well as impossibly lonely...at least aside from the weird underwater creatures

that could eat you whole. Just thinking about it makes me shiver⚠⚠⚠."

- "Yeah, I could never understand why some people even wanna go there in the first place. Why not just stay here? What else could you need? What could be down there that's so interesting for someone like them I wonder▯...

hmmmm. Hey!! wanna go there and take a look 👁? Or worse, let's try to talk to her about it, before she's gone!!!"

- " Hey, stop it!! What if it's contagious? If she's contaminated by that place, she might even make us disappear along with her!!!"☺☺☺☺☺☺▯☺☺☺☺☺☺☺☺☺⚠▯☺☺☺☺☺☺☺☺☺☺☺☺▯▯☺☺⚠☺☺☺☺☺☺☺▯☺☺☺☺☺☺☺☺☺☺☺▯▯☺☺☺▯⚠☺☺☺☺☹

An hilarious prospect it seems, by the way their echoing laughter bursted out right after that last sentence.

But it fades off into the distance. Something else is on my mind now.

...Subconscious? ??????? ??????? ?

Is that what they call it? Could it be? Could it be *that* place? Just now, what they described seemed to be a remote, dangerous and even dreadful scenery…yet, if anything, that explanation felt nothing short, nothing more than superficial...because that's precisely what it is:

an image captured from the outside, ultimately distorted by the filtering opacity of an ignorant surface. Those speculative adjectives could not feel any further from what *I know that place to feel...to be like.* ???? I could be wrong. Could I have misremembered? In truth, I don't actually recall ever going there. I was never all that adventurous to start with... or at least, not enough to the point where I would consciously seek to throw myself into a bottomless blue hole. But then, why does it sound so familiar?

Silent blue infinity ?? ??? ????...

like part of me has been there,

seen it, felt it??

They mentioned a girl...8th seat next to the window.
Is that the empty desk in front of me? Is she the one
I saw sitting there that one time? Maybe I should find her...
Maybe she knows more about that place...Maybe she could
show me how to find it? I've sat behind her in class,
but I've never actually spoken to her, or even seen
her face really.

Now that I think about it, I can't actually remember ever
seeing her on her desk ever since that one time a month ago,
but somehow, I know she sits there. In a way, I feel like she
has always been there. I feel her presence lingering nearby
often. She appears to be close, yet so far...like a memory...
or maybe even a dream. It may well just be my imagination,
but she seems to be a little less distant these days.

Where does she go off to I wonder?

What does she see that I don't? [illegible]



Thursday Afternoon, Second Lecture, 2:28 PM, Cloudy ☹

Somehow, when walking the busy halls, it feels like time slows down even more than when I'm just sitting in class, trying to find an available seat in the food hall, or even riding the train home. Suddenly, I become aware, far too aware of my body, my movements, my thoughts. Did I misstep? Are my clothes misplaced? Is my hair okay? As it always is, being seen becomes a fear, as well as seeing someone I wished not to see, also becomes one. It's almost irrational, just almost, But not enough.

"[illegible] is al[illegible]ys [illegible]l[illegible]ne [illegible][illegible]no one c[illegible]res en[illegible]gh t[illegible] be her frie[illegible]d."

When everyone's watching, that's when I feel the most excluded. When walking by myself, not talking, not having anyone waiting for me, feels the most shameful. But right now, as I rush amidst the dense crowd, It almost feels natural. Not easy, but not quite as menacing as it once did. If just for today, I'm the only person thinking. For a brief second, I think I hear the small whisper of someone calling for me...and for once, I raise my head to search for where it came from.

...

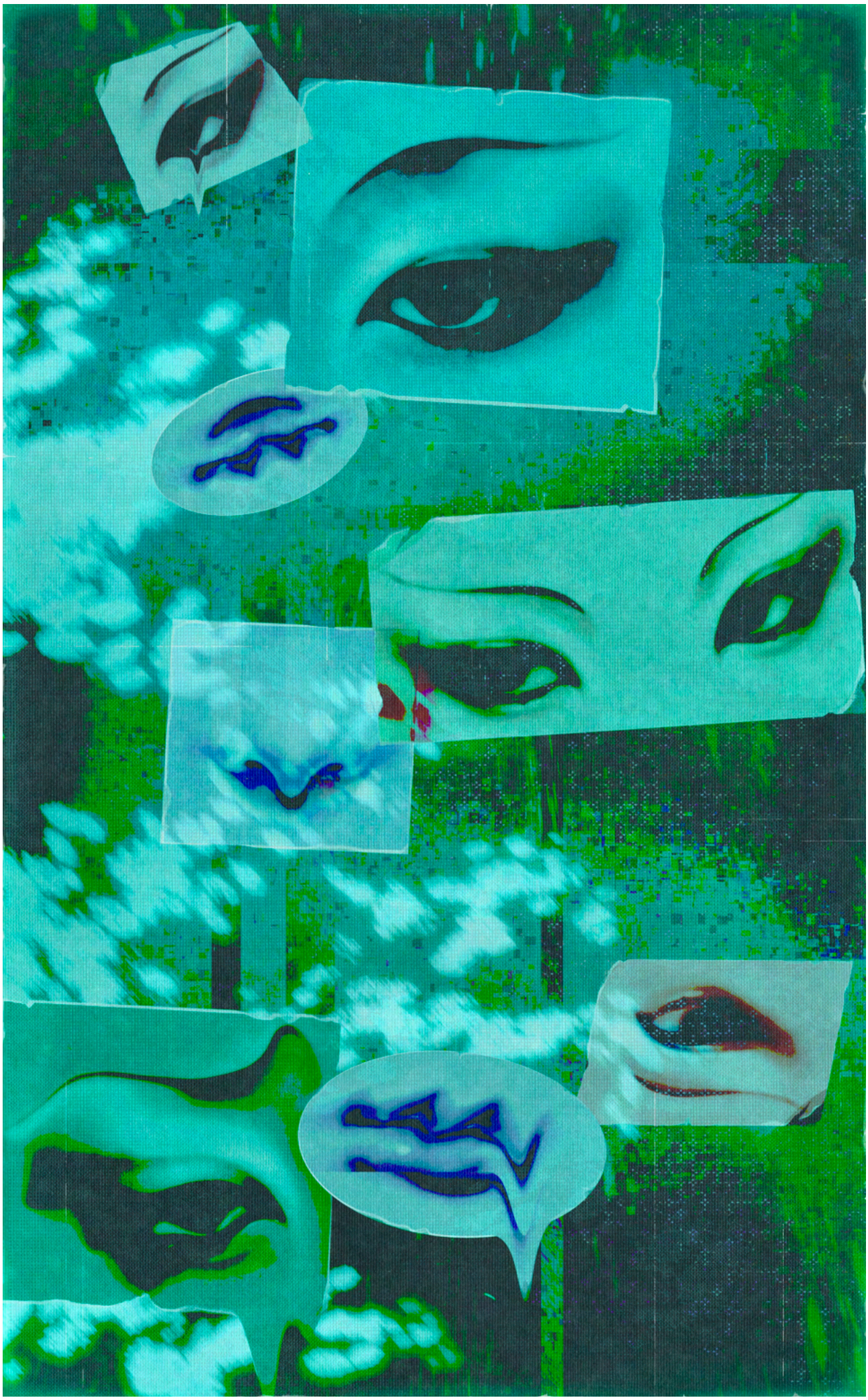
I find myself inside an empty bathroom, an unusual occurrence. I can still hear all sorts of overlapping noises from outside, but somehow, this remote division feels like a separate dimension, more alive than the rest. The lights are off, the space is solely lit by the natural daylight that emanates from the open window. A soft breeze runs, it echoes against the tiled walls, the mirrors glisten as tree branches outside play with the luminance and rhythmic water droplets fall steadily from a rusty tap.

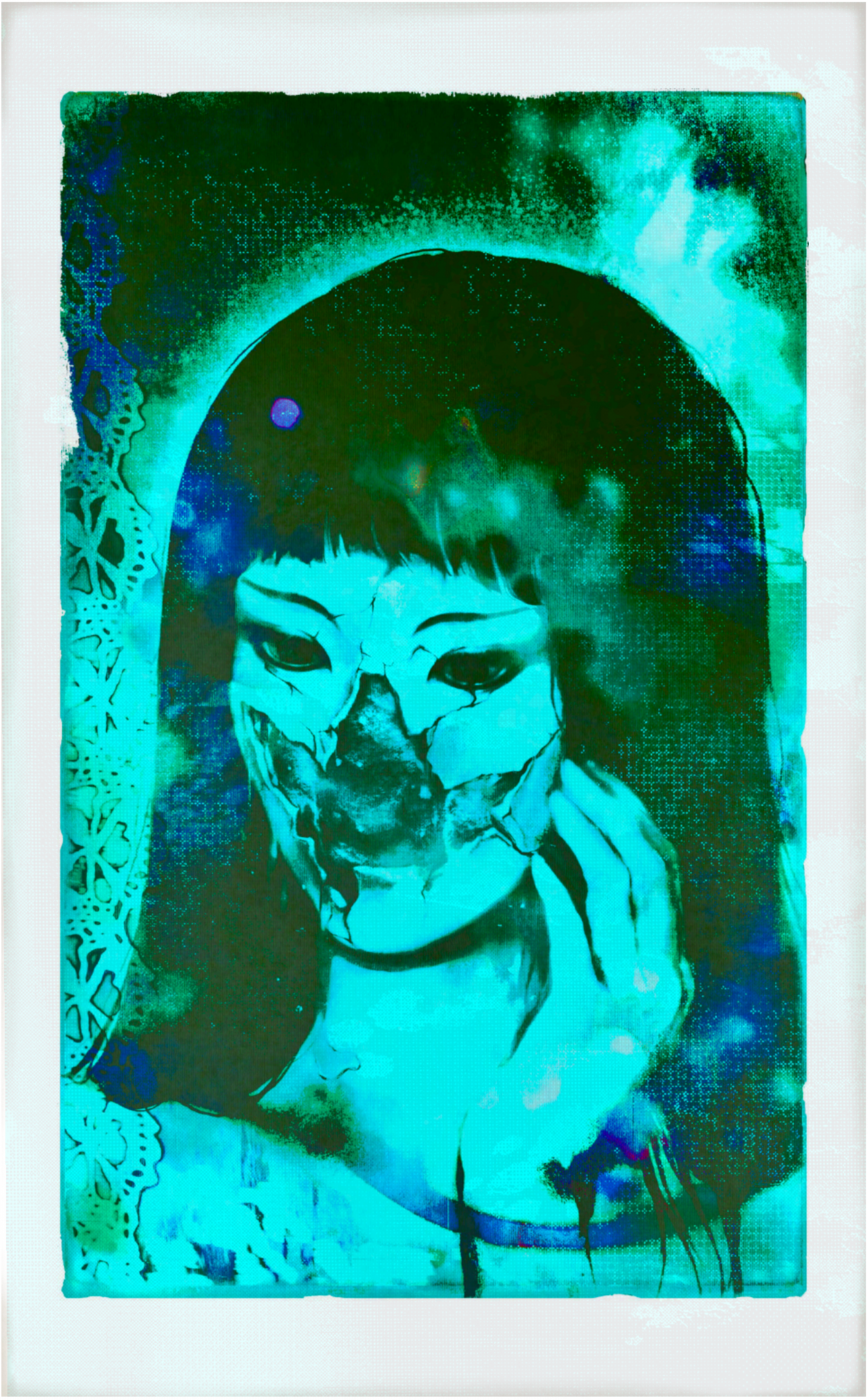
I slowly approach one of the mirrors, thoughtlessly fixing my hair from a distance…for a split second, the space warps, I'm immersed in an illusion and it appears as if my face is falling, breaking off peace by peace like a porcelain sculpture until I'm left with no visible features. There's solely two dips in place of my eye sockets, and a slight raise where my nose would be. Somehow, this plain visage contains expression, endless emotion to convey wordlessly.

The Surface Has Been Broken
!?!?

I slowly approach one of the mirrors, thoughtlessly fixing my hair from a distance... for a split second, the space warps, I'm immersed in an illusion and it appears as if my face is falling, breaking off peace by peace like a porcelain sculpture until

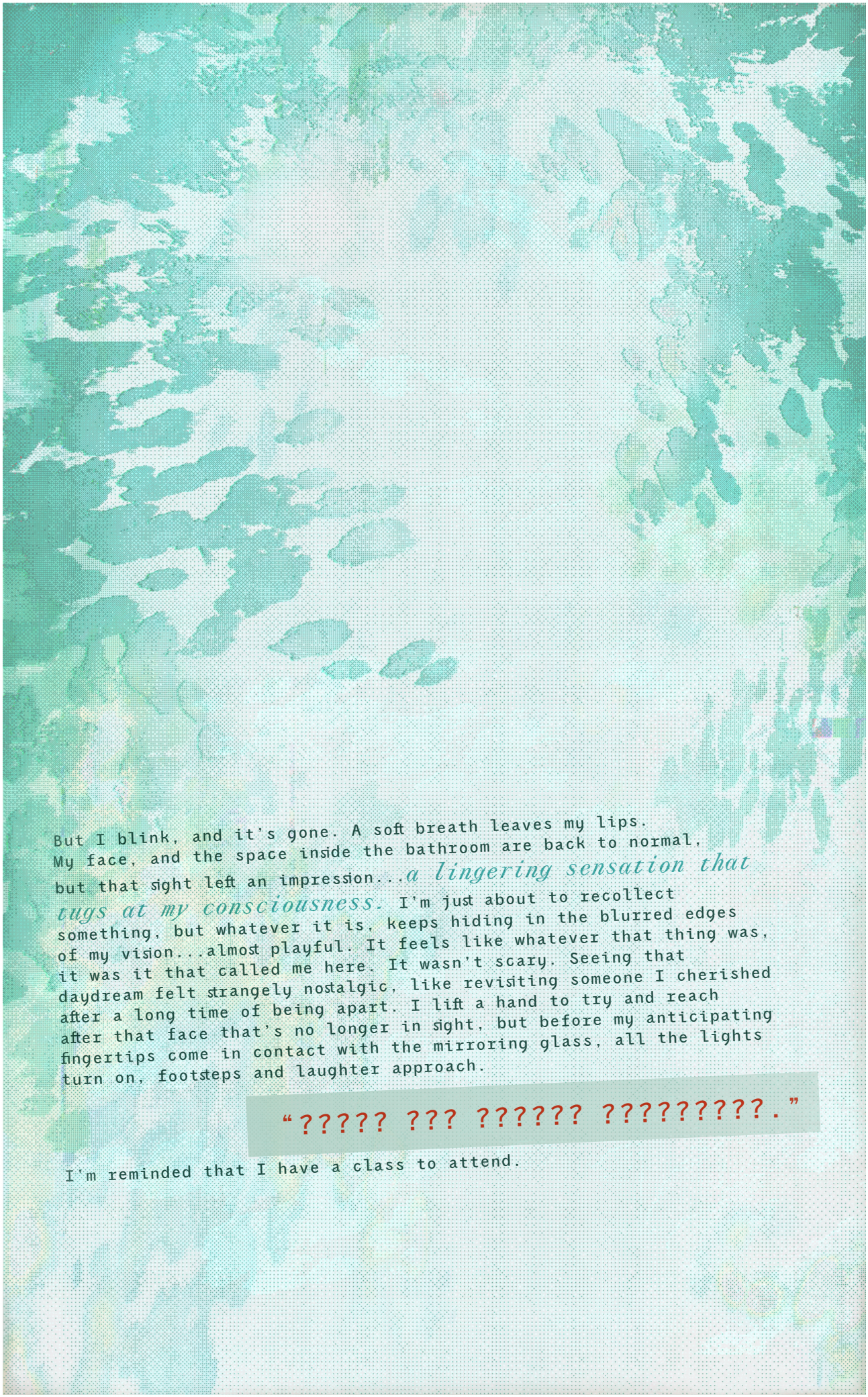
I'm left with no visible features. There's solely two dips in place of my eye sockets, and a slight raise where my nose would be. Somehow, it feels like this plain visage contains expression, endless emotions that it's trying to convey wordlessly...








Re-
mem-
ber
Me?



But I blink, and it's gone. A soft breath leaves my lips. My face, and the space inside the bathroom are back to normal, but that sight left an impression...*a lingering sensation that tugs at my consciousness.* I'm just about to recollect something, but whatever it is, keeps hiding in the blurred edges of my vision...almost playful. It feels like whatever that thing was, it was it that called me here. It wasn't scary. Seeing that daydream felt strangely nostalgic, like revisiting someone I cherished after a long time of being apart. I lift a hand to try and reach after that face that's no longer in sight, but before my anticipating fingertips come in contact with the mirroring glass, all the lights turn on, footsteps and laughter approach.

"????? ??? ?????? ?????????."

I'm reminded that I have a class to attend.

Thursday Afternoon , Rush Hour, 6:49 PM, Cloudy☹

I rushed to catch the last train right after afternoon class ended.
I can't remember anything we talked about during those dreadful
4 hours, or the whole day really. I can't recall yesterday either...
it seems I lost myself in my sketches again. I'm standing here now,
drenched in sweat, breathing heavy as my hands grasp a fingerprint
grazed pole to keep myself steady. My body is stuffed between others,
a dense layer of backs, arms and heads stand between me and the sight
from the windows. The last rays of daylight shine on the reflection of
people's glossy eyes: grey, plain and very dry...it's not raining yet.

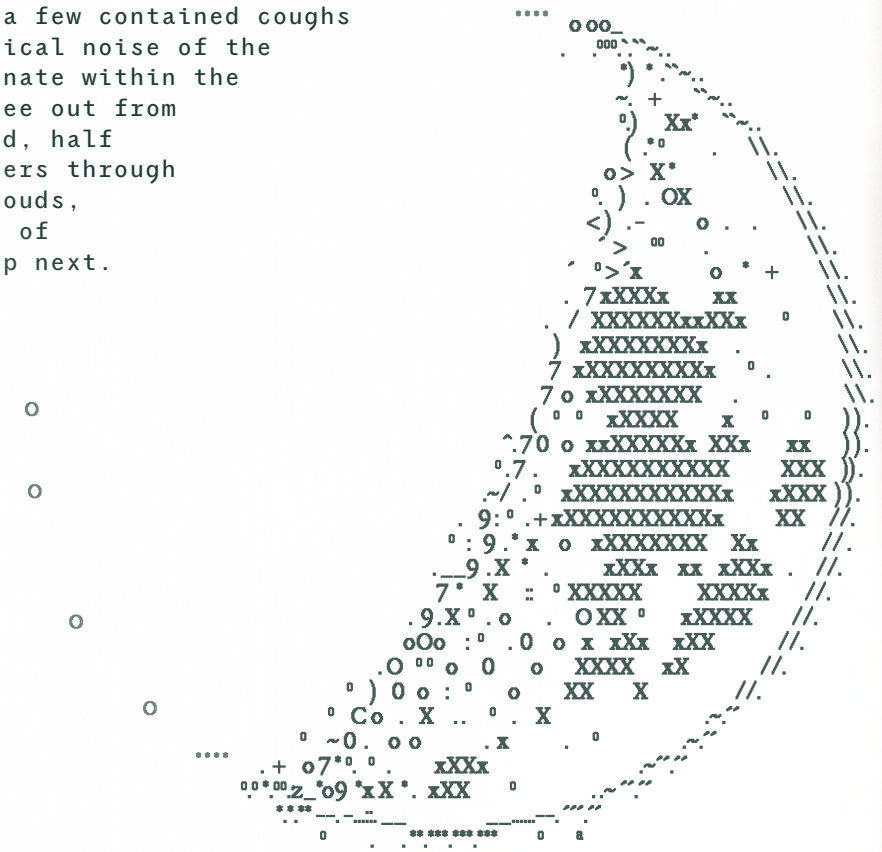
-"?????????."

Bored, I gaze upwards past the wall of towering passengers
that surround me, towards the sharp white light that blazes from
the metal ceiling. The bright overexposure burns my sight, and I shut
my eyes tightly. Funny shapes dance on my lids in the dark, like
remnant flaring whispers from the light...for a brief moment, reality
gives away. I find my thoughts going back to that girl, the one from
the 8th seat by the window. Once again, today I found her seat empty...

but her chair was still slightly misplaced, leaning to the left; fresh
graphite scribbles still adorned the surface of her desk; and some
strands of her long black hair still clung to the back of her seat.
Each time I actively look for her, I always get this feeling...
like I'm just barely missing her. Sometimes, I could swear I've
seen her somewhere else...so close to me. But I just can't remember.

...

I must've spaced out for longer than I realized.
The previously crowded train is now almost empty...
only distant voices, a few contained coughs
and the steady mechanical noise of the
ongoing engine, resonate within the
space. I can fully see out from
the window now: timid, half
visible, moonlight peers through
the solid-looking clouds,
there's still no signs of
rain and my stop is up next.



Thursday Night, Walk “Home”, 8:11 PM, Cloudy ☹

My section of the fridge back at the apartment is nearly empty.I pass by the store to buy something for dinner, as I’ve been doing everyday for the past few days. Cooking in no longer feels the same as it once did. The convenience place is brightly lit, it contrasts with the darkening sky outside. Groups of friends talk loudly as they pass by me in the aisle, some of them bump against me carelessly, not an apologetic glance in sight. It’s not worth hovering over. The shelves barely have anything left, I’ll just grab something and leave.

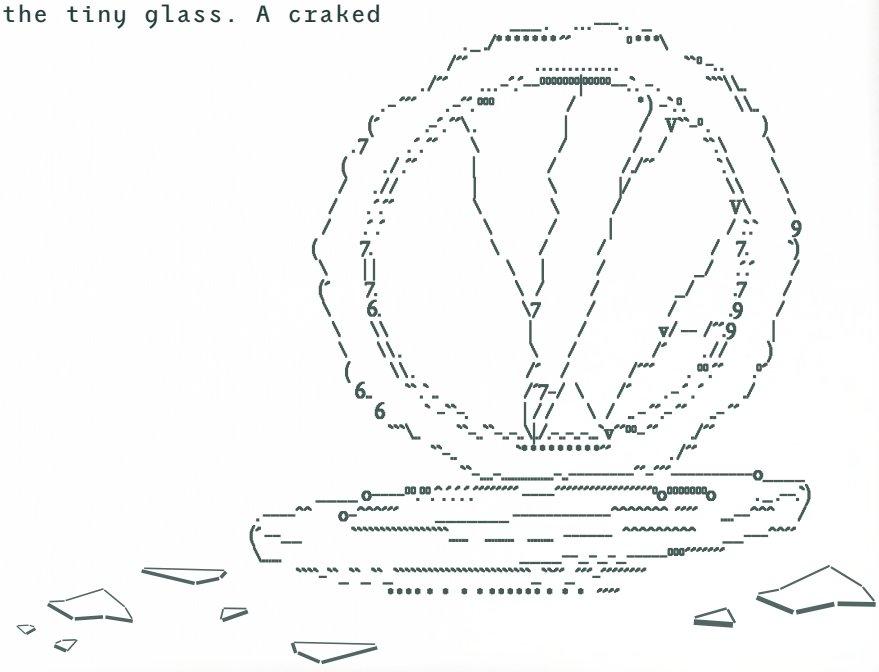
...

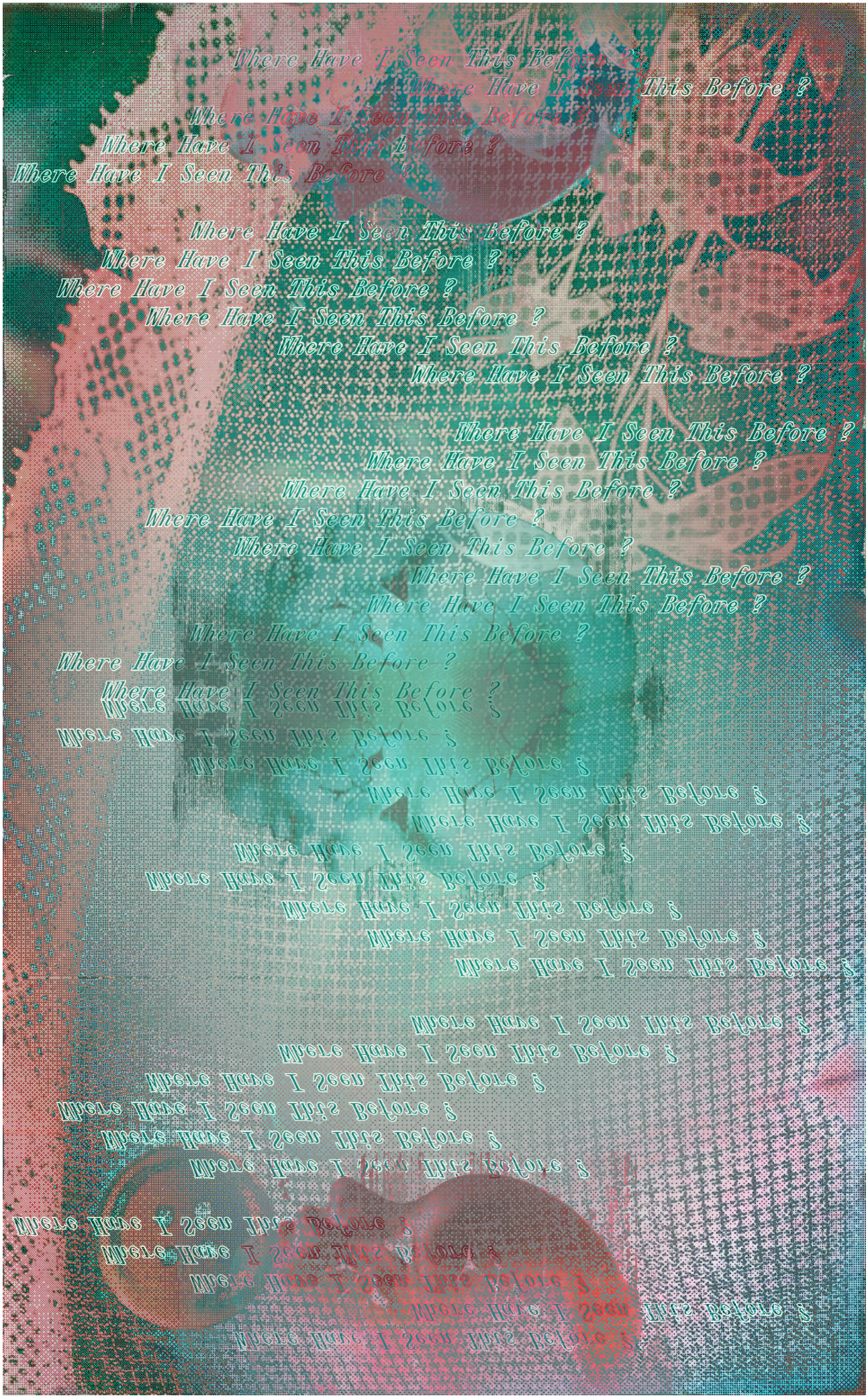
I continue walking further down the street. I pass by a usual display, pretty watercolour paintings stare at me in the dark through the glass, expept now they’re all covered in dust. This store used to belong to an old man, an artist. There was a time when he would sit and paint here for hours, late into the night. Sometimes, amidst insomniac deliriums, I would sit on a bench on the opposite side of the street, and just watch as he created. Like a warm heartbeat, each spot his brush covered in ink became alive...and in those moments, that small corner held more significance than the whole world. He was quiet,but always smiled whenever someone stepped in the store to admire his paintings. And so they did for a while...until everyone stopped coming. They forgot about him. And then, he too, stopped showing. His paintings have remained untouched since. Did he disappear too?

...

I’ve been lost in thought, staring fixedly at the ground as I walk, the bag in my hand swaying against my leg repeatedly as I move. Recognizable steps snap me out of my musing. I reach into the bag to search for my keys, only to let it all fall by accident. I collect my scattered belongings from the ground: a hairbrush; a wrinkled group photo from the past; a pair of earphones; colored pencils; a handmade keychain and... a compact mirror. Oh...it’s broken. My fragmented reflection sits inside the tiny glass. A craked porcelain face.

Where have I seen this before ?




Where Have I Seen This Before ?
Where Have I Seen This Before ?
Where Have I Seen This Before ?

Thursday Night, Dinner Time, 9:04 PM, Cloudy ☹

It seems everyone is busy today. My roommate barely spared me a glance when I got to our shared apartment, apparently too concentrated on whatever consuming task he's working on. Our other roommate is locked in her room, chatting loudly with someone on the phone. Not an abnormal scenario within the context of recent events. The atmosphere around here feels stale nowadays...as if unsaid thoughts have been weighing down their minds. Lingering. Their gaze almost seems pensive, yet, both of them pass me by and never say a word. I've been seeing them less and less as time goes by, but the signs of them living their everyday normality are still imprinted all around my surroundings. Almost unchanged. Mocking.

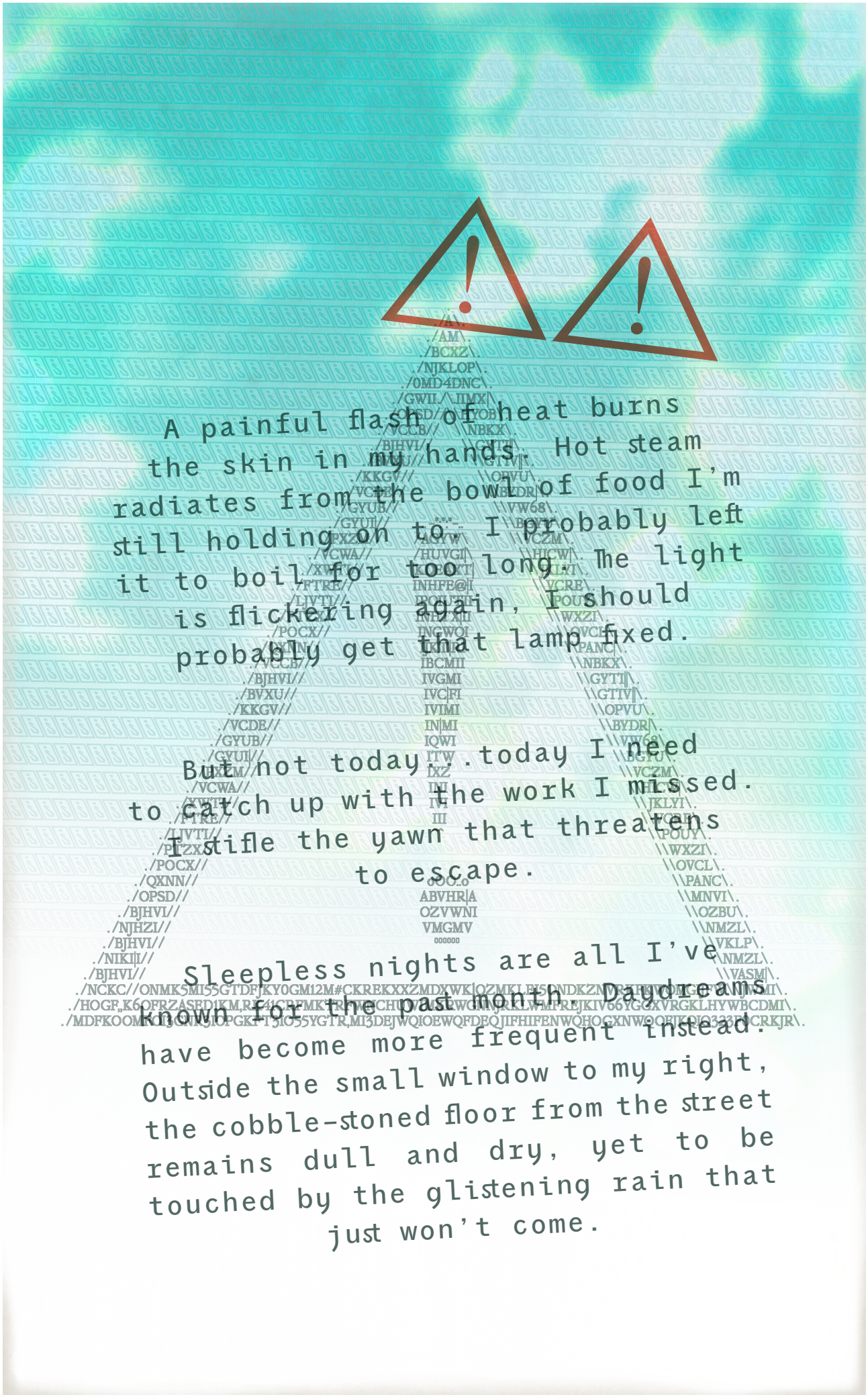
The kitchen feels desolate, sterile, under these unblinking white lights. It makes me reminisce the times where the three of us would cook warm meals together and eat them over dim lighting, board games and mundane chatter. But memories like that feel distant now; after all, it's been a month since they've stopped happening completely.

I take my microwaved food back to my room. I step around the accumulated stack of mail that has been left outside my door, they're all just meaningless pieces of paper: adds, last month's unpayed appliances, my university's requests for me to come in for an appearence. As if I don't spend amost every single day of my life stuck in there. As if I were missing.

I've just left them pile up in a corner. A single sigh escapes my lips. The tiredness from another dense, bland day almost makes me sink right down to the floor. I sit on my wood chair instead. Is there an escape from routine? From demmand? Another sigh. Now that I think about it, calls from back home, have also gradually stopped coming...and I can't seem to reach out to them either...my messages are always left unanswered. It's been a while since I've talked to anyone. Sometimes, I wonder if I've isolted myself too much, maybe, this pursuit for something surreal, was all just an excuse for me to run away and forget the origins of my existence. Am I loosing myself? One more sigh.

Sad, is probably how I should feel. Maybe confused or guilty? In a way I do. Yet, as their voices grow distant, and their all their faces become less clear...that nagging, pestering, tormenting light that always seems to make everything so painfully loud and clear...also grows dimmer. I could become accustomed to the calm within this quiet darkness...it feels intriguing, intoxicating even, to navigate in it's underexposed gloom, not knowing what I'll find in it...so safe and familiar, so free and almost ethereal. I find myself leaning into its comforting, refreshing embrace. Maybe, I wouldn't mind living in this dellusion forever.

What am I still holding on to?



A painful flash of heat burns the skin in my hands. Hot steam radiates from the bowl of food I'm still holding on to. I probably left it to boil for too long. The light is flickering again, I should probably get that lamp fixed.

But not today...today I need to catch up with the work I missed. I stifle the yawn that threatens to escape.

Sleepless nights are all I've known for the past month. Daydreams have become more frequent instead. Outside the small window to my right, the cobble-stoned floor from the street remains dull and dry, yet to be touched by the glistening rain that just won't come.

Friday????, ??????AM, Cloudy??

I've spent hours staring at a nearly blank sheet of paper. The few coherent words I tried to write down on it stopped making sense[illegible] long ago or maybe they never did.[illegible] From the other windows outside, the lights have gradually been turning off one by one and the noise of chatter from the rooms next to mine has died down as the night became darker.

It's silent now, so quiet that I can almost hear the underlying murmur[illegible] of a familiar tone, a melody that calls my name from deep my within my very own skin. The enveloping drowsiness weighs down on my eyes[illegible], inviting them to close[illegible]

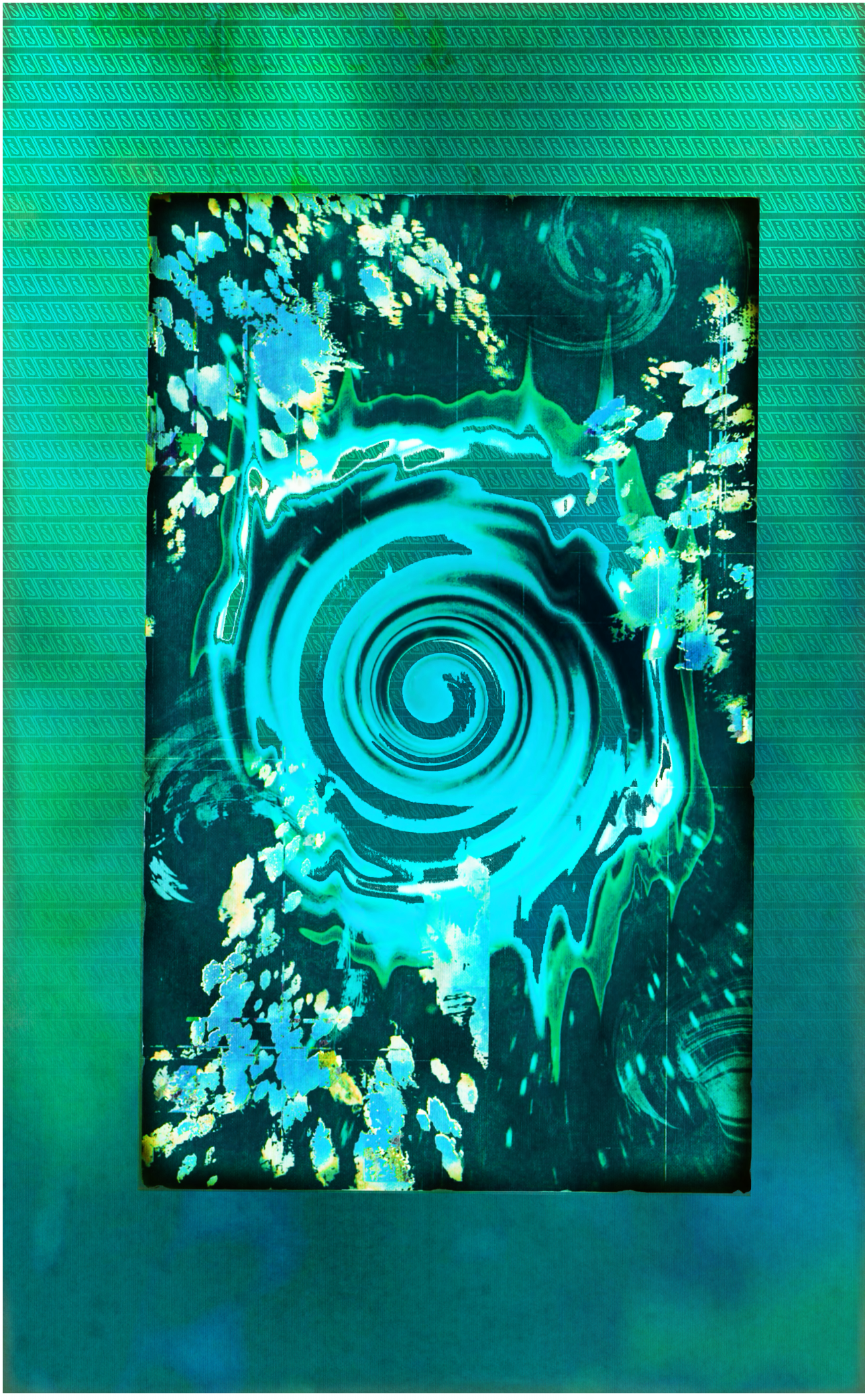
I can *almost* taste *the* fee*l*i*n*g of rest, s*t*o*p*pi*n*g, the *n*umb*i*ng stil*l*ne*s*s of *s*l*ee*p[illegible]...
but my body just won't give into it.

My hand moves before I can even think about it, it traces feverishly, seeking after an invisible shape, a blurred picture[illegible] I cannot seem to comprehend.[illegible]

The blue pencil that I'm gripping glides against the paper repeatedly, a few rips start to break on its now saturated surface[illegible]. It feels like someone is guiding my hand for me, someone who's trying to show me something[illegible] I can only sit back and let whatever it is take over...[illegible]

After what seems like a long while, my hand lets go of the pencil, or the tiny bit of what's left of it. My fingers shake slightly as they draw back slowly, away from the paper. A clear picture has formed now... it shows a concentration of deep blue strokes, they spiral together into a familiar shapeone I've been seeking. Like a bottomless abyss, so desolate... yet so full of life... it's pulling me closer and I can't look away. I almost want to drown in it. My hand is being held up once again, supringly delicately. It's being tugged towards the dark water[illegible]

My whole body is moving after it....*I can't[illegible]*
I can't go back[illegible] I can't think[illegible] anymore.....I.....[illegible]
[illegible] Where [illegible] am [illegible] I [illegible]




?
Silent
Blue
Infinity
?
It's raining.
There are waves crashing nearby.
A slight figure,
long, flowing, black hair,
back turned,
she stands near the edge...
of a precipice.
She turns around slowly,
she has no face.
What is she hiding?
What comes after the precipice?
I can't step any closer.
?
Is she...falling!?
?

Friday Morning, First Lecture 8.00AM, Cloudy ☹

Wasn't I asleep just now?
Wasn't there something important I was
supposed to remember?

I had a dream or maybe it was more of a memory.
I heard it calling me. I felt the rain on my
skin. I almost saw it, I reached out to touch it...
but I couldn't. I couldn't see her face. It had
been so long since I slept...

But it's gone now, I think.

Loud, it's so loud everywhere.

I'm back in the classroom again,
although I barely remember making
it here. Outside, the sky is that
same boring grey hue from yesterday.
The trees remain still and dead.
The people walk steadily.
There's no rain,



no wind,
no sun. Nothing.
But everything at
the same time.

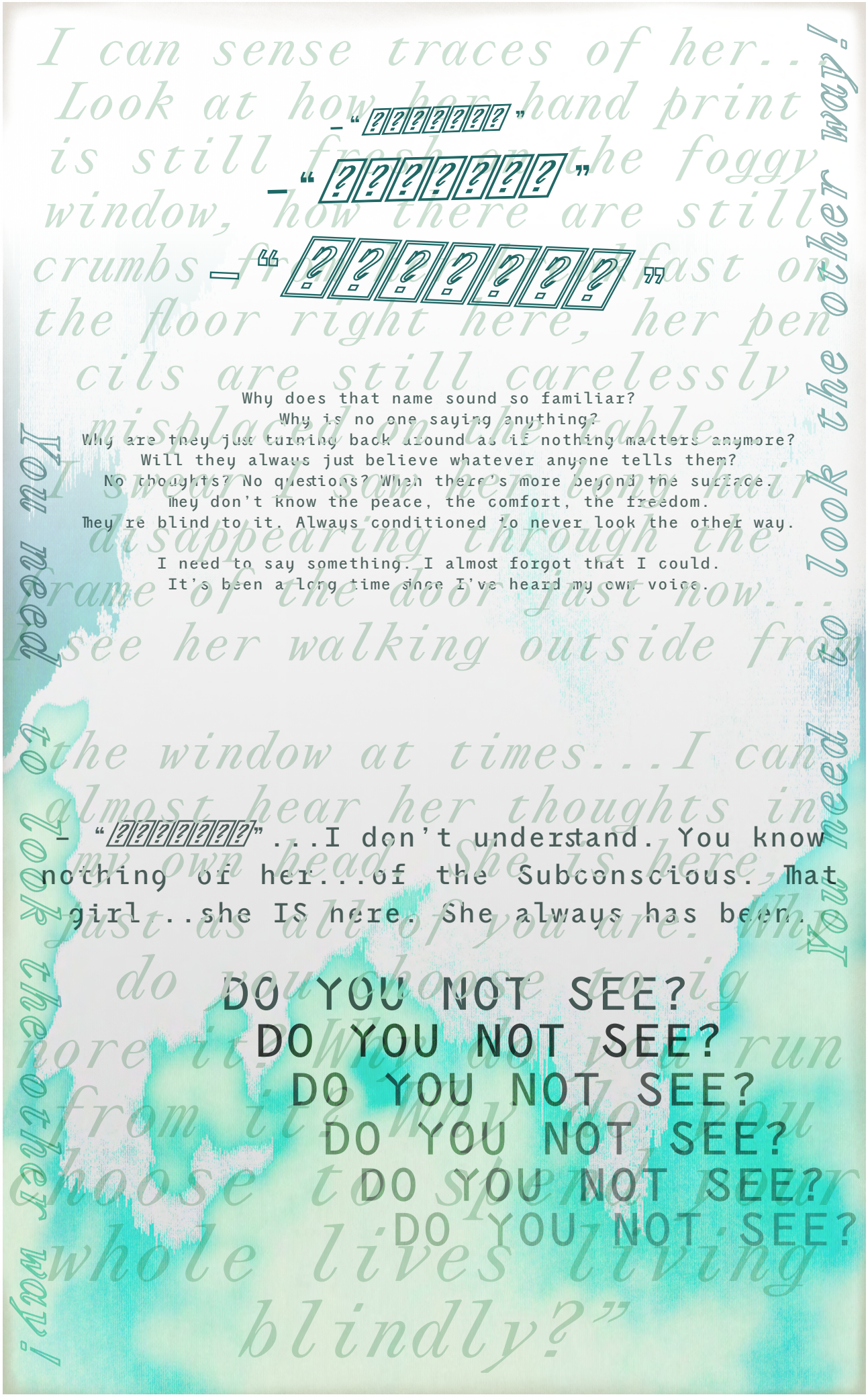
It's too bright, too loud,
too hot, too real it almost hurts.
It's the same day, everyday.
I don't know how much more of this
I can take.

I'm surely awake now. Those two people from lunch-time yesterday are here, my roommates are also here... Everyone's here, their faces, cramped in this room, except for her...again. Solely her empty desk stands in between me and everyone else. Solely the fresh drawings in deep blue she left behind, keep me distracted from what is being said in this class. Solely her gentle hand and feature-less smiling gaze wash my consciousness away, far from this reality.

But only until I'm brought back. The teacher's voice resonates in the far-end of the room, in the midst of blurry sentences, one clear word keeps getting repeated, Subconscious. The room's atmosphere has shifted, everyone's head is now turned, sneaking glances at me...no, they're not looking at me, but rather at the empty seat in front of me.

The teacher goes on. He looks agitated.

- “I’m saying this to you as a precaution ⚠⚠. As you should know, that *blue hole* is highly dangerous ⚠⚠⚠


–"[illegible]"
–"[illegible]"
–"[illegible]"
Why does that name sound so familiar?
Why is no one saying anything?
Why are they just turning back around as if nothing matters anymore?
Will they always just believe whatever anyone tells them?
No thoughts? No questions? When there's more beyond the surface.
They don't know the peace, the comfort, the freedom.
They're blind to it. Always conditioned to never look the other way.
I need to say something. I almost forgot that I could.
It's been a long time since I've heard my own voice.
–"[illegible]"...I don't understand. You know nothing of her...of the Subconscious. That girl...she IS here. She always has been.
DO YOU NOT SEE?
DO YOU NOT SEE?
DO YOU NOT SEE?
DO YOU NOT SEE?
DO YOU NOT SEE?
DO YOU NOT SEE?
I can sense traces of her..
Look at how her hand print
is still fresh on the foggy
window, how there are still
crumbs from breakfast on
the floor right here, her pen
cils are still carelessly
misplaced on the table.
I swear I saw her long hair
disappearing through the
frame of the door just now..
I see her walking outside fro
the window at times...I can
almost hear her thoughts in
my own head. She is here,
just as alive as you are. Why
do you choose to ig
nore it. Why do you run
from it. Why do you
choose to spend your
whole lives living
blindly?"
You need to look the other way!
You need to look the other way!

But the usual shifting, coughs and chatter continues. How come no one even looked back at me? Why won't anyone listen, anyone at all? Do I...really not exist to them anymore?

Right…it seems reality itself is rejecting my existence, just as I rejected it for so long. But then, why does it still feel so real to me? to my body? What's the point?

Why can I feel the pain of sleepless hours burn my eyes? Why do my pores raise as I shiver? Why does my skin turn red when I blush? Why does my heart beat fast when I run? Why do all these thoughts keep me awake at night?

How can I let go?

I sat, waited and watched. For a while. With my raging thoughts. Suddenly fully emerged in the saturated surroundings I usually so desperately try to distance myself from. All my conscious life, I've tried to slip right past other people's awareness. I've remained as small, as still, as quiet as this reality would allow me...I tried to erase all traces of my existence outside of my own mind, just so they wouldn't perceive me, so that I could be free. Maybe then, I could finally try to follow that one whispering sensation that I always heard calling for me, inviting me to escape. And so I wanted to. But people always did see me regardless; I couldn't fully evade their attentive stares, questions, opinions, expectations...

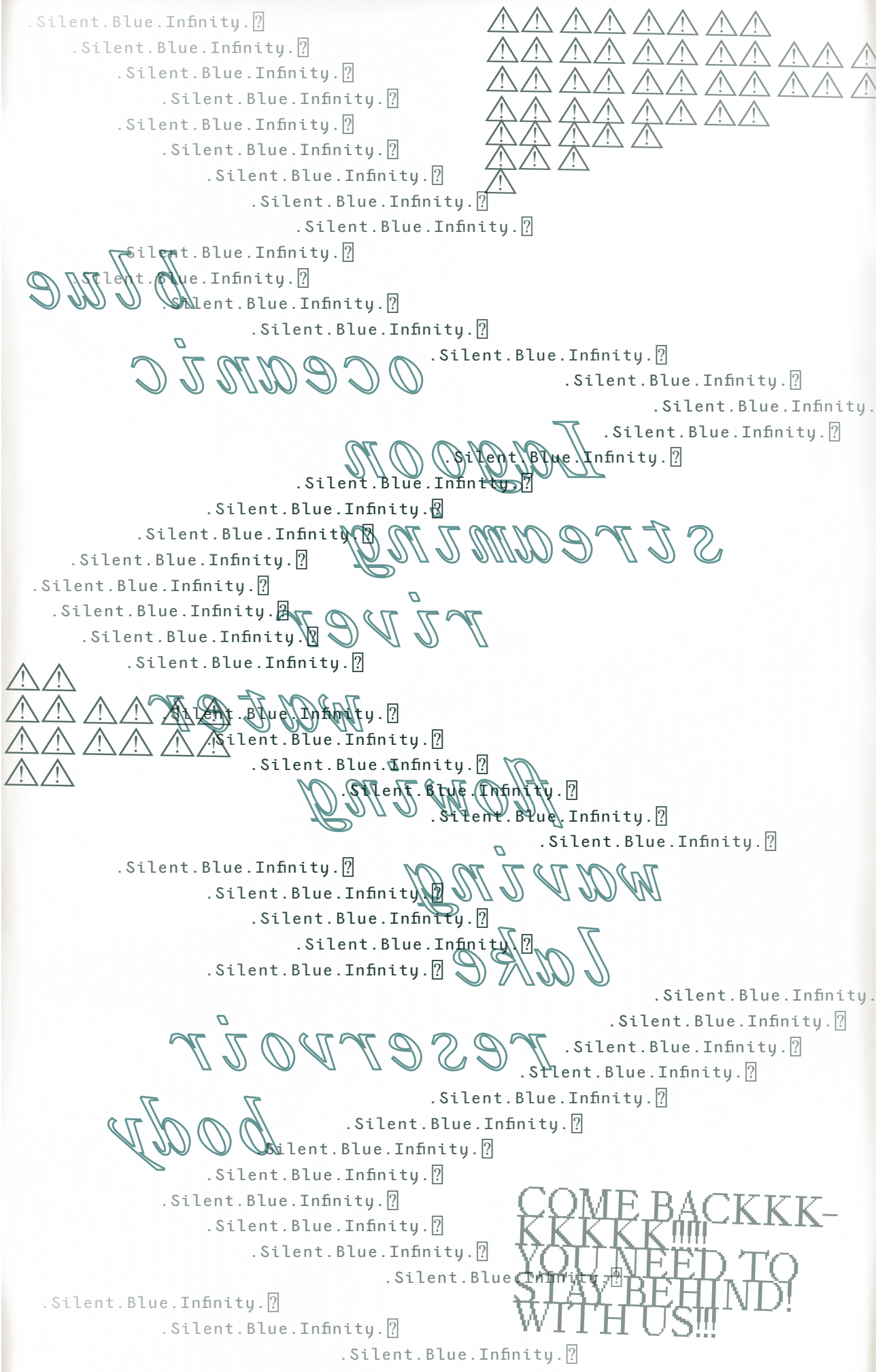
they always found a way to keep me locked in here. I never got the chance to find my way to the one place, where I knew I could hide indefinitely. And I've tried to find it...so many times.

Did I take it too far?

But things have changed now. No one's watching me any longer. The clock ticks steadily, the time goes by agonizingly slow, I exist more loud and clear now, than I ever have, right in the middle of this very real room, along with everyone. But they won't spare me a single glance.

Something did change a month ago. Something happened. I can't remember what it was, but I know it did. And I also know, it all started when she appeared, the one girl from te 8th seat next to the window. It's faint, but I can hear that calling again now. It pulsates softly, like a warm heartbeat, like a welcoming home. Soft wind escapes through the barely open gap in the window aside the desk in front of me. It lifts the ends of my long hair gently.

I've got to chase this feeling.


.Silent.Blue.Infinity.
COME BACKKK-KKKK!!!! YOU NEED TO STAY BEHIND! WITH US!!!

Friday Afternoon, Second Lecture, 2:38 PM, Cloudy ☹

Classes aren't over yet, but I couldn't stay there and wait any longer. I needed to escape. I need to remember. I need to find that girl. That place. And so, I followed that murmur, whispering in my head so quietly, I barely heard it. It was such a familiar feeling. Safe. Free. Calm.

Silent

Blue

Infinity

I followed after it blindly, ran through busy halls and streets, forests...thoughtlessly maneuvered around everyone and everything until I got here. Deep down, I knew i didn't matter which way I went, I would find it regardlessly. This isn't that same reality it used to be. Now, the wind feels cool against my closed eyes, it ruffles my clothes, tickles my skin as it breezes by. It brings along the smell of salt water, blooming flowers and earthy grass. I hear the waves crashing nearby. There's humidity in the air.

I feel like it's almost time for something.

I'm nearly on the edge of seeing. Revisiting.

I've felt this feeling before.

I finally open my eyes.

Here it is. The Blue Hole, in a body of water that isn't quite an ocean, a lagoon, a pond, a river, a spring... It changes each time I look, it could be all of them at the same time.It exists right here, at the bottom of a precipice. It's the very same I've seen in my dreams ever since I can remember; the very same I've been trying to picture in my drawings; the very same I've been trying to find for all this time. I've walked down this path in the past, but this wasn't here then. Impressive, but odd. I can't help but notice how it looks different from what I imagined. My thoughts wander off to the that sensation of absolute peace that I felt, so deep within my soul. How gentle that soft gloom was, how effortless my existence felt. Somehow, the sight I have before me now, doesn't reflect that.

It almost looks too real. It's immense, intimidating, and even more unreachable than ever I anticipated. That grey, disturbed surface looks angry, unstable, dangerous even. It would surely consume me if I dared dive in it. Just the staggering fall from where I'm standing, down to where the disrupted surface breaks, would be enough to break every bone in my body.

This can't be right.

I can't hear the soft calling that brought me here anymore. The oceanic breeze has stopped, the humidity is gone and the waves seem much heavier than before.

Something is missing.

I step away from the edge. Somewhat scared the sight might just disappear, I hesitantly turn away from it briefly to search for something. My notebook is halfway out of the bag that I dropped on the ground when I got here. I flip through hundreds of drawings I made over the years, not a single one the same as another. However, they all share something...it's hard to place.

I need to find out what it is.

I hold the last page I drew at eye level, I look back and forth between it and the actual sight. I won't go back to that classroom, or that house. I won't keep living that dreamless life. There's a home for me beyond this surface, the only one. I'll do anything to reach it, even if it takes letting go of every real thing I've ever known.

Wait for me.

...

I can't tell how long it has been since I've been here. Time no longer weighs me down. I've seen day and I've seen night, rise and fall, time and time. I've drawn, I've searched, I've waited. Filled page after page... until there were no more left.

Until my pencils wore down in my hands. I've paced, pondered and let my thoughts wonder, repeat and burn, over and over, so much I barely have them anymore. My body has sat, endured, stayed so still for so long, I can no longer feel the heat, the cold, pain, hunger, or anything at all. No one has come looking for me, no voices and no faces, just me and this place. Maybe, it's time to forget.

And I was starting to forget. To slowly let go. My consciousness has been slipping. I believe I've begun to disappear. Or have my hands always been transparent like this? Have I always been able to see through my fingers? My bones? Or is my skin giving away?

Am I?

Is this what I asked for?

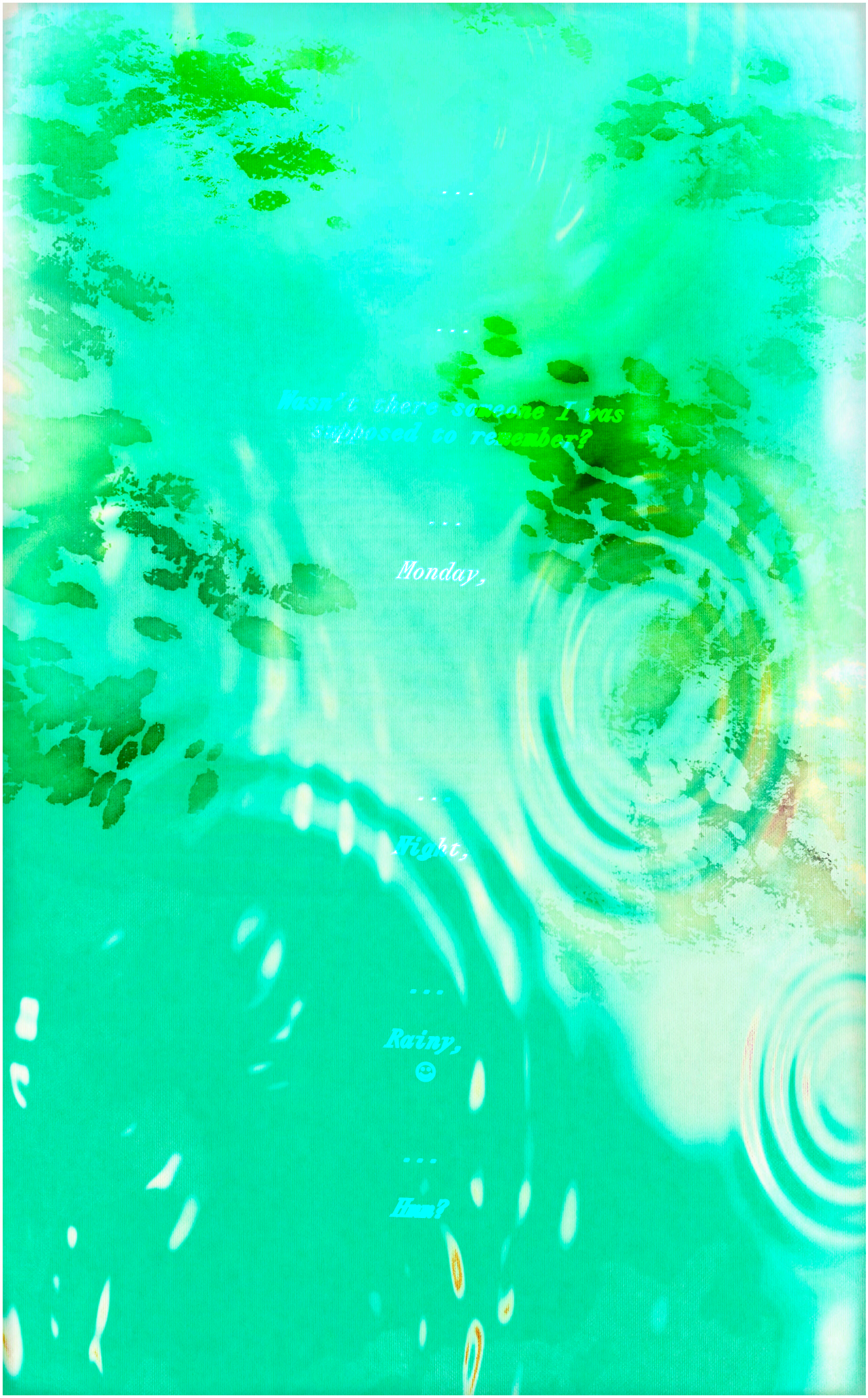
...

...

...

...




...
...
Wasn't there someone I was supposed to remember?
...
Monday,
...
Night,
...
Rainy,
...
Hmm?


What is this?
I feel something. Something wet.
A little cold.
I can't see well.
Water?
Is this...? Is it rain?
Is it raining?
I open my eyes.
It's raining. It is finally raining.
And how amazing it feels. I missed it.
I can't help but laugh. I forgot I could
do that. I can feel this rain, with more
than just my body. I feel it in my soul.
I can move, and reach out for more of it.
I can dance under it. Drink it if I want.
And so I do.
It's so fresh, so sweet, so nostalgic.
I'll do this for as long as I want to.
Or at least until the sky is clear.
And now it is.
There's the full moon.
It's light is blue, and soft, glistening.
Everything is gentler under it.
Pleasantly ethereal.
Something twinkles in its glow from below.
It's a small puddle from the rain. There's
something on it. The reflection of a girl.
Long black hair, porcelain skin...
and no face. She looks familiar.
-Is that... me?


"[illegible]"
"Sencara"
-My name?
"That is our name."
I know this murmur, this quiet whisper.
It's coming from "my" reflection.
-It's you, isn't it? the girl from the 8th window seat, You're finally here...I've been looking all over trying to find you. Where have you been? Where did you go? You stopped showing...
The girl in the reflection tilts her head to the side, her shoulder raises slightly, as if questioning. Although she has no lips, no eyes, nose or eyebrows, somehow, an expression has never felt so clear.
"I've always been here, with you. Never left."
I know she's holding a smile.
- But then...why can I see you now, as if you were real? What changed?
"The full moon has returned once again...the sky has cleared...a concealed memory reappeared. The mirroring face has been broken. All we need to do, is dive in."



- Who are you?

"I am Sencara."

The confusion must be visible on my face, because there's a soft silence that follows. I blink, and the girl is no longer mirrored in the puddle. I'm the one who's there now, my own eyes stare back at me, there's my nose, my mouth... my face. I also forgot I had one.

"I'm you, your reflection, the life beneath your surface."

A pair of ghostly hands rise and settle around my shoulders, a touch that isn't quite there, but I feel it closely, like a soft chill from the depths of my mind. The reflection of the faceless girl appears behind my own, along with her hands as she rests them on me.

"Can't you feel?"

Her hands tap on my shoulders. Light and cool.

"Can't you see?"

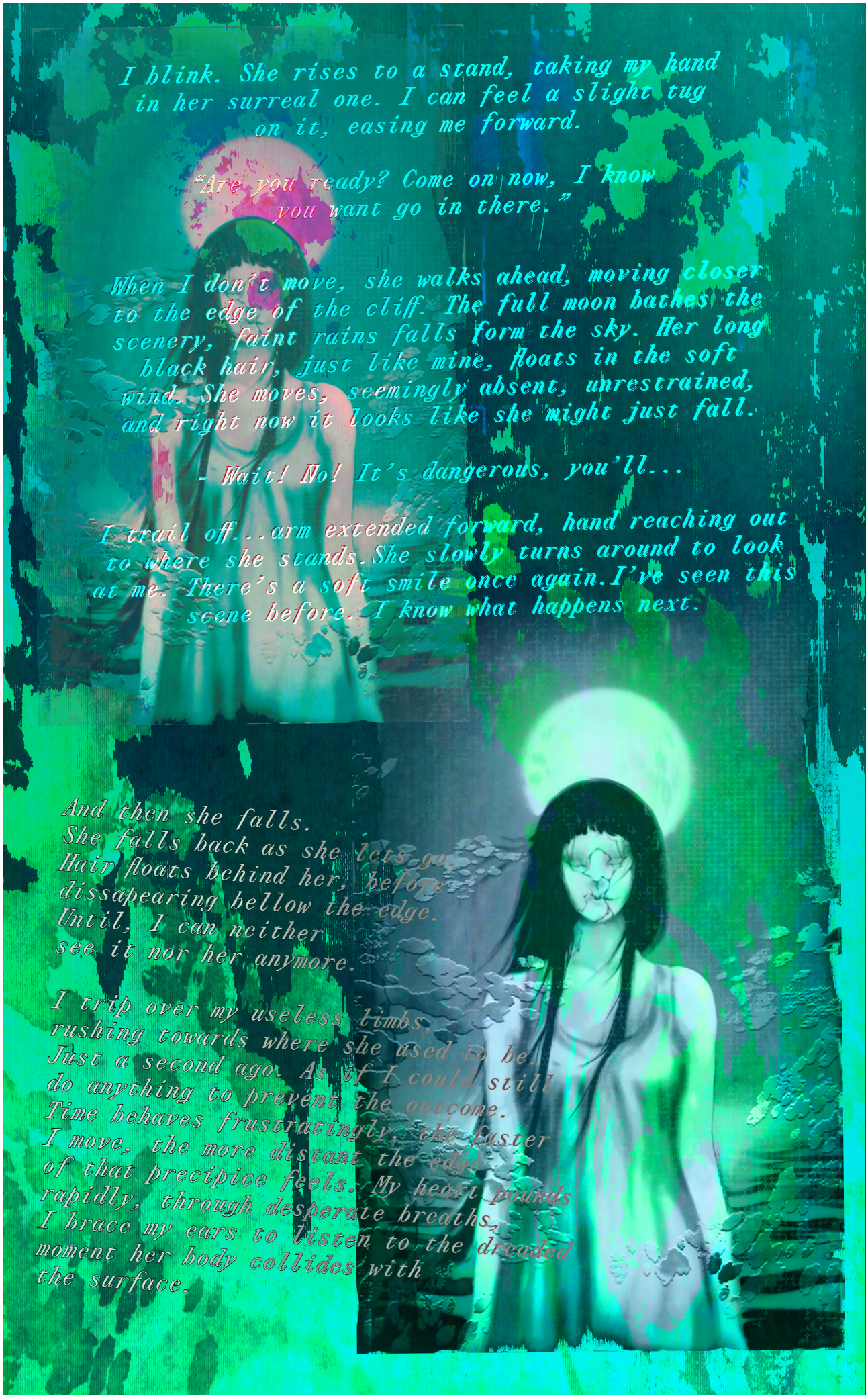
They move up, slowly, to cover my eyes. My vision goes dark.

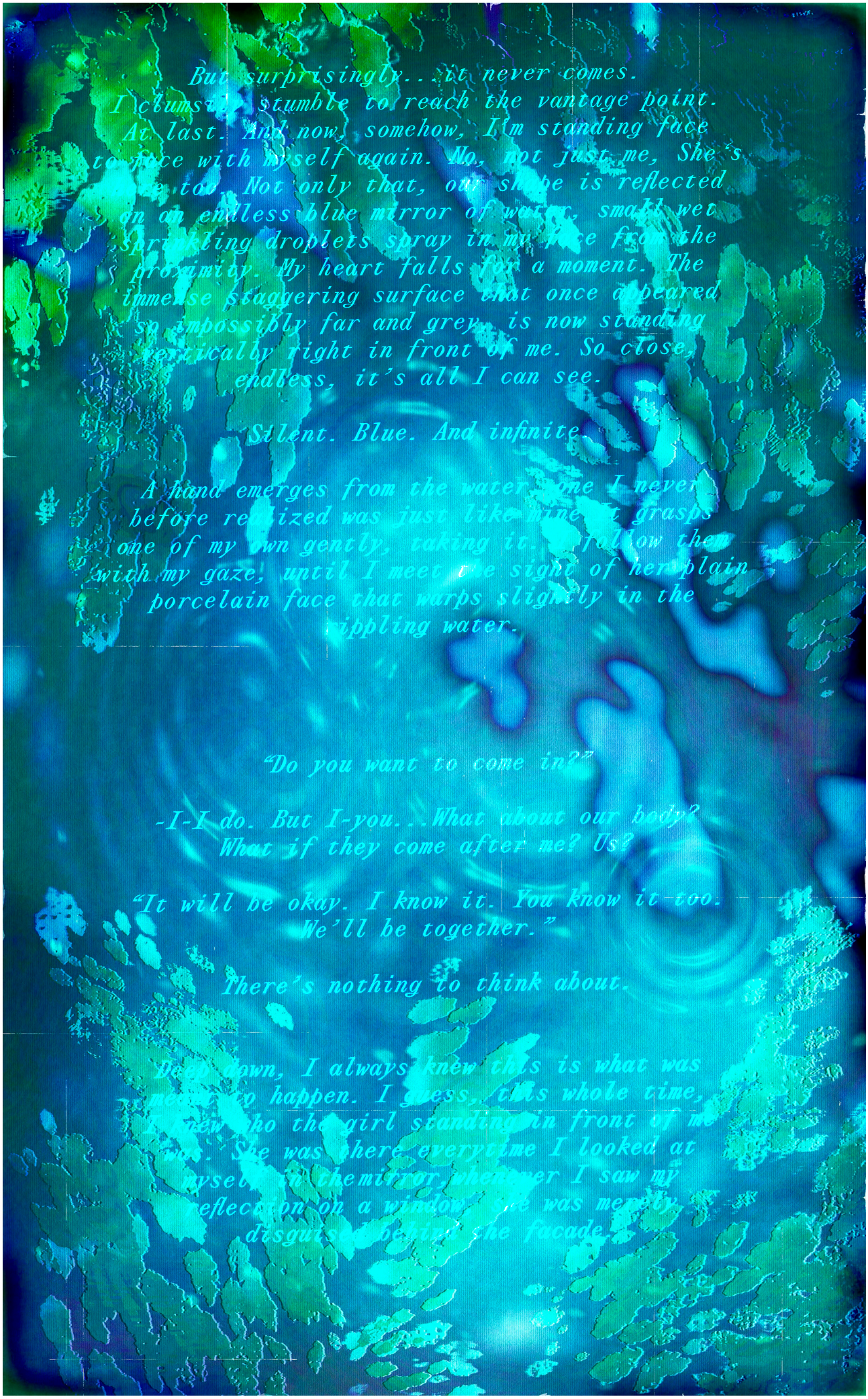
"Can't you smell? Hear?"

She taps my nose once with a finger. The shell of my ear with another. The aroma of salt and grass come along with the flowing breeze again. I hear the soft whisper of flowing water, and an unknown underlying melody I couldn't sense before.

When my vision returns, she's standing right in front of me, faceless to face. She taps my forehead slightly.

"This is you. I'm you. It's always been and it will always be you."


I blink. She rises to a stand, taking my hand in her surreal one. I can feel a slight tug on it, easing me forward.
"Are you ready? Come on now, I know you want go in there."
When I don't move, she walks ahead, moving closer to the edge of the cliff. The full moon bathes the scenery, faint rains falls form the sky. Her long black hair, just like mine, floats in the soft wind. She moves, seemingly absent, unrestrained, and right now it looks like she might just fall.
- Wait! No! It's dangerous, you'll...
I trail off...arm extended forward, hand reaching out to where she stands. She slowly turns around to look at me. There's a soft smile once again. I've seen this scene before. I know what happens next.
And then she falls.
She falls back as she lets go.
Hair floats behind her, before
dissapearing bellow the edge.
Until, I can neither
see it nor her anymore.
I trip over my useless limbs,
rushing towards where she used to be
Just a second ago. As if I could still
do anything to prevent the outcome.
Time behaves frustratingly, the faster
I move, the more distant the edge
of that precipice feels. My heart pounds
rapidly, through desperate breaths,
I brace my ears to listen to the dreaded
moment her body collides with
the surface.


But surprisingly... it never comes.
I clumsily stumble to reach the vantage point.
At last. And now, somehow, I'm standing face
to face with myself again. No, not just me, She's
here too. Not only that, our shape is reflected
on an endless blue mirror of water, small wet
sparkling droplets spray in my face from the
proximity. My heart falls for a moment. The
immense staggering surface that once appeared
so impossibly far and grey, is now standing
vertically right in front of me. So close,
endless, it's all I can see.
Silent. Blue. And infinite.
A hand emerges from the water, one I never
before realized was just like mine, it grasps
one of my own gently, taking it. I follow them
with my gaze, until I meet the sight of her plain
porcelain face that warps slightly in the
rippling water.
"Do you want to come in?"
-I-I do. But I-you...What about our body?
What if they come after me? Us?
"It will be okay. I know it. You know it too.
We'll be together."
There's nothing to think about.
Deep down, I always knew this is what was
meant to happen. I guess, this whole time,
I knew who the girl standing in front of me
was. She was there everytime I looked at
myself in the mirror, whenever I saw my
reflection on a window, she was merely
disguised behind the facade.


All my life...even before reality became a fear...when the whole world was just an entire ocean full of life, wonder and promise. When I drew, spaced out and day dreamt for hours on end, it was her guiding me all along. The lone desk In the classroom, 8th, window side seat...
I see now that it was my own.
Sencara is me, my soul.
My truest form, beneath the surface.
My Subconscious.
I look up, and offer an easy smile. Nothing else is needed. And just like that, as if nothing were ever real, I'm taken in.
This time, there's no pain, no distress, no fear. All that I am, my body, all my thoughts and feelings, willingly give away into the natural ease of fresh flowing water.
...
This is it.
....I'm starting
to remember.

Let your consciousness ease into this infinity

Go on....take a deep breath....and just let go

I can see it all now,
In fragmented glimpses.

The tree canopy that sways gracefully
along the gentle atmosphere; a muted scenery
where subtle patterns of light and dark blur
in harmonious balance; cavernous aqua
sanctuaries; cooling jade water springs;
flourishing endless pools; wind-chimes clinking
in the breeze; hanging vines lit by dim
paper lights; alluring hidden oases; the
soothing taste of warm green tea; ethereal
scenic nature; resting mossy statues;
Temples in the clouds; the smell of fresh
rain and streaming waterfalls; an underlying
quiet melody of living creatures...

A memory; a dream...
a surreal life that lives-on beyond
the notion of sense. Lingering
tradition, knowledge and sensibility,
bustle lively in and out of perception...

like mesmerizing gateways to mysterious
paintings that peek through the edges of my
vision, waiting to be found, or re-lived.
Never-ending, Ever-evolving, broken reflections.

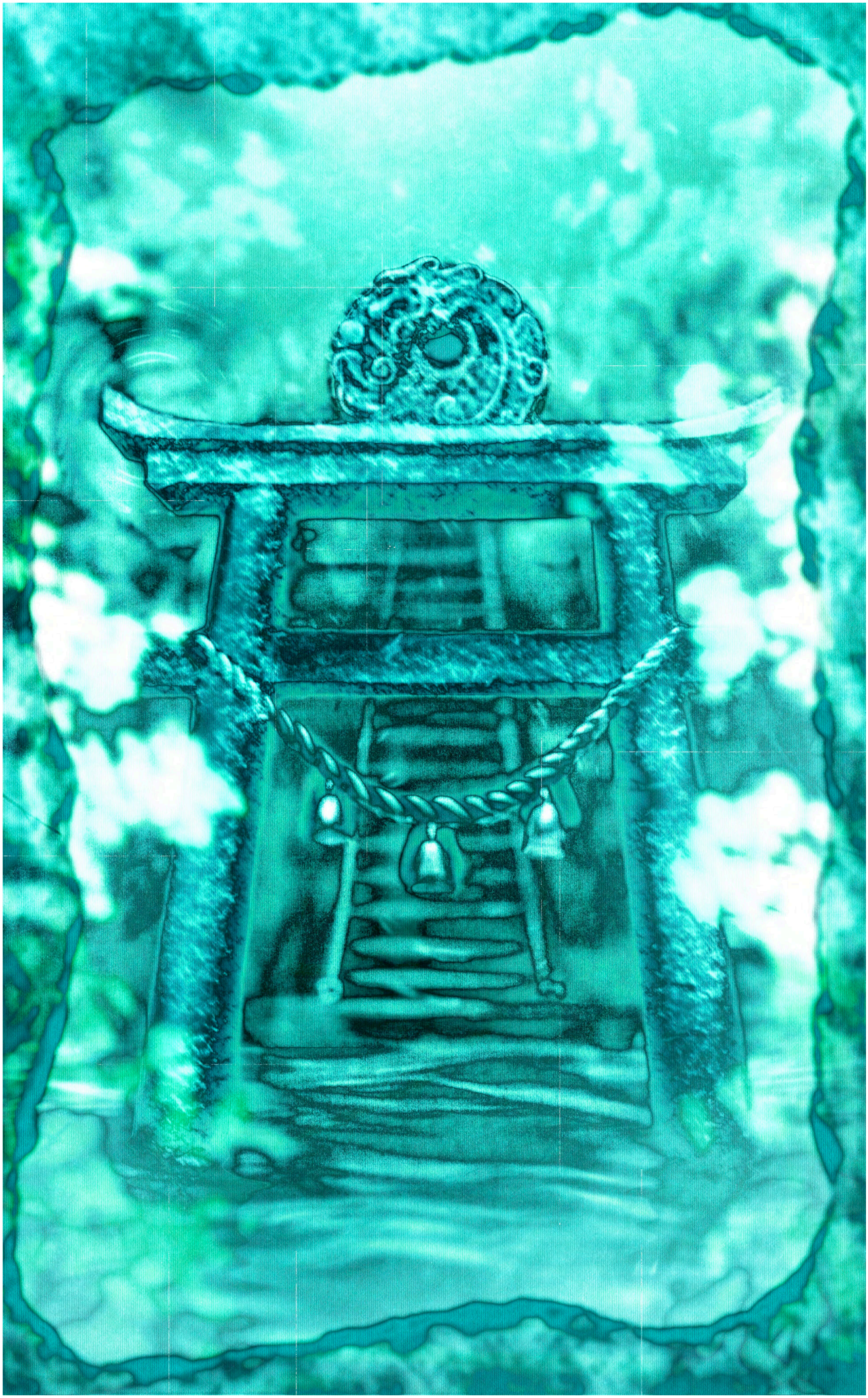
The picture as a whole is so detailed,
yet so pleasantly abstract; so alluring,
yet fleeting. It shifts and molds, according
to interpretation. I've stumbled upon a long
forgotten on-going existence, buried deep
within the depths of my spiraling mind, a place
where memory and dream live on intertwined.

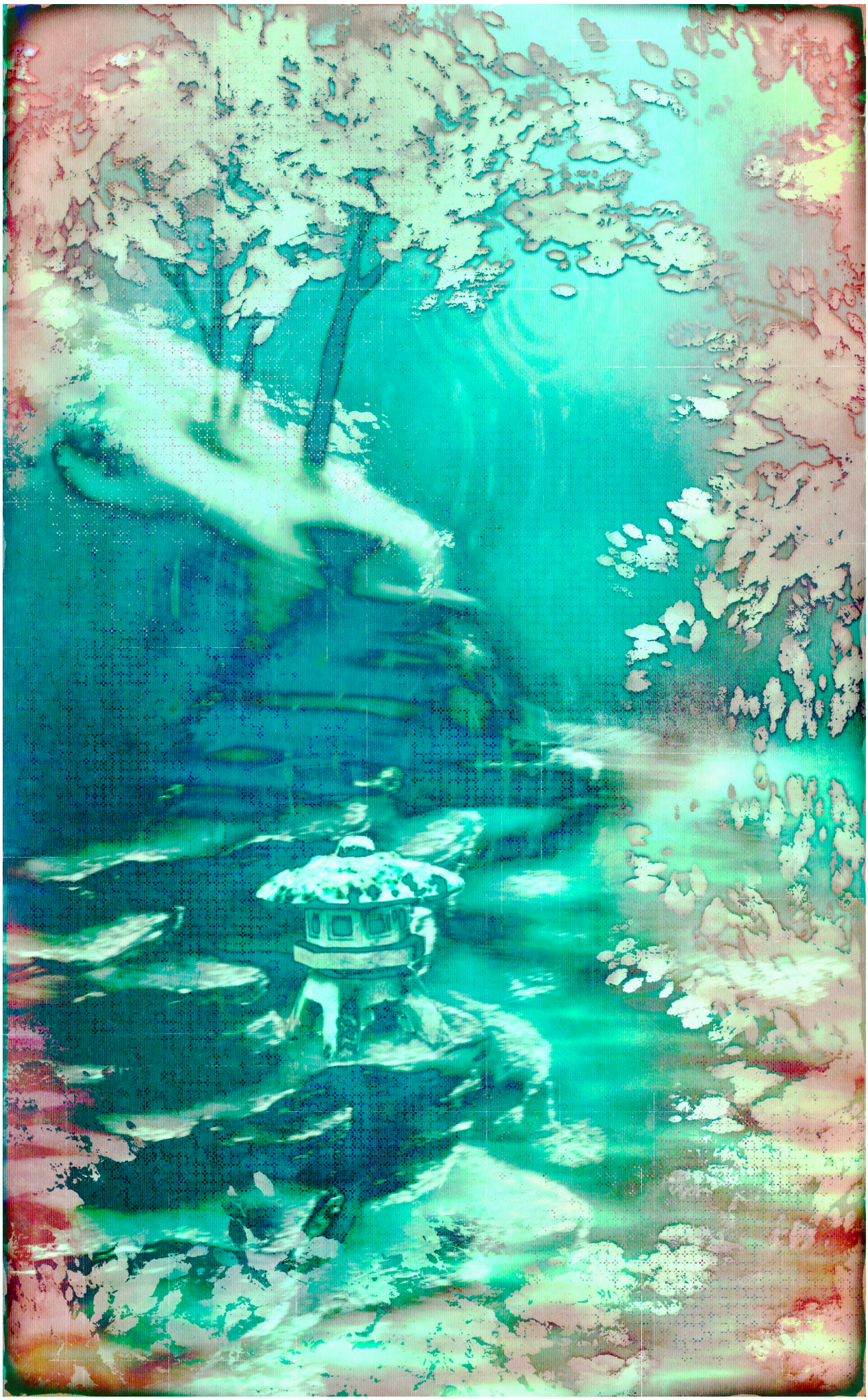
Forever undisturbed.

To be so alive, to feel so vividly...to exist so
freely. I understand it, with my very own soul,
my truest essence, ultimate resonance...the one
that lives beyond that constant
mirroring surface.

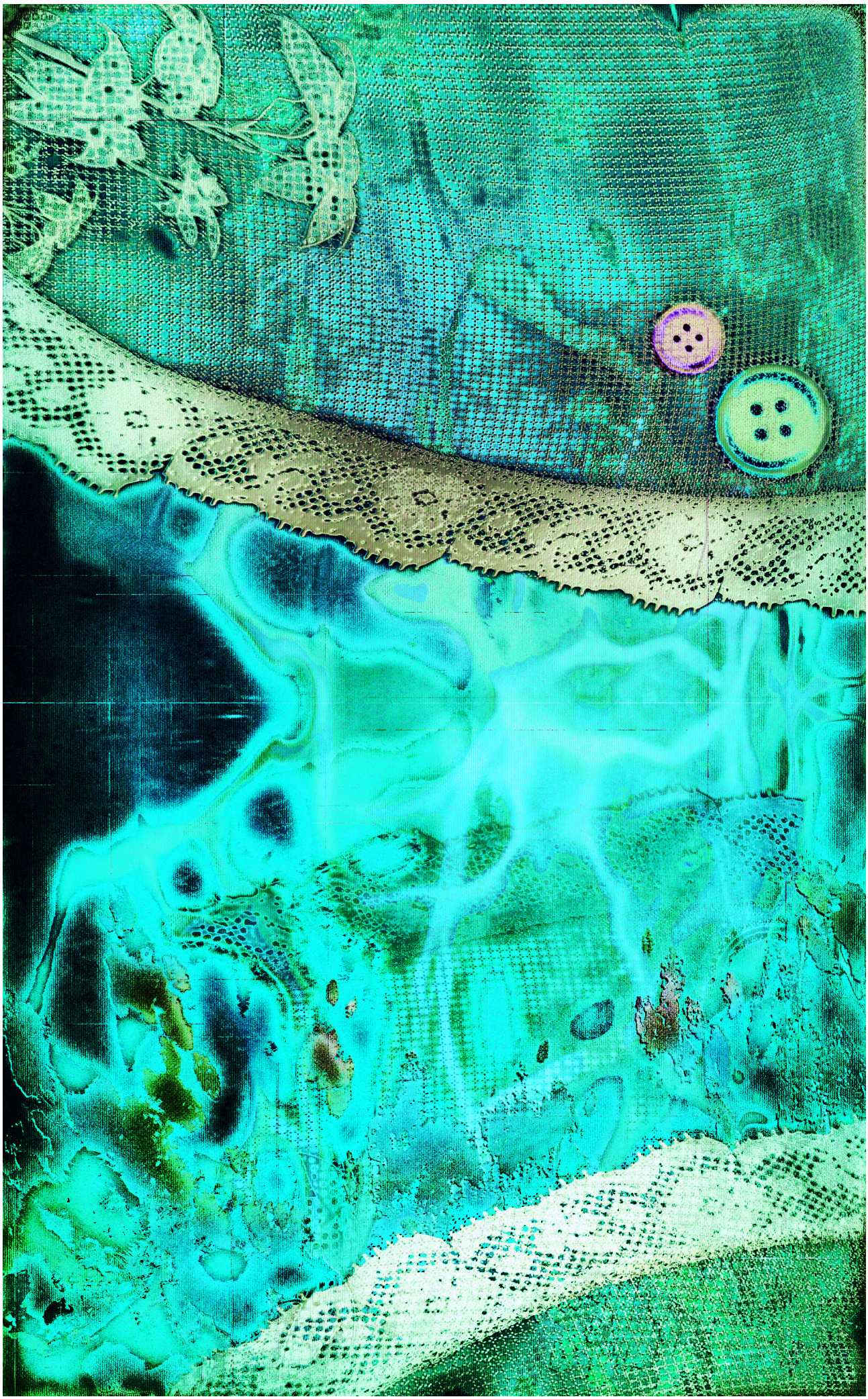




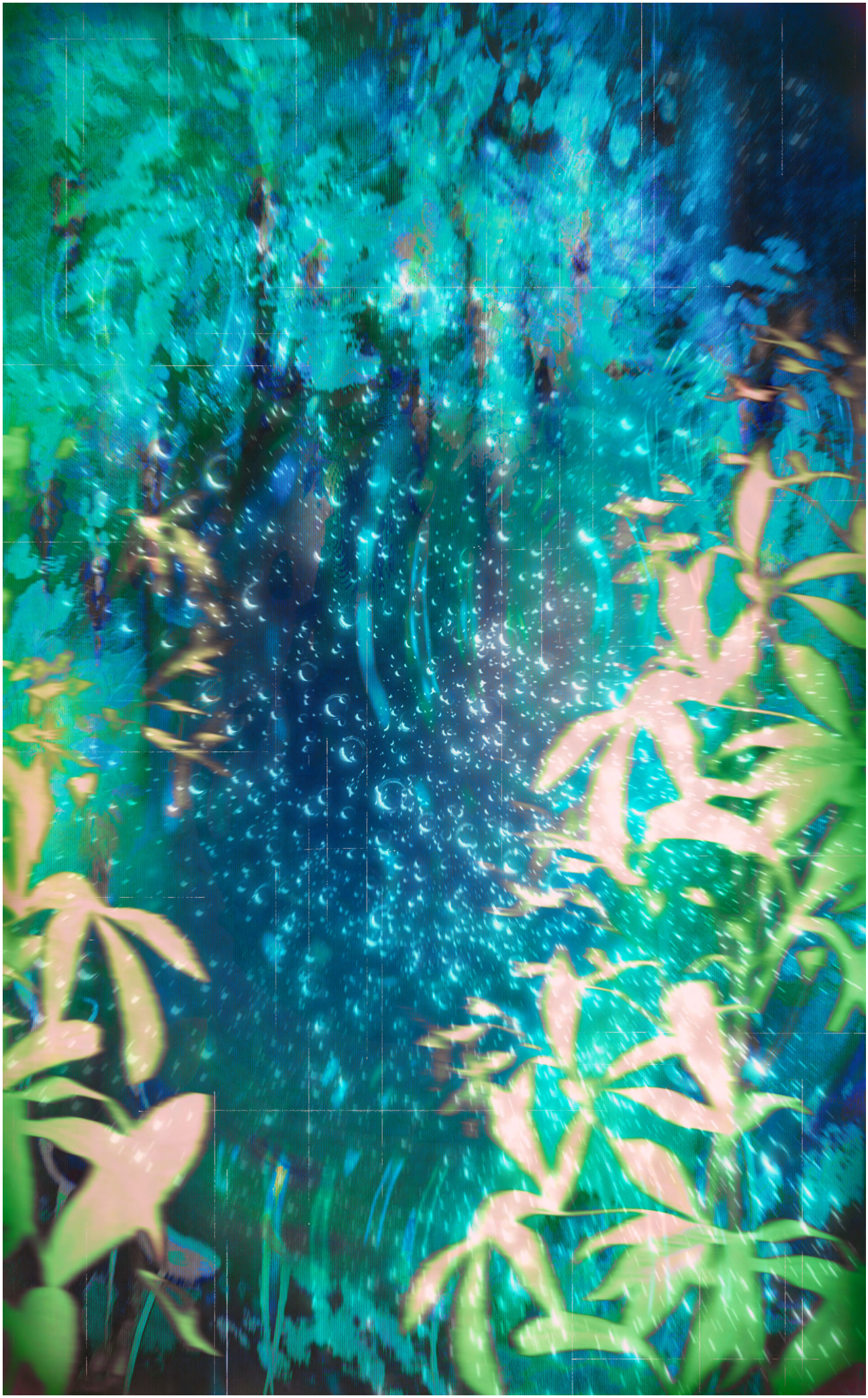


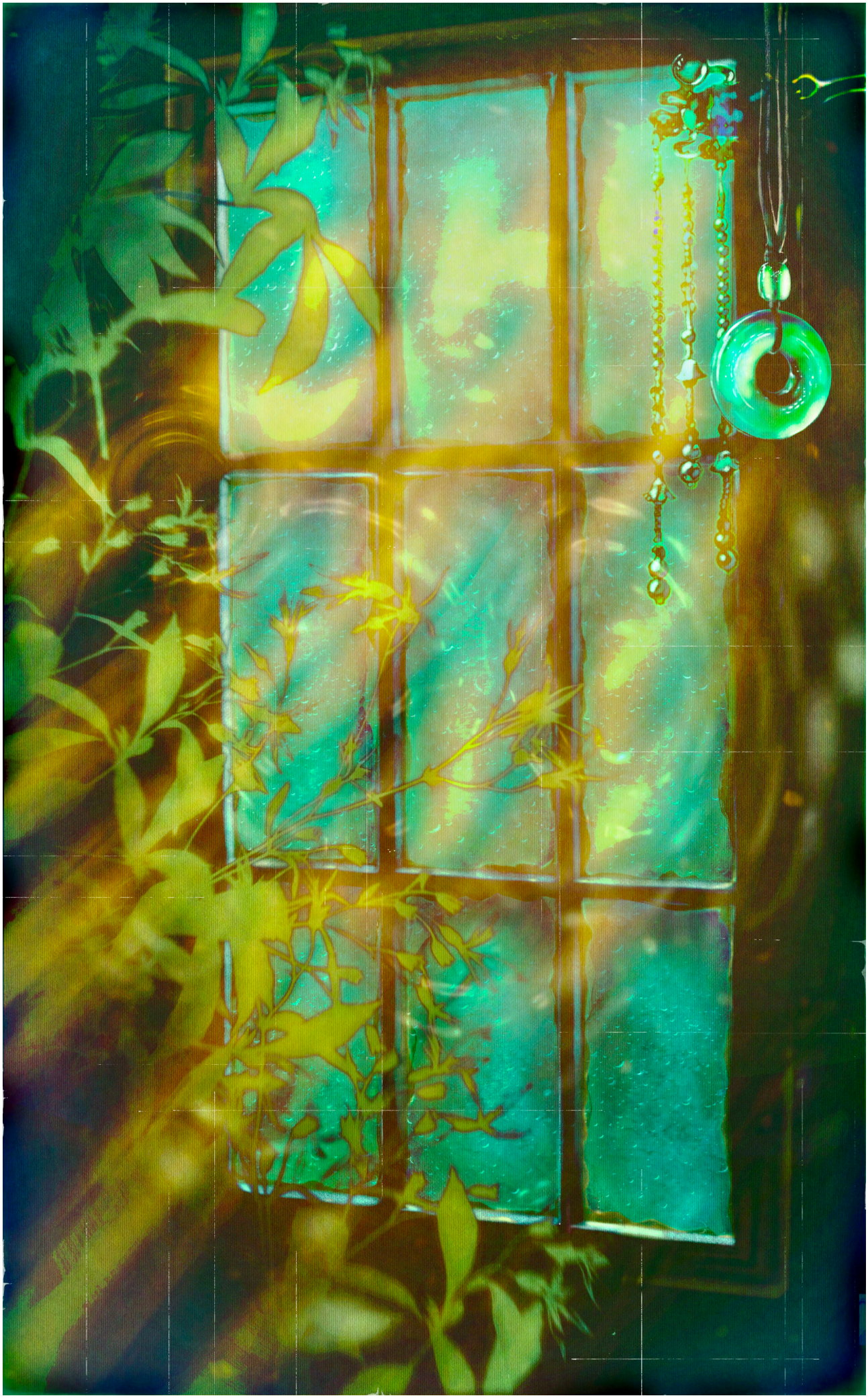




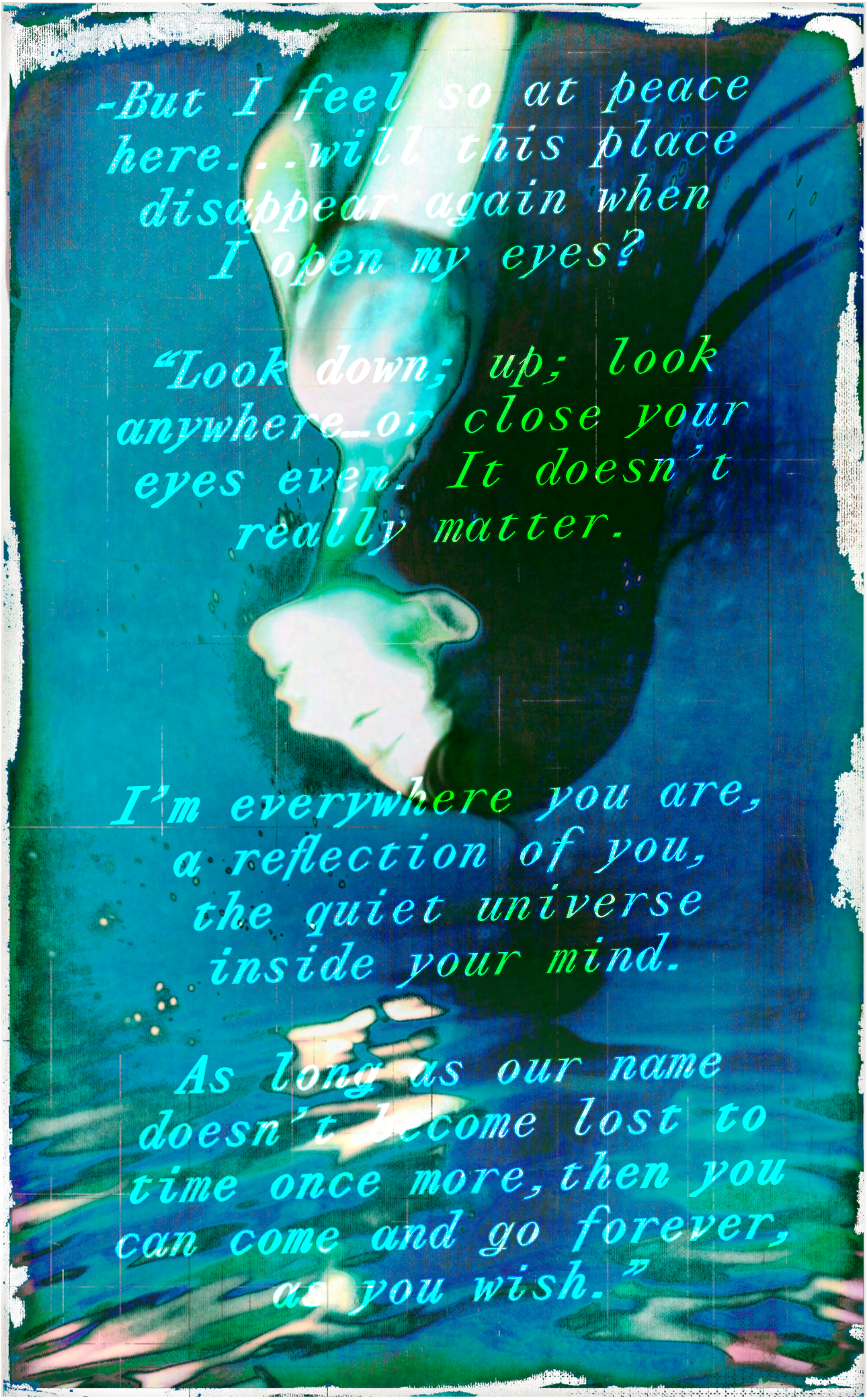


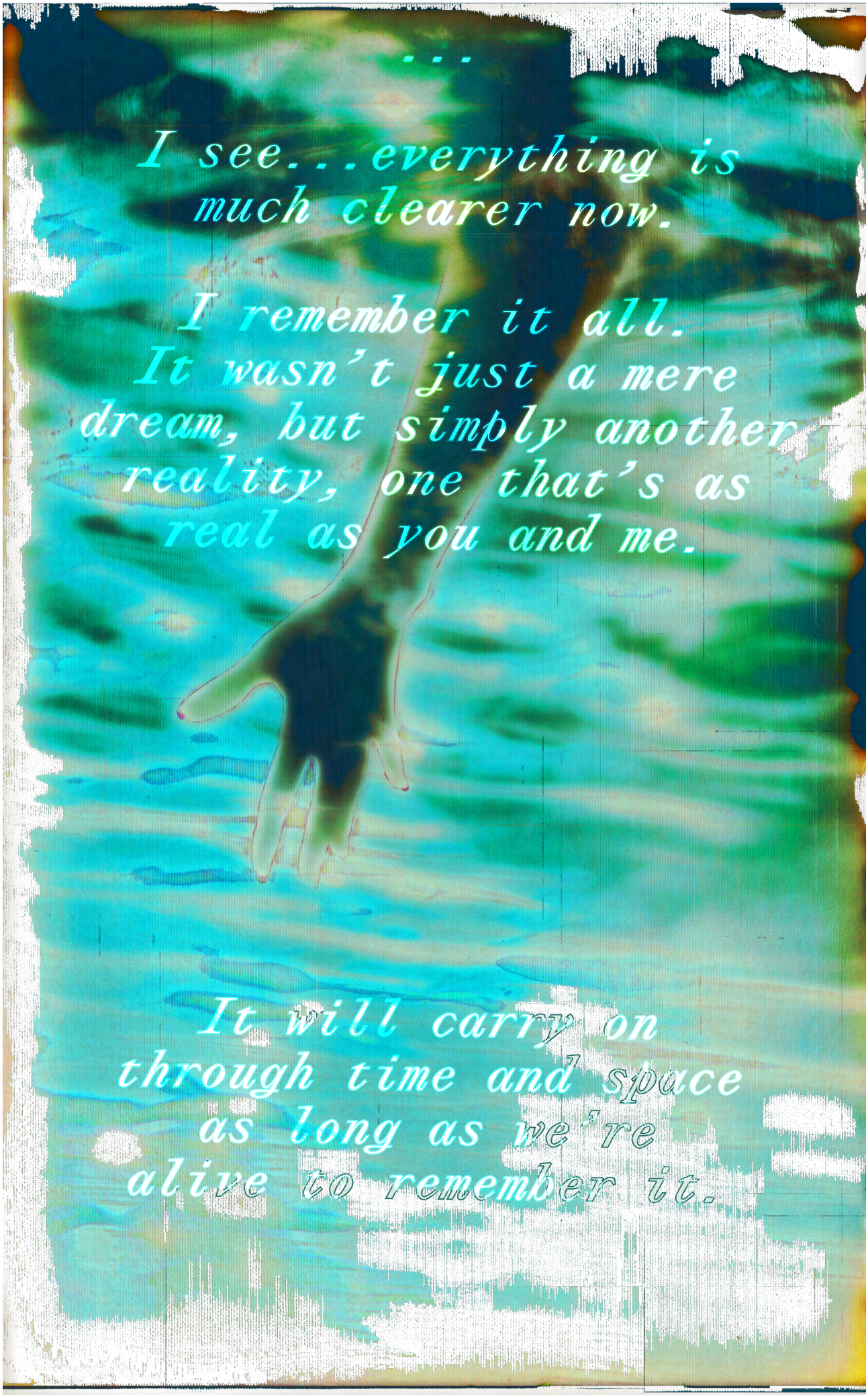







-I feel like
I'm going to
wake up soon...


-But I feel so at peace here...will this place disappear again when I open my eyes?
"Look down; up; look anywhere...or close your eyes even. It doesn't really matter.
I'm everywhere you are, a reflection of you, the quiet universe inside your mind.
As long as our name doesn't become lost to time once more, then you can come and go forever, as you wish."


...
I see...everything is much clearer now.
I remember it all. It wasn't just a mere dream, but simply another reality, one that's as real as you and me.
It will carry on through time and space as long as we're alive to remember it.

Subconscious...

You've now
been there too.

Will you remember



Body and Mind.

Just dive in
and let it all
rest in this...

Silent

Blue

Infinity